



DIÁRIOS
TRANSNACIONAIS
TRANSNATIONAL
跨国日记 DIARIES

DIÁRIOS
TRANSNACIONAIS
TRANSNATIONAL
跨国日记 DIARIES

DIÁRIOS TRANSNACIONAIS TRANSNATIONAL 跨国日记 DIARIES

Mara Nogueira
João Tonucci
Renata Marquez
Priscila Musa
ORGANIZAÇÃO

COSMO^o
POLIS



贝洛奥里藏特的中国商人社区的跨国归属空间是怎样的？穿行于城市超中心区，我们得以理解并亲身感受到那些属于大众经济的社会与文化动态，这些动态相互交织，改造着此处以及中国的城市空间。

对于大众经济，我们将其理解为一组多样化的经济实践，这些实践往往围绕家庭与互助网络组织，包括交换、即兴应对以及主要旨在保障生存的劳动形式。它与正式经济平行运作并常常处于紧张关系之中，巴西与中国的大众经济工作者究竟是如何通过全球化的移民与贸易回路相互连接的？

本书是对巴西与中国之间聆听与跨文化对话的邀请。这里分享的记忆源于米纳斯吉拉斯联邦大学（UFMG）与伦敦大学伯贝克学院（Birkbeck, University of London）于2024年至2025年间与贝洛奥里藏特的中国移民家庭合作开展的研究。参与者分享了个人叙事，这些叙事交织于一段集体的迁徙、奋斗以及与文化多样性日常共处的历史，为全球化与大众经济的概念赋予了不同的质感与纹理。

Como são os espaços transnacionais de pertencimento da comunidade de comerciantes chineses em Belo Horizonte? Percorrendo o Hipercentro da cidade, podemos compreender e vivenciar dinâmicas sociais e culturais que são parte da economia popular e que, interconectadas, transformam os espaços urbanos, aqui e na China.

Por economia popular entendemos um conjunto diverso de práticas econômicas, muitas vezes organizadas em torno da família e de redes de solidariedade, que incluem trocas, improvisos e formas de trabalho voltadas prioritariamente para garantir a vida. Operando paralela e frequentemente em tensão com a economia formal, como trabalhadores da economia popular no Brasil e na China se conectam por circuitos globalizados de migração e comércio?

Este livro é um convite para a escuta e o diálogo intercultural entre Brasil e China. As memórias aqui compartilhadas emergiram da pesquisa colaborativa que a UFMG e a Birkbeck, Universidade de Londres, desenvolveram entre 2024 e 2025 com famílias de migrantes chineses em Belo Horizonte. Os participantes compartilharam narrativas pessoais que se entrelaçam a uma história coletiva de trânsito, luta e convivência diária com a diversidade cultural, conferindo outras texturas para as noções de globalização e economia popular.

What forms do the transnational spaces of belonging of the Chinese merchant community in Belo Horizonte take? By traversing the Hypercentre of the city, we can understand and experience the social and cultural dynamics that form part of the popular economy and which, interconnected, transform urban spaces both here and in China.

By popular economy we mean a diverse set of economic practices, often organised around the family and networks of solidarity, which include exchanges, improvisations and forms of labour primarily aimed at sustaining life. Operating in parallel to — and frequently in tension with — the formal economy, how do popular-economy workers in Brazil and China connect through globalised circuits of migration and trade?

This book is an invitation to listen and engage in intercultural dialogue between Brazil and China. The memories shared here emerged from a collaborative research conducted between 2024 and 2025 by the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and Birkbeck, University of London, together with Chinese migrant families in Belo Horizonte. The participants share personal narratives that intertwine with a collective history of movement, struggle and everyday encounters with cultural diversity, adding new textures to our understanding of globalisation and the popular economy.

Sumário

Table of Contents

目录

8	Ponte aérea / Shuttle Flight / 航空班机
42	Memória / Memory / 记忆
64	Infância / Childhood / 童年
86	Casa / Home / 家
100	Luta / Struggle / 奋斗
118	Exposição Diários transnacionais / Exhibition Transnational Diaries / 跨国日记
136	Caderno de pesquisa / Research Notebook / 研究笔记
138	Das ruas para o museu e vice-versa / From the Streets to the Museum and Vice Versa / 从街头到博物馆，反之亦然 Renata Marquez Priscila Musa Aline Franceschini
162	Economias populares transnacionais / Transnational Popular Economies / 跨国大众经济 Mara Nogueira João Tonucci
185	Chinatown aqui / Chinatown Here / 唐人街在此 Priscila Musa
210	Em busca do lar / In Search of Home / 寻找家园 Jiawei Zhao

218	Caderno de memórias / Memory Notebook / 记忆手册
220	A bolsa de viagem / The Travelling Bag / 旅行袋 Lizong Guan
227	Entre duas culturas / Between Two Cultures / 两种文化之间 Vitória Ye Miao
241	Mistura que funciona / A Mixture that Works / 混合得很好 Andi Lin
252	Caderno de conversa / Conversation Notebook / 对话手册
254	Roda de Conversa / Roundtable / 圆桌讨论 Mara Nogueira João Tonucci Renata Marquez Priscila Musa Aline Franceschini Fernando Rabossi Gisela Zapata Sibelle Diniz
304	O céu chinês / The Chinese Sky / 中华天空 Eve Reis
313	Participantes / Participants / 参与者
316	Ficha técnica / Credits / 技术信息

Ponte aérea
Shuttle Flight
航空班机

Bagagem de vento e chuva
A cidade natal e o charme exótico

Como um arco-íris —

E sob meus pés,
dois destinos pesados demais
para carregar

Baggage of wind and rain
The homeland and the exotic charm

Like a rainbow —

And beneath my feet,
two destinies too heavy
to bear

一担风雨。故土与异国情调
如虹——

而脚下,是两头载不动的归宿

附注:曾在江南微诗社微诗大赛中荣获金奖

— Ji Junqun

Meu nome é Dayu. Cheguei ao Brasil pelo Rio de Janeiro, há 10 anos. Trabalho com a minha esposa na nossa loja no centro de Belo Horizonte. O nosso filho ficou na China para estudar. Cresci na praia, mas não guardo nenhuma memória da China para não ficar nostálgico. Meu avô, meu pai e meu tio trabalhavam com carpintaria. Era o nosso ofício familiar, transmitido de geração a geração. A minha família construía portais de madeira.

My name is Dayu. I arrived in Brazil via Rio de Janeiro ten years ago. I work alongside my wife in our shop in the centre of Belo Horizonte. Our son remained in China to continue his studies. I grew up by the sea, but I keep no memories of China so as not to become nostalgic. My grandfather, my father and my uncle were carpenters. It was our family trade, passed down from generation to generation. My family built wooden gateways.

我的名字是Dayu。
我十年前经由里约热内卢来到巴西。
我和妻子在贝洛奥里藏特市中心的
我们的商店一起工作。
我们的儿子留在中国读书。
我在海滩长大，但我不保留任何中国的记忆，
以免变得怀旧。
我的祖父、父亲和叔叔都从事木匠工作。
这是我们家族的传统手艺，代代相传。
我的家族建造木制牌坊。





Os portais típicos da China construídos pela família de Dayu costumavam ser feitos de banyan, árvore nativa da Ásia tropical, do gênero Ficus. Antigamente servindo para demarcar a entrada de vilas, hoje demarcam zonas de comércios chineses mundo afora. Como podemos ver nas paisagens imaginativas dos portais chineses no centro de Belo Horizonte, geradas com IA por Flávio Dornas em 2024.

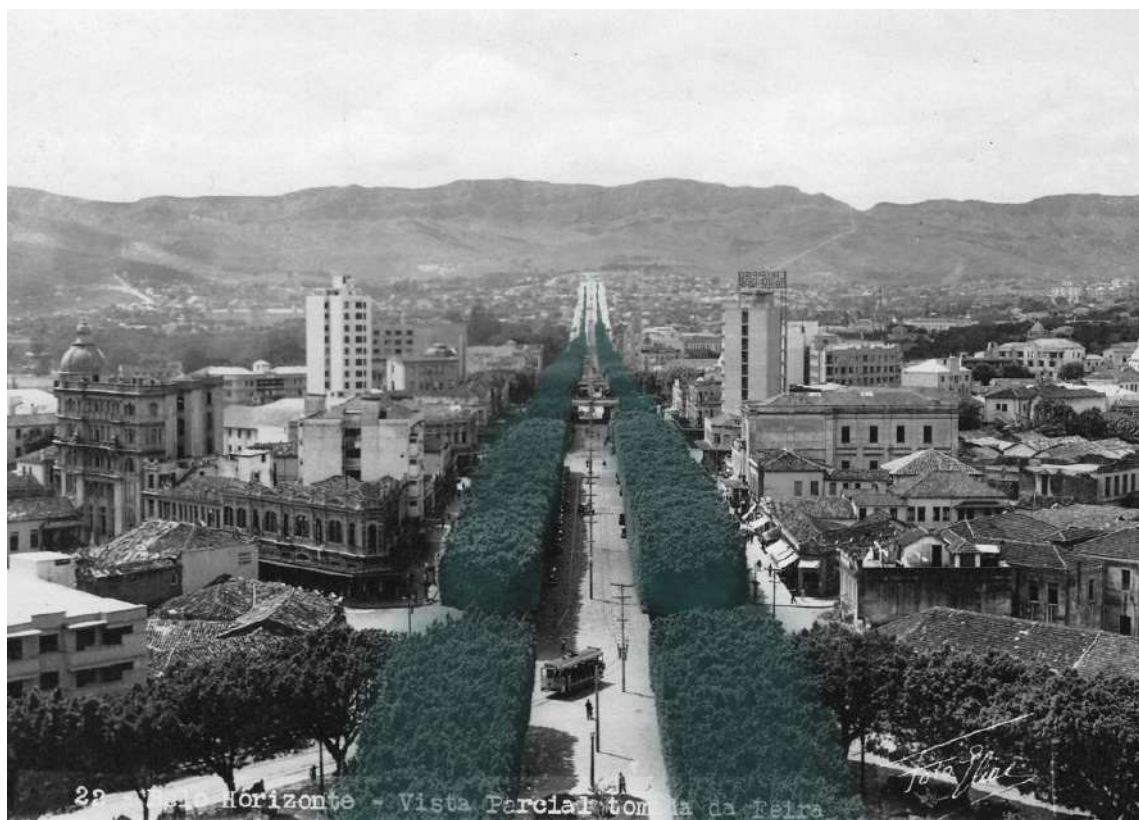
The traditional Chinese gateways built by Dayu's family were usually made from banyan, a tree native to tropical Asia belonging to the genus Ficus. Once used to mark the entrances to villages, they now demarcate Chinese commercial districts around the world. As we can see in the imaginative landscapes of Chinese gateways in the centre of Belo Horizonte, generated with AI by Flávio Dornas in 2024.

Dayu家族建造的中国传统牌坊
通常使用榕树制作，榕树是热带亚洲
原生树种，属于榕属（Ficus）。
过去用于标示村庄入口，
如今在世界各地的中国商业区标示边界。
正如我们在那些富有想象力的景观中
看到的中国牌坊在贝洛奥里藏特市中心，
由Flávio Dornas于2024年使用人工智能生成的。

Até 1963, a avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, tinha também o seu portal ou “túnel verde” de Ficus. As árvores da cidade jardim foram removidas pela prefeitura, durante a noite, para dar lugar ao progresso.

Until 1963, Afonso Pena Avenue in Belo Horizonte also had its own gateway or “green tunnel” of Ficus trees. The trees of the garden city were removed by the municipal authorities overnight to make way for progress.

直到1963年，
贝洛奥里藏特的阿方索·佩纳大道
也有自己的牌坊或“绿色隧道”，
由榕树构成。
花园城市的树木被市政府在夜间移除，为进步让路。



22 Belo Horizonte - Vista Parcial tomada da Felra



Meu nome é Yi. Sou da província de Zhejiang, Lishui, Qingtian. Minha família tinha uma boa condição, mas eu não tinha grandes perspectivas de trabalho e queria conhecer o mundo. Parti em 1997 e, quando cheguei ao Brasil, foi um contraste enorme. No meu país, eu era médico — as pessoas vinham até mim. No Brasil, eu vendia de porta em porta, eu ia até as pessoas. Carregava uma bolsa cheia de coisas e tentava vendê-las, sempre preocupado com ladrões, policiais ou fiscais. Foi difícil. Passados dois anos, quase voltei para a China. Fiquei e, com o tempo, me acostumei. Viajávamos pelo Brasil como vendedores ambulantes. Escolhi vir para Belo Horizonte porque parecia uma cidade mais segura e estável. Hoje costumamos viajar pelo Brasil, eu e minha esposa. Já conhecemos cerca de 30% do Brasil.

My name is Yi. I come from Qingtian, in Lishui, Zhejiang Province. My family was comfortably off, but I had limited career prospects and wanted to see the world. I left in 1997 and, when I arrived in Brazil, the contrast was enormous. In my own country I was a doctor — people came to me. In Brazil I went from door to door selling goods — I had to go to people. I carried a bag full of merchandise and tried to sell it, always on the lookout for thieves, police or city inspectors. It was hard. After two years I almost returned to China. I stayed, and in time I got used to it. We travelled across Brazil as itinerant vendors. I chose to settle in Belo Horizonte because it seemed safer and more stable. Today my wife and I still travel around Brazil. We have already visited around thirty per cent of the country.

我的名字是Yi。我来自浙江省丽水市青田县。
我家境不错，但我自己工作前景有限，又想见识世界。
1997年我出发了，抵达巴西时反差极大。
在我的国家，我是医生——人们来找我。
在巴西，我挨家挨户推销，我去找人们。
背着一个装满货物的包，努力把东西卖出去，
时刻提防小偷、警察或稽查。
很艰难。
过了两年，我差点就回中国了。
我留了下来，慢慢也就习惯了。
我们作为流动商贩在全国各地跑。
我选择来贝洛奥里藏特，是因为这里看起来
更安全也更稳定。
如今我和妻子仍然经常在全国旅行。
我们已经走过了巴西大约30%的土地。

Meu nome é Guan Lizong.
Cheguei a Belo Horizonte em 2014. O voo da China
para o Brasil durou 28 horas. Depois disso, ainda
viajei de ônibus por 8 horas para Belo Horizonte,
sozinho. Não falava português, nem inglês.
Não sei como consegui chegar aqui!

My name is Guan Lizong.
I arrived in Belo Horizonte in 2014. The flight from China
to Brazil lasted twenty-eight hours. After that, I still had
to travel by bus for a further eight hours to reach Belo
Horizonte on my own. I spoke neither Portuguese nor
English. I still do not know how I made it here!

我的名字是Guan Lizong。
我于2014年来到贝洛奥里藏特。
从中国飞往巴西的航班耗时28小时。
之后，我还独自乘坐了8小时的大巴
才抵达贝洛奥里藏特。
我不会葡萄牙语，也不会英语。
我也不知道自己是怎么到达这里的！



Os primeiros produtos que chegaram da China ao Brasil foram relacionados à cultura, não ao comércio. Imigrantes chineses vieram para o cultivo de chá em 1812, trazendo com eles a culinária, a porcelana e a medicina chinesas.

The first products to reach Brazil from China were cultural rather than commercial. Chinese immigrants came in 1812 to cultivate tea, bringing with them Chinese cuisine, porcelain and medicine.

最早从中国传入巴西的产品
与文化有关，而非商业。
1812年，中国移民为种植茶叶而来，
同时带来了中餐、瓷器和中国医学。

A capivara se tornou popular na China atual, principalmente por causa da internet. Nas lojas chinesas em Belo Horizonte há incontáveis produtos de capivaras como chaveiros, pelúcias, cadernos, canetas, canecas...

The capybara has become popular in contemporary China, largely thanks to the internet. In Chinese shops in Belo Horizonte one finds countless products featuring the capybara such as keyrings, soft toys, notebooks, pens and mugs...

水豚在当代中国变得流行，
主要得益于互联网。
在贝洛奥里藏特的中国商店里
有数不胜数的水豚周边产品，
比如钥匙扣、毛绒玩具、
笔记本、笔、马克杯.....



Em Belo Horizonte, as capivaras são conhecidas pela população e presentes na paisagem, sobretudo nas proximidades da Lagoa da Pampulha e do Museu de Arte.

In Belo Horizonte capybaras are well known to local residents and form part of the urban landscape, especially near Pampulha Lake and the Museum of Art.

在贝洛奥里藏特，
水豚为当地居民所熟知
并融入景观之中，
尤其是在潘普利亚湖和艺术博物馆附近。

Mesmo não sendo originalmente da China, a capivara representa a preguiça e a tranquilidade, em contraste com o excesso de trabalho que faz parte do nosso cotidiano chinês. [Ji Xinyi]

Although the capybara is not originally from China, it symbolises idleness and tranquillity — a striking contrast with the excessive workload that characterises our daily life in China. [Ji Xinyi]

尽管水豚并非原产于中国，
但它代表着慵懒与平静，
与我们中国日常生活
中的过度劳作形成鲜明对比。
[Ji Xinyi]





Modisautzer D.R.G. m.
verhütet beim Klopfen der Auf-
bewehrung das Beschädigen der
Knöpfe, schütz
Dizl. RM 40



Na mitologia chinesa, o dragão significa algo diferente do que conhecemos no Brasil. Em vez de um monstro que lança fogo pela boca, é uma divindade benevolente. Símbolo de sorte, o dragão chinês habitava o céu e não é associado ao fogo, mas à água — que nutre a terra e permite a fartura.

In Chinese mythology the dragon has a different meaning from the one familiar to Brazilians. Rather than a fire-breathing monster, it is a benevolent deity. A symbol of good fortune, the Chinese dragon dwells in the heavens and is associated not with fire but with water — the element that nourishes the earth and brings abundance.

在中国神话中，
龙的含义与巴西人所了解的截然不同。
它不是口中喷火的怪物，
而是一位仁慈的神灵。
作为幸运的象征，
中国龙栖息于天空，与火无关，
而是与水相关——水滋养大地，带来丰饶。

Sou Lin Wenen, nasci na vila de Longwan, município de Ankai, condado de Lianjiang, cidade de Fuzhou, província de Fujian. Estou no Brasil há 30 anos. Saí da China quando tinha 18 anos. Conheci minha esposa no Paraguai. Ela é filha de brasileira e de argentino e cresceu no Paraguai. Quando a fronteira começou a fechar em 1998, decidimos migrar para São Paulo. Pouco tempo depois, um amigo sugeriu Belo Horizonte. Achávamos São Paulo muito agitada. Belo Horizonte parecia ser mais tranquila, com bom clima e boa comida. Ao chegar, trabalhamos como vendedores ambulantes. Com o tempo, alugamos uma loja. Hoje temos a Sara Lin, loja de artigos diversos, principalmente eletrônicos.

My name is Lin Wenen. I was born in Longwan village, Ankai municipality, Lianjiang county, Fuzhou city, Fujian Province. I have been in Brazil for thirty years. I left China at the age of eighteen. I met my wife in Paraguay. She is the daughter of a Brazilian mother and an Argentine father and grew up in Paraguay. When the border began to close in 1998 we decided to move to São Paulo. Shortly afterwards a friend suggested Belo Horizonte. We found São Paulo too hectic. Belo Horizonte seemed quieter, with a pleasant climate and good food. On arrival we worked as street vendors. Over time we rented a shop. Today we own Sara Lin, a store selling a variety of products, mainly electronics.

我的名字是Lin Wenen，
我出生于福建省福州市连江县
安凯镇龙湾村。
我在巴西已经30年了。
我18岁时离开了中国。
我在巴拉圭认识了我的妻子。
她是巴西人和阿根廷人的女儿，在巴拉圭长大。
1998年边境开始关闭时，我们决定迁往圣保罗。
不久后，一位朋友建议我们来贝洛奥里藏特。
我们觉得圣保罗太喧嚣。
贝洛奥里藏特显得更宁静，气候宜人，美食也好。
刚到来时，我们做街头流动商贩。后来我们租下了店面。
现在我们拥有Sara Lin，一家以电子产品为主的杂货店。



A linha amarrada nas mãos pode ser associada à lenda oriental do *akai ito*, que conta sobre um fio vermelho invisível que liga as pessoas destinadas. Fitas vermelhas amarradas nos dedos funcionam como um lembrete dessa ligação inquebrável.

The red thread tied around the hands can be associated with the East Asian legend of the *akai ito* — the invisible red thread that connects people who are destined to meet. Red ribbons tied around the fingers serve as a reminder of that unbreakable bond.



手上系的红线
 可以联想到东方“赤线”（akai ito）传说，
 那是一根看不见的红色丝线，
 将命中注定的人连接在一起。
 手指上系着的红色丝带
 就是对这种不可打破的联结的提醒。

Meu nome é Andi Lin. Sou filha de Lin Wenen. Nasci no Brasil. Eu gosto muito de Belo Horizonte, não moraria em outro lugar, me sinto confortável aqui. Não gosto de cidades muito movimentadas, nem de cidades muito tranquilas onde não se tem o que fazer... Por isso acho Belo Horizonte uma cidade equilibrada. Eu me considero brasileira, mas, é claro, sempre terei a China no meu sangue. Não só no sangue, mas também na minha personalidade e no meu modo de vida.

My name is Andi Lin. I am the daughter of Lin Wenen. I was born in Brazil. I love Belo Horizonte and I would not want to live anywhere else — I feel completely at home here. I dislike cities that are too busy, yet I also dislike places that are so quiet that there is nothing to do... That is why I consider that Belo Horizonte strikes the right balance. I see myself as Brazilian, but, of course, China will always be in my blood — not only in my blood, but also in my personality and my way of life.

我的名字是Andi Lin。
我是Lin Wenen的女儿。
我出生在巴西。
我非常喜欢贝洛奥里藏特，
我不愿意住在其他地方，我在这里感到很舒服。
我不喜欢太过喧嚣的城市，
也不喜欢太过安静、什么可做都没有的城市.....
因此我觉得贝洛奥里藏特是一座平衡的城市。
我认为自己是巴西人，但当然，我血液里永远有中国。
不仅仅在血液里，也在我的个性和生活方式里。

O Calendário Chinês tradicional é lunissolar. Um dos mais antigos registros cronológicos, ele considera os ciclos do Sol e da Lua, além de contar o tempo em anos. Cada ciclo tem doze anos e cada ano é regido pelos animais do horóscopo chinês: Boi, Cão, Carneiro, Cavalo, Coelho, Dragão, Galo, Macaco, Porco, Rato, Serpente e Tigre.

A Festa da Lua, também chamada de Festival do Meio do Outono, é uma das celebrações mais importantes da China. Acontece no 15º dia do 8º mês do calendário lunar, quando a lua está cheia e brilhante. É um momento especial para reunir as pessoas e celebrar a colheita, a fartura e o êxito.

The traditional Chinese calendar is a lunisolar calendar. One of the world's oldest chronological systems, it takes account of both the solar and lunar cycles while measuring time in years. Each cycle lasts twelve years and each year is governed by one of the animals of the Chinese zodiac: Ox, Dog, Goat, Horse, Rabbit, Dragon, Rooster, Monkey, Pig, Rat, Snake and Tiger.

The Moon Festival, also known as the Mid-Autumn Festival, is one of the most important celebrations in China. It falls on the fifteenth day of the eighth lunar month, when the moon is at its fullest and brightest. It is a special occasion for families to gather and celebrate the harvest, abundance and success.

中国传统历法是阴阳合历。
它是世界上最古老的纪时系统之一，
它同时考虑太阳和月亮的周期，
并以年为单位计时。
每个周期有十二年，
每一年由中国生肖动物主宰：
牛、狗、羊、马、兔、龙、
鸡、猴、猪、鼠、蛇、虎。

月亮节，也称为中秋节，
是中国最重要的节日之一。
它发生在农历八月十五，
正值月亮最圆最亮的时候。
这是一个特别的时刻，
让人们团聚一堂，庆祝丰收、富足与成功。



馬年有福

錢馬

錢有上馬

Os ideogramas são votos de ano novo, 2026 é o ano do cavalo. Foram escritos por Yongbao Liu, artista e calígrafo que veio de Fuzhou, China, e também comerciante que mora em BH há 15 anos.

These ideograms are New Year wishes. 2026 is the Year of the Horse. They were written by Yongbao Liu, an artist and calligrapher originally from Fuzhou, China, who is also a merchant and has lived in Belo Horizonte for the past fifteen years.

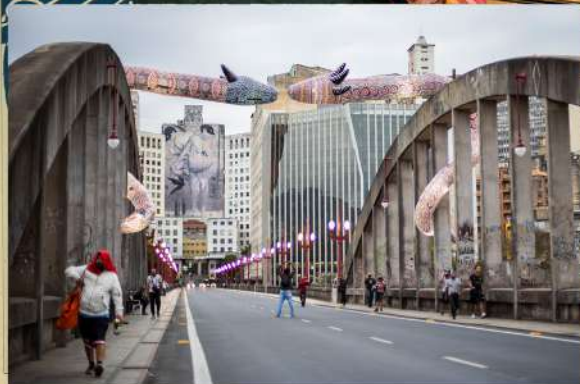
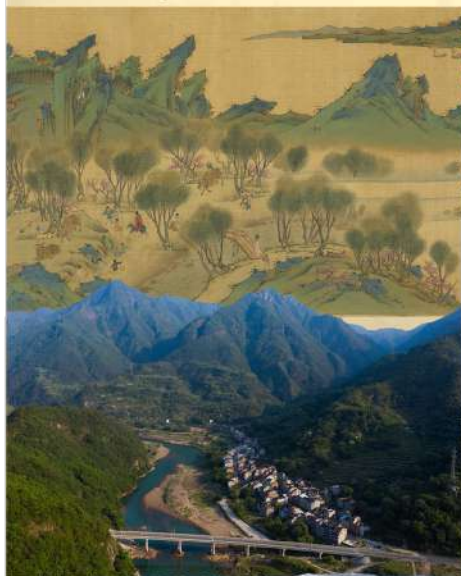
这些书法作品是新年祝福。2026年是马年。它们由来自中国福州的艺术家和书法家Yong Bao Liu书写，他同时也是一位商人，已在贝洛奥里藏特生活了十五年。

Através de mares e montanhas de dois países distantes,
é traçada uma longa e histórica travessia de produtos e pessoas.
Entre portos e pontes, as paisagens se avizinham e os mundos se conectam. Nas memórias de Fujian, o mar está sempre presente. Pelo mar, vão e vêm mercadorias, culturas e histórias de vida. E quando as montanhas de lá encontram as montanhas de cá, pontes entre mundos podem ser construídas.

Across the seas and mountains of two distant countries runs a long and historic crossing of goods and people. Between ports and bridges the landscapes draw closer and worlds connect. In the memories of Fujian the sea is ever present. Across the sea travel goods, cultures and life stories. And when the mountains of one place meet the mountains of the other, bridges between worlds can be built.

穿越两个遥远国家的海洋与山川，
勾勒出一段漫长而历史悠久的
商品与人群的迁徙之旅。
在港口与桥梁之间，
景观彼此靠近，世界相互连接。
在福建的记忆中，
大海始终萦绕。
通过海洋，
货物、文化与人生故事来往不息。
而当那里的山脉遇见这里的山脉时，
世界之间的桥梁便得以筑起。

VIII.



Nós, chineses, somos muito trabalhadores. Sempre nos esforçamos para ganhar dinheiro para a próxima geração. Isso é muito diferente dos brasileiros, mais voltados para aproveitar a vida, gastar primeiro e pensar depois. Não vivemos assim.

No passado, os produtos chineses tinham má reputação, mas agora é o contrário. O volume de comércio Brasil-China cresceu muito. As pessoas reconhecem que os produtos chineses são acessíveis e de boa qualidade. Belo Horizonte não é como São Paulo. Enquanto São Paulo atende todo o país, nós vendemos principalmente para cidades próximas. [Yi]

We Chinese people are extremely hardworking. We always strive to earn money for the next generation. This is very different from Brazilians, who tend to enjoy life, spend first and think later. That is not how we live.

In the past, Chinese products had a poor reputation, but now the opposite is true. Trade volume between Brazil and China has grown a lot. People recognise that Chinese products are affordable and of good quality. Belo Horizonte is not like São Paulo. While São Paulo serves the whole country, we mainly sell to nearby cities. [Yi]

我们中国人非常勤劳。我们总是努力赚钱，为下一代着想。这跟巴西人很不一样，他们更倾向于享受生活，先花钱后考虑。我们不是这样生活的。

过去中国货口碑很差，但现在完全相反。巴西与中国贸易额增长了很多。人们认识到中国产品价格实惠、质量也好。贝洛奥里藏特跟圣保罗不一样。圣保罗面向全国，而我们主要卖给周边城市。[Yi]

A primeira grande onda migratória para o Brasil (1949–1979) ocorreu após a Revolução Chinesa. A segunda onda (1979–2000) acompanhou as reformas econômicas da China e fortaleceu o comércio entre os dois países. A terceira onda foi impulsionada no século XXI, com a crescente presença chinesa no país. Na década de 1990, trabalhadores do campo chinês passaram a ser trabalhadores fabris na produção de “bugigangas”, principalmente em Zhejiang. São eles que posteriormente migram para outros países como força trabalhadora na comercialização dessas mesmas mercadorias.

The first major wave of migration to Brazil (1949–1979) took place after the Chinese Revolution. The second wave (1979–2000) accompanied China’s economic reforms and strengthened trade between the two countries. The third wave was driven in the twenty-first century by China’s growing presence in Brazil. In the 1990s, Chinese rural workers became factory workers producing cheap goods mainly in Zhejiang. This same group later migrated to other countries as the labour force engaged in the trade of those same goods.

第一波大规模移民巴西（1949—1979）
发生在中华人民共和国成立之后。
第二波（1979—2000）伴随着中国的经济改革，
并加强了两国间的贸易。
第三波在21世纪被推动，随着中国在巴西影响力的不断增强。
20世纪90年代，中国农村劳动力转变为工厂工人，
主要在浙江生产“小商品”。
正是他们随后作为劳动力迁往其他国家，销售这些商品。

Economia não é um país com dinheiro,
economia é quando toda a população tem
dinheiro na própria bolsa e o dinheiro gira.
[Lizong]

An economy is not a country with
money; an economy is when the whole
population has money in their pockets
and money circulates. [Lizong]

经济不是国家有钱，
而是当全体民众自己口袋里有钱，
并且钱在流动起来。[Lizong]





Os fluxos migratórios atuais da China para Belo Horizonte apontam que o tempo de chegada varia entre 1 e 26 anos e que os migrantes vêm sobretudo da costa sudeste. Rearranjos da rota comercial China-Paraguai-Brasil, em diferentes escalas, influenciaram as trajetórias de migração. A decisão por Belo Horizonte, segundo relatos, foi motivada por preferências pessoais e pela intensa competição em São Paulo e Rio de Janeiro, onde vivem a maioria dos migrantes.

O crescimento do negócio familiar, impulsionado pela política urbana municipal de repressão aos camelôs e incentivos aos shoppings populares, tem permitido a mobilidade social. O Shopping Oiapoque se destaca hoje por sua relação simbiótica com a comunidade chinesa. Ali, muitos funcionários brasileiros têm papel central junto aos patrões chineses e compartilham relações permeadas por confiança. Por outro lado, o modelo comercial chinês é reproduzido por alguns lojistas brasileiros.

Current migration flows from China to Belo Horizonte show that time since arrival ranges from one to twenty-six years and that migrants come mainly from China's south-eastern coast. Reconfigurations of the China-Paraguay-Brazil trade route, at different scales, have influenced migration trajectories. According to participants' accounts, the choice of Belo Horizonte was motivated by personal preferences and the intense competition in São Paulo and Rio de Janeiro, where most Chinese migrants in Brazil live.

The growth of family businesses, driven by the municipal urban policy of repressing street vendors while encouraging popular shopping centres, has enabled social mobility among Chinese migrants. Today, Shopping Oiapoque stands out for its symbiotic relationship with the Chinese community. There, many Brazilian employees play a central role alongside their Chinese employers with whom they share relationships built on trust. Meanwhile, a few Brazilian shopkeepers reproduce the Chinese business model.

当下从中国到贝洛奥里藏特的移民流显示，
抵达时间从1年到26年不等，
移民主要来自东南沿海。
中国-巴拉圭-巴西贸易路线的多次重组，
在不同尺度上影响了移民轨迹。
根据受访者叙述，选择贝洛奥里藏特的动机
在于个人偏好，以及圣保罗和里约热内卢的激烈竞争——
那里居住着大多数移民。

家庭生意的增长得益于市政城市政策
对街头小贩的压制以及对大众商场的激励，
从而实现了社会流动。
奥亚波克购物中心如今因其与中国社区
的共生关系而突出。
在那里，许多巴西员工在中国老板身边
扮演核心角色，双方关系建立在信任基础之上。
另一方面，中国商业模式也被一些巴西商贩所复制。

Comecei carregando sacolas e passei a vender em barracas
na rua. Depois, conheci o dono de um shopping center. Não
sei se ele tinha um olho bom, mas quando o shopping foi
construído, ele me escolheu como o primeiro vendedor a
ter uma loja lá dentro — não um brasileiro, mas um chinês.
Sou muito grato por isso. [Yi]

I started out by carrying bags and then selling from street stalls.
Later I met the owner of a shopping centre. I do not know whether
he had a good eye, but when the shopping centre was built he
chose me as the first trader to have a shop there — not a Brazilian,
but a Chinese person. I am very grateful for that. [Yi]

我起初背着袋子四处卖货，
后来转为在街头摊位售卖。
后来，我认识了一位购物中心的业主。
我不知道他是不是眼光独到，
但当购物中心建成时，他选中我
作为第一个在里面开店的商家——
不是巴西人，而是中国人。我对此非常感激。[Yi]

As pessoas acham que os chineses é que vendem barato, então, se abrissemos uma loja de atacado e falássemos que era de brasileiro, ninguém entraria. Mas todo mundo consegue fazer bom preço. Esse foi o nosso jogo: colocamos o nome chinês Liu Feng, que é o símbolo de prosperidade, na nossa loja. Os brasileiros chegam aqui e procuram: “Cadê o chinês?” E eu falo: Ah, ele está viajando... [Marcos e Laryssa]

People think it's the Chinese who sell cheaply, so if we opened a wholesale shop and said it belonged to Brazilians, no one would come in. But anyone can offer good prices. That was our strategy: we gave the shop the Chinese name Liu Feng, which symbolises prosperity. Brazilians come in and ask: “Where's the Chinese guy?” And I say: “Ah, he's away travelling...”
[Marcos and Laryssa]

人们认为只有中国人才能卖得便宜，
所以如果我们开一家批发店，说那是巴西人的店，
就没人会进来。
但其实每个人都能给出好价格。
这就是我们的策略：
我们给店取了中国名字“刘丰”，这是繁荣的象征。
巴西人来到这里就问：“中国人呢？”
我就说：啊，他出去旅行了…… [Marcos e Laryssa]

Alguns comerciantes chineses alugam parte da porta de sua loja para pequenos negócios de rua. São espaços que vendem roupas, bonés e acessórios masculinos, dispostos em espécies de armários abertos na calçada. Mantidas por jovens brasileiros, essas pequenas lojas instantâneas reinventam o comércio de rua e mantêm conexão direta com o fluxo de pedestres.

Some Chinese merchants rent part of the frontage of their shops to small street businesses. These stalls sell clothes, caps and men's accessories, displayed in open cabinet-like structures set up on the pavement. Run by young Brazilians, these little makeshift shops reinvent street trading and maintain a direct connection with the pedestrian flow.

一些中国商人将店铺门口的部分空间
出租给街头小生意。
这些空间出售衣服、鸭舌帽和男士配件，
以一种敞开式橱窗的形式陈列在人行道上。
由巴西年轻人经营，这些即兴小店重新定义了街头商业，
并与行人流量保持最直接的连接。



Memória
Memory
记忆

Anseio por retornar à vila
e colher as flores da manhã ao entardecer

Os salgueiros estão belos como sempre,
mas sinto a paisagem da primavera menos vibrante
do que na minha memória de Qingzhen.

Longing to return to the village
and gather the morning flowers at dusk.

The willows are as beautiful as ever,
yet the spring landscape is less vibrant
than in my memory of Qingzhen.

回水乡，想夕拾那朝花
杨柳如初
只觉，春色逊于记忆中的青镇

— Ji Junqun

Meu nome é Chiara. Trabalho no Shopping Xavantes. Nasci na Itália, já morei no Rio de Janeiro e hoje moro em Belo Horizonte. Mas tenho irmãos que moram na Espanha, nos Estados Unidos e ainda outros que ficaram no Rio de Janeiro. Minha mãe guarda, até hoje, uma mala com as nossas roupas de criança. É a mesma mala que levávamos em todas as nossas mudanças pelo Brasil. Nela, ainda são guardadas as roupas de quando morávamos na Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Quando perguntei por que ela guardava aquilo, ela me disse: “Porque é bom”.

My name is Chiara. I work at Shopping Xavantes. I was born in Italy, lived in Rio de Janeiro and now live in Belo Horizonte. I have siblings who live in Spain, the United States and others who remained in Rio de Janeiro. To this day, my mother keeps a suitcase with our childhood clothes. It is the same suitcase we took with us every time we moved across Brazil. Inside are the clothes we wore when we lived in Vila Isabel, Rio de Janeiro. When I asked her why she kept them, she told me: “Because it’s good.”

我的名字是Chiara。
我在Xavantes购物中心工作。
我出生在意大利，
曾经住在里约热内卢，现在住在贝洛奥里藏特。
但我有兄弟姐妹住在西班牙、美国，
还有一些留在里约热内卢。
我的母亲直到今天还保存着一个
装着我们童年衣服的行李箱。
这是我们在巴西每次搬家时都带的同一个行李箱。
里面还保存着我们住在里约热内卢维拉伊莎贝尔时的衣服。
当我问她为什么留着那些东西时，她对我说：“因为很好。”



Nasci em 1996 em Qingtian, província de Zhejiang. Estou no Brasil há 11 anos, 5 meses e 5 dias. Nossa região em Lishui é montanhosa. “Nove partes de montanha, metade água, metade terra cultivável”, como dizemos. Os recursos são escassos e as oportunidades de ganhar a vida são limitadas. A concorrência é acirrada, então ir para o exterior parece ser a melhor opção. Há cerca de 300 mil pessoas de Qingtian vivendo no exterior, embora nosso município seja bem pequeno. Ainda tenho fortes laços emocionais com a China. Mas em termos de modo de vida, me inclino mais para o estilo de vida daqui. [Lizong]

I was born in 1996 in Qingtian, Zhejiang Province. I have been in Brazil for eleven years, five months and five days. Our region in Lishui is mountainous. “Nine parts mountain, half water, half cultivable land” as we say. Resources are limited and opportunities scarce. Competition is fierce, so going abroad seemed the best choice. Around 300,000 people from Qingtian live overseas. Although our county is small, China still exerts a strong emotional pull. In terms of lifestyle, I lean more towards life here. [Lizong]

我于1996年出生在浙江省青田县。
我在巴西已经11年5个月零5天了。
我们丽水地区多山。
“九山半水半分田”，正如我们所说。
资源匮乏，生计机会有限。
竞争非常激烈，因此出国似乎是最好的选择。
青田大约有30万人生活在国外，尽管我们的县很小。
我与中国仍然有着强烈的情感纽带，
但在生活方式上，我更倾向于这里的生活方式。[Lizong]

Vocês sabem como os chineses começaram os negócios no Brasil nos anos 1990? Eles não tinham loja, não tinham redes sociais e nem falavam português, mas tinham uma coisa: a bolsa de viagem! A bolsa era o jeito clássico dos chineses ganharem dinheiro. Saíam todos os dias com uma bolsa enorme, batendo de porta em porta para vender mercadorias. Carregavam bolsas de 20 quilos, andavam 10 quilômetros por dia e entravam em mais de 50 lojas por dia. O mais impressionante era que, mesmo sem falar português, eles vendiam tudo só com gestos, sorrisos e o famoso “Mais barato!” Se você passar pelo Oiapoque ou pela Rua 25 de Março e ver um grande atacadista chinês, lembre-se de que muitos deles começaram com uma bolsa gigante nas costas! [Lizong]

Do you know how the Chinese started their businesses in Brazil in the 1990s? They had no shops, no social media and did not speak Portuguese, but they had one thing: the travel bag! The bag was the classic way for the Chinese to make money. Every day they went out with a huge bag, knocking on doors to sell their goods. They carried 20-kilo bags, walked 10 kilometres a day and entered more than 50 shops daily. The most impressive thing was that, even without speaking Portuguese, they sold everything using only gestures, smiles and the famous “Cheaper!” If you pass by Oiapoque or Rua 25 de Março and see a large Chinese wholesaler, remember that many of them began with a giant bag on their backs! [Lizong]

你们知道中国人是如何
在1990年代开始在巴西做生意的吗？
他们没有店铺，没有社交媒体，
也不会说葡萄牙语，
但他们有一件东西：旅行包！
背包是中国人赚钱的经典方式。
他们每天背着一个巨大的包，
挨家挨户上门推销商品。
背着20公斤重的包，每天走10公里，进入超过50家店铺。
最令人惊叹的是，即使不会说葡萄牙语，他们仅凭手势、
笑容和那句著名的“Mais barato!”就能把货物全部卖光！
如果你经过奥亚波克或者圣保罗的三月二十五街，
看到一家大型中国批发商，请记住，他们当中很多人都是从背着一个巨大的包开始的！[Lizong]







SAS

Atacado & Varejo

BOLSAS - MALAS - CARTEIRAS - MOCHILAS

3201-4065

Nos mapas antigos do território de Belo Horizonte, podemos notar que a região onde hoje estão situados os shoppings populares sempre foi porta de entrada para a diversidade na história da cidade, recebendo os imigrantes e permitindo trocas comerciais e intercâmbios sociais e culturais.

In the old maps of the territory of Belo Horizonte, we can note that the area where the popular shopping centres now stand has always been the gateway to diversity in the city's history, welcoming immigrants and fostering commercial exchange as well as social and cultural interaction.

在贝洛奥里藏特领土的旧地图中，
我们可以注意到，
如今大众购物中心所在的区域在城市历史上
一直是多样性的入口门户，
接待移民并促成商业交换以及社会文化交往。



2025/07/11 E1

0%





A migração de grupos asiáticos para as Américas teria ocorrido há mais de 15 mil anos. Os povos da floresta atualmente no Brasil tiveram sua origem em imigrantes asiáticos...

The migration of Asian groups to the Americas is believed to have occurred more than 15,000 years ago. The forest peoples now living in Brazil are descended from these Asian immigrants...

亚洲群体向美洲的迁移据说发生在超过1.5万年前。
目前巴西的森林民族起源于亚洲移民.....

Os chineses ficaram isolados por muito tempo, então o povo chinês é muito semelhante um com outro, parecendo todos uma coisa só. Enquanto que os brasileiros são muito misturados: tem europeu, africano, indígena, árabe... Eu acho o povo brasileiro muito bonito! Fiquei impressionado com a semelhança entre nós chineses e fotografias de pessoas do povo Yanomami! Porque eles também vivem em seu próprio grupo na floresta. [Dayu]

The Chinese remained isolated for a long time, so Chinese people look very similar to one another, almost as if they were a single entity. Brazilians, on the other hand, are very mixed: European, African, Indigenous, Arab... I think that Brazilian people are very beautiful! I was struck by the resemblance between us Chinese and photographs of Yanomami people! Because they too live in their own groups in the forest. [Dayu]

中国人长期处于孤立状态，
因此中国人彼此非常相似，
看起来就像一体。
而巴西人则高度混血：
有欧洲人、非洲人、原住民、阿拉伯人.....
我觉得巴西人民非常美！
我对中国人和亚诺马米人照片之间的相似性感到震惊！
因为他们也生活在森林中属于自己的群体里。[Dayu]

Estive na China pela primeira vez quando tinha quinze anos. Era muito nova e, apesar de ter aproveitado bastante, não entendia o quão importante era aquela viagem. Uma oportunidade muito especial de conhecer a cultura e os lugares de que meus pais falavam. [Andi Lin]

I first visited China when I was fifteen. I was very young and, although I enjoyed it a great deal, I did not understand how important that trip was. It was a very special opportunity to get to know the culture and places my parents always talked about. [Andi Lin]

我十五岁时第一次去中国。
当时我还很小，虽然玩得很开心，
但并不明白那次旅行有多么重要。
那是一次非常特别的机会，
让我去认识父母常提到的文化和地方。[Andi Lin]





Meu nome é Sassá. Vim para o Brasil aos 24 anos. Desde criança, meus pais me ensinaram que deveríamos deixar a China. Eu e meu marido somos de vilarejos vizinhos em Fujian e nos conhecemos desde crianças. A maioria dos chineses de Fujian que vivem aqui vieram do meu vilarejo. Lá, hoje, só restam idosos e crianças. Acreditamos que sair é o único jeito de sermos bem-sucedidos. Se não viéssemos para o Brasil, teríamos ido para outro país.

My name is Sassá. I came to Brazil at the age of twenty-four. From childhood my parents taught us that we should leave China. My husband and I are from neighbouring villages in Fujian and have known each other since we were children. Most of the Fujian Chinese living here came from my village. Today only the elderly and children remain there. We believe that leaving is the only way to succeed. If we had not come to Brazil, we would have gone to another country.

我的名字是Sassá。
我24岁时来到巴西。
从小，我的父母就教导我们
必须离开中国。
我和丈夫来自福建相邻的村庄，从小就认识。
住在这里的大多数福建中国人来自我的村庄。
如今那里只剩下老人和孩子。
我们相信出国是唯一能够成功的方式。
如果不来巴西，我们也会去别的国家。



花鸟画

A pintura tradicional chamada huaniaohua é considerada um dos tesouros da cultura chinesa. Esta obra demonstrativa foi um presente que recebemos de Cui Guangying, diretora do Instituto Confúcio em Belo Horizonte, em abril de 2025, durante um evento na UFMG.

花鸟画

The traditional painting style known as huaniaohua (flower-and-bird painting) is considered one of the treasures of the Chinese culture. This demonstration piece was a gift from Cui Guangying, director of the Confucius Institute in Belo Horizonte, presented to us during an event at UFMG in April 2025.

花鸟画

传统绘画“花鸟画”被视为中国文化的珍宝之一。
这幅示范作品是我们于2025年4月
在米纳斯吉拉斯联邦大学（UFMG）举办活动期间，
从贝洛奥里藏特孔子学院院长崔广莹女士处收到的礼物。







花朵

Flores brotaram do olhar fotográfico de Ji Xinyi, filha do poeta Ji Junqun. Estas fotos foram feitas ao longo de seus percursos por Belo Horizonte, em outubro de 2025.

花朵

Flowers emerged from the photographic gaze of Ji Xinyi, daughter of the poet Ji Junqun. These photographs were taken during her journeys through Belo Horizonte in October 2025.

花朵

花朵从Ji Xinyi的摄影目光中绽放而出，
她是诗人Ji Junqun的女儿。
这些照片拍摄于她2025年10月行走贝洛奥里藏特的行程之中。

Infância
Childhood
童年

Pego um pedaço de junco
e dobro-o em forma de barco lunar

Assim que atravessar as águas do outono,
fragmentos que guardo há anos na mente
poderão ser recuperados.

I take a piece of reed
and fold it into the shape of a lunar boat.

Once it crosses the autumn waters,
the fragments I have held in my mind for years
can be recovered.

借片蒹葭,折成一艘月亮船
只要过秋水
便可接回,远离腹稿多年的断章

— Ji Junqun

Quando eu ainda era bebê, minha mãe conheceu uma moça no elevador que me achou uma criança muito fofa. Naquela época, não estávamos em boa situação financeira. Minha mãe tinha uma pequena loja na favela e não era conveniente me levar para lá todos os dias. Ela conheceu melhor a moça do elevador e ela se ofereceu para cuidar de mim. Fui, então, morar com aquela família. Ela cuidava de mim como se eu fosse sua filha. Comprava roupas para mim e me levava para festas e encontros de família. Eu os chamava de “mãe”, “avó” e “avô” e, à noite, eu não queria voltar para a minha casa. Minha mãe não gostava: “Você só tem uma mãe!” Eu me sentia como uma criança brasileira, parte da família deles. Nem sabia falar chinês na época. Era mais próxima deles do que dos meus pais chineses, já que eram com quem eu passava mais tempo. [Vitória Ye Miao]

When I was still a baby, my mother met a young woman in the lift who thought I was a very cute child. At that time we were not in a good financial situation. My mother ran a small shop in the *favela* and it was not practical to take me there every day. She got to know the woman from the lift better and this woman offered to look after me. So I went to live with that family. She cared for me as if I were her own daughter. She bought me clothes and took me to parties and family gatherings. I called them “Mum”, “Granny” and “Grandpa” and at night I did not want to go back to my own home. My mother did not like it: “You only have one mother!” she would say. I felt like a Brazilian child, part of their family. I did not even speak Chinese at the time. I was closer to them than to my Chinese parents, because they were the ones I spent almost all my time with. [Vitória Ye Miao]

我还是婴儿的时候，
妈妈在电梯里认识了一位女士，她觉得我特别可爱。
那时我们家经济条件不好。
妈妈在贫民窟有一家小店，每天带我去不方便。
她和那位电梯女士熟络起来，对方主动提出帮她带我。
于是我就去那一家人家里住了。
她把我当作亲生女儿一样照顾。
给我买衣服，带我去参加派对和家庭聚会。
我叫他们“妈妈”、“奶奶”和“爷爷”，晚上根本不想回自己家。
我妈妈不高兴：“你只有一个妈妈！”可我感觉自己就是个巴西孩子，
完全是他们家的一员。
那时候我连中文都不会说。
我和他们比跟亲生中国父母还要亲，因为我几乎所有时间都跟他们在起。
[Vitória Ye Miao]

Depois viemos para Belo Horizonte, onde hoje temos uma loja. Ainda crianças, Andi vinha para brincar comigo na minha loja. A gente brincava no estoque. Abríamos um papelão no chão e ficávamos brincando, em cima do papelão.
[Vitória Ye Miao]



Later we came to Belo Horizonte, where we now have a shop. As children, Andi used to come and play with me in my shop. We would play in the stockroom, spreading a piece of cardboard on the floor and sitting on it while we played.
[Vitória Ye Miao]

后来我们来到了贝洛奥里藏特，
如今在这里拥有一家店铺。
还是孩子的时候，安迪常来我的店里和我玩。
我们就在仓库里玩。
把纸板箱铺在地上，就坐在上面玩。 [Vitória Ye Miao]

Childhood

No mercadinho da Ashuí, encontramos Juli, filha do calígrafo Yongbao Liu. Ela estava fazendo compras e nos ajudou fazendo a seleção de alguns snacks que fazem parte da sua memória de infância e adolescência na China.

In Ashui's little supermarket we met Juli, daughter of the calligrapher Yongbao Liu. She was shopping and helped us select some snacks that were part of her childhood and teenage memories in China.

在Ashuí的小超市，
我们遇到了Juli，
她是书法家 [Yongbao Liu] 的女儿。
她正在购物，
并帮我们挑选了一些属于她在中国童年与青少年记忆的零食。

Encontramos crianças brincando em várias das lojas que visitamos. No mercado San Mao, da Ashuí, as crianças Angela e Enzo — filhos de outra lojista — brincavam e cantavam uma música sobre macarrão. As crianças da nova geração chinesa se conhecem e brincam juntas em suas respectivas lojas, em Belo Horizonte.

We found children playing in several of the shops we visited. At Ashui's San Mao grocery store, Angela and Enzo — children of another shopkeeper — were playing and singing a song about noodles. The children of the new generation of Chinese migrants know one another and play together in their respective family shops in Belo Horizonte.

我们在参观的许多商店里
都看到孩子们在玩耍。
在Ashuí的SanMao市场，
Angela和Enzo——另一位店主的孩子们——
一边玩耍一边唱着一首关于面条的歌。
新一代的中国孩子
在贝洛奥里藏特的各自店铺里
互相认识、一起玩耍。









Kauã Haotian Ji, Ji Xinyi e Vitor Tianyang Ji, os três filhos do poeta Ji Junqun, criaram histórias divertidas e games a partir das cenas fotográficas que registraram em seus passeios por Belo Horizonte, passando por locais significativos na rotina de cada um deles.

Kauã Haotian Ji, Ji Xinyi and Vitor Tianyang Ji, the three children of the poet Ji Junqun, created fun stories and games from the photographic scenes they captured during their walks around Belo Horizonte, passing through places that are meaningful in each of their daily lives.

Kauã Haotian Ji、Ji Xinyi、Vitor Tianyang Ji、
这三位诗人纪俊群的孩子，
从他们在贝洛奥里藏特漫步时拍摄的照片场景中
创作了有趣的故事和游戏，
这些地方是他们日常生活中意义重大的地点。

我要吃掉

[I'm gonna eat you!]



[Eu vou te comer!]

雪媚娘



[It did not work
for it, but earned
it anyway!]



[Ele não fez nada,
mas ganhou!]

[Estou morrendo
de fome!]



[I'm starving!]



[This is
my church.]

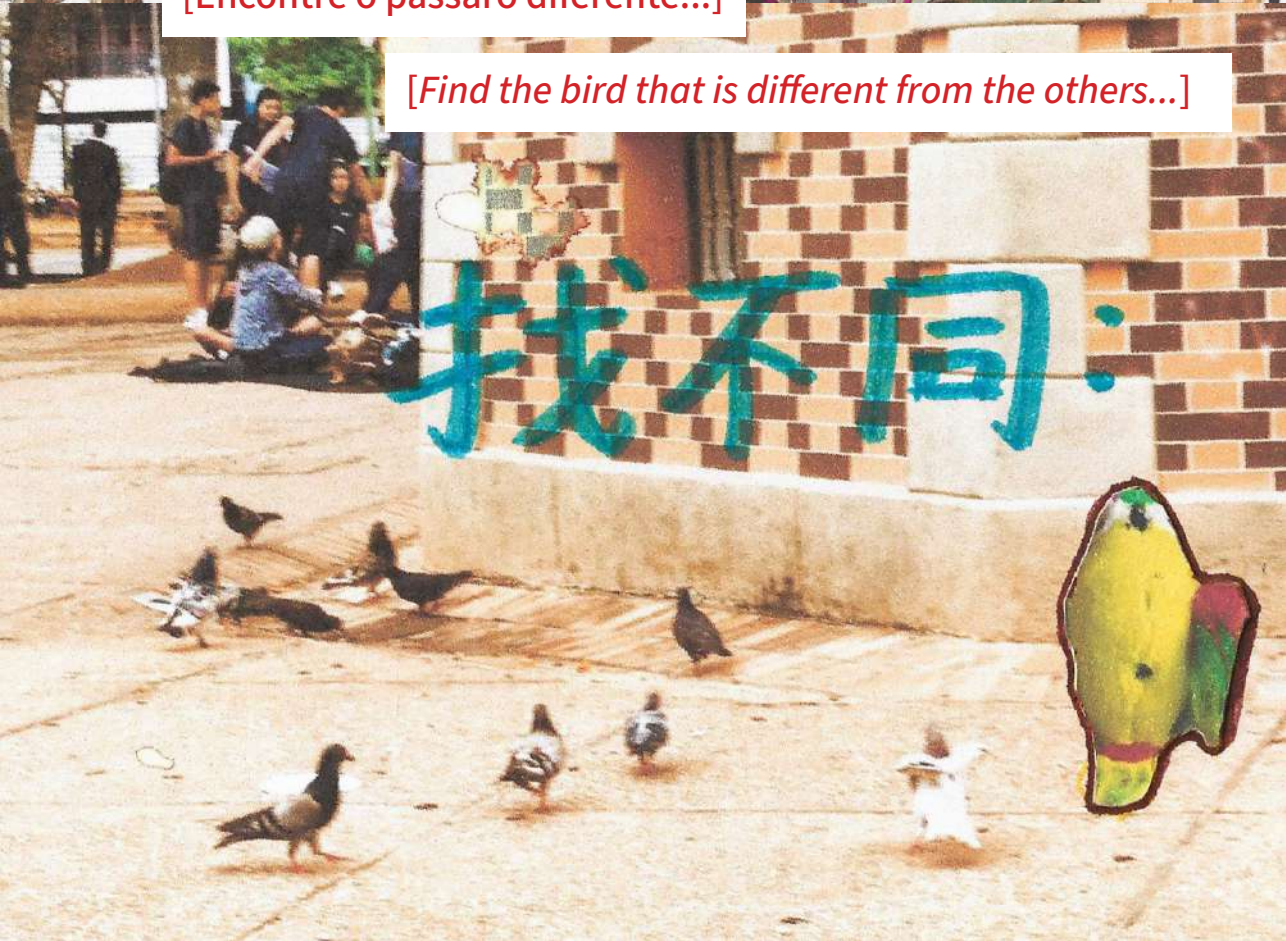
[Esta é a
minha igreja.]





[Encontre o pássaro diferente...]

[Find the bird that is different from the others...]



Vocês sabem quantos chineses existem no Brasil? Um milhão? Cem mil? Dez mil? Não importa! Se você entrar no Shopping Oiapoque, vai achar que está na China! [Lizong]

Do you know how many Chinese people there are in Brazil? One million? One hundred thousand? Ten thousand? It doesn't matter! If you walk into Shopping Oiapoque, you will feel as though you are in China! [Lizong]

你们知道巴西有多少中国人吗？
一百万？十万？一万？
无所谓！
如果你走进奥亚波克购物中心，
你会觉得自己在中国！ [Lizong]

Em nossas caminhadas pelo Hipercentro de Belo Horizonte em busca da presença chinesa no comércio transnacional, registramos um total de 189 lojas chinesas.

A maior parte das pessoas que estão no Shopping Oiapoque vieram da província de Zhejiang, no condado de Qingtian. Outros grupos que estão em Belo Horizonte hoje também teriam vindo dessa região, no sudeste da China. Zhejiang é uma província rural montanhosa, com pouco espaço para cultivo, o que criou a pressão para que saíssem de lá.

During our walks through the Hypercentre of Belo Horizonte in search of the Chinese presence in transnational trade, we documented a total of 189 Chinese shops.

Most of the people at Shopping Oiapoque come from Qingtian County, in Zhejiang Province. Other groups now in Belo Horizonte are also believed to have come from this same region in south-eastern China. Zhejiang is a mountainous rural province with very little arable land, which created strong pressure for them to leave.



在我们穿行贝洛奥里藏特超中心区、
探寻中国人在跨国商业中的存在时，
总共记录了189家中国商店。

奥亚波克购物中心的大多数人来自浙江省青田县。
如今在贝洛奥里藏特的其他群体也大多来自中国东南部的这一地区。
浙江是一个多山的农村省份，
可耕地稀少，
这制造了外出的压力。

Os primeiros migrantes não tinham apoio algum e muitos trabalharam como ambulantes. O sucesso nos negócios atraía outros migrantes, principalmente de Zhejiang, mas também de Fujian, Guangdong e outras regiões da China.

The first migrants had no support whatsoever and many worked as street vendors. Their success in business attracted further migrants, mainly from Zhejiang, but also from Fujian, Guangdong and other parts of China.

最早的移民没有任何支持，
许多人做过流动商贩。
商业成功吸引了更多移民，
主要来自浙江，也来自福建，
广东和中国其他地区。





Foram mapeados 5 restaurantes e 2 mercados chineses no Hipercentro de Belo Horizonte, sendo um deles no Shopping Oiapoque e outro no Shopping Xavantes.

Five Chinese restaurants and two Chinese grocery stores were mapped in the Hypercentre of Belo Horizonte — one in Shopping Oiapoque and another in Shopping Xavantes.

在贝洛奥里藏特超中心区，
我们绘制了5家中国餐厅和2家中国市场的地图，
其中一家位于奥亚波克购物中心，
另一家位于Xavantes购物中心。

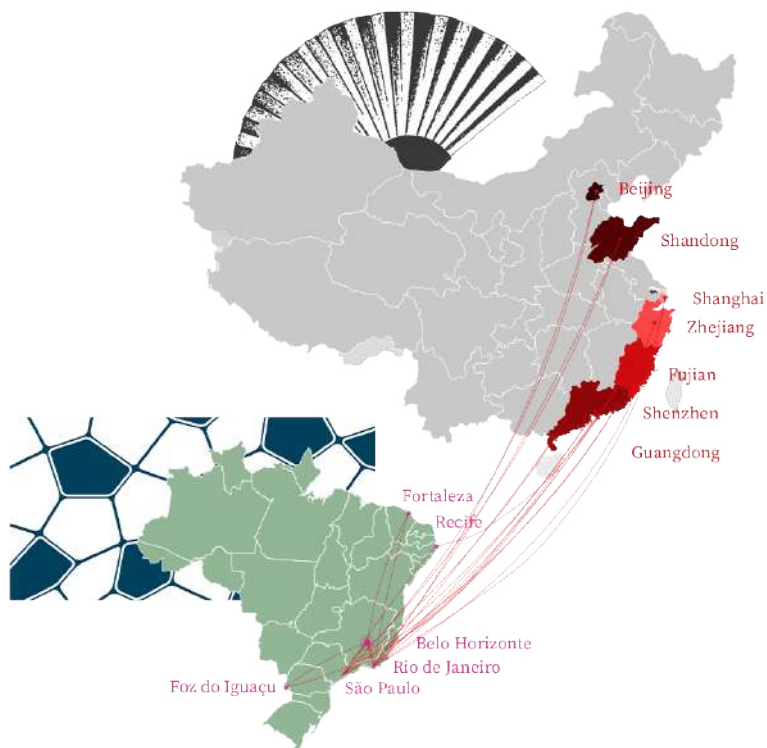


Restaurantes e mercados chineses do centro de Belo Horizonte / Chinese restaurants and grocery stores in downtown Belo Horizonte / 贝洛奥里藏特市中心的中国餐厅与市场

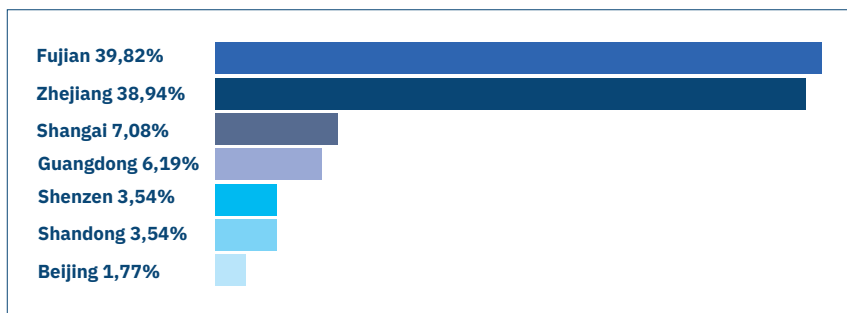
Grande parte da 2ª geração de migrantes já nasceu em Belo Horizonte. Algumas crianças foram enviadas, ainda bem novas, para viver e estudar na China, aos cuidados dos avós. Depois de concluído o ensino básico, voltaram para cá.

A large part of the second generation of migrants was already born in Belo Horizonte. Some children were sent to China at a very young age to live and study under the care of their grandparents. After completing their basic education, they returned here.

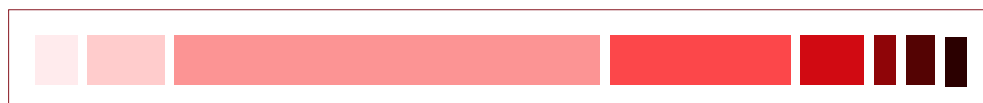
大部分第二代移民已经在贝洛奥里藏特出生。一些孩子在很小的时候就被送回中国，由祖父母照顾生活和学习。完成基础教育后，他们回到了这里。



Cidade de Origem na China / City of Origin in China / 中国籍贯城市



Tempo no Brasil (volume de pessoas) / Time in Brazil (number of people) / 在巴西停留时间 (人数)



Menos de 1 ano	De 1 a 5 anos	De 6 a 10 anos	De 11 a 15 anos	De 16 a 20 anos	De 21 a 25 anos	De 26 a 30 anos	Mais de 30 anos
Less than 1 year	1 to 5 years	6 to 10 years	11 to 15 years	16 to 20 years	21 to 25 years	26 to 30 years	More than 30 years
少于 1 年	1 至 5 年	6 至 10 年	11 至 15 年	16 至 20 年	21 至 25 年	26 至 30 年	超过 30 年

Casa
Home 家

Olhando para o horizonte, as nuvens à deriva
parecem flutuar no meio da água

O pequeno barco balança suavemente

Será que conseguirá trazer de volta
o pôr do sol do poema, como prometido?

Gazing into the distance, the drifting clouds
seem to float upon the water.

The little boat rocks gently.

Will it manage to bring back the glow of
the poem's twilight, just as planned?

此刻远望，流云似在水中央
小舟摇晃
能否如期载回，诗里的晚霞

— Ji Junqun

O poeta Ji Junqun é natural de Qingtian, província de Zhejiang, e hoje vive em Belo Horizonte. Faz parte da Sociedade Chinesa de Poesia e tem obras publicadas em diversos veículos editoriais na China. São de sua autoria os cinco poemas que guiam cada parte desta exposição.

The poet Ji Junqun was born in Qingtian, Zhejiang Province, and now lives in Belo Horizonte. He is a member of the Chinese Poetry Society and has works published in various Chinese literary outlets. The five poems that guide each section of this exhibition are by his hand.

诗人Ji Junqun出生于浙江省青田县，
现居贝洛奥里藏特。
他是中国诗歌学会成员，
作品在中国多家出版机构发表。
本次展览五个部分的引导诗均出自他手。

Casa é onde os meus filhos estão. [Deng]

Home is where my children are. [Deng]

家就是我的孩子们在的地方。[Deng]

Nunca tinha percebido que minha família era diferente. Minha mãe é brasileira e meu pai é chinês. Tenho um jeito de falar e me comportar que é mais chinês, mas na minha rotina diária sou como minha mãe, mais brasileira. Tenho um jeito confuso, mas que funciona! [Andi Lin]

I had never realised my family was different. My mother is Brazilian and my father is Chinese. I have a way of speaking and behaving that is more Chinese, yet in my daily routine I am like my mother — more Brazilian. I have a rather confusing way about me, but it works! [Andi Lin]

我以前从没意识到自己的家庭其实是“不同的”。
我妈妈是巴西人，我爸爸是中国人。
我的说话方式和行为习惯更像中国人，
但日常生活里我更像妈妈，更巴西化。
我就是这样一种混乱但行之有效的混合体！[Andi Lin]





Meu pai é chinês, mas adora comida mineira, então costumamos ir a vários restaurantes de comida mineira.

Se me sinto mais chinesa ou brasileira? No meu celular tudo está em chinês e isso faz com que eu me sinta chinesa.

Mas, honestamente, na maior parte do tempo, me sinto brasileira. É como sinto no meu corpo. [Vitória Ye Miao]

My father is Chinese, but he loves the Minas Gerais cuisine, so we often go to several traditional Minas restaurants.

Do I feel more Chinese or Brazilian? On my phone everything is in Chinese and that makes me feel Chinese. But honestly, most of the time I feel Brazilian. That is how I feel in my own body. [Vitória Ye Miao]

我爸爸是中国人，但他特别喜欢米纳斯菜，所以我们经常去各种米纳斯餐厅。

我出生在巴西，

但我的父母是中国人。

我觉得自己更中国还是更巴西？

我的手机上一切都是中文，这让我觉得自己是中国人。

但是，老实说，大部分时间我觉得自己是巴西人。

这就是我身体里的感觉。[Vitória Ye Miao]

Temos uma arma secreta: A CULINÁRIA Pense comigo: onde não tem restaurante chinês? [Lizong]

We have a secret weapon: CUISINE.
Think about it: what place does not have a Chinese restaurant? [Lizong]

但我们有一件秘密武器：美食
想一想：哪里没有中餐馆？[Lizong]

Minha primeira refeição em Belo Horizonte foi hotpot de pé de frango. Pensei: “Nossa, que luxo! Uma panela cheia de pé de frango!” Comi quase tudo, pois na China frango é muito caro, enquanto no Brasil é tão barato! [Lizong]

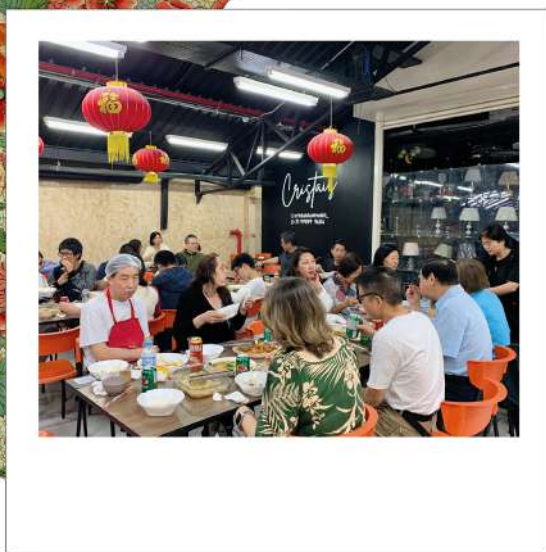
My first meal in Belo Horizonte was chicken-feet hotpot. I thought: “Wow, what luxury! A whole pot full of chicken feet!” I ate almost everything, because in China chicken is very expensive, whereas in Brazil it is so cheap! [Lizong]

我在贝洛奥里藏特的第一餐是鸡爪火锅。
我心想：“哇，好奢侈！一整锅全是鸡爪！”
我几乎吃光了，因为在中国鸡肉很贵，
而在巴西却这么便宜！[Lizong]

O que mais me lembra a China são as comidas! Tem tanta comida boa na China! Sinto falta especialmente dos banquetes de casamento. [Vitória Ye Miao]

What reminds me most of China is the food! There is so much good food in China! I particularly miss the wedding banquets. [Vitória Ye Miao]

最让我想起中国的就是食物！
中国有那么多好吃的！
我特别怀念婚礼宴席。[Vitória Ye Miao]





Numa chácara nos arredores de Belo Horizonte, acontecem encontros da comunidade chinesa, principalmente em festividades tradicionais do calendário chinês como o Ano Novo e o Festival do Barco do Dragão. Ali, as pessoas se reúnem para cultivar e colher verduras, preparar comida, comer e conversar. Cultivam verduras chinesas que costumam ser muito caras nos supermercados brasileiros, especialmente o 茼蒿, crisântemo japonês, cujas folhas jovens são usadas em saladas e pratos cozidos na culinária asiática. As sementes vieram da China e foram semeadas entre espécies brasileiras como capim gordura, bananeira, funcho e espécies africanas como capim braquiária.

A chácara lembra uma vila chinesa tradicional: uma casa de vários andares, quintal amplo com plantas, cozinha separada e fogão a lenha, espaço suficiente para acomodar muitas pessoas e atividades. Ali preparam pratos comunitários típicos (*dumplings*, simbolizando união), pratos regionais de cordeiro e fazem também churrascos brasileiros. Tornou-se um espaço simbólico da comunidade chinesa.

On a small farm on the outskirts of Belo Horizonte, the Chinese community gathers, especially during traditional festivals of the Chinese calendar such as Chinese New Year and the Dragon Boat Festival. There, people come together to grow and harvest vegetables, prepare food, eat and chat. They cultivate Chinese vegetables that are usually very expensive in Brazilian supermarkets — in particular tonghao (crown daisy), whose young leaves are used in salads and cooked dishes in Asian cuisine. The seeds were brought from China and were sown alongside Brazilian species such as molasses grass, banana plants and fennel, as well as African species such as brachiaria grass.

The farm recalls a traditional Chinese village: a multi-storey house, a spacious garden full of plants, a separate kitchen with a wood-burning stove, and enough space to accommodate many people and activities. There they prepare typical communal dishes (*dumplings*, symbolising unity), regional lamb dishes and also Brazilian barbecues. It has become a symbolic space for the Chinese community.

在贝洛奥里藏特郊外的一处查卡拉，
中国社区的聚会主要发生在传统中国历法节日，
如春节和端午节。
在那里，人们聚在一起种植和采收蔬菜、准备食物、吃饭、聊天。
他们种植的中国蔬菜在巴西超市通常非常昂贵，尤其是茼蒿，日本菊，
其嫩叶被用于亚洲料理中的沙拉和煮菜。
种子从中国带来，被播种在巴西本土物种（如象草、香蕉树、茴香）
和非洲物种（如臂形草）之间。

这片查卡拉让人想起中国传统村庄：
一栋多层房屋、宽敞的种满植物的庭院、
独立的厨房和柴火灶台、
足以容纳众多人和活动的空间。
他们在这里准备典型的社区菜肴（饺子，象征团圆）、
地方羊肉菜肴，也做巴西烧烤。
它已成为中国社区的象征性空间。

Meu nome é Ashuí. Nasci em Hangzhou, em Zhejiang, há 46 anos. Meu pai era trabalhador do campo, plantava arroz. Deixou o campo e mudou-se para a cidade, quando eu ainda era criança, para trabalhar numa fábrica de sapatos. Meus pais ainda vivem na China e costumo visitá-los.

Como era difícil ganhar dinheiro na China, eu e meu marido resolvemos migrar para o Brasil. Cheguei por São Paulo em 2003 e trabalhamos como vendedores ambulantes durante 5 anos. Era uma vida muito dura. Vendíamos tênis, relógio, óculos, boné, perfume. Saíamos com os produtos pendurados no corpo. Fomos assaltados duas vezes, perdemos tudo e decidimos sair de São Paulo.

Chegamos a Belo Horizonte em 2017. Começamos vendendo alimentos no porta-malas do carro. Hoje alugamos uma loja no Shopping Xavantes, o mercado San Mao. Gosto de viver em Belo Horizonte porque posso caminhar tranquilamente pela cidade, seja dia ou noite. [Ashuí]

My name is Ashuí. I was born in Hangzhou, Zhejiang, forty-six years ago. My father was a farmer who grew rice. He left the fields and moved to the city when I was still a child to work in a shoe factory. My parents still live in China and I often visit them.

Life was hard in China, so my husband and I decided to migrate to Brazil. I arrived in São Paulo in 2003 and for five years we worked as street vendors. It was a very tough life. We sold trainers, watches, glasses, caps and perfume. We carried the goods hanging from our bodies. We were robbed twice, lost everything and decided to leave São Paulo.

We arrived in Belo Horizonte in 2017. At first, we sold food from the boot of the car. Today we rent a grocery shop in Shopping Xavantes called San Mao. I like living in Belo Horizonte because I can walk around the city without any worries, day or night. [Ashuí]

我的名字是Ashuí。

我46年前出生在浙江省广州。

我父亲是农民，种水稻。

在我还是孩子的时候，他离开农村到城市，在鞋厂打工。

我的父母至今仍住在中国，我经常回去看他们。

因为在中国赚钱太难，我和丈夫决定来巴西。

2003年我经圣保罗入境，我们做了5年的流动商贩。那段日子非常辛苦。

我们卖运动鞋、手表、眼镜、鸭舌帽、香水。商品全都挂在身上出门。

我们被抢劫两次，丢光一切，于是决定离开圣保罗。

2017年来到贝洛奥里藏特。

一开始在汽车后备箱卖食品。

现在我们在Xavantes购物中心租了店面，

那就是SanMao市场。

我喜欢住在贝洛奥里藏特，因为无论白天黑夜都可以安心地在街上走。 [Ashuí]

Ainda prefiro estar aqui, meus filhos são brasileiros. Estamos aqui há muito tempo e gostamos do estilo de vida. Na China, há as convenções sociais, mas aqui é totalmente diferente. Quando interagimos com amigos, as relações são muito diretas. As pessoas dizem o que pensam. Na China, você tem que ler nas entrelinhas. Gosto de ser direto; é muito melhor assim, certo? [Yi]

I still prefer to be here; my children are Brazilian. We have been here a long time and we like the lifestyle. In China there are social conventions, but here it is completely different. When we interact with friends the relationships are very direct. People say what they think. In China you have to read between the lines. I like being straightforward; it is much better this way, don't you think? [Yi]

我仍然更愿意留在这里，
我的孩子们是巴西人。
我们在这里待了很长时间，也喜欢这里的生活方式。
在中国，有社会礼节，但这里完全不同。
与朋友互动时，关系非常直接。人们想到什么就说什么。
在中国，你必须读懂弦外之音。
我喜欢直来直去；这样好多了，对吧？
[Yi]



Luta
Struggle
奋斗

Não importa a força do vento ou a
altura das ondas, atravessando o rio,
entre a água e as nuvens, ainda assim
eu irei e trarei um final perfeito.

No matter how strong the wind or
how high the waves, crossing the river,
between the water and the clouds, I shall
still go and bring back a perfect ending.

任凭风吹浪打
在隔江，在水云间
我也要去带回一个圆满的句号

— Ji Junqun

Duas línguas, dois mundos. No português, usamos um alfabeto com 26 letras. No chinês, não existe isso. Em vez de letras, são usados símbolos chamados ideogramas. São milhares deles, mas no dia a dia costumam-se usar entre 3 e 4 mil para se comunicar.

A calculadora é um objeto que está sempre por perto nas mesas e balcões das lojas dos chineses. Ela é uma ferramenta importante para a comunicação com os clientes, superando as barreiras linguísticas. Assim, eles usam números em vez de apenas palavras.

Two languages, two worlds. In Portuguese we use an alphabet with twenty-six letters. In Chinese there is no such thing. Instead of letters, symbols called ideograms are used. There are thousands of them, yet in daily life people usually employ between three and four thousand to communicate.

The calculator is an object that is always close at hand on the counters and tables of Chinese shops. It is an important tool for communicating with customers, overcoming language barriers. In this way, they use numbers instead of words alone.

两种语言，两个世界。

在葡萄牙语中，我们使用有26个字母的字母表。

在中文中，没有这种东西。代替字母，使用称为表意文字的符号。

有数千个，但日常生活中通常使用3至4千个来进行交流。

计算器是中国人商店的桌子和柜台上总是随手可得的物件。

它是与客户沟通的重要工具，

克服语言障碍。

因此，他们使用数字而非仅仅言语。

Para a maioria das pessoas, o principal objetivo na vida é melhorar as condições de vida, certo? Coisas como “servir ao país” são ideais nobres, sim, mas os ideais devem se basear em condições de vida práticas, você não acha? [Yi]



计算器

For most people the main goal in life is to improve their living conditions, isn't it? Things like “serving the country” are noble ideals, of course, but ideals should be rooted on practical living conditions, don't you think? [Yi]

对大多数人来说，人生主要目标就是改善生活条件，对吧？
像“为国效力”这样的理想固然高尚，
但理想必须建立在实际生活条件的基础上，
你不觉得吗？[Yi]



Meu nome é Vitória Ye Miao. A palavra que me vem à cabeça é LUTA. Meus pais vieram para o Brasil muito jovens, não sabiam nada. Minha mãe tinha 19 anos. Começou lá de baixo, era sacoleira, depois abriu uma loja na favela no Rio de Janeiro. Depois resolveram vir para Minas Gerais. Meus pais foram à luta, crescendo aos poucos. [Vitória Ye Miao]

My name is Vitória Ye Miao. The word that comes to mind is STRUGGLE. My parents came to Brazil very young and knew nothing. My mother was nineteen. She started at the bottom, working as a street vendor, then opened a shop in a Rio de Janeiro *favela*. Later they decided to come to Minas Gerais. My parents fought their way up, little by little. [Vitória Ye Miao]

我的名字是Vitória Ye Miao。
我脑海中浮现的词是奋斗。
我的父母很年轻时来到巴西，什么都不懂。我妈妈当时19岁。
从最底层开始，做过背包商，后来在里约热内卢的贫民窟开了一家店。
后来他们决定来米纳斯吉拉斯。我的父母去奋斗，一点点成长起来。[Vitória Ye Miao]

Meu nome é Andi Lin. A palavra que escolhi foi ATÍPICO: por um bom tempo, eu não percebia o quão diferente a minha família era. Tanto em questão de cultura, como em coisas mínimas como aparência, nome. Muita coisa fui descobrindo recentemente. Meu pai é de Fujian, Fuzhou. Minha mãe é do Paraná, no sul do Brasil. Ela foi alfabetizada em espanhol e o meu pai em chinês. Nós, seus filhos, em português. Então lá em casa era uma bagunça! E é até hoje, na verdade... [Andi Lin]

My name is Andi Lin. The word I chose was UNUSUAL: for a long time I did not realise just how different my family was — both culturally and in small things such as our appearance and our name. I have only recently discovered a great deal. My father is from Fuzhou, Fujian. My mother is from Paraná in southern Brazil. She learned to read and write in Spanish and my father in Chinese. We, their children, learned in Portuguese. So at home it was a complete mess! And it still is, to be honest... [Andi Lin]

我的名字是Andi Lin。
我选择的词是非典型：很长一段时间，
我都没有意识到我的家庭有多么不同。
无论在文化方面，还是在外观、名字等细微事物上。
很多事情都是最近才发现的。
我父亲来自福建福州。我母亲来自巴西南部的巴拉那州。
她是用西班牙语识字的，而我父亲是用中文。
我们，她的孩子们，用葡萄牙语。
所以家里乱糟糟的！其实直到今天还是这样。[Andi Lin]

Minha mãe costumava vender de tudo! Ela vendia ingressos de shows, velas, sombrinhas ou qualquer coisa que as pessoas precisassem. Minha mãe pode fazer tudo! Eu honestamente não acho que tenha algo que ela não consiga fazer. Já meu pai costumava ser cozinheiro. [Andi Lin]

My mother used to sell just about anything! She sold concert tickets, candles, umbrellas or whatever people needed. My mother can do anything! Honestly, I don't think there is anything she can't do. My father, on the other hand, used to be a cook. [Andi Lin]

我妈妈以前什么都卖！
她卖演唱会门票、蜡烛、遮阳伞，或者人们需要的任何东西。
我妈妈什么都能做！我老实说，不觉得有什么是她做不到的。
而我父亲以前是厨师。[Andi Lin]

Minha mãe é de Wenzhi e meu pai é de Rui'an. Conheceram-se no Rio de Janeiro e se casaram lá. Eu nasci no Rio e depois nos mudamos para Belo Horizonte. Quando meu irmão nasceu e eu tinha por volta de oito anos, meus pais decidiram nos enviar para a China, para Ouhai, na região de Louqiao. Nós ficamos lá por três anos. Meu irmão vivia com minha avó e eu com a minha tia porque ela tinha um filho da minha idade e íamos juntos para a escola. A professora falava comigo em chinês e eu respondia em português: “Eu não estou entendendo o que você está falando”. [Vitória Ye Miao]

My mother is from Wenzhi and my father is from Rui'an. They met in Rio de Janeiro and got married there. I was born in Rio and then we moved to Belo Horizonte. When my brother was born and I was about eight years old, my parents decided to send us to China, to Ouhai in the Louqiao area. We stayed there for three years. My brother lived with my grandmother and I lived with my aunt because she had a son my age and we went to school together. The teacher would speak to me in Chinese and I would reply in Portuguese: “I don't understand what you're saying.” [Vitória Ye Miao]

奋斗



[Vitória Ye Miao]

[Andi Lin]

我妈妈来自温州，我爸爸来自瑞安。
他们在里约热内卢相识并在那里结婚。
我出生在里约，后来我们搬到了贝洛奥里藏特。
我弟弟出生时我大约八岁，
父母决定把我们送到中国温州市瓯海区的娄桥地区。
我们在那里住了三年。弟弟跟奶奶住，我跟姑姑住，
因为她有个和我同龄的儿子，我们一起上学。
老师用中文跟我说话，我用葡萄牙语回答：“我听不懂你在说什么。”
[Vitória Ye Miao]



[Ji Xinyi]

[Kauā Haotian Ji]



















星图是连接时空的纽带，也是人类对宇宙探索的结晶。在星图中，我们可以看到不同文化对星空的解读，以及人类对宇宙的想象。

约千年的历史，我们将其整理成一本星图，它记录了不同文化对星空的解读，以及人类对宇宙的想象。

本书是星图与巴西和中国之间研究与合作的成果。以星图为主题，记录了不同文化对星空的解读，以及人类对宇宙的想象。

Como são os espaços transnacionais de pertencimento da comunidade de comerciantes chineses em Belo Horizonte? Percorrendo o hipercentro da cidade, podemos compreender e viver as dinâmicas sociais e culturais que são parte da economia popular e que, interconectadas, transformam os espaços urbanos aqui e na China.

Por economia popular entendemos um conjunto diverso de práticas econômicas, muitas vezes organizadas em torno da família e do redes de solidariedade, que incluem trocas, improvisos e formas de trabalho voltadas prioritariamente para garantir a vida. Operando paralela e frequentemente em tensão com a economia formal, como trabalhadores da economia popular no Brasil e na China se conectam por circuitos globalizados de migração e comércio?

Esta exposição é um convite para a escuta e o diálogo intercultural entre Brasil e China. As memórias aqui compartilhadas emergiram da pesquisa colaborativa que a UFMG e a Birkbeck, Universidade de Londres, desenvolveram entre 2024 e 2025 com famílias de migrantes chineses em Belo Horizonte. Os participantes compartilharam narrativas pessoais que se entrelaçam a uma história coletiva de trânsito, luta e convivência diária com a diversidade cultural, conferindo outras texturas para as noções de globalização e economia popular.

跨国日记

DIÁRIOS
TRANSNACIONAIS

UFMG

The British
Academy

Birkbeck



THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)

THE HISTORY OF THE CHINESE NEWSPAPER

1. THE EARLY PERIOD (1840-1911)

2. THE MODERN PERIOD (1911-1949)

3. THE PEOPLE'S PERIOD (1949-1976)

4. THE REFORM PERIOD (1976-2011)

5. THE NEW PERIOD (2011-PRESENT)



MEMÓRIA 记忆

Memória é a capacidade de armazenar e recuperar informações. É a base para a aprendizagem e a tomada de decisões. A memória é um processo contínuo e dinâmico, que se modifica ao longo da vida.

A memória é influenciada por fatores como a idade, a saúde, o estresse e a alimentação. É importante cuidar da memória, pois ela é essencial para a nossa vida.

Existem diferentes tipos de memória, como a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. Cada uma delas desempenha um papel importante na nossa vida.

A memória é um recurso valioso que devemos cuidar. Podemos melhorar a nossa memória através de exercícios e hábitos saudáveis.

A memória é a base para a nossa identidade. Ela nos conecta com o passado e nos ajuda a entender o presente.

A memória é um processo complexo e fascinante. Ela nos permite aprender com o passado e nos preparar para o futuro.

A memória é um recurso precioso que devemos valorizar. Ela é a base para a nossa vida e a nossa identidade.

A memória é um processo contínuo e dinâmico, que se modifica ao longo da vida. Ela é influenciada por fatores como a idade, a saúde, o estresse e a alimentação.

A memória é um recurso valioso que devemos cuidar. Podemos melhorar a nossa memória através de exercícios e hábitos saudáveis.

A memória é a base para a nossa identidade. Ela nos conecta com o passado e nos ajuda a entender o presente.

A memória é um processo complexo e fascinante. Ela nos permite aprender com o passado e nos preparar para o futuro.

A memória é um recurso precioso que devemos valorizar. Ela é a base para a nossa vida e a nossa identidade.

A memória é um processo contínuo e dinâmico, que se modifica ao longo da vida. Ela é influenciada por fatores como a idade, a saúde, o estresse e a alimentação.

A memória é um recurso valioso que devemos cuidar. Podemos melhorar a nossa memória através de exercícios e hábitos saudáveis.

CASA

A casa é o lugar onde vivemos. É o nosso abrigo, o nosso refúgio. É o lugar onde nos sentimos seguros e protegidos.

A casa é o lugar onde nos encontramos com a família e os amigos. É o lugar onde compartilhamos momentos importantes da nossa vida.

A casa é o lugar onde nos sentimos bem. É o lugar onde podemos relaxar e descansar. É o lugar onde podemos ser nós mesmos.

A casa é o lugar onde podemos criar memórias. É o lugar onde podemos deixar a nossa marca. É o lugar onde podemos viver a nossa vida.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade. É o lugar onde podemos descobrir quem somos. É o lugar onde podemos viver a nossa vida.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa felicidade. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa paz. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa vida. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa felicidade. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa paz. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa vida. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa felicidade. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.

A casa é o lugar onde podemos encontrar a nossa paz. É o lugar onde podemos viver a nossa vida. É o lugar onde podemos encontrar a nossa identidade.



[illegible]

現代中國社會發展，經濟與科技發展
 幾乎一齊飛，這與西方國家一樣，
 都是現代化發展的必然結果。

而，中國的改革開放政策，則在經濟、
 科技、文化、社會等各個方面，都取得了
 長足的進步。這與西方國家的改革開放
 政策，有著本質的區別。



「絲綢之路」的興衰
 古時中國與世界各國，
 人民之間的貿易往來，
 是通過絲綢之路進行的。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。



在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。

在過去，中國與世界各國的貿易，
 是通過絲綢之路進行的。這與西方
 國家的貿易，有著本質的區別。



MEMÓRIA 记忆

Memória é o que nos conecta ao passado e nos ajuda a entender o presente. É a história que nos define e nos inspira.

Memória é o que nos conecta ao passado e nos ajuda a entender o presente. É a história que nos define e nos inspira.



Memória é o que nos conecta ao passado e nos ajuda a entender o presente. É a história que nos define e nos inspira.



CASA





記憶

復興

奮鬥







和平

PAZ

奮斗

LUTA

記憶

LEMBRAR

歡迎

BEM-VINDO

巴西萬歲

VIVA O BRASIL

智曰慧

SABEDORIA

我愛

洛貝
特藏里奧

EU AMO BH

Estas bandeiras trazem palavras em mandarim e em português escolhidas por lojistas que participaram da pesquisa. As bandeiras também podem ser vistas em suas respectivas lojas. Os ideogramas foram pintados por Yongbao Liu, artista e calígrafo que veio de Fúzhōu, China, e também comerciante que mora em BH há 15 anos. São desejos e agradecimentos, uma dupla mensagem, destinada aos chineses e aos brasileiros.

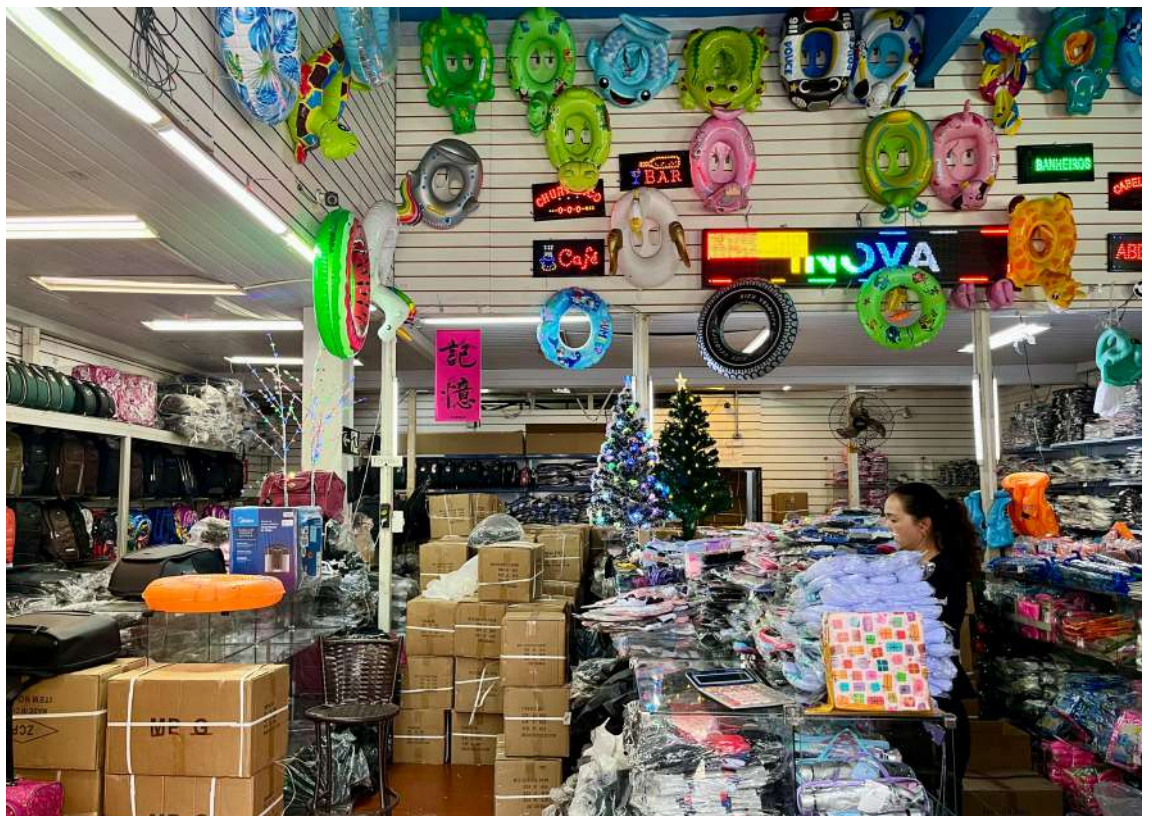
These banners display Chinese and Portuguese words chosen by the shop owners who took part in the research. They can also be seen in their respective stores. The Chinese characters were painted by Yongbao Liu, an artist and calligrapher from Fuzhou, China, who has also been a merchant living in Belo Horizonte for 15 years. These messages convey wishes and expressions of gratitude — Peace; Struggle; Remember; Welcome; Long Live Brazil; Wisdom; and I Love BH — a dual expression intended for both the Chinese and the Brazilians alike.

这些旗帜上带有参与研究的店主们选择的中文和葡萄牙语词语。这些旗帜也可以在各自的商店中看到。汉字由Yongbao Liu书写，他是来自中国福州的艺术家与书法家，同时也是在贝洛奥里藏特居住15年的商人。这些是愿望与感恩，双重信息，同时献给中国人与巴西人。









138

Das ruas para o museu e vice-versa / From the Streets to the Museum and Vice Versa: An Ethnography / 从街头到博物馆，反之亦然：一项民族志

Renata Marquez

Priscila Musa

Aline Franceschini

162

Economias populares transnacionais / Transnational Popular Economies / 跨国大众经济

Mara Nogueira

João Tonucci

185

Chinatown aqui / Chinatown Here / 唐人街在此

Priscila Musa

210

Em busca do lar / In Search of Home / 寻找家园

Jiawei Zhao

Caderno de
pesquisa
Research
Notebook
研究笔记

Das ruas para o museu e vice-versa: uma etnografia

From the Streets to the Museum and Vice Versa: An Ethnography

从街头到博物馆， 反之亦然：一项民族志

Renata Marquez
Priscila Musa
Aline Franceschini

No dia 18 de julho de 2024, fizemos a primeira incursão ao comércio popular do centro de Belo Horizonte. A prática etnográfica era uma das estratégias metodológicas do projeto de pesquisa “Globalização por baixo: meios de vida, comércio e transnacionalismo na economia informal brasileira”, uma parceria entre a Birkbeck University of London e a Universidade Federal de Minas Gerais. Neste primeiro dia em campo, caminhamos pelo entorno da Praça Sete e da Praça da Rodoviária sem encontrar nenhum comerciante chinês. A maioria dos vendedores e das vendedoras ambulantes que atuavam nas ruas que percorremos eram brasileiros, porém, vendiam flores de plástico e centenas de adesivos para unhas vindos da China.

Seis meses depois, já havíamos caminhado, pé ante pé, a área de 4,7 km² do Hipercentro,¹ olhando cuidadosamente para o interior de cada portinha de comércio aberta. Mapeamos 109 lojas de proprietários chineses, número que nos dias de hoje já deve ter crescido. Poucos deles falavam português, poucos deles compreenderam as nossas explicações ou se interessaram pela pesquisa e a maioria trabalhava em família. Uma das lojas, na Avenida Santos Dumont, chamou a atenção da nossa equipe. Sua placa sinalizava Liu Feng e parecia ser perfeitamente uma loja chinesa, tanto pelo nome como pelos produtos à venda. Seu proprietário, entretanto, era brasileiro e disse que colocou o nome chinês para atrair a clientela. *Se não fizesse isso, ninguém entraria na minha loja!*

1 O Hipercentro é uma subárea da área central de Belo Horizonte, definida pela Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo (LPOUS), Lei Municipal nº 7.166/1996.

No Shopping Oiapoque, registramos mais 34 lojas cujos proprietários são chineses e no Shopping Xavantes, em frente, somamos outras 24. O primeiro dos shoppings populares da cidade, o Oiapoque foi inaugurado em 2003 pela Prefeitura Municipal em parceria com a iniciativa privada como estratégia – não sem controvérsias – para retirar os camelôs das ruas. A iniciativa transformou profundamente a dinâmica comercial do centro e do Hipercentro, concentrando centenas de pequenos comerciantes, camelôs e ambulantes em um único equipamento urbano que, ao longo dos anos, passou a desempenhar papel central na articulação entre economias populares locais e redes transnacionais de mercadorias. O Oiapoque virou modelo para a criação de outros shoppings populares em Belo Horizonte como o Xavantes, criado logo em seguida, mas também em diferentes cidades do Brasil. Contudo, sua expansão também revela a complexidade dos processos de formalização do comércio popular e de reconfiguração do espaço urbano.

Não foi difícil perceber que um mundo chinês paralelo se desenrola diariamente no Shopping Oiapoque, no Shopping Xavantes e nas ruas do entorno. Malas, eletrônicos, brinquedos, roupas, bijuterias, bolsas, acessórios para celular, utilidades domésticas, ferramentas e uma infinidade de outros produtos chegam da China, passando principalmente por São Paulo, antes de serem distribuídos entre as lojas ou armazenados em galpões localizados nos próprios shoppings e em suas imediações.

Nesses espaços não circulam apenas mercadorias. Circulam também pessoas, idiomas, afetos e formas de vida. Crianças chinesas brincam pelos corredores, entre caixas e produtos expostos à venda. Adolescentes estudam para as provas do colégio. Os funcionários brasileiros ajudam a cuidar das crianças. Famílias almoçam em pequenos balcões ou em banquinhos improvisados dentro das próprias lojas, transformando os espaços comerciais em extensões da vida doméstica. O mandarim é ouvido a todo momento, falado por vendedores, proprietários e seus familiares, compondo uma paisagem sonora que pode nos fazer esquecer momentaneamente que estamos no centro de Belo Horizonte.

Essa presença também se expressa na realização de práticas culturais e educativas. Há alguns anos, o Shopping Oiapoque celebra o Ano Novo Chinês, reunindo comerciantes, famílias e visitantes. No quinto andar do Shopping Oiapoque e no segundo andar do Shopping Xavantes, crianças e adolescentes chineses – tanto imigrantes quanto brasileiros da segunda geração – frequentam aulas de mandarim, algumas delas oferecidas por meio de uma parceria com o Instituto Confúcio/UFGM. Mais do que um espaço de comércio, o conjunto formado pelos dois shoppings e seu entorno constitui um território de vida da comunidade chinesa onde trabalho, família, educação e cultura se entrelaçam.

Na Avenida Santos Dumont, o restaurante Casa Bambu oferece comida típica chinesa. O jovem casal de proprietários não fala quase nada de português e as imagens impressas no cardápio nos auxiliam a fazer os pedidos. Eventualmente algum funcionário brasileiro faz a descrição dos pratos enquanto serve as mesas. Não são poucos os clientes que vão até ali na hora do almoço. Como escutamos de um proprietário de uma grande loja na Avenida Oiapoque sobre a migração e a fixação chinesa em diferentes partes do mundo: *Temos uma arma secreta: a culinária!* Mais

do que um recurso econômico, o alimento aparece como algo compartilhável, capaz de produzir encontros e abrir caminhos para a convivência cotidiana. Junto do Casa Bambu, cinco outros restaurantes, além de dois mercados, alimentam brasileiros e chineses na região.

Era a primeira vez que nos aproximávamos da comunidade chinesa local. Não sabíamos ao certo se poderíamos chegar a chamar de comunidade o grupo variado de imigrantes que chegam à cidade marcadamente nos últimos 25 anos, vindos a maioria deles de duas províncias da costa sudeste da China: Zhejiang e Fujian. Essa comunidade que buscávamos conhecer circula e trabalha na região central da cidade e confere a Belo Horizonte uma textura de diversidade cultural caracterizada por sabores, aromas, formas, hábitos e sonoridades pouco familiares.

Entre mundos

Sabíamos muito bem, entretanto, que a pesquisa não poderia ser feita sem a companhia daquelas pessoas diretamente nela implicadas. O método etnográfico, do modo como praticamos, é um fazer em companhia. Sua tarefa ao longo do projeto foi pensar a pesquisa nos termos da narrativa de um lugar de encontro, em vez de um retrato que se pretende “objetivo” de uma certa “realidade social”. Como construção colaborativa, a etnografia se dá através da copresença que, pouco a pouco, vai se transformando em relações de intercâmbio.

Isso que estão fazendo é uma pesquisa? Mas afinal qual é o trabalho de vocês? Escutamos perguntas como estas de alguns comerciantes. Não precisamos ir muito longe para perceber que a vida acadêmica não é uma delimitação dominante e que o seu sentido não é evidente.² O abismo não era apenas entre línguas, países, culturas, mundos, mas também entre pequenos domínios de vidas incomuns: o domínio acadêmico e o seu vasto lado de fora. Neste caso específico, o comércio popular transnacional.

A nossa insistente e ao mesmo tempo paciente presença em campo conquistava confiança, amizade e trocas, transformando lentamente a pesquisa em algo possível de ser compartilhado com os comerciantes chineses. Tentávamos, no espaço que nos separava, mas também nos unia, retraçar a nossa pesquisa como um domínio comum entre nós.

No dia 24 de novembro de 2024, por intermédio do Instituto Confúcio, nos convidaram para um churrasco em um sítio na Região Metropolitana de Belo Horizonte, propriedade de um conhecido comerciante chinês estabelecido em Belo Horizonte há cerca de 25 anos. Pudemos participar da elaboração de pratos típicos e deliciosos como sopa de batata doce, *jiaozi*, *baos*, frango de mendigo, pato à Pequim e outros de sabor tão diverso cujos nomes não conseguimos entender para repetir aqui. As mulheres, de idades variadas, se prepararam para colher crisântemo na horta aos fundos da casa: *Vamos colher verdura chinesa que é muito cara no supermercado brasileiro, isso quando a encontramos!* Escutamos como muitas vezes é difícil se sentir em casa e o grande trabalho necessário para fazer isso acontecer. Mas o

² Wagner, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu, 2017.

que seria sentir-se em casa para elas? Casa e comunidade seriam duas categorias que poderiam ser entendidas como fixas, sinônimas, complementares ou seriam acontecimentos efêmeros e instantâneos como cozinhar juntas?

No ano seguinte, em 2025, nos aproximamos mais daqueles que se mostraram receptivos e simpáticos à nossa pesquisa. Aqueles com os quais começávamos a compartilhar histórias, memórias, perguntas, receitas, dúvidas, apreensões, mistérios, desejos. A língua mandarim era ao mesmo tempo bela e opaca para nós. Tivemos a participação de dois intérpretes e a presença deles deixava os convidados mais à vontade. Tivemos também a importante participação de uma pesquisadora chinesa residente em Londres, Jiawei Zhao. Ela passou três meses em Belo Horizonte conduzindo entrevistas e análises das características locais da migração transnacional como rede relacionada à economia popular. Sua presença deixava as pessoas mais confortáveis diante da possibilidade de se expressarem em sua própria língua.

A partir desse momento, propusemos às nossas companhias de pesquisa o nosso plano: produzir uma exposição com elas, sobre as suas memórias, sobre elas como agentes atuantes na história e transformação da cidade, sobre a riqueza e complexidade das suas presenças, sobre o comércio popular transnacional visto de baixo, a partir das experiências, práticas e narrativas daqueles que o constroem cotidianamente. A exposição seria inaugurada em dezembro de 2025 no museu da UFMG situado na Praça da Liberdade.

Não foi simples explicar para as pessoas sobre a exposição. Mais uma vez, essa situação não se resumia apenas ao idioma — mandarim, inglês ou português. Tentamos falar sobre o museu que receberia a tal exposição, situado numa conhecida praça da cidade, mas a palavra significava algo tão distante da sua realidade que imaginar suas histórias de vida ocupando um espaço museográfico de destinação pública era algo improvável. A cada encontro, precisávamos dar sentido às palavras que mais usávamos: pesquisa, exposição, museu. Buscávamos habitar um pouco mais esse espaço tradutório para construir um vocabulário comum em torno de um projeto que pudesse ser compartilhado.

A exposição como domínio comum ou uma etnografia compartilhada

Exposição de arte? Mas não sou artista! Assim nos respondiam muitos dos comerciantes convidados a construir conosco a exposição que contasse histórias da migração chinesa para Belo Horizonte e da vida cotidiana aqui e na China. Alguns encontros depois, descobriríamos que sim, alguns deles eram e são artistas — Yongbao Liu é calígrafo e Ji Junqun é poeta. Os dois não eram apenas comerciantes e migrantes — sempre há algo que vaza os enquadramentos das análises sociológicas e científicas.³ Liu e Junqun tiveram papéis fundamentais no processo de elaboração coletiva da exposição.

Numa tarde no Shopping Xavantes, onde Liu tem uma loja de eletrônicos, ele nos ofereceu um chá quente chinês com bolo comprado de uma vendedora

3 Azoulay, Ariella Aïsha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2024.

ambulante brasileira que havia acabado de passar no corredor com o seu carrinho. Sentados no meio da loja de Liu, bebemos, comemos e conversamos sobre as pinturas que ele faria para as bandeiras de pano que queríamos colocar nas lojas de outros participantes da exposição. Cada lojista havia escolhido uma palavra para ser pintada por Liu. Ele nos mostrou o belo trabalho de caligrafia que fazia pela tela de seu celular. Com ajuda ora de sua filha, ora de um intérprete da nossa equipe, ora pelo Google Translate, as nossas conversas periódicas avançavam.

Tramar um domínio comum entre mundos incomuns⁴ através do processo da exposição foi a ação etnográfica que guiou os encontros, os diálogos, as trocas e os workshops que realizamos com os comerciantes chineses. Podemos entendê-la como uma dupla ação porque ao mesmo tempo que era um produto da pesquisa, era também processo.⁵ Simultaneamente a síntese narrativa das dinâmicas de vizinhança entre mundos (resultado etnográfico), a exposição era também a própria dinâmica de vizinhança entre mundos (método etnográfico). Uma etnografia compartilhada e feita a muitas mãos.

Reunidos em torno da produção de narrativas da presença chinesa no Hipercentro, nos encontramos periodicamente com dois grupos de migrantes, cada um de uma geração diferente. O primeiro foi composto pela primeira geração (do qual Liu e Junqun fizeram parte) e o outro por jovens da segunda geração (do qual filhos e filhas de alguns deles participaram, muitos já nascidos no Brasil). Com o primeiro grupo, o nosso local de trabalho eram as lojas. Se tínhamos o plano de tirá-los de lá para podermos trabalhar num espaço e tempo ideais, logo percebemos que isso seria impossível.

Com a primeira geração, praticamos uma espécie de workshop móvel e itinerante, carregando na mochila fotografias, mapas, cadernos e livros e dispondo tudo sobre os balcões das lojas. Ali, os materiais que trazíamos se misturavam aos produtos à venda e nossas conversas eram intercaladas com os atendimentos aos clientes e com as chamadas do celular. De modo totalmente inesperado, algum dos materiais levados lhes chamava a atenção e nos abria alguns minutos de conversa, inspirando a memória, a reflexão e sorrisos de ambos os lados do balcão.

Na loja de Dayuwan, uma conversa sobre diversidade nos levou a uma história muito mais antiga. Ele nos disse que considerava o povo brasileiro interessante porque sua diversidade resultava da mistura entre europeus, africanos, indígenas, árabes e tantos outros povos, enquanto, segundo ele, a população chinesa permaneceu mais homogênea. Em resposta, contamos sobre pesquisas da USP e da UFMG que retraçaram as antigas migrações humanas para as Américas evidenciando a ancestralidade asiática dos povos originários também do Brasil. Ao ver uma fotografia de Davi Kopenawa, Dayu se impressionou com a semelhança dos traços. A conversa, então, aproximou Brasil e China por uma história compartilhada de deslocamentos e ancestralidades, revelando um caminho fértil para a exposição:

4 Blaser, Mario; De La Cadena, Marisol. Os incomuns. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 15, Tradução de Fernanda Regaldo e Renata Marquez p. 74–83, dez. 2021.

5 Como comentou Gisela Zapata na Roda de Conversa ocorrida na exposição em 15 de junho de 2026 e incluída neste livro.

cultivar aproximações mútuas e imaginar conexões inesperadas entre mundos aparentemente distantes.

Jiawei tinha mencionado sobre a existência de um poeta na comunidade chinesa local. Nossa presença para além do ambiente das lojas também foi muito importante para a construção das relações. Num domingo, fomos conhecer o culto religioso chinês a convite de Ashuí, proprietária de um dos mercados chineses. Lá, a sua sobrinha se apressou em nos apresentar para o poeta. Ji Junqun foi acolhedor com a proposta da nossa pesquisa e confirmou que seu trabalho é reconhecido na China – bastava digitar seu nome no Google chinês ou na IA. Trocamos contatos de Wechat e, dias depois, fomos encontrá-lo em sua loja. Junqun é natural de Qingtian, província de Zhejiang. Faz parte da Sociedade Chinesa de Poesia e tem obras publicadas em diversos veículos editoriais na China. Dentre a grande coleção de poemas que conseguimos acessar, selecionamos aqueles que dialogavam com as narrativas que escutávamos dos demais participantes. Assim, são de sua autoria os cinco poemas que guiam cada núcleo narrativo da exposição: Ponte aérea; Memória; Infância; Casa; e Luta.

Com a segunda geração, propusemos marcar encontros periódicos na Escola de Arquitetura da UFMG. Muitos deles eram estudantes universitários e inclusive se interessaram em saber mais sobre a UFMG e sobre o nosso trabalho de professoras e pesquisadoras. *Juntando memórias* foi o nome desses encontros onde conversávamos sobre a pesquisa, comíamos juntas e aprendíamos sobre as dinâmicas comerciais, mas também sobre as conexões familiares e afetivas dentro do que costumamos chamar de globalização.

Na medida que a proposta ia ficando mais clara para os participantes, eles resgataram antigas fotos de família e compartilharam seus álbuns no workshop. As imagens trazidas foram digitalizadas e impressas de novo. Junto das fotografias que fizemos de suas lojas, as imagens compartilhadas foram recortadas e remontadas coletivamente por meio de experimentações gráficas – intervenções, legendas, desenhos, sobreposições e colagens. As narrativas familiares se entrelaçavam a uma história coletiva de deslocamentos, conflitos e sonhos. As montagens resultantes vieram a compor a exposição e este livro, conferindo outras texturas para a noção de economia popular e reconectando de maneira sensível o local com o global.

Objetos que compunham as histórias familiares também foram convidados a participar dos encontros. Na tentativa de disparar o movimento da memória, trouxemos objetos que faziam parte da memória da nossa própria família e perguntamos por aqueles objetos importantes para eles e elas; aqueles guardados porque continham algum significado especial. Inserido no fluxo incontrollável de mercadorias e pessoas em trânsito em portos, aeroportos e lojas, o exercício de resignificar as nossas relações com os objetos parecia promissora. Chiara, à frente de uma loja de roupas de atacado e varejo, se lembrou de uma mala de roupas de criança que acompanha a sua família por décadas. Sua família é numerosa, ela tem 8 irmãos que estão hoje em várias partes do mundo, enviados para locais onde podem ter uma vida melhor. Nascida em Florença, Itália, Chiara chegou ao Brasil com 5 anos de idade. Na Itália, sua mãe era costureira e trabalhava na fábrica de

um familiar. Contou que a bolsa da mãe estourou enquanto trabalhava na confecção de bolsas. A mala com as roupas dela e dos irmãos pequenos, que levavam nas mudanças de cidade, está guardada em um armário no seu quarto. Nesse movimento de rememorar, ela perguntou para a mãe por que mantinha aquilo depois de tanto tempo. A resposta foi: *Porque é bom*. A história da mala da Chiara tornou-se um dos símbolos da exposição, compondo tanto com a bolsa de Lizong⁶ como com os poemas de Junqun uma presença potente sobre ponte aérea, memória, infância, casa e luta.

Junto à caligrafia, à poesia e aos objetos do afeto, a fotografia foi outro mediador importante dos workshops colaborativos em torno da exposição. Através de imagens fotográficas, outros movimentos intergeracionais aconteceram e memórias esquecidas foram reativadas. A fotografia de um vestido de festa laranja, usado por Vitória Ye Miao na infância, reconectou-a a Andi Lin, amiga com quem havia compartilhado o vestido e que foi buscar em casa outra fotografia na qual também usava aquele mesmo vestido.

Através dos álbuns de família, soubemos das visitas à China, dos casamentos e funerais, das infâncias escolares e das primeiras lojas das famílias no Brasil. Ouvimos sobre a dificuldade de conciliar o cuidado das crianças com o trabalho no comércio e, a partir de uma foto de um aniversário, Vitória nos contou da família brasileira que assumiu seu cuidado para que a mãe pudesse trabalhar. Os álbuns fotográficos despertaram memórias e projetos de futuro.

Em torno da exposição, escutamos poemas e histórias, comemos juntas guloseimas chinesas que relembrou as infâncias em trânsito, juntamos memórias da China e do Brasil, revisitamos as respectivas histórias urbanas, buscamos imagens em arquivos públicos, produzimos juntos novas imagens em campo e fizemos colagens com tudo isso. A exposição como construção processual foi um espaço narrativo colaborativo onde pudemos conhecer, experimentar e ampliar os nossos respectivos imaginários para contar as histórias dos encontros e desencontros transnacionais no Hipercentro da cidade. Se Tim Ingold define a antropologia como “uma forma de viver a vida com os outros,”⁷ buscamos ocupar, promover, viver e pensar o espaço entre nós – entre línguas, culturas, cidades, mundos, domínios de conhecimento.

Topografia do trânsito transnacional no museu

Das ruas para o museu, a exposição é um convite para a escuta e o diálogo intercultural entre Brasil e China a partir de memórias de lá e de cá. Em cartaz de 14 de dezembro de 2025 a 29 de junho de 2026, a exposição “Diários Transnacionais” apresentou a pesquisa “Globalização por baixo: meios de vida, comércio e transnacionalismo na economia informal brasileira” para um público diverso e curioso e se desdobrou em uma programação complementar sobre o céu chinês apresentada no planetário do museu.

⁶ Ver *A bolsa de viagem*, ensaio de Lizong incluído neste livro.

⁷ Ingold, Tim. *Antropologia e/como educação*. Tradução de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2020.

Produzir uma exposição como processo-produto da pesquisa reflete o interesse epistêmico por comunicá-la para públicos para além do domínio acadêmico. Ao construir um lugar de encontro transnacional no Espaço do Conhecimento UFMG, um museu que integra o circuito cultural da cidade, a exposição ofereceu, por meio da linguagem sensível da arte, um espaço aberto à vivência, ao aprendizado da coexistência e da diversidade de mundos e à imaginação de outras histórias possíveis.

Composta por uma instalação com 42,5 metros lineares de tecido impresso suspensos do teto, a trama narrativa de imagens e textos elaborada nos workshops com as duas gerações de chineses formava uma topografia do trânsito. Seu suporte leve e facilmente transportável na bagagem pretende, por um lado, evidenciar conceitualmente o vetor transnacional das migrações, as redes de parentesco, as trocas e amizades, as conexões geográficas e os encontros e desencontros. Por outro lado, facilita a pragmática da desmontagem, remontagem e adaptação a outros espaços expositivos, como a Galeria Peltz, na Birkbeck, Universidade de Londres, para onde a exposição será levada no segundo semestre de 2026. Uma expografia portátil e transportável como a bolsa de viagem de Lizong e de tantos outros migrantes chineses, ela carrega histórias, memórias e afetos, podendo ser montada e remontada em diferentes lugares.

Do museu para as ruas, propusemos expandir o espaço expositivo envolvendo algumas lojas do circuito da economia popular chinesa como lugares expositivos temporários, articulando o Espaço do Conhecimento UFMG com a cidade (e vice-versa). Yongbao Liu, o calígrafo, havia pintado as palavras que cada lojista indicou. As escritas de Liu em mandarim para Lembrar; Sabedoria; Luta; Viva o Brasil; Paz; Bem vindo; e Eu amo BH foram reproduzidas em bandeiras de tecido e instaladas tanto no museu como nas respectivas lojas.

No dia 22 de dezembro de 2025, saímos do museu com as sete bandeiras, uma escada e cabos finos de aço em direção ao Hipercentro da cidade. Junto às bandeiras, levamos também um conjunto de postais de distribuição gratuita como convite para visitar a exposição e conectar os dois espaços — loja e museu. Os postais funcionavam como convites recíprocos: também foram distribuídos no museu, convidando os visitantes para transitar por lojas e mercados chineses no Hipercentro e ressignificar suas experiências de convivência cultural com a comunidade chinesa em Belo Horizonte.

No evento de inauguração da exposição, algumas das famílias que participaram da pesquisa estiveram presentes. Ashuí, dona do nosso mercadinho preferido, onde trocamos receitas e experimentamos produtos, foi com suas duas sobrinhas; Vitória foi com a amiga Andi, que por sua vez levou a mãe e Mila, sua irmã, mas também amigos; Junqun chegou acompanhado de toda a família: a esposa e os filhos Ji, Victor e Kauã. Liu também compareceu para ver suas caligrafias no museu e visitou a exposição na companhia de Junqun, com quem sorriu uma dezena de vezes.

Além de transportável com facilidade, a exposição era também tátil. Em vez do “proibido tocar” costumeiro do léxico dos museus, a “seda begônia” das longas faixas de tecido impresso com textos e imagens convidava à reedição de uma nova “rota da seda” (agora 95% poliéster e 5% elastano!), ao toque e à aproximação. As faixas estavam posicionadas à altura das mãos, que não se intimidaram em reposicionar

trechos de história para mais perto dos olhos, fazendo as leituras dos visitantes, em ambos os lados do tecido, se atravessarem, por vezes confluírem, mas certamente se tornarem uma experiência de ver-ler-junto. Poderá essa experiência de encontro ser traduzida de volta para as ruas do comércio popular, tanto pelos comerciantes como pelos visitantes que se cruzaram no museu?

No fim das contas digitadas em uma calculadora que traz os números em mandarim, talvez a principal contribuição dessa experiência não tenha sido apenas tornar visível a presença chinesa em Belo Horizonte, mas criar condições para que ela pudesse ser narrada em companhia. Das ruas ao museu e do museu de volta às ruas, a pesquisa, quando compartilhada, não apenas produz conhecimento, mas fabrica vizinhanças entre mundos que costumam muitas vezes permanecer separados. Se a exposição foi capaz de deslocar visitantes, comerciantes e pesquisadoras de seus lugares habituais, ainda que por instantes, foi porque pôde transformar o espaço entre nós em um território comum de escuta, tradução e imaginação. É nesse espaço instável feito de encontros, afetos, reciprocidades, desconfianças e apostas que reside o sentido profundo da etnografia e da própria exposição: não representar um mundo, mas criar possibilidades para habitá-lo juntos.

On 18 July 2024, we made our first foray into popular trade in central Belo Horizonte. Ethnographic fieldwork was one of our central methodological strategies in the research project “Globalisation from Below: Livelihoods, Trade and Transnationalism in the Brazilian Informal Economy”, a partnership between Birkbeck, University of London and the Federal University of Minas Gerais (UFMG). On that first day in the field, we walked around Praça Sete and Praça da Rodoviária without coming across any Chinese traders. Most of the street vendors we encountered were Brazilian; they were selling plastic flowers and hundreds of nail stickers imported from China.

Six months later, we had already walked the entire 4.7 km² area of the Hypercentre,¹ carefully looking into every small shop doorway. We mapped 109 shops owned by Chinese proprietors — a number that has probably increased since then. Few of them spoke Portuguese or showed much interest in the research, and most worked as families. One shop, on Avenida Santos Dumont, particularly caught our attention. Its sign read Liu Feng, and everything about it — from the name to the goods on display — suggested a Chinese establishment. Its owner, however, was Brazilian. He explained that he had chosen the Chinese name to attract customers: “without it, he said, no one would come in”.

In Shopping Oiapoque, we recorded a further 34 shops whose proprietors are Chinese, and in the adjacent Shopping Xavantes, another 24. The city’s first

¹ The Hypercentre is a sub-area of Belo Horizonte’s city centre, designated as a planning zone under Municipal Law No. 7,166/1996.

popular shopping centre, Oiapoque was inaugurated in 2003 by the City Hall in partnership with the private sector as a strategy — not without controversy — to remove the street vendors from the streets. The initiative profoundly transformed the commercial dynamics of the centre, concentrating hundreds of small traders and street vendors in a single urban facility which, over the years, came to play a central role in articulating local popular economies with transnational networks of goods. Oiapoque became a model for the creation of other popular shopping malls in Belo Horizonte, such as Xavantes, established shortly afterwards, but also in different cities across Brazil. However, its expansion also reveals the complexity of the processes of formalising popular commerce and reconfiguring urban space.

It was not difficult to perceive that a parallel Chinese world unfolds daily inside Shopping Oiapoque, Shopping Xavantes and the surrounding streets. Goods of all kinds — suitcases, electronics, toys, clothing, costume jewellery, bags, mobile phone accessories, household items and tools — arrive from China, usually via São Paulo, before being distributed to the shops or stored in warehouses within or near the shopping centres.

Yet it is not only goods that move through these spaces. People, languages, affects and ways of living circulate as well. Chinese children play among boxes and displayed products in the corridors. Teenagers study for school exams. Brazilian employees help look after the children. Families eat lunch at small counters or on improvised stools inside the shops themselves, turning commercial spaces into extensions of domestic life. Mandarin can be heard throughout, spoken by vendors, shop owners and their families — a soundscape that can momentarily make one forget they are in central Belo Horizonte.

This presence is also expressed in the performance of cultural and educational practices. For some years now, Shopping Oiapoque has celebrated the Chinese New Year, bringing together traders, families and visitors. On the fifth floor of Shopping Oiapoque and the second floor of Shopping Xavantes, Chinese children and teenagers — both immigrants and second-generation Brazilians — attend Mandarin classes, some offered through a partnership with the Confucius Institute/UFGM. More than a commercial space, the complex formed by the two shopping centres and their surroundings constitutes a territory of life for the Chinese community where work, family, education and culture intertwine.

On Avenida Santos Dumont, the restaurant Casa Bambu serves typical Chinese food. The young couple who run it speak almost no Portuguese, so the images on the menu help us place our orders. Occasionally a Brazilian member of staff describes the dishes while serving. The restaurant attracts a steady stream of customers at lunchtime. As one of the owners of a large shop on Avenida Oiapoque remarked when speaking about Chinese migration and settlement around the world: “We have a secret weapon — the cuisine!” More than a mere economic resource, food functions here as something shareable, capable of fostering

encounters and easing everyday coexistence. Besides Casa Bambu, five other restaurants and two markets in the area cater to both Brazilians and Chinese.

It was the first time we had approached the local Chinese community. We were unsure whether we could even speak of a single community when referring to the diverse group of immigrants who have been arriving in the city over the past twenty-three years, most of them from the south-eastern Chinese provinces of Zhejiang and Fujian. The people we sought to get to know circulate and work in the central area of the city, lending Belo Horizonte a distinctive texture of cultural diversity — flavours, aromas, forms, habits and sounds that feel unfamiliar.

Between Worlds

We were well aware, however, that the research could not be conducted without the active involvement of those directly implicated in it. The kind of ethnography we practise is fundamentally a collaborative endeavour. Throughout the project, our aim was to approach the research as the narrative of a shared space of encounter, rather than as an “objective” portrayal of a given “social reality”. As a collaborative construction, ethnography unfolds through co-presence, which gradually turns into relations of exchange.

“What exactly are you doing — is this research? And what do you actually do for a living?” Questions like these were not uncommon among the traders. It soon became clear that academic life is neither a familiar nor an obvious category for many of them.² The distance between us was not only linguistic, cultural or national; it also reflected the gap between two very different domains of life — the academic world and everything that lies beyond it. In this case, that “beyond” was transnational popular commerce.

Through our persistent yet patient presence in the field, we gradually earned trust, friendship and meaningful exchanges. What had begun as research slowly became something we could share with the Chinese traders. In the space that both separated and connected us, we sought to turn the research itself into a common ground.

On 24 November 2024, through the Confucius Institute, we were invited to a barbecue at a smallholding in the metropolitan region of Belo Horizonte, belonging to a well-established Chinese trader who had been living in the city for around twenty-five years. We joined in the preparation of typical dishes such as sweet potato soup, jiaozi, baos, beggar’s chicken and Peking duck, among others whose names and flavours were still unfamiliar to us. The women, of different ages, went out to the vegetable garden behind the house to pick chrysanthemum leaves. “Let’s pick some Chinese greens,” one of them said. “They’re so expensive

² Wagner, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu, 2017.

in Brazilian supermarkets — when you can even find them!” We heard repeatedly how difficult it often is to feel at home, and how much work is required to make it happen. But what does “feeling at home” actually mean for them? Are home and community fixed, stable categories, or are they more like fleeting, momentary experiences — something that happens, for instance, while cooking together?

In the course of 2025, we grew closer to those who had shown themselves open and sympathetic to the research — the people with whom we were beginning to exchange stories, memories, questions, recipes, doubts and aspirations. Mandarin remained both beautiful and largely opaque to us. The presence of two interpreters helped put the participants at ease, as did the participation of Jiawei Zhao, a Chinese researcher based in London. She spent three months in Belo Horizonte carrying out interviews and examining the local dynamics of transnational migration in connection with the popular economy. Her presence made many people feel more comfortable with the research and more willing to express themselves in their own language.

From that point onwards, we shared with our research companions a proposal: to produce an exhibition together, one that would explore their memories, their role as active agents in the history and transformation of the city, and the richness and complexity of their presence. The exhibition would present transnational popular economies as viewed from below — grounded in the experiences, practices and narratives of those who construct it on a daily basis. It was scheduled to open in December 2025 at the UFMG museum in Praça da Liberdade.

Explaining the idea of the exhibition was not straightforward. Once again, the difficulty went beyond language — whether Mandarin, English or Portuguese. When we spoke about the museum that would host the exhibition, located in a well-known square in the city, the word seemed so removed from their daily reality that the idea of their life stories occupying a museological space for public viewing felt almost unimaginable. At every meeting, we had to give concrete meaning to the terms we used most often: research, exhibition, museum. We tried to spend more time in this space of translation, gradually building a shared vocabulary around a project that could genuinely belong to all of us.

The Exhibition as a Common Domain or a Shared Ethnography

“An art exhibition? But I’m not an artist!” This was the response we often received from the traders we invited to help build an exhibition about Chinese migration to Belo Horizonte and everyday life both here and in China. It was only after several meetings that we discovered that some of them were, in fact, artists — Yongbao Liu is a calligrapher and Ji Junqun is a poet. The two were not only traders and migrants — there is always something that leaks out of the frameworks of

sociological and scientific analyses.³ Liu and Junqun played fundamental roles in the process of the collective elaboration of the exhibition.

One afternoon in Shopping Xavantes, where Liu has an electronics shop, he offered us hot Chinese tea with cake bought from a Brazilian street vendor who had just passed through the corridor with her trolley. Seated in the middle of Liu's shop, we drank, ate and talked about the paintings he would make for the cloth banners we wanted to place in the shops of the other exhibition participants. Each shopkeeper had chosen a word to be painted by Liu. He showed us the beautiful calligraphy work he was doing on his mobile phone screen. With help sometimes from his daughter, sometimes from an interpreter from our team, sometimes via Google Translate, our periodic conversations advanced.

Weaving a common domain between uncommon worlds⁴ through the process of the exhibition was the ethnographic action that guided the encounters, the dialogues, the exchanges and the workshops we carried out with the Chinese traders. We can understand it as a double action because at the same time as it was a product of the research, it was also a process.⁵ At once the narrative synthesis of the neighbourhood dynamics between worlds (ethnographic outcome), the exhibition was also the very dynamic of neighbourhood between worlds (ethnographic method). A shared ethnography made by many hands.

Gathered around the production of narratives of the Chinese presence in the city center, we met periodically with two groups of migrants, each from a different generation. The first group was composed of the first generation (in which Liu and Junqun took part); and the second group by young people of the second generation (in which sons and daughters of some of them participated, many already born in Brazil). With the first group, our places of work were the shops themselves. If we had the plan to take them away from there so that we could work in an ideal space and time, we soon realised that this would be impossible.

With the first generation, we developed a kind of mobile workshop. We carried photographs, maps, notebooks and books in our rucksacks and spread them out on the shop counters. There, the materials we brought mingled with the goods on display, and our conversations were constantly interrupted by customers and phone calls. Often, quite unexpectedly, something we had brought would catch their attention and open a few minutes of conversation, sparking memories, reflections and smiles on both sides of the counter.

In Dayuwan's shop, a conversation about diversity led us to a much older story. He told us that he considered the Brazilian people interesting because their

3 Azoulay Ariella Aïsha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2024.

4 Blaser Mario; De La Cadena, Marisol. Os incomuns. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 15, Tradução de Fernanda Regaldo e Renata Marquez p. 74–83, dez. 2021.

5 As Gisela Zapata mentioned at the roundtable discussion about the exposition on June 15th 2026, also included in this book.

diversity resulted from the mixture between Europeans, Africans, indigenous peoples, Arabs and so many other peoples, while, according to him, the Chinese population had remained more homogeneous. In response, we told about research from University of São Paulo (USP) and UFMG that had retraced the ancient human migrations to the Americas, evidencing the Asian ancestry of the indigenous peoples also of Brazil. Upon seeing a photograph of Davi Kopenawa, Dayu was impressed by the similarity of features. The conversation, then, brought Brazil and China closer through a shared history of displacements and ancestries, revealing a fertile path for the exhibition: cultivating mutual approximations and imagining unexpected connections between apparently distant worlds.

Jiawei had mentioned that there was a poet in the local Chinese community. Our presence outside the shops also proved important for building relationships. One Sunday, at Ashu's invitation — the owner of one of the Chinese markets — we attended a Chinese religious service. There, her niece quickly introduced us to the poet. Ji Junqun welcomed the research proposal and confirmed that his work is well known in China; typing his name into a Chinese search engine or AI tool was enough to find it. We exchanged WeChat contacts, and a few days later we visited him in his shop. Junqun is from Qingtian, in Zhejiang province. He belongs to the Chinese Poetry Society and has published work in various outlets in China. From the large collection of poems we were able to access, we selected those that resonated with the narratives we had been hearing from other participants. The five poems that now structure the main narrative threads of the exhibition — Shuttle Flight, Memory, Childhood, Home, and Struggle — are all his.

With the second generation, we arranged regular meetings at the UFMG School of Architecture. Many of them were university students and showed genuine interest in learning more about UFMG and about our work as researchers and professors. We called these meetings "Gathering Memories". They became a space where we discussed the research, shared meals, and learned not only about commercial dynamics, but also about the familial and affective ties that run through what is often referred to as globalisation.

As the proposal became clearer to the participants, they retrieved old family photos and shared their albums in the workshop. The images brought were digitised and printed anew. Together with the photographs we took of their shops, the shared images were cut and reassembled collectively through graphic experimentations – interventions, captions, drawings, overlays and collages. The familial narratives intertwined with a collective history of displacements, conflicts and dreams. The resulting assemblages came to compose the exhibition and this book, conferring other textures to the notion of popular economy and sensitively reconnecting the local with the global.

Objects tied to family stories were also invited into the meetings. In an attempt to activate memory, we brought objects from our own family histories and asked participants about objects they kept because they held special meaning. In the relentless flow of goods and people moving through ports, airports and shops, the act of re-signifying our relationship with objects felt like a promising exercise. Chiara, who runs a wholesale and retail clothing shop, recalled a small suitcase filled with children's clothes that has travelled with her family for decades. Her family is large — she has eight siblings, now scattered across different countries, sent away in search of better lives. Born in Florence, Italy, Chiara arrived in Brazil at the age of five. Her mother had worked as a seamstress in a relative's factory back in Italy. Chiara remembered the day her mother's bag burst while she was making other bags; the suitcase with the children's clothes, carried during the family's many moves between cities, is still kept in a wardrobe in her room. When she asked her mother why she had held on to it for so long, the answer was simple: "Because it's good." Chiara's suitcase story became one of the symbols of the exhibition, composing, along with Lizong's bag,⁶ as well as Junqun's poems, a potent presence on shuttle flight, memory, childhood, home and struggle.

Alongside calligraphy, poetry and objects of affection, photography served as another important mediator in the collaborative workshops. Through photographic images, intergenerational connections were rekindled and long-forgotten memories resurfaced. A photograph of an orange party dress that Vitória Ye Miao had worn as a child reconnected her with her friend Andi Lin, who had once borrowed it. Andi went home to find another photograph in which she, too, was wearing the same dress.

Through the family albums, we learned about visits to China, weddings and funerals, school childhoods and the families' first shops in Brazil. We heard about the difficulty of reconciling childcare with work in commerce and, from a photo of a birthday, Vitória told us about the Brazilian family that took on her care so that her mother could work. The photographic albums awakened memories and future projects.

Around the exhibition, we listened to poems and stories, shared Chinese sweets that brought back childhoods in transit, gathered memories of China and Brazil, revisited urban histories, searched public archives for images, produced new images together in the field, and made collages with everything we collected. The exhibition, as a processual and collaborative construction, became a narrative space in which we could explore, experience and expand our respective imaginaries — a space in which to tell the stories of transnational encounters and mismatches in the Hypercentre. As Tim Ingold has suggested, anthropology

6 See *The travelling bag*, Lizong's essay included in this book.

can be understood as “a way of living life with others”.⁷ In this spirit, we sought to occupy, promote, live and think the space between us — between languages, cultures, cities, worlds, domains of knowledge.

Topography of Transnational Transit in the Museum

From the streets to the museum, the exhibition is an invitation to listening and intercultural dialogue between Brazil and China based on memories from there and from here. On display from 14 December 2025 to 29 June 2026, the exhibition *Transnational Diaries* presented the research “Globalisation from Below: Livelihoods, Trade and Transnationalism in the Brazilian Informal Economy” to a diverse and curious public and unfolded into a complementary programme about the Chinese sky presented in the museum’s planetarium.

Producing an exhibition as a process-product of the research reflects the epistemic interest in communicating it to publics beyond the academic domain. By constructing a place of transnational encounter in the Espaço do Conhecimento UFMG (UFMG Knowledge Space), a museum that integrates the city’s cultural circuit, the exhibition offered, through the sensitive language of art, an open space for lived experience, for learning coexistence and the diversity of worlds, and for the imagination of other possible stories.

The exhibition took the form of an installation made of 42.5 linear metres of printed fabric suspended from the ceiling. The narrative weave of images and texts, developed in the workshops with both generations, created a kind of topography of transit. The choice of a light, easily foldable support was deliberate: conceptually, it evokes the transnational nature of the migrations, kinship networks, exchanges, friendships and geographical connections that run through the stories. Practically, it allows the exhibition to be easily disassembled, packed and reassembled in other venues — such as the Peltz Gallery at Birkbeck, University of London, where it is scheduled to be shown in the second half of 2026. Like Lizong’s travelling bag and those of so many other Chinese migrants, the exhibition carries stories, memories and affects, and can be assembled and reassembled in different places.

From the museum to the streets, we proposed to expand the exhibition space by involving some shops from the circuit of the Chinese popular economy as temporary exhibition places, articulating the UFMG Knowledge Space with the city (and vice versa). Yongbao Liu, the calligrapher, had painted the words that each shopkeeper indicated. Liu’s writings in Mandarin for Remember; Wisdom; Struggle; Long Live Brazil; Peace; Welcome; and I Love BH were reproduced on fabric banners and installed both in the museum and in the respective shops.

⁷ Ingold, Tim. *Antropologia e/como educação*. Tradução de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2020.

On 22 December 2026, we left the museum carrying the seven banners, a ladder and thin steel cables, heading towards the Hypercentre. Along with the banners, we took a set of postcards for free distribution, as an invitation to visit the exhibition and to connect the two spaces — the museum and the shops. The postcards worked as reciprocal invitations: they were also handed out inside the museum, encouraging visitors to walk through Chinese shops and markets in the Hypercentre and to re-signify their experience of cultural coexistence with the local Chinese community.

Several of the families who had taken part in the research attended the exhibition's inauguration. Ashuí, the owner of our favourite little market — where we often exchanged recipes and tried new products — came with her two nieces. Vitória arrived with her friend Andi, who brought her mother, her sister Mila, and other friends. Junqun came with his whole family: his wife and sons Ji, Victor and Kauã. Liu also attended, both to see his calligraphies on display and to visit the exhibition together with Junqun; the two smiled at each other many times throughout the afternoon.

In addition to being easily transportable, the exhibition was also tactile. Instead of the usual “do not touch” of museum conventions, the long strips of printed fabric — playfully referred to as “begonia silk” (now 95% polyester and 5% elastane) — invited visitors to touch and approach. Hung at hand height, the strips encouraged people to pull sections closer to read, allowing readings from both sides of the fabric to intersect, sometimes converge, and become a shared act of seeing and reading together. One wonders whether this experience of encounter could be carried back to the streets of popular commerce — by both the traders and the visitors who met in the museum.

In the end, if we were to tally the results on a calculator that shows its numbers in Mandarin, the main contribution of this experience may not have been simply to make the Chinese presence in Belo Horizonte more visible, but rather to create the conditions for it to be narrated in company. From the streets to the museum and back again, the research — when shared — does more than produce knowledge: it fabricates neighbourhoods between worlds that often remain apart. If the exhibition succeeded in displacing visitors, traders and researchers from their usual positions, even if only momentarily, it was because it managed to turn the space between us into a shared territory of listening, translation and imagination. It is in this unstable space — made of encounters, affects, reciprocities, hesitations and wagers — that the deepest meaning of both ethnography and the exhibition resides: not to represent a world, but to open up possibilities for inhabiting it together.

2024年7月18日，我们首次深入贝洛奥里藏特市中心的大众贸易领域。民族志田野调查是研究项目“从下层看全球化：巴西非正式经济中的生计、贸易与跨国主义”的核心方法论策略之一，该项目由伦敦大学伯克贝克学院与米纳斯吉拉斯联邦大学合作开展。在田野调查的第一天，我们在Praça Sete和Praça da Rodoviária周边行走，并未遇到任何中国商人。我们遇到的街头小贩大多是巴西人，他们出售塑料花和数百张从中国进口的指甲贴纸。

六个月后，我们已经走遍了Hipercentro¹（超级中心）整个4.7平方公里的区域，仔细查看每一家小店的门口。我们绘制了109家中国人业主经营的店铺地图——这一数字此后可能又有所增加。他们中很少有人会说葡萄牙语或对研究表现出很大兴趣，且大多以家庭为单位经营。其中一家位于Avenida Santos Dumont的店铺尤其引起了我们的注意。招牌上写着“Liu Feng”，从名称到陈列的商品，一切都表明这是一家中国店铺。然而，其业主却是巴西人。他解释说，他选择这个中文名字是为了吸引顾客：没有它，就没有人会进来。

该市首个大众购物中心Oiapoque于2003年由市政厅与私营部门合作启动，作为一项将街头小贩从街道上清除的策略（这一举措并非没有争议）。该举措深刻改变了中心区和Hipercentro的商业动态，将数百名小商贩、摊贩和街头小贩集中在一个单一的城市设施中。多年来，该设施在衔接当地大众经济与跨国商品网络方面发挥了核心作用。Oiapoque成为贝洛奥里藏特创建其他大众购物中心的典范，例如不久后建立的Xavantes，以及巴西其他城市。然而，其扩张也揭示了大众商业正规化和城市空间重构过程的复杂性。

不难察觉，在Oiapoque购物中心、Xavantes购物中心及其周边街道，每天都在展开一个平行的中国世界。各种商品——行李箱、电子产品、玩具、服装、仿真首饰、包袋、手机配件、家居用品和工具——通常经由圣保罗从中国运来，然后分发到各店铺或储存在购物中心内或附近的仓库中。

然而，这些空间中流动的并非只有商品。人、语言、情感以及生活方式也同样在流通。中国孩子在走廊的箱子和陈列商品之间玩耍。青少年们在学校考试而学习。巴西员工帮忙照看孩子。家人们在店铺内的小柜台或临时凳子上吃午饭，将商业空间变成了家庭生活的延伸。普通话到处都能听到，由商贩、店主及其家人说着——这种声景能让人一时忘记自己正身处贝洛奥里藏特市中心。

这种在场也体现在文化和教育实践的开展中。多年来，Oiapoque购物中心一直庆祝春节，

1 超级中心(Hipercentro)是贝洛奥里藏特市中心的一个子区域，根据市第7.166/1996号法律被指定为规划区。

汇聚商贩、家庭和访客。在Oiapoque购物中心的五楼和Xavantes购物中心的二楼，中国儿童和青少年——包括移民和第二代巴西人——参加普通话课程，其中一些课程由孔子学院/UFGM合作提供。与其说是一个商业空间，由这两个购物中心及其周边组成的综合体构成了华人社区的生活领地，在这里工作、家庭、教育和文化相互交织。

在Avenida Santos Dumont上，Casa Bambu餐厅供应典型的中国美食。经营它的年轻夫妇几乎不会说葡萄牙语，因此菜单上的图片帮助我们点菜。偶尔会有巴西员工在服务时描述菜肴。该餐厅在午餐时段吸引了稳定的客流。正如Avenida Oiapoque上一家大型店铺的业主之一在谈到世界各地的中国移民和定居现象时所言：“我们有一个秘密武器——美食！”与单纯的经济资源不同，食物在这里发挥着可共享的作用，能够促进相遇并缓和日常共处。除了Casa Bambu，该地区还有另外五家餐厅和两家市场，同时服务于巴西人和中国人。

这是我们首次接近当地华人社区。我们不确定是否能用“单一社区”来指称过去二十三年来抵达该市的多样化移民群体，他们大多来自中国东南部的浙江和福建。我们试图结识的人们在城市中心区域流动和工作，为贝洛奥里藏特增添了一种独特的文化多样性风貌——那些陌生的风味、香气、形态、习惯和声音。

世界之间

然而，我们充分意识到，如果没有直接相关者的积极参与，研究就无法开展。我们所实践的这种民族志本质上是一种协作的事业。在整个项目过程中，我们的目标是将研究视为共享相遇空间的叙事，而不是对某一“社会现实”的“客观”描绘。作为一种协作建构，民族志通过共在展开，并逐渐转化为交换关系。

“你们到底在做什么——这是研究吗？你们实际上靠什么谋生？”这类问题在商贩中并不罕见。很快我们就明白，对于他们中的许多人来说，学术生活既不熟悉也不是一个显而易见的类别²。我们之间的距离不仅在于语言、文化或国籍；它还反映了两种截然不同的生活领域之间的鸿沟——学术世界及其之外的一切。在这种情况下，那个“之外”就是跨国大众商业。

通过我们在田野中持续而耐心的在场，我们逐渐赢得了信任、友谊和有意义的交流。最初作为研究开始的东西慢慢变成了我们可以与中国商贩分享的东西。在既分离我们又连接我们的空间中，我们试图将研究本身转化为共同的基础。

² Wagner, Roy. *A invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Ubu, 2017.

2024年11月24日，通过孔子学院，我们受邀参加贝洛奥里藏特大都会区一处小农场的烧烤聚会，该农场属于一位已在该市生活约二十五年的资深中国商贩。我们加入了典型菜肴的准备工作，如红薯汤、饺子、包子、叫花鸡和北京烤鸭，以及其他一些我们仍不熟悉其名称和风味的菜肴。不同年龄的女性走出屋后的菜园去摘菊花叶。“我们去摘一些中国青菜吧，”其中一人说道。“它们在巴西超市里很贵——如果能找到的话！”我们反复听到，要感觉像在家一样往往很困难，需要付出许多努力才能实现。但“有家的感觉”对他们来说究竟意味着什么？家和社区是固定、稳定的类别，还是更像是短暂、瞬间的体验——例如，一起烹饪时发生的事情？

2025年期间，我们与那些对研究表现出开放和同情态度的人走得更近了——我们开始与他们交换故事、记忆、问题、食谱、疑虑和抱负。普通话对我们来说仍然美丽但在很大程度上仍是晦涩不透明的。两位口译员的存在帮助参与者放松下来，同样还有驻伦敦的中国研究员Jiawei Zhao的参与。她在贝洛奥里藏特待了三个月，进行访谈并考察与大众经济相关的跨国移民本地动态。她的在场让许多人对研究感到更舒适，也更愿意用自己的语言表达自己。

从那时起，我们与研究伙伴们分享了一个提议：共同制作一个展览，该展览将探索他们的记忆、他们作为城市历史与转型中积极行动者的角色，以及他们存在的丰富性和复杂性。该展览将呈现从下层视角看到的跨国大众经济——基于那些每天构建它的人的经验、实践和叙事。它计划于2025年12月在Praça da Liberdade的UFMG博物馆开幕。

解释展览的想法并非直截了当。困难再次超越了语言——无论是普通话、英语还是葡萄牙语。当我们谈到将主办展览的博物馆时，它位于城市的一个知名广场，这个词似乎与他们的日常现实相距甚远，以至于他们的生活故事占据博物馆空间供公众观看的想法几乎难以想象。在每次会议上，我们都必须为我们最常使用的术语赋予具体含义：研究、展览、博物馆。我们试图在这个翻译空间中投入更多时间，逐渐围绕一个真正属于我们所有人的项目建立共享词汇。

展览作为共同领域或共享民族志

“一个艺术展览？但我不是艺术家！”这是我们邀请商贩帮助构建关于中国移民到贝洛奥里藏特以及这里和中国的日常生活的展览时经常收到的回应。直到几次会议之后，我们才发现他们中的一些人实际上是艺术家——Yongbao Liu是书法家，Ji Junqun是诗人。这两人不仅仅是商贩和移民——总有一些东西会从社会学和科学分析的

框架中溢出³。Liu和Junqun在展览的集体构建过程中发挥了根本作用。

在Xavantes购物中心的一个下午，Liu在他的电子产品店里，端来热腾腾的中国茶和从一位刚刚推着手推车经过走廊的巴西街头小贩那里买来的蛋糕。我们坐在Liu店铺中央，喝着、吃着，谈论着他将为我们想放在其他展览参与者店铺的布条横幅上制作的绘画。每位店主都选择了一个由Liu书写的词。他在手机屏幕上向我们展示了正在做的
美丽书法作品。有时得益于女儿的帮助，有时得益于我们团队口译员的帮助，有时通过谷歌翻译，我们的定期对话得以推进。

通过展览过程编织不寻常世界之间的共同领域是指导我们与中国商贩进行的相遇⁴、对话、交流和工作坊的民族志行动。我们可以将其理解为双重行动，因为它既是研究的产物，同时也是一个过程⁵。它既是世界之间邻里动态的叙事综合（民族志成果），展览也是世界之间邻里的动态本身（民族志方法）。由许多双手制作的共享民族志。

围绕着中国人 在Hipercentro存在的叙事生产，我们定期与两组移民会面，每组来自不同世代。第一组由第一代组成（Liu和Junqun参与其中）；第二组由第二代的年轻人组成（其中一些人的儿子女儿参与，许多已经出生在巴西）。对于第一组，我们的工作场所就是店铺本身。如果我们曾计划把他们从那里带走，以便我们能在理想的空间和时间工作，我们很快意识到这是不可能的。

对于第一代，我们开发了一种移动式工作坊。我们在背包中携带照片、地图、笔记本和书籍，并将它们铺在店铺柜台上。在那里，我们带来的材料与展示的商品混杂在一起，我们的谈话不断被顾客和电话打断。经常相当意外地，我们带来的某样东西会引起他们的注意，并开启几分钟的对话，在柜台两边激起记忆、反思和笑容。

在Dayuwan的店铺里，一次关于多样性的谈话让我们追溯到一个更古老的故事。他告诉我们，他认为巴西人民有趣，因为他们的多样性源于欧洲人、非洲人、土著人民、阿拉伯人以及许多其他民族的混合，而据他所说，中国人口保持得更同质。在回应中，我们讲述了USP和UFMG的研究，这些研究追溯了古代人类向美洲的迁移，证明了巴西土著人民也有亚洲血统。看到Davi Kopenawa的照片时，Dayu对特征的相似性印象深刻。于是，这次谈话通过共同的流离和祖先历史将巴西和中国拉得更近，揭示了展览的一条富有成效的路径：培养相互的接近，并想象明显遥远世界之间意想不到的联系。

3 Azoulay, Ariella Aïsha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2024.

4 Blaser, Mario; De La Cadena, Marisol. Os incomuns. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, n. 15, Tradução de Fernanda Regaldo e Renata Marquez p. 74–83, dez. 2021.

5 正如Gisela Zapata在2026年6月15日展览期间举行的圆桌讨论中所述，并已收录于本书中。

Jiawei曾提到当地华人社区有一位诗人。我们在店铺外的在场也证明对建立关系很重要。一个星期天，在Ashui的邀请下——一家中国市场的业主——我们参加了一个中国宗教仪式。在那里，她的侄女很快把我们介绍给诗人。Ji Junqun欢迎研究提议，并确认他的作品在中国广为人知；在中国搜索引擎或AI工具中输入他的名字就足以找到。我们交换了微信联系方式，几天后我们在他的店里拜访了他。Junqun来自青田，浙江。他属于中国诗歌学会，并在中国各种出版物上发表作品。从我们能够访问的大量诗集中，我们选择了那些与我们从其他参与者那里听到的叙事共鸣的诗歌。现在构成展览主要叙事线索的五首诗——航空班机、记忆、童年、家与奋斗——都是他的。

对于第二代，我们在UFMG建筑学院安排了定期会议。他们中的许多人是大学生，对了解UFMG以及我们作为研究人员和教授的工作表现出真诚的兴趣。我们称这些会议为“收集记忆”。它们成为一个空间，我们在其中讨论研究、共享餐食，并不仅了解商业动态，还了解贯穿常被称为全球化的家庭和情感纽带。

随着参与者对提议的理解更加清晰，他们取出旧家庭照片并在工作坊中分享他们的相册。带来的图像被数字化并重新打印。与我们拍摄的他们店铺的照片一起，共享的图像通过图形实验——介入、说明文字、绘画、叠加和拼贴——被集体剪裁和重新组装。家庭叙事与流离失所、冲突和梦想的集体历史交织在一起。由此产生的组合构成了展览和这本书，为大众经济的概念赋予了其他纹理，并敏感地重新连接了地方与全球。

与家庭故事相关的物品也被邀请进入会议。为了激活记忆，我们带来了自己家庭历史中的物品，并询问参与者他们保留的具有特殊意义的物品。在货物和人通过港口、机场和店铺的持续流动中，重新赋予我们与物品关系的意义这一举动感觉像是一个有前景的练习。Chiara，她经营一家批发和零售服装店，回忆起一个装满儿童衣服的小行李箱，它随她的家庭旅行了几十年。她的家庭很大——她有八个兄弟姐妹，现在分散在不同国家，被送走寻找更好的生活。Chiara出生在意大利佛罗伦萨，五岁时来到巴西。她的母亲曾在意大利亲戚的工厂里当裁缝。Chiara记得有一天她母亲的包在做其他包时爆开了；那个装着儿童衣服的行李箱，在家庭多次搬迁时携带，仍然保存在她房间的衣柜里。当她问母亲为什么保留它这么久时，回答很简单：“因为它很好。”Chiara的行李箱故事成为展览的符号之一，与Lizong的包⁶以及Junqun的诗一起，在航空班机、记忆、童年、家和奋斗上构成有力的存在。

与书法、诗歌和情感物品一起，摄影在协作工作坊中充当了另一个重要的媒介。通过摄影图像，代际联系被重新点燃，久被遗忘的记忆重新浮现。Vitória Ye Miao小时候

⁶ 参见收入本书的Li Zong散文《旅行袋》。

穿过的一件橙色派对裙的照片，将她与曾借过它的朋友Andi Lin重新联系起来。Andi回家找到另一张她也穿着同一条裙子的照片。

通过家庭相册，我们了解了去中国的旅行、婚礼和葬礼、学校童年以及家庭在巴西的第一家店铺。我们听说了协调照顾孩子与商业工作的困难，从一张生日照片，Vitória告诉我们一个巴西家庭承担了她的照顾，以便她的母亲能工作。摄影相册唤醒了记忆和未来项目。

围绕展览，我们聆听诗歌和故事，分享带回流动中童年的中国糖果，收集中国和巴西的记忆，重访城市历史，搜索公共档案中的图像，在田野中共同制作新图像，并用我们收集的一切制作拼贴。展览作为过程性和协作性的建构，成为一个叙事空间，我们可以在其中探索、体验和扩展各自的想象——一个讲述Hipercentro跨国相遇和错配故事的空间。正如Tim Ingold所建议的，人类学可以被理解为“与他人一起生活的方式”⁷。本着这种精神，我们试图占据、促进、生活和思考我们之间的空间——语言、文化、城市、世界、知识领域之间的空间。

博物馆中的跨国转运地形

从街头到博物馆，展览是对巴西与中国之间倾听与跨文化对话的邀请，基于来自那里和这里的记忆。展览“跨国日记”于2025年12月14日至2026年6月29日展出，向多样且好奇的公众展示了研究“从下层看全球化：巴西非正式经济中的生计、贸易与跨国主义”，并在博物馆的天文馆中展开了一个关于中国天空的补充节目。

将展览作为研究的过程-产品制作，反映了将研究传达给学术领域之外公众的认识论兴趣。通过在Espaço do Conhecimento UFMG (UFMG知识空间) 构建一个跨国相遇场所——该博物馆整合了城市文化回路——展览通过艺术的敏感语言，提供了一个开放空间，用于生活体验、学习共存和世界的多样性，以及其他可能故事的想象。

展览采取了由42.5米印花织物悬挂在天花板上的装置形式。在与两代人一起的工作坊中开发的图像和文本的叙事编织，创造了一种转运地形。选择轻便、易折叠的载体是深思熟虑的：在概念上，它唤起了贯穿故事的移民、亲属网络、交流、友谊和地理联系的跨国性质。在实践上，它允许展览容易拆卸、打包并在其他场所重新组装——例如伦敦大学伯克贝克学院的Peltz画廊，计划于2026年下半年在那里展出。

⁷ Ingold, Tim. *Antropologia e/como educação*. Tradução de Lucas Mello Carvalho Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2020.

像Lizong的旅行包和许多其他中国移民的包一样，展览承载着故事、记忆和情感，可以在不同地方组装和重新组装。

从博物馆到街头，我们提议通过让中国大众经济回路中的一些店铺作为临时展览场所来扩展展览空间，从而将UFMG知识空间与城市衔接（反之亦然）。书法家Yongbao Liu已经书写了每位店主指定的词。Liu的中文书法——记忆；智慧；奋斗；巴西万岁；和平；欢迎；我爱BH——被复制到布条横幅上，并同时安装在博物馆和各自的店铺中。

2026年12月22日，我们带着七个横幅、一架梯子和细钢缆离开博物馆，前往Hipercentro。除了横幅，我们还带了一套明信片免费分发，作为参观展览和连接两个空间——博物馆和店铺——的邀请。明信片作为相互邀请发挥作用：它们也在博物馆内分发，鼓励访客走过Hipercentro的中国店铺和市场，并重新诠释他们与当地华人社区文化共存的体验。

几位参与研究的家庭参加了展览的开幕式。我们最喜欢的小市场业主Ashui——我们经常在那里交换食谱并尝试新产品——带着她的两个侄女来了。Vitória和她的朋友Andi一起来，Andi带来了她的母亲、妹妹Mila和其他朋友。Junqun带着他的全家：妻子和儿子Ji、Victor和Kauã。Liu也出席了，既是为了看他的书法展出，也是为了和Junqun一起参观展览；整个下午两人多次相视而笑。

除了易于运输外，展览还具有触觉性。与博物馆惯例通常的“请勿触摸”不同，这些印花织物的长条——被戏称为“海棠丝”（现在95%聚酯纤维和5%氨纶）——邀请访客触摸和接近。挂在手高处，这些条带鼓励人们将部分拉近来阅读，允许织物两侧的阅读相交，有时汇聚，成为共同观看和阅读的行为。人们不禁想知道，这种相遇体验是否可以被带回大众商业的街头——由在博物馆相遇的商贩和访客带回。

最终，如果我们用一台以普通话显示数字的计算器来计算结果，这次体验的主要贡献可能不仅仅是让贝洛奥里藏特的中国存在更加可见，而是创造条件让它在陪伴中被叙述。从街头到博物馆再返回，研究——当被分享时——不仅仅产生知识：它在经常保持分离的世界之间编织邻里。如果展览成功地将访客、商贩和研究人员从他们的惯常位置移开，即使只是暂时性的，那是因为它设法将我们之间的空间转变为倾听、翻译和想象的共享领地。正是在这个不稳定的空间——由相遇、情感、互惠、犹豫和赌注构成——民族志和展览的最深意义所在：不是代表一个世界，而是开启共同居住其中的可能性。

Economias populares transnacionais

Transnational Popular Economies

跨国大众经济

Mara Nogueira
João Tonucci

*Vocês sabem quantos chineses existem no Brasil? Um milhão?
Cem mil? Dez mil? Não importa! Se você entrar no Shopping Oiapoque,
vai achar que está na China! [Lizong]*

No Hipercentro de Belo Horizonte, circulam e se misturam cotidianamente milhares de pessoas das mais diversas origens. Trata-se de uma parte da cidade historicamente caracterizada por uma lógica de tolerância que permite a coexistência de práticas econômicas variadas que transitam entre a formalidade e a informalidade. Marcado por essas características, o comércio popular é uma das atividades que ali se desenvolveram desde os primórdios da cidade, servindo como porta de entrada também para imigrantes chineses que chegaram a Belo Horizonte principalmente a partir do final dos anos 1990. Os primeiros, como Lin e Yi, foram vendedores ambulantes antes de se tornarem lojistas, empresários e importadores. Hoje o Hipercentro concentra a maior presença visível de imigrantes em uma cidade onde essa presença é, de modo geral, reduzida. Dinâmico e próspero, o comércio local assume um caráter cada vez mais transnacional, articulando-se a circuitos globais de circulação de mercadorias, processo no qual imigrantes chineses desempenham papel central.

Como nomear essa economia?

Imigrantes chineses operam lojas, em geral e, ao menos inicialmente, de pequeno porte. É comum que a loja seja comandada por um casal e que seus filhos, quando residentes no Brasil, também participem do cotidiano do trabalho. As mercadorias

são importadas da China e, em geral, chegam ao Brasil pelo porto de Santos, sendo transportadas de São Paulo a Belo Horizonte por caminhões que estacionam cotidianamente nas ruas do centro. Os comerciantes tendem a passar a maior parte de seus dias no trabalho, onde é comum encontrá-los almoçando às pressas e, em raros momentos de descanso, jogando cartas, conversando ou fumando nas portas das lojas. Nos meses de férias ou fora do horário escolar, é usual ver crianças chinesas brincando nas lojas ou nos corredores dos shoppings populares. A vida e o trabalho aqui se misturam, assim como as esferas da formalidade e informalidade.

Além dos imigrantes chineses, há uma gama diversa de atores locais que participam do comércio popular. Jovens trabalhadores descarregam mercadorias que chegam em caminhões de portes variados, levando-as para lojas e depósitos no centro. Os ambulantes compram mercadorias nas lojas de atacado para revendê-las (em geral, irregularmente) nas ruas. Trabalhadores brasileiros do comércio popular atuam como empregados nas lojas dos imigrantes, auxiliando principalmente na comunicação com clientes — uma barreira que muitos chineses têm dificuldade de superar. Pequenos lojistas nacionais da capital e do interior revendem mercadorias importadas da China, muitas vezes também compradas dos atacadistas chineses e, em alguns casos, copiando o seu modelo de funcionamento. Nas vitrines das lojas voltadas para as ruas, jovens trabalhadores driblam a proibição ao comércio de rua operando lojas improvisadas. Outros atuam nas portas dos shoppings populares, atraindo clientes em troca de pequenas comissões nas vendas. Esses trabalhadores transitam entre a rua, as lojas e os shoppings, assim como entre diferentes regimes de trabalho. É comum que alternem períodos com carteira assinada com trabalhos sem vínculo formal. Comissões e contratos salariais de boca-a-boca são prática corriqueira. Muitos também complementam a renda com bicos ou trabalham totalmente por conta própria. Para além de classificações simplistas como “economia informal”, “subterrânea” ou “ilegal”, Rosana Pinheiro-Machado¹ nos lembra que as cadeias globais de mercadorias são formadas por bens, serviços, trabalhadores e consumidores que se metamorfoseiam múltiplas vezes entre a condição de formal e informal.

Para além dos atores visíveis no âmbito local, há tantos outros inseridos nesse circuito econômico que se expande transnacionalmente, atravessando fronteiras. Isso inclui, por exemplo, os agentes em Yiwu, cidade industrial chinesa conhecida como um dos maiores centros globais de comércio de pequenos produtos e mercadorias de baixo custo, as famosas “bugigangas”.² Em seu trabalho sobre chineses na Bolívia, Nico Tassi discute a importância dos agenciadores que operam o manejo de pequenos contêineres.³ Essa inovação logística permitiu que o máximo de pequenas quantidades de mercadorias diversas sejam enviadas da China para o mundo (em

1 Pinheiro-Machado, R., 2017. *Counterfeit Itineraries in the Global South: The human consequences of piracy in China and Brazil*. Routledge.

2 Freire, C., 2021. Made in Yiwu: rotas comerciais e agenciamentos migratórios. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, 11(1).

3 Tassi, N., 2015. Pensando el mundo desde los márgenes: la expansión cosmológica y económica de los comerciantes aymaras en Bolivia. Em *Tecnologías en los márgenes: antropología, mundos materiales y técnicas en América Latina*, P. Di Gimniani, S. González, M. Murray y H. Risor (Eds.), pp.43-66. Bonilla Artigas Editores, México.

geral, o Sul Global), tornando possível a comercialização em pequena escala que caracteriza essas economias populares conectadas à globalização.

Também fazem parte dessa rede os familiares dos imigrantes vivendo na China que, muitas vezes, são remunerados pelos imigrantes para realizar o cuidado de seus filhos, educados na China como estratégia de reprodução familiar. Identificadas por Elizabeth L. Krause⁴ em seu trabalho sobre migrantes chineses na Itália, essas configurações familiares distribuídas são centrais para a organização da vida e do trabalho. Redes transnacionais de cuidado são portanto parte constituinte dessa economia que, para além da racionalidade puramente mercadológica, é atravessada por redes de solidariedade que, assim como as transações comerciais, se estendem geograficamente.

Ao longo da nossa pesquisa, um desafio recorrente era que nome usar para descrever essa economia. Em momentos diferentes, utilizamos três diferentes conceitos que aparecem com frequência na literatura: *economia informal*, *globalização por baixo* e *economia popular*. Cada um deles tem sua relevância e suas limitações. Empregá-los na análise ajuda a compreender certos aspectos do fenômeno, mas nenhum dos três consegue captar plenamente a realidade complexa observada em campo.

Economia informal: um termo usual porém impreciso

Essa economia é mais popularmente conhecida como informal. Esse conceito, criado por Keith Hart na década de 1970,⁵ e popularizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT),⁶ busca caracterizar formas de ganhar a vida não reguladas — e muitas vezes não reconhecidas ou até criminalizadas — pelo Estado. A ideia de informalidade circula amplamente tanto no meio acadêmico quanto no cotidiano, sendo de fácil compreensão inclusive por seu uso oficial em estatísticas e relatórios governamentais e internacionais. No entanto, o conceito foi particularmente criticado por colocar em um mesmo conjunto uma série de atividades heterogêneas e, ao mesmo tempo, tratá-las como parte de uma economia inferior e sem forma, de pequena escala e caráter local, fadada ao desaparecimento como resultado do “desenvolvimento”.⁷

No caso observado nesta pesquisa, a noção de informalidade mostra-se claramente imprecisa e insuficiente. Apesar da aparência muitas vezes caótica, as práticas econômicas do comércio popular no Hipercentro são altamente organizadas, articuladas a cadeias globais de produção e circulação de mercadorias e atravessadas por relações relativamente estáveis de trabalho, crédito e confiança. Além disso, produtos e relações de trabalho oscilam constantemente entre a

4 Krause, E.L., 2018. *Tight knit: global families and the social life of fast fashion*. University of Chicago Press.

5 Hart, K., 1973. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. *The journal of modern African studies*, 11(1), pp.61-89.

6 International Labour Office (1972). *Employment, Incomes and Equality: A Strategy for Increasing Productive Employment in Kenya*. Geneva: International Labour Office.

7 Pratt, A., 2019. Formality as exception. *Urban Studies*, 56(3), pp.612-615.

formalidade e a informalidade, tanto ao longo do tempo quanto dentro de uma mesma cadeia econômica. O conceito de economia informal pouco diz sobre essas ambiguidades e praticamente nada explica sobre como esse setor se conecta a circuitos transnacionais de produção e distribuição.

Globalização por baixo: circulação sem reprodução

Outro conceito mobilizado na pesquisa foi o de “globalização por baixo” ou “globalização popular”, traduções do inglês *globalization from below*. Desenvolvido por Alejandro Portes,⁸ este conceito descreve o surgimento nas últimas décadas de imigrantes empreendedores que exploram suas redes transnacionais e as diferenças entre países para gerar ganhos econômicos. Esse conceito ajuda a entender a forma como pequenos comerciantes utilizam estratégias semelhantes às grandes corporações, porém em pequena escala, tornando-se assim agentes ativos — e não apenas vítimas — da globalização.

Essa perspectiva é extremamente útil e sua maior vantagem foi chamar a atenção para o fato de que a globalização não é feita apenas por multinacionais ou elites econômicas. No entanto, ela tende a enxergar as relações sociais sobretudo a partir de sua utilidade econômica: redes de relacionamento transnacionais são descritas primariamente como instrumentos para viabilizar o comércio, reduzir custos e acessar mercados. Nesse sentido, essa abordagem ignora o imbricamento comum entre relações econômicas e as estratégias de reprodução social tão relevantes para a compreensão dos setores populares. Por reprodução social nos referimos ao conjunto de práticas, instituições e relações — como família, moradia, educação, saúde, cuidado e trabalho doméstico — que garantem a manutenção cotidiana da vida e a continuidade da própria sociedade.

No caso dos imigrantes chineses, suas relações transnacionais não se restringem à prática comercial. É comum que as famílias se programem para que os filhos nasçam na China ou que sejam enviados ao país para serem educados no sistema chinês. Nesse caso, o cuidado dos filhos geralmente é realizado por familiares, como avós ou tias, que recebem remessas para cobrir os gastos e, em alguns casos, também remunerar os cuidadores. A organização das responsabilidades familiares e do cuidado se estende em densas redes transnacionais de relacionamentos que também geram laços de obrigação e reciprocidade. De forma semelhante, redes de solidariedade se estendem geograficamente, incluindo também outros países onde se encontram familiares também imigrantes. Os projetos de futuro articulam diversas geografias simultaneamente tanto através de investimentos quanto das redes de relacionamento e cuidado. Nesse contexto, as práticas econômicas dos imigrantes não podem ser compreendidas de forma isolada das estratégias de reprodução social, uma dimensão pouco explorada nas análises da globalização por baixo.

8 Portes, A., 1997. *Globalization from Below: The Rise of Transnational Communities. Working Paper*, Princeton University.

Economia popular: a reprodução na esfera local

Uma crítica importante à noção de economia informal surge na América Latina, com o conceito de economia popular, primeiramente elaborado pelo economista argentino José Luis Coraggio⁹ e pelo economista chileno Luis Razeto¹⁰ no início dos anos 1980. A economia popular seria uma forma de organização da vida econômica (ao contrário de uma economia sem forma) em que a reprodução dos membros da unidade produtiva — em geral familiar, mas não necessariamente — é o objetivo central da atividade, e não a acumulação. Inspirada na visão de Karl Polanyi,¹¹ essa perspectiva enxerga a economia como uma esfera social, enraizada em relações familiares, domésticas e comunitárias. Na economia popular, portanto, a lógica da competição está muitas vezes imbricada e atravessada por densas economias morais refletidas em formas de solidariedade, reciprocidade e obrigação mútua.

Esse conceito foi, mais recentemente, retrabalhado por autores como Veronica Gago¹² e AbdulMaliq Simone,¹³ ganhando novas interpretações à luz da globalização e das transformações neoliberais. Gago ressalta como a subjetividade neoliberal baseada em características como o individualismo e a competitividade acirrados, o empreendedorismo de si e a busca por autonomia são incorporados pelas classes populares, particularmente na América Latina. Essa perspectiva revela como o neoliberalismo não é uma racionalidade imposta apenas “de cima para baixo”, mas é também reapropriada pelas classes populares muitas vezes de forma ambígua e contraditória, “desde abaixo”. Tal reapropriação demonstra como a vida econômica segue atravessada por vínculos sociais e inserida em lógicas cooperativas e territorializadas que o neoliberalismo é incapaz de eliminar. Esta ideia de economia popular possui forte potência analítica e aderência ao nosso campo, mas acreditamos que dois pontos merecem atenção.

O conceito de economia popular tende a privilegiar processos locais e comunitários de reprodução social, pressupondo a copresença territorial da família e das redes de solidariedade. Essa ênfase acaba por naturalizar o local como a principal escala da reprodução social, mostrando-se limitada para compreender contextos marcados pelo transnacionalismo, entendido por Steven Vertovec como a articulação de vínculos e práticas que atravessam fronteiras nacionais.¹⁴ No caso das famílias chinesas, a reprodução social é articulada de forma transnacional, por meio de arranjos familiares dispersos territorialmente, mas sustentados por sentidos compartilhados de pertencimento e bem-estar coletivo. Reconhecer essa dimensão

9 Coraggio, J. L., 1994. *Economía urbana: la perspectiva popular*. Quito: Instituto Fronesis.

10 Razeto, L., 1993. *De la Economía Popular a la Economía de Solidaridad en un Proyecto de Desarrollo Alternativo*. Ciudad de México: Instituto Mexicano de Doctrina Social Cristiana.

11 Polanyi, K., 1944. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*. New York: Farrar & Rinehart.

12 Gago, V., 2017. *Neoliberalism from below: Popular pragmatics and baroque economies*. Duke University Press.

13 Simone, A., 2019. Contests over value: From the informal to the popular. *Urban Studies*, 56(3), pp.616-619.

14 Vertovec, S., 2009. *Transnationalism*. Routledge.

transnacional implica repensar como a economia popular se organiza e se reproduz para além de um único território.

Um segundo ponto a ser levantado é a forte conexão do conceito de economia popular com o contexto latino-americano, onde noções de família e solidariedade possuem conotações específicas. A compreensão da realidade complexa criada pela convivência entre imigrantes chineses e brasileiros revela como tais noções fundamentais possuem significados distintos com consequências para a forma como grupos diversos se relacionam e articulam práticas econômicas com os processos de reprodução social.

Assim, embora os três conceitos analisados — economia informal, globalização por baixo e economia popular — contribuam para compreender e analisar o fenômeno que nossa pesquisa buscou descrever, eles se mostram insuficientes. Propomos, então, a noção de Economia Popular Transnacional que caracteriza mais fielmente não apenas o nosso caso específico, mas também uma série de práticas econômicas localizadas e articuladas simultaneamente em distintas geografias do globo.

O que são economias populares transnacionais?

A noção de Economia Popular Transnacional surge, portanto, como uma tentativa de superar algumas limitações dos conceitos de informalidade e economia popular, articulando-o aos conceitos de globalização por baixo e de transnacionalismo.

Entendemos as Economias Populares Transnacionais como formas de organização econômica em que existe um imbricamento entre as lógicas da reprodução social e da acumulação de capital, estruturadas simultaneamente em múltiplos territórios e articuladas por redes migrantes, logísticas e morais que atravessam fronteiras nacionais. Este conceito nos permite destacar quatro elementos centrais observados no comércio popular de Belo Horizonte, mas facilmente extrapolados para outros contextos e geografias.

1. A natureza transnacional dos produtos e das pessoas

As economias populares transnacionais são constituídas por fluxos intensos de mercadorias, pessoas, capitais, informações e expectativas que atravessam fronteiras nacionais. No caso observado, produtos fabricados ou comercializados na China chegam ao Brasil por meio de circuitos logísticos globais e são redistribuídos em escala urbana, metropolitana e regional a partir do Hipercentro de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, trajetórias migratórias, redes familiares, relações comerciais e conhecimentos práticos conectam continuamente diferentes territórios.

Essa circulação, contudo, não é simétrica nem livre de tensões. As mercadorias chinesas são amplamente desejadas por consumidores e revendidas por lojistas, ambulantes e pequenos comerciantes brasileiros, mas a presença dos imigrantes chineses é frequentemente contestada, marcada por estranhamentos, disputas e hierarquias sociais e morais. Assim, a transnacionalização do comércio popular não apenas conecta China e Brasil, mas também produz na cidade novas formas

de convivência, dependência, concorrência e conflito. Processo semelhante foi descrito por Derek Sheridan no mercado de Kariakoo, Dar es Salam, Tanzânia, onde a crescente presença chinesa rearticula hierarquias locais e é vista com desconfiança.¹⁵

2. A transnacionalização da reprodução social

No caso dos migrantes chineses, ganhar dinheiro no Brasil é apenas uma parte da equação. Filhos muitas vezes são criados na China, cuidados por familiares remunerados; projetos de futuro, educação, investimentos imobiliários e obrigações familiares atravessam fronteiras. A “unidade econômica” da loja e a “unidade familiar” do lar se estendem por diferentes países.

Tais arranjos geram consequências e complexidades em relação à cidadania e ao sentimento de pertencimento. Como a China não permite dupla cidadania, as famílias devem optar sobre a cidadania de seus filhos, o que impacta substantivamente suas oportunidades e opções no futuro. Ao mesmo tempo, a existência transnacional gera estranhamento e dificuldades de adaptação. É comum, entre a segunda geração de imigrantes, um sentimento de deslocamento constante.¹⁶

3. A redefinição de solidariedade, comunidade e conflito

Unidade familiar, solidariedade e comunidade são conceitos centrais na noção de economia popular. Ao pensar nessa economia como transnacional, esses conceitos extrapolam seus significados enraizados no contexto latino-americano. A noção de família, por exemplo, possui um caráter expandido e intergeracional no contexto chinês, com as gerações passadas e futuras ganhando centralidade na compreensão das práticas econômicas e sociais dos imigrantes.

De forma similar, solidariedade e comunidade ganham novos significados em espaços transnacionais. Solidariedade pode ser fortemente baseada em pertencimentos étnicos ou regionais; cooperação pode coexistir com exploração; e conflitos não são exceção, mas parte constitutiva dessas economias.

4. A centralidade urbana dos circuitos transnacionais

As economias populares transnacionais ganham forma concreta na centralidade do espaço urbano, especialmente em áreas populares como o Hipercentro de Belo Horizonte.¹⁷ É ali, entre lojas, galerias, shoppings populares, ruas e calçadas, que se articulam circulação de mercadorias, trabalho, consumo, sociabilidade, cooperação e conflito. O comércio popular urbano torna-se, assim, um espaço central de convivência no qual emergem tensões interétnicas, formas ambíguas de solidariedade, trocas cotidianas e muitos hibridismos.

15 Sheridan, D., 2022. “We Are Now the Same”: Chinese Wholesalers and the Politics of Trade Hierarchies in Tanzania. *The China Quarterly*, 250, pp.376-396.

16 Ver também Jiawei Zhao, *Em busca do lar*, neste volume.

17 Ver também Priscila Musa, *Chinatown aqui*, neste volume.

Esse espaço é também marcado por uma espécie de domesticidade pública: alimentação, descanso, cuidado infantil, comunicação com familiares distantes e vida familiar se misturam ao trabalho e à venda. Crianças brincam entre mercadorias, refeições são feitas no balcão, casais administram lojas e conversas por aplicativos que conectam Belo Horizonte à China e a outros lugares. A cidade, portanto, não é apenas cenário dessas economias, mas o lugar e a escala onde elas se desenham, se praticam e se tornam socialmente visíveis.

Conclusão: a Economia Popular Transnacional e suas fronteiras

A noção que adotamos de Economia Popular Transnacional permite, em primeiro lugar, nomear um conjunto de práticas que escapam às categorias da informalidade, da economia popular e da globalização por baixo. O que observamos no comércio popular de Belo Horizonte não é uma economia “sem forma”, marginal ou meramente local, mas uma forma altamente organizada de articulação multi-territorial entre trabalho, comércio, migração, família, crédito, logística e cuidado. Trata-se de uma economia que atravessa continuamente fronteiras entre formalidade e informalidade, entre pequena escala e circuitos globais, entre estratégias de sobrevivência e dinâmicas de acumulação.

Em segundo lugar, o conceito permite deslocar o foco da circulação de mercadorias para a reprodução social transnacional que sustenta essas práticas econômicas. No caso dos imigrantes chineses, as lojas, os shoppings populares e as ruas do Hipercentro são apenas uma das pontas de circuitos mais amplos que envolvem cidades industriais chinesas, redes familiares geograficamente dispersas, remessas, cuidado de crianças, projetos educacionais, investimentos e expectativas de futuro. A economia, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como troca mercantil: ela está enraizada em obrigações familiares, vínculos morais, formas de solidariedade e conflitos que se organizam simultaneamente em diferentes territórios.

Por fim, falar em economias populares transnacionais ajuda a compreender como a globalização é produzida também a partir de baixo, mas sem reduzir esses atores a empreendedores individuais movidos apenas pela oportunidade econômica. O conceito evidencia a coexistência contraditória entre cooperação e competição, solidariedade e exploração, pertencimento e deslocamento, integração econômica e tensão social. Ao mesmo tempo, permite entender como o comércio popular urbano é reconfigurado por fluxos globais de mercadorias, pessoas e valores, sem perder de vista sua ancoragem cotidiana nos territórios populares da cidade. Com isso, ganhamos uma chave analítica capaz de apreender a complexidade dessas economias como formas populares, transnacionais e socialmente enraizadas de produção da vida urbana.

Com sua expansão crescente, as dinâmicas dessa Economia Popular Transnacional estão em constante rearticulação. Mais recentemente, o crescimento de lojas de maior porte e a popularização do comércio digital acarretam mudanças importantes, com efeitos ainda incertos para os shoppings populares e pequenos

lojistas. Esse contexto favorece uma concentração cada vez maior de recursos nas mãos de poucos atores, o que pode acarretar a subordinação da lógica de reprodução social à acumulação de capital, colocando em risco o caráter popular dessa economia. Esse processo aprofunda hierarquias econômicas, ameaçando a continuidade de modos de vida urbana historicamente ancorados em arranjos familiares, redes de solidariedade e estratégias de reprodução coletiva.

Do you know how many Chinese people there are in Brazil? A million? A hundred thousand? Ten thousand? It does not matter! If you enter the Oiapoque Shopping Centre, you will think you are in China! [Lizong]

In the Hypercentre of Belo Horizonte, thousands of people from the most diverse origins circulate and mix on a daily basis. This is a part of the city historically characterised by a logic of tolerance that allows the coexistence of varied economic practices that move between formality and informality. Marked by these characteristics, popular trade is one of the activities that developed there since the city's earliest days, also serving as an entry point for Chinese immigrants who arrived in Belo Horizonte mainly from the late 1990s onwards. The first ones, such as Lin and Yi, were street vendors before becoming shopkeepers, entrepreneurs and importers. Today the Hypercentre concentrates the largest visible presence of immigrants in a city where this presence is, in general, reduced. Dynamic and prosperous, local trade is becoming increasingly transnational, linking to global trade circuits, a process in which Chinese immigrants play a central role.

How to name this economy?

Chinese immigrants operate shops that are generally small, at least initially. It is common for the shop to be run by a couple and for their children, when resident in Brazil, to also participate in the daily work routine. The goods are imported from China and, in general, arrive in Brazil via the port of Santos, being transported from São Paulo to Belo Horizonte by lorries that park daily on the streets of the centre. The shopkeepers tend to spend most of their days at work, where it is common to find them grabbing a quick meal and, in rare moments of rest, playing cards, talking or smoking at the shop doors. During holiday months or outside school hours, it is usual to see Chinese children playing in the shops or in the corridors of the popular shopping centres. Life and work here intermingle, as do the spheres of formality and informality.

In addition to the Chinese immigrants, there is a diverse range of local actors who participate in popular trade. Young workers unload goods arriving in lorries of various sizes, taking them to shops and warehouses in the centre. Street vendors buy goods from wholesale shops to resell them (generally irregularly) on the streets. Brazilian workers in popular trade act as employees in the immigrants' shops, mainly assisting with the communication with customers — a barrier that many Chinese people have difficulty overcoming. Small Brazilian shopkeepers from Belo Horizonte and other towns across the state resell goods imported from China, often also purchased from Chinese wholesalers and, in some cases, copying their business model. In the shop windows facing the streets, young workers circumvent the prohibition on street trading by operating improvised shops. Others work near the entrances of the popular shopping centres, attracting customers in exchange for small commissions on sales. These workers move between the street, the shops and the shopping centres, as well as between different work regimes. It is common for them to alternate periods of formal employment with informal work. Commissions and informal verbal agreements on pay are common practice. Many also supplement their income with side jobs or are entirely self-employed. Beyond simplistic classifications such as “informal economy”, “underground” or “illegal”, Rosana Pinheiro-Machado¹ reminds us that global commodity chains are formed by goods, services, workers and consumers that repeatedly shift between formal and informal.

Beyond the actors visible at the local level, there are many others in this economic circuit that expands transnationally, crossing borders. This includes, for example, agents in Yiwu, a Chinese industrial city known as one of the largest global centres for the trade of small products and low-cost goods.² In his work on Chinese people in Bolivia, Nico Tassi discusses the importance of the agents who operate the handling of small containers.³ This logistical innovation enabled the shipment of small quantities of a wide variety of goods from China to the world (generally, the Global South), making possible the small-scale commerce that characterises these popular economies connected to globalisation.

This network also includes the family members of Chinese immigrants who remain in China. They are often paid by the migrants to care for their children, who are sent to China for their education as part of a broader strategy of family reproduction. Identified by Elizabeth L. Krause⁴ in her work on Chinese migrants

1 Pinheiro-Machado, R., 2017. *Counterfeit Itineraries in the Global South: The human consequences of piracy in China and Brazil*. Routledge.

2 Freire, C., 2021. Made in Yiwu: rotas comerciais e agenciamentos migratórios. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, 11(1).

3 Tassi, N., 2015. Pensando el mundo desde los márgenes: la expansión cosmológica y económica de los comerciantes aymaras en Bolivia. Em *Tecnologías en los márgenes: antropología, mundos materiales y técnicas en América Latina*, P. Di Gimniani, S. González, M. Murray y H. Risor (Eds.), pp.43-66. Bonilla Artigas Editores, México.

4 Krause, E.L., 2018. *Tight knit: global families and the social life of fast fashion*. University of Chicago Press.

in Italy, these family arrangements are central to the organisation of life and work. Transnational care networks are therefore a constitutive part of this economy which, beyond purely market rationality, is also traversed by networks of solidarity that, like commercial transactions, extend geographically.

Throughout our research, a recurrent challenge was what name to use to describe this economy. At different moments, we used three different concepts that appear frequently in the literature: informal economy, globalisation from below and popular economy. Each of them has its relevance and its limitations. Employing them in the analysis helps to understand certain aspects of the phenomenon, but none of the three is able to fully capture the complex reality observed in the field.

Informal economy: a common but imprecise term

This economy is more popularly known as informal. This concept, created by Keith Hart in the 1970s,⁵ and popularised by the International Labour Organization (ILO),⁶ seeks to characterise forms of making a living that are unregulated — and often not recognised or even criminalised — by the state. The idea of informality circulates widely both in academic circles and in everyday life, being easily understood, including through its official use in statistics and governmental and international reports. However, the concept has been particularly criticised for grouping together a wide range of heterogeneous activities while simultaneously treating them as part of an inferior and amorphous economy, small-scale and local in character, destined to disappear as a result of ‘development’.⁷

In the case observed in this research, the notion of informality is clearly imprecise and insufficient. Despite the often chaotic appearance, the economic practices of popular trade in the Hypercentre are highly organised, integrated into global chains of production and circulation of goods and underpinned by relatively stable relations of labour, credit and trust. In addition, products and labour relations constantly shift between formality and informality, both over time and within the same supply chain. The concept of the informal economy says little about these ambiguities and explains practically nothing about how this sector connects to transnational circuits of production and distribution.

5 Hart, K., 1973. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. *The journal of modern African studies*, 11(1), pp.61-89.

6 International Labour Office (1972). *Employment, Incomes and Equality: A Strategy for Increasing Productive Employment in Kenya*. Geneva: International Labour Office.

7 Pratt, A., 2019. Formality as exception. *Urban Studies*, 56(3), pp.612-615.

Another concept mobilised in the research was that of ‘globalization from below’. Developed by Alejandro Portes,⁸ this concept describes the emergence in recent decades of immigrant entrepreneurs who exploit their transnational networks and the differences between countries for economic gains. This concept helps to understand the way in which small traders use strategies similar to those of large corporations, but on a small scale, thus becoming active agents — and not merely victims — of globalisation.

This perspective is extremely useful and its greatest advantage was to draw attention to the fact that globalisation is not made only by multinationals or economic elites. However, it tends to see social relations primarily in terms of their economic utility: transnational networks of relationships are described primarily as instruments to enable trade, reduce costs and access markets. In this sense, this approach ignores the close interconnection between economic relations and social reproduction strategies, which is central to understanding the popular sectors. By social reproduction we refer to the set of practices, institutions and relations — such as family, housing, education, health, care and domestic work — that sustain everyday life and the continuity of society itself.

In the case of Chinese immigrants, their transnational relations are not restricted to commercial practice. It is common for families to plan for their children to be born in China or to be sent to the country to be educated in the Chinese system. In this case, the care of the children is usually carried out by relatives, such as grandparents or aunts, who receive remittances to cover the expenses and, in some cases, also to remunerate the caregivers. The organisation of family responsibilities and care extends into dense transnational networks of relationships that also generate ties of obligation and reciprocity. Similarly, solidarity networks extend geographically, including other countries where relatives of migrants also live. Future projects articulate various geographies simultaneously both through investments and through networks of relationships and care. In this context, the economic practices of the immigrants cannot be understood in isolation from social reproduction strategies, an overlooked dimension in the globalisation from below literature.

8 Portes, A., 1997. *Globalization from Below: The Rise of Transnational Communities. Working Paper*, Princeton University.

Popular economy: reproduction in the local sphere

An important critique of the notion of informal economy emerged in Latin America, with the concept of popular economy, first developed by the Argentine economist José Luis Coraggio⁹ and the Chilean economist Luis Razeto¹⁰ in the early 1980s. The popular economy is a way of organising economic life (as opposed to an amorphous economy) in which the reproduction of the members of the productive unit — generally the family, but not necessarily — is the central objective rather than accumulation. Inspired by the vision of Karl Polanyi,¹¹ this perspective sees the economy as a social sphere, rooted in family, domestic and community relations. In the popular economy, therefore, the logic of competition is often imbricated and traversed by dense moral economies reflected in forms of solidarity, reciprocity and mutual obligation.

More recently, this concept was revisited by authors such as Veronica Gago¹² and AbdulMaliq Simone,¹³ gaining new interpretations in light of globalisation and neoliberal transformations. Gago emphasises how neoliberal subjectivity based on characteristics such as individualism and fierce competitiveness, self-entrepreneurship and the search for autonomy are incorporated by the popular classes, particularly in Latin America. This perspective reveals how neoliberalism is not a rationality imposed only ‘from above, but is also reappropriated by the popular classes often in an ambiguous and contradictory way, ‘from below’. Such reappropriation demonstrates how economic life continues to be traversed by social bonds and shaped by cooperative and territorialised logics that neoliberalism is unable to eliminate. This idea of popular economy has strong analytical power and resonates strongly with our findings, but two aspects deserve further attention.

The concept of popular economy tends to privilege local and community-based processes of social reproduction, presupposing the territorial copresence of family and solidarity networks. This emphasis ends up naturalising the local as the main scale of social reproduction, proving limited for understanding contexts marked by transnationalism, understood by Steven Vertovec as the multiple ties and interactions that connect people and institutions across national borders.¹⁴ In the case of Chinese families, social reproduction is configured in a transnational manner, through geographically dispersed family arrangements, but sustained by a

9 Coraggio, J. L., 1994. *Economía urbana: la perspectiva popular*. Quito: Instituto Frónesis.

10 Razeto, L., 1993. *De la Economía Popular a la Economía de Solidaridad en un Proyecto de Desarrollo Alternativo*. Ciudad de México: Instituto Mexicano de Doctrina Social Cristiana.

11 Polanyi, K., 1944. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*. New York: Farrar & Rinehart.

12 Gago, V., 2017. *Neoliberalism from below: Popular pragmatics and baroque economies*. Duke University Press.

13 Simone, A., 2019. Contests over value: From the informal to the popular. *Urban Studies*, 56(3), pp.616-619.

14 Vertovec, S., 2009. *Transnationalism*. Routledge.

shared sense of belonging and collective well-being. Recognising this transnational dimension implies rethinking how the popular economy organises and reproduces itself beyond a single territory.

A second point concerns the strong association of the concept of the popular economy with the Latin American context, where notions of family and solidarity carry specific meanings. The complex realities created by the coexistence of Chinese and Brazilian immigrants reveal that these fundamental notions are understood differently, with important consequences for how different groups relate to one another and connect economic practices to processes of social reproduction.

Thus, although the three concepts analysed — informal economy, globalisation from below and popular economy — contribute to understanding and analysing the phenomenon that our research sought to describe, they are also insufficient. We therefore propose the notion of Transnational Popular Economy that more faithfully characterises not only our specific case, but also a range of economic practices that are simultaneously rooted in and connected across different geographies of the globe.

What are transnational popular economies?

The notion of Transnational Popular Economy therefore emerges as an attempt to overcome some limitations of the concepts of informality and popular economy, articulating it to the concepts of globalisation from below and transnationalism.

We understand Transnational Popular Economies as forms of economic organisation in which the logics of social reproduction and capital accumulation are intertwined, structured simultaneously across multiple territories and articulated through migrant, logistical and moral networks that cross national borders. This concept allows us to highlight four central elements observed in popular trade in Belo Horizonte, but easily applicable to other contexts and geographies.

1. The transnational nature of products and people

Transnational popular economies are constituted by intense flows of goods, people, capital, information and expectations that cross national borders. In the case we observed, products manufactured or commercialised in China arrive in Brazil through global logistical circuits and are redistributed on an urban, metropolitan and regional scale from the Hypercentre of Belo Horizonte. At the same time, migratory trajectories, family networks, commercial relations and practical knowledge continuously connect different territories.

This circulation, however, is neither symmetrical nor free of tensions. Chinese goods are widely desired by consumers and resold by shopkeepers, street vendors and small-scale Brazilian traders, but the presence of Chinese immigrants is frequently contested, marked by estrangements, disputes and social and moral hierarchies. Thus, the transnationalisation of popular trade not only connects China and Brazil, but also produces in the city new forms of coexistence, dependence, competition and conflict. A similar process was described by Derek Sheridan in the Kariakoo market, Dar es Salaam, Tanzania, where growing Chinese presence reconfigures local hierarchies and is met with suspicion.¹⁵

2. The transnationalisation of social reproduction

In the case of Chinese migrants, making money in Brazil is only part of the equation. Children are often raised in China, cared for by paid relatives; future projects, education, real estate investments and family obligations cross borders. The ‘economic unit’ of the shop and the ‘family unit’ of the home extend across different countries.

Such arrangements produce consequences and complexities in relation to citizenship and sense of belonging. Since China does not allow dual citizenship, families must choose the citizenship of their children, which substantively impacts their future opportunities and options. At the same time, transnational existence generates estrangement and difficulties of adaptation. It is common for members of the second generation of immigrants to experience a constant sense of displacement.¹⁶

3. The redefinition of solidarity, community and conflict

Family unity, solidarity and community are central concepts in the notion of popular economy. When thinking of this economy as transnational, these concepts extrapolate their meanings rooted in the Latin American context. The notion of family, for example, has an expanded and intergenerational character in the Chinese context, with past and future generations gaining centrality in the understanding of the economic and social practices of immigrants.

Similarly, solidarity and community gain new meanings in transnational spaces. Solidarity can be strongly based on ethnic or regional belongings; cooperation can coexist with exploitation; and conflicts are not the exception, but a constitutive part of these economies.

¹⁵ Sheridan, D., 2022. “We Are Now the Same”: Chinese Wholesalers and the Politics of Trade Hierarchies in Tanzania. *The China Quarterly*, 250, pp.376-396.

¹⁶ See also Jiawei Zhao, *In Search of Home*, in this volume.

4. The urban centrality of transnational circuits

Transnational popular economies take concrete form in the centrality of urban space, especially in popular areas such as the Hypercentre of Belo Horizonte.¹⁷ It is there, among shops, galleries, popular shopping centres, streets and pavements, that the circulation of goods, work, consumption, sociability, cooperation and conflict are articulated. Urban popular trade thus becomes a central space of coexistence in which interethnic tensions, ambiguous forms of solidarity, daily exchanges and many hybridisms emerge.

This space is also marked by a kind of public domesticity: food, rest, child care, communication with distant relatives and family life mix with work and sales. Children play among goods, meals are made at the counter, couples manage shops and conversations via apps that connect Belo Horizonte to China and other places. The city, therefore, is not just the backdrop for these economies, but the place and scale where they are drawn, practised and become socially visible.

Conclusion: the Transnational Popular Economy and its boundaries

The notion we adopt of Transnational Popular Economies allows, firstly, to name a set of practices that escape the categories of informality, popular economy and globalisation from below. What we observe in popular trade in Belo Horizonte is not an amorphous economy, marginal or merely local, but a highly organised form of multi-territorial articulation between work, trade, migration, family, credit, logistics and care. It is an economy that continuously crosses the boundaries between formality and informality, small scale and global circuits, survival strategies and accumulation dynamics.

Secondly, the concept shifts the analytical focus from the circulation of goods to the transnational practices of social reproduction that sustain these economies. In the case of Chinese immigrants, the shops, popular shopping centres and streets of the Hypercentre are only one end of a broader circuit that involves Chinese industrial cities, geographically dispersed family networks, remittances, child care, educational projects, investments and future expectations. The economy, in this sense, cannot be understood merely as mercantile exchange: it is rooted in family obligations, moral bonds, forms of solidarity and conflicts that are organised simultaneously in different territories.

Finally, speaking of transnational popular economies helps to understand how globalisation is produced also from below, but without reducing these actors to individual entrepreneurs driven only by economic opportunity. The

17 See also Priscila Musa, *Chinatown Here*, in this volume.

concept evidences the contradictory coexistence between cooperation and competition, solidarity and exploitation, belonging and displacement, economic integration and social tension. At the same time, it allows us to understand how urban popular trade is reconfigured by global flows of goods, people and values, without losing sight of its daily anchorage in the popular territories of the city. With this, we gain an analytical key capable of apprehending the complexity of these economies as popular, transnational and socially rooted forms of urban life production.

With its expansion, the dynamics of this transnational popular economy are constantly reconfigured. More recently, the growth of larger stores and the popularisation of digital trade bring important changes, with still uncertain effects for popular shopping centres and small shopkeepers. This context favours an ever greater concentration of resources in the hands of a few actors, which may lead to the subordination of the logic of social reproduction to capital accumulation, putting at risk the popular character of this economy. This process deepens economic hierarchies, threatening the continuity of urban ways of life historically anchored in family arrangements, solidarity networks and collective reproduction strategies.

你们知道巴西有多少中国人吗？一百万？十万？一万？没关系！如果你进入Oiapoque购物中心，你会以为自己在中国！[Lizong]

在贝洛奥里藏特的超中心，每天有来自不同起源的数千人流通并混合。这是城市的一个历史部分，以宽容的逻辑为特征，允许各种在正式与非正式之间流动的经济实践共存。以这些特征为标志，民间贸易是自城市早期以来在那里发展起来的活动之一，也充当了主要从1990年代末开始抵达贝洛奥里藏特的中国移民的入口。第一批，如Lin和Yi，是流动摊贩，后来成为店主、企业家和进口商。今天，超中心集中了该城市中最大的可见移民存在，而这种存在总体上是减少的。动态而繁荣，当地贸易正呈现出日益跨国的特征，与全球商品流通的电路相连接，在这一过程中，中国移民发挥着核心作用。

如何命名这种经济？

中国移民经营着商店，通常（至少最初）规模较小。商店往往由一对夫妇经营，他们的孩子若居住在巴西，也会参与日常工作。商品从中国进口，一般经由桑托斯港抵达巴西，由每天停靠在市中心街道的卡车从圣保罗运送至贝洛奥里藏特。店主们往往将大部分时间

跨国大众经济

用于工作，在那里常见他们匆匆用餐，在罕见的休息时刻，在店门口打牌、交谈或吸烟。在假期月份或课余时间，通常可以看到中国孩子在商店或大众购物中心的走廊里玩耍。这里，生活与工作交织在一起，正式与非正式的领域亦然。

除了中国移民外，还有各种当地行为者参与民间贸易。年轻工人卸载来自不同大小卡车的货物，将它们运到市中心的商店和仓库。流动摊贩从批发商店购买商品（通常不规则地）在街头转售。巴西民间贸易工人作为移民商店的雇员，主要协助与客户的沟通——这是许多中国人难以克服的障碍。来自首都和内陆的巴西小型店主转售从中国进口的商品，往往也从中国批发商处购买，在某些情况下复制他们的经营模式。在面向街道的商店橱窗中，年轻工人通过经营临时商店来规避街头贸易禁令。其他人在大众购物中心门口工作，通过销售小额佣金吸引客户。这些工人在街道、商店和购物中心之间流动，以及在不同的工作制度之间流动。他们通常在有正式雇佣合同的时期与没有正式联系的工作之间交替。佣金和口头薪资合同是常见做法。许多人还通过兼职工作补充收入或完全自营职业。除了“非正式经济”、“地下”或“非法”等简化分类外，Rosana Pinheiro-Machado¹提醒我们，全球商品链由商品、服务、工人和消费者组成，他们在正式和非正式条件之间多次变形。

除了当地可见的行为者外，还有许多其他人参与这个跨国扩展的经济电路，跨越边界。这包括例如义乌的代理商，义乌是中国工业城市，以全球小型产品和低成本商品贸易的最大中心之一而闻名，即著名的“小玩意儿”。²在关于玻利维亚中国人的工作中，Nico Tassi讨论了经营小型集装箱的代理商的重要性。³这种物流创新使得大量的小型多样商品可以从中国发送到世界（一般是全球南方），使与全球化相连的这些民间经济的小规模商业化成为可能。

这个网络还包括居住在中国的移民家庭成员，他们往往由移民支付报酬来照顾他们的孩子，这些孩子在中国接受教育作为家庭再生产的策略。由Elizabeth L. Krause⁴在其关于意大利中国移民的工作中识别，这些分散的家庭配置对于生活和工作的组织至关重要。因此，跨国护理网络是这种经济的一个组成部分，这种经济超越了纯粹的市场理性，被类似商业交易的团结网络所穿越，这些网络在地理上延伸。在我们的整个研究中，一个反复出现的挑战是该用什么名字来描述这种经济。在不同

1 Pinheiro-Machado, R., 2017. *Counterfeit Itineraries in the Global South: The human consequences of piracy in China and Brazil*. Routledge.

2 Freire, C., 2021. Made in Yiwu: rotas comerciais e agenciamentos migratórios. *Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar*, 11(1).

3 Tassi, N., 2015. Pensando el mundo desde los márgenes: la expansión cosmológica y económica de los comerciantes aymaras en Bolivia. Em *Tecnologías en los márgenes: antropología, mundos materiales y técnicas en América Latina*, P. Di Gimniani, S. González, M. Murray y H. Risor (Eds.), pp.43-66. Bonilla Artigas Editores, México.

4 Krause, E.L., 2018. *Tight knit: global families and the social life of fast fashion*. University of Chicago Press.

时刻，我们使用了文献中频繁出现的三个不同概念：非正式经济、自下而上的全球化以及大众经济。它们每个都有其相关性和局限性。在分析中使用它们有助于理解现象的某些方面，但这三个都无法完全捕捉在实地观察到的复杂现实。

非正式经济：一个常见但不精确的术语

这种经济更普遍地被称为非正式的。这个概念由Keith Hart在1970年代创立，⁵并由国际劳工组织（ILO）推广，⁶旨在描述国家未监管的生活方式——往往未被认可甚至被定罪。非正式性的想法在学术界和日常生活中广泛流传，包括通过其在政府和国际统计和报告中的官方使用，也容易理解。然而，这个概念特别受到批评，因为它将一系列异质活动放在同一个集合中，同时将它们视为低等、无定型、小规模和地方性的经济，作为“发展”的结果注定消失。⁷

在本次研究观察到的案例中，非正式性的概念显然是不精确和不足的。尽管外观往往混乱，超中心民间贸易的经济实践是高度有组织的，与全球生产和商品流通链相连，并被相对稳定的劳动、信贷和信任关系所穿越。此外，产品和劳动关系在正式和非正式之间不断波动，无论是随着时间还是在同一条经济链内。非正式经济概念对这些模糊性几乎没有说明，对这个部门如何与跨国生产和分配电路相连几乎没有解释。

自下而上的全球化：流通而无再生产

研究中引入的另一个概念是“自下而上的全球化”或“大众全球化”，这是英语“globalization from below”的翻译。由Alejandro Portes⁸发展，这一概念描述了近几十年来移民企业家利用其跨国网络和国家间差异来产生经济收益的出现。这一概念有助于理解小商人如何使用与大公司类似的策略，但规模较小，从而成为全球化的积极主体——而不仅仅是受害者。

这一视角极其有用，其最大优势是提请注意这样一个事实：全球化不仅仅由跨国公司或经济精英创造。然而，它倾向于主要从其经济效用来看待社会关系：跨国关系网络主要被描述为实现贸易、降低成本和进入市场的工具。在这个意义上，这种方法忽视了经济关系与社会再生产策略之间的常见交织，而后者对于理解民间部门至关重要。我们所说的社会再生产是指确保日常生活维持和社会自身连续性的一系列实践、

5 Hart, K., 1973. Informal income opportunities and urban employment in Ghana. *The journal of modern African studies*, 11(1), pp.61-89.

6 International Labour Office (1972). *Employment, Incomes and Equality: A Strategy for Increasing Productive Employment in Kenya*. Geneva: International Labour Office.

7 Pratt, A., 2019. Formality as exception. *Urban Studies*, 56(3), pp.612-615.

8 Portes, A., 1997. *Globalization from Below: The Rise of Transnational Communities*. Working Paper, Princeton University.

制度和关系——如家庭、住房、教育、卫生、护理和家务劳动。

在中国移民的情况下，他们的跨国关系不仅限于商业实践。家庭通常计划让孩子在中国出生或被送到该国接受中国教育。在这种情况下，孩子的照顾通常由亲属如祖父母或阿姨进行，他们收到汇款来支付费用，在某些情况下也支付照顾者的报酬。家庭责任和照顾的组织延伸到密集的跨国关系网络，这些网络也产生义务和互惠的纽带。类似地，团结网络在地理上延伸，包括其他有移民亲属的国家。未来项目通过投资以及关系和照顾网络同时连接各种地理。在这个背景下，移民的经济实践不能与社会再生产策略孤立理解，这是自下而上全球化分析中很少探索的一个维度。

大众经济：地方范围内的再生产

对非正式经济概念的一个重要批判出现在拉丁美洲，即大众经济概念，首先由阿根廷经济学家José Luis Coraggio⁹和智利经济学家Luis Razeto¹⁰在1980年代初阐述。大众经济是一种经济生活的组织形式（与无定型经济相反），在其中生产单位成员（一般是家庭，但不一定是）的再生产是活动的中心目标，而不是积累。受Karl Polanyi¹¹愿景的启发，这一视角将经济视为一个社会领域，植根于家庭、家庭和社区关系。因此，在大众经济中，竞争逻辑往往与反映在团结、互惠和相互义务形式中的密集道德经济交织并穿越。

这一概念最近被Veronica Gago¹²和AbdulMaliq Simone¹³等作者重新加工，在全球化和新自由主义转型的背景下获得了新的解释。Gago强调，新自由主义主体性基于个人主义、激烈竞争、自我创业和寻求自主等特征，如何被民间阶级吸收，特别是在拉丁美洲。这一视角揭示了新自由主义不仅仅是“自上而下”强加的理性，而且也经常以模糊和矛盾的方式被民间阶级“自下而上”重新占有。这种重新占有表明，经济生活如何继续被社会纽带穿越，并插入新自由主义无法消除的合作和地域化逻辑中。大众经济的这一想法对我们的领域具有强大的分析潜力和依附性，但我们认为有两个点值得注意。

大众经济概念倾向于优先考虑社会再生产的地方和社区过程，预设家庭和团结网络的领土共存。这种强调最终将地方自然化为社会再生产的主要尺度，证明对于理解以跨国主义为标志的背景是有限的，Steven Vertovec将其理解为跨越国家边界的纽带和

9 Coraggio, J. L., 1994. *Economía urbana: la perspectiva popular*. Quito: Instituto Frónesis.

10 Razeto, L., 1993. *De la Economía Popular a la Economía de Solidaridad en un Proyecto de Desarrollo Alternativo*. Ciudad de México: Instituto Mexicano de Doctrina Social Cristiana.

11 Polanyi, K., 1944. *The Great Transformation: The Political and Economic Origins of Our Time*. New York: Farrar & Rinehart.

12 Gago, V., 2017. *Neoliberalism from below: Popular pragmatics and baroque economies*. Duke University Press.

13 Simone, A., 2019. Contests over value: From the informal to the popular. *Urban Studies*, 56(3), pp.616-619.

实践的连接。¹⁴在中国家庭的情况下，社会再生产以跨国方式连接，通过领土分散的家庭安排，但由共享的归属感和集体福祉维持。承认这一跨国维度意味着重新思考大众经济如何在单一领土之外组织和再生产自己。

要提出的第二个点是大众经济概念与拉丁美洲背景的强烈联系，在那里家庭和团结的概念具有特定内涵。对中国和巴西移民共存所创造的复杂现实的理解揭示了这些基本概念如何具有不同含义，并对不同群体相互关系以及将经济实践与社会再生产过程连接的方式产生后果。

因此，尽管所分析的三个概念——非正式经济、自下而上的全球化和大众经济——有助于理解和分析我们的研究试图描述的现象，但它们证明是不足的。因此，我们提出跨国大众经济的概念，它更忠实地描述了不仅是我们具体案例，而且是一系列同时位于并连接在全球不同地理的经济实践。

什么是跨国大众经济？

因此，跨国大众经济的概念出现，作为克服非正式性和大众经济概念某些局限性的尝试，将其与自下而上全球化和跨国主义的概念相连接。

我们将跨国大众经济理解为经济组织形式，其中社会再生产和资本积累的逻辑之间存在交织，同时在多个领土上结构化，并由跨越国家边界的移民、物流和道德网络连接。这一概念使我们能够突出在贝洛奥里藏特民间贸易中观察到的四个中心元素，但容易外推到其他背景和地理。

产品与人员的跨国性

跨国大众经济由跨越国家边界的商品、人员、资本、信息和期望的密集流动构成。在观察到的案例中，在中国制造或商业化的产品通过全球物流电路抵达巴西，并从贝洛奥里藏特的超中心在城市、大都市和区域规模上重新分配。同时，移民轨迹、家庭网络、商业关系和实用知识持续连接不同领土。

然而，这种流通既不对称，也并非不存在张力。中国商品被消费者广泛需求，并由店主、流动摊贩和巴西小规模商人转售，但中国移民的存在经常受到质疑，以陌生感、争端以及社会 and 道德等级为特征。因此，民间贸易的跨国化不仅连接中国和巴西，还在城市中产生新的共存、依赖、竞争和冲突形式。类似的过程由Derek Sheridan在坦桑尼亚达累斯萨拉姆的Kariakoo市场描述，在那里不断增长的中国存在重新连接

¹⁴ Vertovec, S., 2009. *Transnationalism*. Routledge.

地方等级，并被视为怀疑。¹⁵

社会再生产的跨国化

在中国移民的情况下，在巴西赚钱只是等式的一部分。孩子往往在中国长大，由付费亲属照顾；未来项目、教育、房地产投资和家庭义务跨越边界。商店的“经济单位”和家庭的“家庭单位”延伸到不同国家。

此类安排在公民身份和归属感方面产生后果和复杂性。由于中国不允许双重国籍，家庭必须选择孩子的国籍，这实质上影响了他们未来的机会和选择。同时，跨国存在产生陌生感和适应困难。在移民第二代中，持续的位移感很常见。¹⁶

团结、社区与冲突的重新定义

家庭团结、团结精神与社区是大众经济概念的核心概念。当将这种经济视为跨国时，这些概念推断出植根于拉丁美洲背景的含义。例如，家庭的概念在中国背景下具有扩展和代际特征，过去和未来世代在理解移民的经济和社会实践中获得中心地位。

类似地，团结和社区在跨国空间中获得新含义。团结可以强烈基于种族或地区归属；合作可以与剥削共存；冲突不是例外，而是这些经济的构成部分。

跨国电路的城市中心性

跨国大众经济在城市空间的中心性中获得具体形式，特别是在大众区域如贝洛奥里藏特超中心。¹⁷就是在商店、画廊、大众购物中心、街道和人行道之间，商品、劳动、消费、社交、合作和冲突的流通得以连接。因此，城市民间贸易成为共存的中心空间，其中出现族际紧张、模糊的团结形式、日常交流和许多混合体。

这个空间也以一种公共性的家庭生活为标志：食物、休息、儿童护理、与远方亲属的沟通和家庭生活与工作和销售混合。孩子在商品中玩耍，饭菜在柜台制作，夫妇管理商店并通过连接贝洛奥里藏特与中国和其他地方的应用程序交谈。因此，城市不仅仅是这些经济的背景，而是它们被描绘、实践并变得社会可见的地方和尺度。

结论：跨国大众经济及其边界

我们采用的跨国大众经济的概念首先允许命名一套逃脱非正式性、大众经济和自下

15 Sheridan, D., 2022. “We Are Now the Same”: Chinese Wholesalers and the Politics of Trade Hierarchies in Tanzania. *The China Quarterly*, 250, pp.376-396.

16 参见 Jiawei Zhao, 《寻找家园》，本卷。

17 参见 Priscila Musa, 《唐人街在此》，本卷。

而上全球化类别的实践。我们在贝洛奥里藏特民间贸易中观察到的不是“无形”的经济、边缘或仅仅是地方性的，而是工作、贸易、移民、家庭、信贷、物流和护理之间一种高度组织化的、多领土连接的形式。它是一种不断跨越正式与非正式之间、小规模与全球电路之间、生存策略与积累动态之间边界的经济。

其次，这一概念允许将焦点从商品流通转移到支撑这些经济实践的跨国社会再生产。在中国移民的情况下，商店、大众购物中心和超中心的街道只是更广泛电路的其中一端，这些电路涉及中国工业城市、地理分散的家庭网络、汇款、儿童护理、教育项目、投资和未来期望。在这个意义上，经济不能仅仅被理解为商业交换：它植根于家庭义务、道德纽带、团结形式和同时在不同领土上组织的冲突。

最后，谈论跨国大众经济有助于理解全球化如何也从下方产生，但不将这些行为者简化为仅由经济机会驱动的个体企业家。这一概念揭示了合作与竞争、团结与剥削、归属与位移、经济整合与社会紧张之间的矛盾共存。同时，它使我们能够理解城市民间贸易如何被商品、人员和价值的全球流动重新配置，而不忽视其在城市民间领土中的日常锚定。由此，我们获得了一个分析关键，能够把握这些经济作为民间、跨国和社会根植的城市生活生产形式的复杂性。

随着其不断增长的扩张，这一跨国大众经济的动态正处于不断重构之中。最近，大型商店的增长和数字贸易的普及带来了重要变化，对大众购物中心和小店主的影响仍不确定。这一背景有利于资源越来越集中在少数行为者手中，这可能导致社会再生产逻辑从属于资本积累，使这种经济的民间性面临风险。这一过程加深了经济等级，威胁到历史上植根于家庭安排、团结网络和集体再生产策略的城市生活方式的连续性。

Chinatown aqui

Chinatown Here

唐人街在此

Priscila Musa

Uma vasta confluência de pessoas, objetos, mercadorias, práticas econômicas e socioculturais conforma o Hipercentro de Belo Horizonte. A parcela mais adensada da região central da cidade, marcada pela verticalidade de seus edifícios e sua diversidade de usos públicos, comerciais, de serviços e residenciais, constitui um espaço de encontros, confrontos, deslocamentos e permanências. Seu perímetro é delimitado por importantes vias, entre as quais se destacam a Avenida do Contorno, a Avenida Bias Fortes, a Avenida Afonso Pena e a Rua da Bahia. Ao nível da rua, pequenas e grandes lojas integram uma paisagem urbana marcada pela intensa circulação de pessoas. Motos aceleram, carros freiam, ônibus buzina, caixas de som fazem anúncios comerciais, pessoas conversam intensamente, uma criança chora e outra canta, uma garagem sopra a fumaça de fritura do restaurante; escutamos várias vezes as perguntas “O que você precisa, amiga? Posso te ajudar?”. Os viadutos cinzas, as mercadorias multicores, o hotel vermelho e o shopping grafitado compõem uma experiência que evidencia a vitalidade e a diversidade do território, onde múltiplas temporalidades e geografias se entrecruzam cotidianamente.

Foi nesse contexto que identificamos os primeiros vestígios da presença chinesa contemporânea na cidade. As narrativas recolhidas apontam para o final dos anos 1990, quando dois vendedores ambulantes chineses passaram a circular pelo centro, e para o início dos anos 2000 nas imediações do Shopping Oiapoque (mais conhecido como Shopping Oi). Desde então, as atividades comerciais vinculadas a migrantes chineses se expandiram e hoje se concentram principalmente nos shoppings populares Oiapoque e Xavantes e em suas adjacências, entre a Avenida Oiapoque, a Rua Curitiba, a Rua São Paulo, a Rua Guaicurus e a Avenida Santos Dumont. Nesse território, os chineses marcam presença em lojas de artigos diversos, restaurantes, depósitos e outros estabelecimentos comerciais que, para além de sua função econômica, frequentemente se articulam à vida doméstica, funcionando como extensões da casa e abrigando atividades cotidianas realizadas em família. Essa porção do Hipercentro, onde a presença chinesa se tornou particularmente expressiva, já é chamada por algumas pessoas que convivem em seu entorno de “pequena Chinatown belo-horizontina”. Ainda que a expressão simplifique uma realidade muito mais heterogênea e difusa, ela revela o reconhecimento local da crescente presença chinesa na região.

A permanência e a expansão das atividades comerciais chinesas se relacionam às características históricas do próprio Hipercentro. Desde a sua formação, a área consolidou-se como um espaço popular da cidade, condição favorecida pelo histórico de sua ocupação, pela concentração de sistemas de transporte, pela diversidade de usos, pela intensa circulação de pessoas e pela relativa permissividade de seus usos. É um território marcado pela convivência e convivência entre diferentes práticas econômicas e socioculturais, capaz de acolher sucessivas populações migrantes ao longo do tempo. Nesse sentido, o Hipercentro pode ser compreendido como um espaço simultaneamente popular e transnacional, onde distintas trajetórias, origens e redes de circulação encontram condições para se estabelecer, produzir vínculos de pertencimento e reinventar continuamente a vida na cidade.

Para compreender esse processo, é preciso rebobinar a fita da história dessa porção do Hipercentro onde hoje se concentram comerciantes e lojas chinesas. De volta ao passado, Belo Horizonte é uma cidade republicana inventada por decreto, concebida no final do século XIX para se tornar a nova capital de Minas Gerais. Foi erguida sob os signos da modernidade, do progresso e do desenvolvimento. Para a sua construção, foi preciso demolir o Curral Del Rei, a localidade escolhida para ser a nova capital, e desenraizar os modos de vida que o pequeno arraial comportava.

Os registros mais antigos de que dispomos — produzidos pela Comissão Construtora e posteriormente sistematizados pelo historiador Abílio Barreto¹ — indicam que, antes da fundação da capital, a área do atual Hipercentro era conhecida como Vargem da Lagoinha. A palavra “vargem”, sinônimo de várzea, designa terras férteis e cultiváveis situadas às margens de rios e ribeirões — neste caso, do Ribeirão Arrudas. A paisagem que antecedeu a cidade planejada era, portanto, profundamente marcada pela presença das águas.

Daniel Queiroga observa que “na sua geografia original, a região possuía várias pequenas lagoas, formadas pelos córregos do Pastinho, da Lagoinha e pelo Ribeirão Arrudas, que são uma das explicações para o nome do lugar: Lagoinha”². Ao contrário do que sugere o nome no singular, não existia apenas uma pequena lagoa, mas um conjunto de sete lagoas interligadas. Entre elas encontrava-se o Remanso da Lagoinha, formado pelo Ribeirão Arrudas. Se o Remanso não tivesse sido canalizado e parte dele tamponada pela Avenida do Contorno — sobre a qual hoje se apoia um complexo sistema de viadutos —, o Shopping Oiapoque estaria localizado às margens desse antigo Remanso da Lagoinha.

Foi justamente na região da Vargem da Lagoinha que a Comissão Construtora, chefiada pelo engenheiro Aarão Reis, decidiu iniciar a implantação da nova capital. De acordo com a planta cadastral elaborada para a cidade, o futuro bairro comercial ocuparia a faixa de terras que se estende da atual Praça da Estação até a região da Rodoviária. É nesta mesma faixa territorial que hoje se localiza grande parte dos estabelecimentos comerciais chineses. A importância da área para a história de

1 Barreto, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. 2. ed. rev., atual. e anot. 2 vols. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996-1997.

2 Queiroga, Daniel Silva. *Nossas ruas, nosso patrimônio (in)visível: dicionário toponímico da região da Lagoinha*. 1. ed. Belo Horizonte: Instituto de Estudos de Desenvolvimento Sustentável (IEDS), 2021.

Belo Horizonte é notável. Em 1894, próximo à Ponte da Lagoinha (onde fica hoje a estação de metrô da Lagoinha), foi fincada a primeira estaca que marcou a construção do perímetro urbano da futura capital. Em certo sentido, pode-se dizer que Belo Horizonte, de forma material e simbólica, começa a ser construída nesse território.

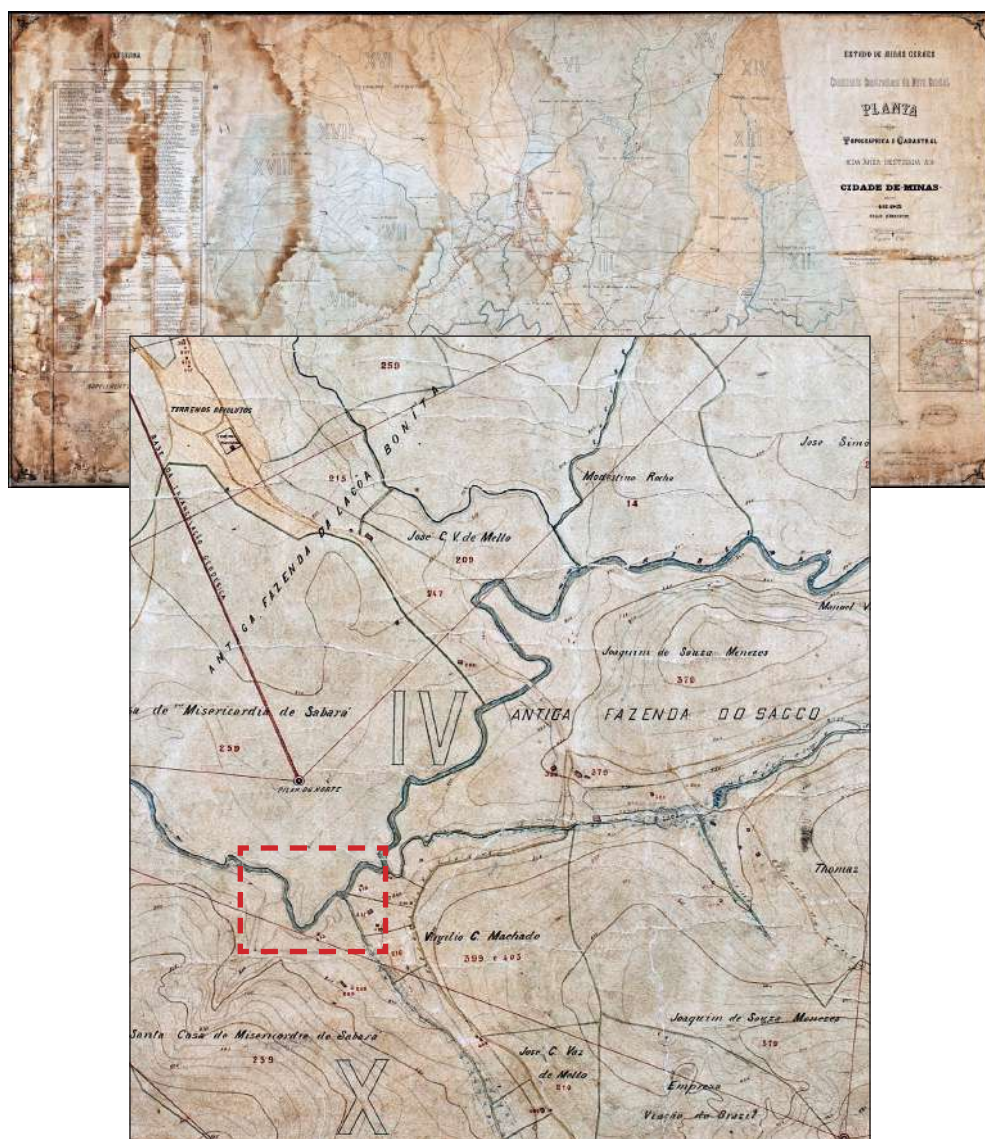
No desenho original elaborado pela Comissão Construtora da Nova Capital, a atual Avenida Santos Dumont chamava-se Avenida do Comércio. Ela conectava a Estação Central ao Mercado Municipal, localizado nas proximidades de onde hoje se encontra a Rodoviária, justamente no ponto de partida da principal avenida da cidade, a Afonso Pena. Ao lado desse conjunto estava a Praça 14 de Fevereiro — data de criação da Comissão Construtora, em uma espécie de auto-homenagem republicana — que ficou conhecida posteriormente como Praça do Mercado e hoje corresponde à Praça Rio Branco (também conhecida como Praça da Rodoviária).

Seria equivocado atribuir à região uma suposta vocação natural para o comércio, como se seu destino estivesse inscrito desde sempre. A Vargem da Lagoinha poderia ter seguido outras trajetórias, algumas até mais compatíveis com a dinâmica ambiental da região. O que se pode afirmar é que, desde os primeiros planos da nova capital, houve um esforço deliberado para destinar essa parcela do território às atividades comerciais e à circulação de mercadorias.

Essa escolha esteve relacionada, em primeiro lugar, à da ferrovia, que, por razões técnicas, costuma ocupar os fundos de vale. A proximidade com a Estação Central (atual Museu de Artes e Ofícios na Praça da Estação) facilitava a entrada e a distribuição de mercadorias, enquanto as Estradas de Venda Nova e de Contagem — atuais ruas Itapeverica e Padre Eustáquio, respectivamente — ampliavam as conexões terrestres da região. Mas havia também uma dimensão simbólica e política nessa organização do espaço.

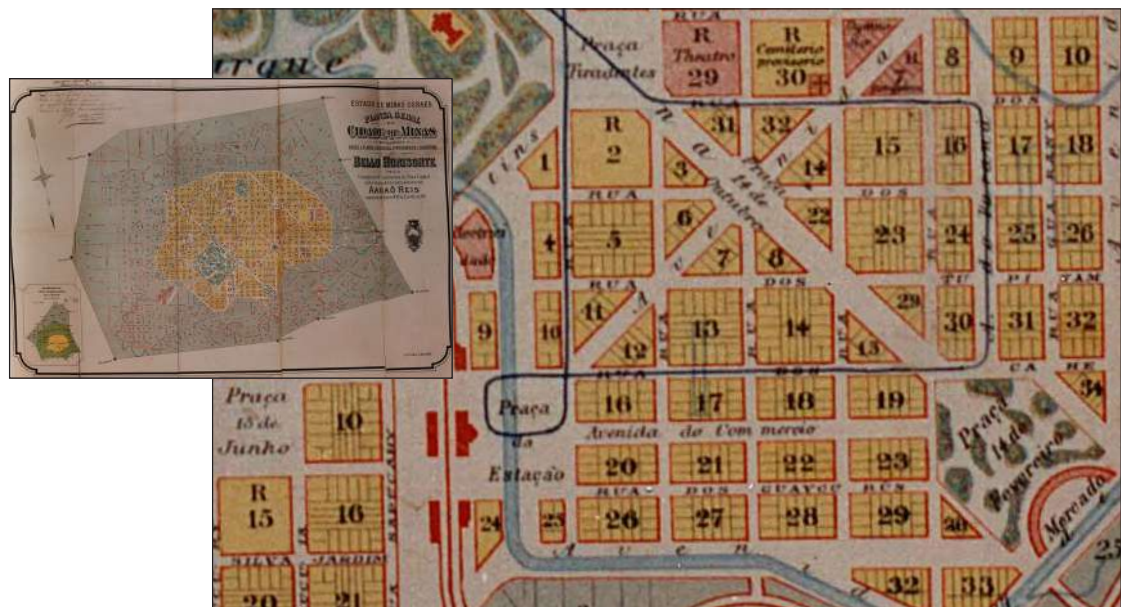
A Praça da Estação foi implantada no ponto mais baixo da malha planejada da cidade. Era o local de chegada dos trabalhadores, dos materiais de construção e da população que se deslocava para a nova capital. No extremo oposto, em posição elevada, localizava-se a Praça da Liberdade, sede do poder político estadual. A disposição espacial expressava uma hierarquia bastante concreta: as pessoas chegavam por baixo, enquanto o poder se instalava por cima. Entre esses dois pontos estavam as igrejas da Boa Viagem e de São José, ocupando uma posição intermediária — uma inversão significativa em relação às cidades coloniais mineiras, onde os templos religiosos costumavam dominar os pontos mais altos da paisagem urbana.

Junto à Estação Central concentraram-se, portanto, os equipamentos ligados ao abastecimento e ao comércio: a Avenida do Comércio, o Mercado Municipal e diversas atividades associadas à circulação de mercadorias e de pessoas. Inaugurado em 1900, o Mercado Municipal rapidamente se tornou um dos principais espaços de abastecimento da cidade. Entretanto, apenas vinte e nove anos depois, foi demolido no bojo dos projetos de modernização urbana. A alegação era de que o mercado possuía a aparência de uma “feira de interior”, incompatível com a imagem de progresso que se desejava construir para a capital.



Cartografias do Hipercentro de Belo Horizonte na liminaridade da Lagoinha. Acima, mapa da Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC), evidenciando as lagoas e o remanso do Ribeirão Arrudas. À direita, acima, detalhe da planta da cidade elaborada pela CCNC, destacando Avenida do Comércio e Praça do Mercado; abaixo mapa elaborado a partir do trabalho de campo indicando a localização dos estabelecimentos de proprietários chineses. Os mapas evidenciam a configuração desse território como área comercial, que hoje abriga a principal concentração do comércio de migrantes chineses em Belo Horizonte — a “Chinatown” belo-horizontina. Fontes dos mapas históricos / Sources of the historical maps / 历史地图资料来源: Arquivo Público Mineiro e Museu Histórico Abílio Barreto.

Cartographies of Belo Horizonte's Hipercentro in the liminality of Lagoinha. Above: map from the Comissão Construtora da Nova Capital (CCNC or New Capital Construction Commission in English), showing the lagoons and the remanso of the Ribeirão Arrudas. On the right, above: detail of the city plan prepared by the CCNC, highlighting Avenida do Comércio (Commerce Avenue) and Praça do Mercado (Market Square); below: map drawn from fieldwork indicating the locations of establishments owned by Chinese. The maps evidence the configuration of this territory as a commercial area that today hosts one of the main concentrations of Chinese migrant commerce, Belo Horizonte's “Chinatown”.



贝洛奥里藏特超级中心在 Lagoinha 的阈限地带制图。上方为新首都建设委员会 (Comissão Construtora da Nova Capital, CCNC) 的地图，呈现湖泊与 Ribeirão Arrudas 的回水区。右侧上方为 CCNC 绘制的城市平面图细节，突出商业大道 (Avenida do Comércio) 与市场广场 (Praça do Mercado)；下方为根据田野调查绘制的地图，显示中国业主商业场所的位置。这些地图表明该领土作为商业区的布局，如今成为贝洛奥里藏特中国移民商业的主要集中地——贝洛奥里藏特的“唐人街”。

Por trás desse discurso modernizador encontrava-se também uma questão social. A área comercial da cidade havia sido apropriada por grupos populares: imigrantes empobrecidos vindos da Europa, especialmente italianos e portugueses, populações afrodescendentes, comerciantes sírio-libaneses e migrantes provenientes de diferentes regiões do Brasil. O espaço planejado para o comércio tornou-se também um espaço de encontro entre populações diversas, produzindo formas de sociabilidade e de economia que escapavam ao controle do planejamento.

Ao longo do século XX, essa centralidade popular foi reforçada pela estrutura dos transportes urbanos. Inicialmente pelos bondes, depois pelos ônibus e, mais recentemente, já no século XXI, pelos corredores dos ônibus do MOVE, sistema de transporte rápido. A região passou a concentrar fluxos cotidianos de trabalhadores, consumidores e prestadores de serviços que cruzavam a cidade para organizar sua vida diária. Posteriormente, a instalação da Rodoviária acrescentou os fluxos intermunicipais, enquanto a Rua dos Caetés e a Avenida Santos Dumont se consolidaram como importantes eixos de conexão metropolitana.

A presença popular também se manifestou na própria organização socioespacial da cidade. Como demonstra Nice Vilela em sua análise sobre a formação do Hipercentro de Belo Horizonte, já ao final da década de 1920 a área central apresentava uma clara diferenciação interna: na porção norte, próxima à Estação Ferroviária e à Praça do Mercado, consolidava-se um centro popular marcado pela intensa circulação de trabalhadores e pelas atividades comerciais voltadas às camadas populares, em contraste com a porção sul, onde se concentravam as funções administrativas e os setores mais valorizados da cidade. Desde os primeiros anos de Belo Horizonte, e ao longo de toda a sua trajetória histórica, essa área — posteriormente identificada por diversos autores como o baixo centro de Belo Horizonte — foi profundamente marcada pelo comércio popular.

Até o final da década de 1940, essa região de baixo também concentrava parte importante das atividades industriais de Belo Horizonte. Esse quadro começou a se modificar com a inauguração da Cidade Industrial, em Contagem, que atraiu progressivamente fábricas e investimentos para fora da área central. Como herança desse passado industrial, permaneceram na região galpões e edificações de grande e médio porte, características que posteriormente favoreceram a instalação de atividades comerciais atacadistas chinesas.

Um caso emblemático é o da antiga Cervejaria Rhenânia, inaugurada praticamente junto com a fundação da cidade, em 1897. Rebatizada como Cervejaria Polar em 1922, incorporada à Companhia Antarctica em 1929 e desativada em meados dos anos 1970, a fábrica permaneceu abandonada por anos até ser convertida, em 2003, no Shopping Oiapoque. O edifício sintetiza, em um único endereço, diferentes momentos da história econômica de Belo Horizonte: da produção industrial ao comércio popular transnacional.

Processo semelhante aconteceu na área do antigo Mercado Municipal. Demolido em 1929 em nome dos projetos de modernização urbana, o espaço deu lugar, em 1935, à Feira Permanente de Amostras e ao Ginásio Paissandu. Ambos seriam novamente demolidos na década de 1970 para a construção da Rodoviária de Belo Horizonte.

Poucos lugares na cidade expressam de forma tão evidente os sucessivos ciclos de destruição e reconstrução que marcaram a história urbana belo-horizontina. Ao mesmo tempo em que revela uma persistente lógica de apagamento em nome da modernização, essa área também evidencia a capacidade de permanência, adaptação e reinvenção de determinados usos urbanos ao longo do tempo.

Com a transferência das atividades industriais para outro município, o processo de metropolização, o adensamento da cidade e a concentração dos investimentos públicos e privados no eixo sul, a região passou a experimentar um longo período de desvalorização urbana. Somaram-se a isso os recorrentes episódios de enchentes provocados pelo Ribeirão Arrudas, especialmente a partir do final da década de 1970, quando as águas voltaram a expor a antiga condição de várzea da Lagoinha. Em consequência desses processos, grande parte dos imóveis da região apresentava, no início dos anos 2000, condições precárias de conservação.

Entretanto, aquilo que frequentemente foi descrito pelos discursos urbanísticos e imobiliários como abandono, degradação ou esvaziamento também produziu outras possibilidades. A relativa desvalorização dos imóveis, a disponibilidade de espaços amplos e a permanência dos fluxos de transporte e de circulação permitiram a instalação de novos agentes e circuitos econômicos. Foi nesse contexto que vendedores ambulantes reassentados na antiga Cervejaria Rhenânia — o Shopping Oiapoque — e comerciantes chineses encontraram condições para estabelecer seus negócios e expandir suas redes comerciais.

Mais do que um território historicamente receptivo à diversidade, trata-se de uma área que foi sendo produzida, ao longo do tempo, como espaço do comércio popular, da circulação intensa e da concentração de grupos frequentemente deslocados dos espaços mais valorizados da cidade. A inserção dos comerciantes chineses pode ser compreendida, nesse contexto histórico, como parte de uma sucessão de ocupações e apropriações que transformaram uma região muitas vezes negligenciada pelas políticas urbanas em um dos principais polos comerciais de Belo Horizonte.

Entre as permanências que atravessam a história dessa região, uma chama particularmente a atenção. Sobre muitas das lojas atualmente ocupadas pelo comércio chinês encontram-se os hotéis e pensões de trabalhadoras do sexo da Rua Guaicurus e de suas adjacências. Trata-se de uma espacialidade cuja presença antecede em muito a chegada dos comerciantes chineses e que constitui um dos elementos duradouros da história social do Hipercentro.

Em entrevista realizada para esta pesquisa, Flávio Dornas, integrante da família proprietária do Hotel Magnífico — um dos mais conhecidos estabelecimentos da região —, relatou uma interpretação sobre a origem da expressão “Zona”. Segundo ele, o termo estaria relacionado ao zoneamento urbano: a Rua Guaicurus e parte de seu entorno constituiriam uma espécie de zona de tolerância da cidade. Em suas palavras: “A Guaicurus não cria problema para a cidade, nem a cidade cria problema para a Guaicurus”.



Lagoinha
Praça Vaz de Melo

Praça da Rodoviária

Avenida Santos Dumont
antiga Av. do Comércio



Shopping Oiapoque

Shopping Xavantes

Rua Guaicurus





Mais do que uma simples definição, a frase revela uma forma particular de gestão urbana da diferença. A chamada “zona de tolerância” não pode ser compreendida apenas como um espaço de permissão, mas também como um mecanismo de localização e confinamento territorial de práticas consideradas moralmente indesejáveis em outros espaços da cidade. Ao concentrar a prostituição em um perímetro específico, Belo Horizonte produziu uma geografia da tolerância que é também uma geografia do controle, e não deixa de ser uma zona de acordos tácitos. A cidade permite, mas delimita; reconhece, mas circunscreve; incorpora, mas mantém à margem.

A presença das trabalhadoras sexuais nessa área é muito anterior à presença chinesa. Como a região sempre esteve associada ao comércio, à circulação de pessoas e aos fluxos monetários, o trabalho sexual se estabeleceu ali desde os primeiros anos da capital. Ainda hoje, a presença da zona de prostituição produz intensos fluxos urbanos. Segundo Dornas, somente o Hotel Magnífico recebe aproximadamente cinco mil pessoas em seu movimento diário de “sobe-e-desce”. Os fluxos dos hotéis e do comércio chinês compartilham as mesmas ruas, mas raramente se confundem. Enquanto o comércio popular atrai predominantemente mulheres, famílias e compradores vindos de diferentes partes da região metropolitana e mesmo de cidades do interior, mulheres (cis e trans) se hospedam nos hotéis e recebem majoritariamente homens que permanecem pouco tempo na região. São públicos que ocupam o mesmo espaço urbano sem necessariamente estabelecer relações entre si.

Essa coexistência revela uma característica marcante dessa porção do Hipercentro: diferentes circuitos econômicos, morais e sociais sobrepõem-se no mesmo território sem que se fundam completamente. O comércio popular, a prostituição, os fluxos metropolitanos, os migrantes internacionais e as economias não tão formais compartilham a mesma infraestrutura urbana, mas permanecem organizados por fronteiras simbólicas e sociais que regulam quem pode ser visto, quem deve permanecer invisível e quais práticas são consideradas legítimas em cada espaço da cidade.

Ao longo desta pesquisa, algumas pessoas entrevistadas descreveram a região como os “fundos da cidade”, uma espécie de verso de Belo Horizonte. Daniel Queiroga, por sua vez, propõe uma leitura distinta ao compreender a região da Lagoinha, local que abrange a porção do Hipercentro onde estão os Chineses, como um território de origem. É ali que se encontram alguns dos marcos fundadores da cidade, mas também importantes referências de sua história cultural, como as tradições do samba belo-horizontino. A região aparece, assim, como um lugar de começos, de chegadas e de permanências, onde diferentes grupos sociais encontraram, ao longo do tempo, condições para produzir suas formas de vida.

A presença contemporânea dos comerciantes chineses pode ser compreendida nesse contexto. Não como um fenômeno isolado, mas como mais um capítulo de uma longa história de ocupações, deslocamentos e reinvenções urbanas. Trabalhadoras sexuais, trabalhadores populares, migrantes internos, comerciantes árabes, afro descendentes, italianos, portugueses, ambulantes e, mais recentemente,

venezuelanos, haitianos e chineses compartilham uma mesma geografia produzida por sucessivas camadas de circulação e apropriação do espaço.

Na antiga zona de tolerância — hoje também inserida no perímetro da chamada Zona Cultural da Praça da Estação — cruzam-se fluxos de mercadorias, de trabalho, de desejos, de memórias e de imaginários. Como ensina Antônio Bispo dos Santos, trata-se de um espaço de confluência, mas “nem tudo que se ajunta se mistura”³. Os diferentes grupos que ocupam esse território coexistem, negociam presenças, compartilham infraestruturas e produzem proximidades, sem que suas experiências necessariamente se confundam.

Toda diáspora produz rupturas, deslocamentos e fragmentações, como nos lembra Luiz Simas citando Paul Gilroy⁴, mas toda experiência de cultura diaspórica produz também novas formas de agregação, novos pertencimentos e novas possibilidades de reconstrução da vida. A pequena Chinatown belo-horizontina emerge desse contexto: não como enclave isolado, mas como parte de uma história mais ampla de pessoas que, com alegrias e tristezas, potencialidades e contradições, em meio às transformações da cidade, encontraram nesse território condições para iniciar e refazer caminhos, construir redes e reinventar cotidianamente seus modos de existir.

A vast confluence of people, objects, goods, economic and sociocultural practices shapes the Hypercentre of Belo Horizonte. The densest portion of the city's central region, marked by the verticality of its buildings and its diversity of public, commercial, service and residential uses, constitutes a space of encounters, confrontations, displacements and permanences. Its perimeter is delimited by important thoroughfares, among which Avenida do Contorno, Avenida Bias Fortes, Avenida Afonso Pena and Rua da Bahia stand out. At street level, small and large shops integrate an urban landscape marked by the intense circulation of people. Motorcycles accelerate, cars brake, buses honk, loudspeakers make commercial announcements, people converse intensely, a child cries and another sings, a garage wafts the frying smoke from the restaurant; we hear several times the questions “What do you need, friend? Can I help you?”. The grey viaducts, the multicoloured goods, the red hotel and the graffitied shopping centre compose an experience that evidences the vitality and diversity of the territory, where multiple temporalities and geographies intersect daily.

It was in this context that we identified the first vestiges of the contemporary Chinese presence in the city. The collected narratives point to the

3 Bispo, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023

4 Simas, Luiz Antonio. In: WISNIK, Guilherme; VIEIRA, Tuca (org.). *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022. p.

late 1990s, when two Chinese street vendors began circulating through the centre, and to the early 2000s in the vicinity of Shopping Oiapoque (better known as Shopping Oi). Since then, commercial activities linked to Chinese migrants have expanded and today are concentrated mainly in the popular shopping centres Oiapoque and Xavantes and their adjacencies, between Avenida Oiapoque, Rua Curitiba, Rua São Paulo, Rua Guaicurus and Avenida Santos Dumont. In this territory, the Chinese mark their presence in shops selling general merchandise, restaurants, warehouses and other commercial establishments that, beyond their economic function, frequently extend beyond their economic function, operating as extensions of the home and sheltering everyday activities carried out as a family. This portion of the Hypercentre, where the Chinese presence has become particularly expressive, is already called by some people who live in its surroundings “Belo Horizonte’s little Chinatown”. Although the expression simplifies a much more heterogeneous and diffuse reality, it reveals the local recognition of the growing Chinese presence in the region.

The permanence and expansion of Chinese commercial activities relate to the historical characteristics of the Hypercentre itself. Since its formation, the area has consolidated itself as a popular space in the city, a condition favoured by the history of its occupation, the concentration of transport systems, the diversity of uses, the intense circulation of people and the relative permissiveness of its uses. It is a territory marked by coexistence and connivance between different economic and sociocultural practices, capable of welcoming successive migrant populations over time. In this sense, the Hypercentre can be understood as a simultaneously popular and transnational space, where distinct trajectories, origins and circulation networks find conditions to establish themselves, produce bonds of belonging and continuously reinvent life in the city.

To understand this process, it is necessary to go back through the history of this portion of the Hypercentre where traders and Chinese shops are concentrated today. Belo Horizonte is a republican city invented by decree, conceived at the end of the 19th century to become the new capital of Minas Gerais state. It was erected under the signs of modernity, progress and development. For its construction, it was necessary to demolish Curral del Rei, the locality chosen to be the new capital, and to uproot the ways of life that the small settlement encompassed.

The oldest records we have at our disposal — produced by the Construction Commission and subsequently systematised by the historian Abílio Barreto¹ — indicate that, before the foundation of the capital, the area of the current Hypercentre was known as Vargem da Lagoinha. The word “*vargem*”, synonymous with floodplain, designates fertile and cultivable lands situated

1 Barreto, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. 2. ed. rev., atual. e anot. 2 vols. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996-1997.

on the banks of rivers and streams — in this case, the Ribeirão Arrudas. The landscape that preceded the planned city was, therefore, profoundly marked by the presence of waters.

Daniel Queiroga observes that “in its original geography, the region possessed several small lagoons, formed by the Pastinho and Lagoinha streams and by the Ribeirão Arrudas, which are one of the explanations for the name of the place: Lagoinha”². Contrary to what the name in the singular suggests, there was not only one small lagoon, but a set of seven interconnected lagoons. Among them was the Remanso da Lagoinha, formed by the Ribeirão Arrudas. If the Remanso had not been channelled and part of it covered by Avenida do Contorno — over which today a complex system of viaducts stands —, the Shopping Oiapoque would be located on the banks of this ancient Remanso da Lagoinha.

It was precisely in the Vargem da Lagoinha region that the Construction Commission, headed by engineer Aarão Reis, decided to begin the implementation of the new capital. According to the cadastral plan drawn up for the city, the future commercial district would occupy the strip of land that extends from the current Praça da Estação (Station Square) to the Bus Station region. It is in this same territorial strip that a large part of the Chinese commercial establishments are located today. The importance of the area for the history of Belo Horizonte is notable. In 1894, near the Ponte da Lagoinha (where the Lagoinha metro station is today), the first stake was driven that marked the construction of the urban perimeter of the future capital. In a certain sense, it can be said that Belo Horizonte, materially and symbolically, begins to be built in this territory.

In the original design elaborated by the New Capital Construction Commission, the current Avenida Santos Dumont was called Avenida do Comércio (Commerce Avenue). It connected the Central Station to the Municipal Market, located in the vicinity of where the Belo Horizonte’s City’s Coach Station stands today, precisely at the starting point of the city’s main avenue, Afonso Pena. Next to this set was Praça 14 de Fevereiro (14 February Square) — date of creation of the Construction Commission, in a sort of republican self-commemoration — which later became known as Praça do Mercado (Market Square) and today corresponds to Praça Rio Branco (also known as Praça da Rodoviária).

It would be mistaken to attribute to the region a supposed natural vocation for commerce, as if its destiny had always been predetermined. The Vargem da Lagoinha (Lagoinha Floodplain) could have followed other trajectories, some even more compatible with the environmental dynamics of the region. What can be affirmed is that, since the first plans of the new capital, there was a deliberate

² Queiroga, Daniel Silva. *Nossas ruas, nosso patrimônio (in)visível: dicionário toponímico da região da Lagoinha*. 1. ed. Belo Horizonte: Instituto de Estudos de Desenvolvimento Sustentável (IEDS), 2021.

effort to allocate this portion of the territory to commercial activities and the circulation of goods.

This choice was related, in the first place, to the railway, which, for technical reasons, usually occupies the valley bottoms. The proximity to the Central Station (current Museum of Arts and Crafts in Station Square) facilitated the entry and distribution of goods, while the Venda Nova and Contagem Roads — current Itapecerica and Padre Eustáquio streets, respectively — expanded the land connections of the region. But there was also a symbolic and political dimension in this organisation of space.

Station Square was implanted at the lowest point of the planned grid of the city. It was the arrival place of the workers, of the construction materials and of the population that moved to the new capital. At the opposite extreme, in an elevated position, was located Praça da Liberdade, seat of the state political power. The spatial arrangement expressed a clear hierarchy: people arrived from below, while power installed itself from above. Between these two points were the Boa Viagem and São José churches, occupying an intermediate position — a significant inversion in relation to the colonial mining cities, where religious temples usually dominated the highest points of the urban landscape.

Therefore, the facilities linked to supply and commerce concentrated alongside the Central Station: Avenida do Comércio (Commerce Avenue), the Municipal Market and various activities associated with the circulation of goods and people. Inaugurated in 1900, the Municipal Market quickly became one of the main supply spaces of the city. However, only twenty-nine years later, it was demolished in the midst of the urban modernisation projects. The allegation was that the market possessed the appearance of an “interior fair”, incompatible with the image of progress that was desired to be built for the capital.

Behind this modernising discourse lay a social question. The commercial area of the city had been appropriated by popular groups: impoverished immigrants from Europe, especially Italians and Portuguese, Afro-descendant populations, Syrian-Lebanese traders and migrants from different regions of Brazil. The space planned for commerce also became a space of encounter between diverse populations, producing forms of sociability and economy that escaped the control of planning.

Throughout the 20th century, this popular centrality was reinforced by the structure of urban transport. Initially by trams, then by buses and, more recently, from the early twenty-first century onwards, by the MOVE bus corridors, a rapid transport system. The region came to concentrate daily flows of workers, consumers and service providers who crossed the city to organise their daily life. Subsequently, the installation of the Bus Station added intermunicipal flows, while Rua dos Caetés and Avenida Santos Dumont (Santos Dumont Avenue) consolidated as important axes of metropolitan connection.

The popular presence also manifested itself in the city's own socio-spatial organisation. As Nice Vilela demonstrates in her analysis of the formation of Belo Horizonte's Hypercentre, already by the end of the 1920s the central area presented a clear internal differentiation: in the northern portion, close to the Railway Station and the Market Square, a popular centre was consolidating, marked by the intense circulation of workers and by commercial activities directed at the popular layers, in contrast with the southern portion, where the administrative functions and the most valued sectors of the city were concentrated. Since the first years of Belo Horizonte, and throughout its entire historical trajectory, this area — subsequently identified by various authors as the lower centre of Belo Horizonte — was profoundly marked by popular commerce.

Until the end of the 1940s, this lower region also concentrated an important part of Belo Horizonte's industrial activities. This picture began to change with the inauguration of the Industrial City, in Contagem, which progressively attracted factories and investments outside the central area. As a legacy of this industrial past, warehouses and large and medium-sized buildings remained in the region, characteristics that subsequently favoured the installation of Chinese wholesale commercial activities.

An emblematic case is that of the former brewery Cervejaria Rhenânia, inaugurated virtually at the same time as the city's foundation, in 1897. Rebranded as Cervejaria Polar in 1922, incorporated into Companhia Antarctica in 1929 and deactivated in the mid-1970s, the factory remained abandoned for years until it was converted, in 2003, into Shopping Oiapoque. The building synthesises, in a single address, different moments of Belo Horizonte's economic history: from industrial production to transnational popular commerce.

A similar process occurred around the former Municipal Market. Demolished in 1929 in the name of the urban modernisation projects, the space gave way, in 1935, to the Permanent Sample Fair and the Paissandu Gymnasium. Both would be demolished again in the 1970s for the construction of the Belo Horizonte Coach Station. Few places in the city express so evidently the successive cycles of destruction and reconstruction that marked Belo Horizonte's urban history. At the same time that it reveals a persistent logic of erasure in the name of modernisation, this area also evidences the capacity for permanence, adaptation and reinvention of certain urban uses over time.

With the transfer of industrial activities to another municipality, the metropolisation process, the densification of the city and the concentration of public and private investments in the southern axis, the region began to experience a long period of urban devaluation. Added to this was recurrent flooding from the Ribeirão Arrudas, especially from the end of the 1970s, when the waters returned to expose Lagoinha's ancient condition as a foodplain. As

a consequence of these processes, a large part of the properties in the region presented, at the beginning of the 2000s, precarious conditions of conservation.

However, that which was frequently described by urbanistic and real estate discourses as abandonment, degradation or emptying also produced other possibilities. The relative devaluation of the properties, the availability of ample spaces and the permanence of transport and circulation flows permitted the installation of new agents and economic circuits. It was in this context that street vendors resettled in the former Cervejaria Rhenânia (Shopping Oiapoque) and Chinese traders found conditions to establish their businesses and expand their commercial networks.

More than a territory historically receptive to diversity, this is an area that has been progressively produced, over time, as a space of popular commerce, intense circulation and concentration of groups frequently displaced from the more valued spaces of the city. The insertion of Chinese traders can be understood, in this historical context, as part of a succession of occupations and appropriations that transformed a region often neglected by urban policies into one of the main commercial poles of Belo Horizonte.

Among the permanences that traverse the history of this region, one particularly draws attention. Above many of the shops currently occupied by Chinese commerce are the hotels and boarding houses of sex workers from Rua Guaicurus and its surroundings. This spatial arrangement, whose presence far precedes the arrival of the Chinese traders, constitutes one of the enduring elements of the Hypercentre's social history.

In an interview conducted for this research, Flávio Dornas, a member of the owning family of Hotel Magnífico — one of the best-known establishments in the region —, reported an interpretation about the origin of the expression “Zona” (Portuguese for Zone, an euphemism denoting brothel). According to him, the term would be related to urban zoning: Rua Guaicurus and part of its surroundings would constitute a kind of tolerance zone of the city. In his words: “The Guaicurus does not create a problem for the city, nor does the city create a problem for the Guaicurus”.

More than a simple definition, the phrase reveals a particular form of urban management of difference. The so-called “tolerance zone” cannot be reduced to a mere space of permission, as it is also a mechanism of localisation and territorial confinement of practices considered morally undesirable in other spaces of the city. By concentrating prostitution in a specific perimeter, Belo Horizonte produced a geography of tolerance that is also a geography of control, and it does not cease to be a zone of tacit agreements. The city permits, but delimits; recognises, but circumscribes; incorporates, but keeps to the margins.

The presence of sex workers in this area predates the Chinese presence. As the region has always been associated with commerce, the circulation of people

people and capital, sex work established itself there since the first years of the capital. Even today, the presence of the prostitution zone produces intense urban flows. According to Dornas, only Hotel Magnífico receives approximately five thousand people in its daily “up and down” movement. The flows of the hotels and Chinese commerce share the same streets, but rarely intermingle. While popular commerce predominantly attracts women, families and buyers coming from different parts of the metropolitan region and even from cities in the interior, women (cis and trans) stay in the hotels and receive mostly men who spend little time in the region. These are distinct publics occupying the same urban space without necessarily establishing relations between themselves.

This coexistence reveals a striking characteristic of this portion of the Hypercentre: different economic, moral and social circuits overlap in the same territory without completely merging. Popular commerce, prostitution, metropolitan flows, international migrants and the not-so-formal economies share the same urban infrastructure, but remain organised by symbolic and social boundaries that regulate who can be seen, who must remain invisible and which practices are considered legitimate in each space of the city.

Throughout this research, some of the interviewees described the region as the “back of the city”, a kind of reverse side of Belo Horizonte. Daniel Queiroga, in turn, proposes a distinct reading by understanding the Lagoinha region, the place that encompasses the portion of the Hypercentre where the Chinese are, as a territory of origin. It is there that some of the founding landmarks of the city are found, but also important references of its cultural history, such as the traditions of Belo Horizonte’s samba. The region thus appears as a place of beginnings, of arrivals and of permanences, where different social groups found, over time, conditions to produce their modes of living.

The contemporary presence of Chinese traders can be understood in this context. Not as an isolated phenomenon, but as another chapter in a long history of occupations, displacements and urban reinventions. Sex workers, popular workers, internal migrants, Arab traders, Afro-descendants, Italians, Portuguese, street vendors and, more recently, Venezuelans, Haitians and Chinese share the same geography produced by successive layers of circulation and appropriation of space.

In the old tolerance zone — today also inserted in the perimeter of the so-called Cultural Zone of Praça da Estação — intersect flows of goods, work, desires, memories and imaginaries. As Antônio Bispo dos Santos teaches, it is a space of confluence, but “not everything that gathers mixes”.³ The different groups that occupy this territory coexist, negotiate their presence, share infrastructures and foster spatial proximity, without their experiences necessarily merging.

3 Bispo, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023

Every diaspora produces ruptures, displacements and fragmentations, as Luiz Simas reminds us citing Paul Gilroy⁴, but every experience of diasporic culture also produces new forms of aggregation, new belongings and new possibilities for the reconstruction of life. Belo Horizonte's little Chinatown emerges from this context: not as an isolated enclave, but as part of a broader history of people who, with joys and sorrows, potentialities and contradictions, amid the transformations of the city, found in this territory conditions to begin and remake paths, build networks and continually reinvent their ways of life in everyday practice.

大量的人群、物品、商品以及经济与社会文化实践汇聚于此，塑造了贝洛奥里藏特市的超级中心（Hipercentro）。城市中心区域最为密集的部分，以建筑的垂直感和公共、商业、服务及住宅用途的多样性为标志，构成了一个充满相遇、对峙、位移与持久性的空间。其边界由重要干道划定，其中环城大道、Bias Fortes、Afonso Pena大道和Rua da Bahia尤为突出。在街道层面，大小商店共同勾勒出以密集人流为特征的城市景观。摩托车疾驰，汽车急刹，公交车鸣笛，扩音器播放商业广告，人们激烈交谈，一个孩子哭泣，另一个歌唱，一个车库飘出餐厅煎炸的油烟；我们多次听到这样的询问：“您需要什么，朋友？我能帮您吗？”灰色的立交桥、五彩斑斓的商品、红色的酒店以及涂鸦覆盖填埋的购物中心共同营造出一种体验，彰显了该地区的活力与多样性，在这里多种时间性与地理交织于日常之中。

正是在这一背景下，我们辨识出该市当代中国人的最初踪迹。收集的叙述指向1990年代末，当时两名中国流动商贩开始在中心区穿梭，以及2000年代初在Oiapoque购物中心（更广为人知为Oi购物中心）附近。此后，与中国移民相关的商业活动不断扩展，如今主要集中在Oiapoque和Xavantes等大众购物中心及其周边区域，介于Oiapoque大道、Curitiba街、São Paulo街、Guaicurus街与Santos Dumont大道之间。在这一地带，中国人通过各类杂货店、餐厅、仓库及其他商业场所留下印记，这些场所除了经济功能外，往往延伸为家庭生活的空间，作为家的延伸，容纳家庭日常活动。该超级中心的这一部分，中国人的存在已尤为显著，一些在周边居住的人已将其称为“贝洛奥里藏特的小唐人街”。尽管这一说法简化了更为异质且弥散的现实，但它揭示了当地对该地区日益增长的中国人存在的认可。

4 Simas, Luiz Antonio. In: WISNIK, Guilherme; VIEIRA, Tuca (org.). *Futuros em gestão: cidade, política e pandemia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022. p.

中国商业活动的持久存在与扩张，与超级中心本身的历史特征息息相关。自其形成以来，该区域已巩固为城市中的一个大众空间，这一状况得益于其定居的历史、运输系统的集中、用途的多样性、密集的人口流动以及用途的相对宽容。它是一个以不同经济与社会文化实践之间的共存与默许为标志的地域，能够在漫长岁月中接纳相继涌入的移民群体。在此意义上，超级中心可被理解为一个同时具有大众性与跨国性的空间，在此，不同的轨迹、起源与流通网络得以立足，产生归属纽带，并持续重塑城市生活。

要理解这一过程，有必要回溯如今集中了中国商贩与商店的超级中心这一区域的历史。贝洛奥里藏特是一座由法令创立的共和制城市，构想于19世纪末，旨在成为米纳斯吉拉斯州的新首府。它在现代性、进步与发展的标志下拔地而起。为了建设，有必要拆除被选为新首都地点的Curral Del Rei，并瓦解小聚落所包含的生活方式。

我们所掌握的最古老记录——由建设委员会制作，随后由历史学家Abílio Barreto¹加以系统整理——表明，在首都奠基之前，如今超级中心所在的区域被称为Vargem da Lagoinha。“瓦尔热姆 (vargem)”一词是河漫滩的同义，指代位于河流与溪流沿岸的肥沃可耕地——本案中即Ribeirão Arrudas河。规划城市之前的景观因此深刻地被水域的存在所标记。

Daniel Queiroga观察到，“在其原始地理格局中，该区域拥有数座小湖泊，由Pastinho溪、Lagoinha溪以及Ribeirão Arrudas河形成，这也是该地名‘拉戈因哈’ (Lagoinha) 的解释之一”²。与单数名称所暗示的相反，这里并非仅有一座小湖，而是由七座相互连通的湖泊组成。其中包括由Ribeirão Arrudas河形成的Lagoinha水区。如果该静水区未被开渠引流，且部分被Contorno大道覆盖——其上如今矗立着复杂的立交桥系统——那么Oiapoque购物中心就会位于这一古老拉戈因哈静水区的岸边。正是Vargem da Lagoinha区域，建设委员会在工程师Aarão Reis领导下，决定开始实施新首都的建设。根据为城市绘制的地籍图，未来的商业区将占据从当前Estação广场延伸至长途汽车站区域的土地带。正是这一同一土地带，如今集中了大部分中国商业场所。该区域对贝洛奥里藏特历史的重要性显著。1894年，在Lagoinha桥附近（今拉戈因哈地铁站所在地），打下了第一根桩，标志着未来首都城市周界的建设。在某种意义上，可以说贝洛奥里藏特在物质与象征意义上，开始在这一领土上被建造。

在新首都建设委员会制定的原始设计中，如今的Santos Dumont大道曾被称为Avenida do Comércio (商业大道)。它连接中央车站与市政市场，后者位于如今

1 Barreto, Abílio. *Belo Horizonte: memória histórica e descritiva*. 2. ed. rev., atual. e anot. 2 vols. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1996-1997.

2 Queiroga, Daniel Silva. *Nossas ruas, nosso patrimônio (in)visível: dicionário toponímico da região da Lagoinha*. 1. ed. Belo Horizonte: Instituto de Estudos de Desenvolvimento Sustentável (IEDS), 2021.

长途汽车站所在的区域附近，恰好是城市主干道阿丰索·佩纳大道的起点。

紧邻这一组群的是2月14日广场——建设委员会创立日期，带有共和式自我纪念的意味——后来被称为市场广场，如今对应Rio Branco广场（也称长途汽车站广场）。

将该区域归因于所谓的天然商业禀赋是错误的，仿佛其命运从一开始就已注定。

Vargem da Lagoinha本可遵循其他轨迹，其中一些甚至更符合该区域的环境动态。

可以肯定的是，自新首都最初规划以来，就有意识地将这一部分领土分配给商业活动和货物流通。

这一选择首先与铁路相关，铁路因技术原因通常占据河谷底部。靠近中央车站

（现Estação广场上的工艺美术博物馆）便利了货物的进出与分配，而Venda Nova路和Contagem路——分别为如今的Itapecerica街和Padre Eustáquio街——

则扩展了该区域的陆路连接。但这一空间组织中也存在象征与政治维度。

Estação广场被安置在城市规划网格的最低点。它是工人、建筑材料以及迁往新首都人口的抵达之地。在对立的一端，高处位置坐落着Liberdade广场，州政治权力的所在地。空间布局表达出清晰的等级：人们从下方抵达，而权力则置于上方。在这两点之间是Boa Viagem和São José教堂，占据中间位置——这相对于米纳斯殖民城市是一种显著反转，在那些城市中，宗教庙宇通常占据城市景观的最高点。

因此，与供应和商业相关的设施集中于中央车站旁：商业大道、市政市场以及与货物和人员流通相关的各类活动。1900年落成的市政市场迅速成为城市主要供应空间之一。然而，仅仅二十九年后的，它在城市现代化项目中被拆除。理由是该市场具有“内地集市”的外观，与希望为首都打造的进步形象不相符。

这一现代化话语背后还隐藏着社会问题。城市的商业区已被民众群体占据：来自欧洲的贫困移民，尤其是意大利人和葡萄牙人，非裔人口，叙利亚-黎巴嫩商人以及来自巴西不同地区的移民。规划用于商业的空间也成为不同人群相遇的场所，产生了逃脱规划控制的社交形式与经济形态。

整个20世纪，这一大众中心性通过城市交通结构得到强化。最初是电车，随后是公交车，自21世纪初以来，则是MOVE快速公交走廊系统。该区域开始集中日常流动的工人、消费者和服务提供者，他们穿越城市组织日常生活。随后，长途汽车站的设立增加了城际流动，而Caetés街和Santos Dumont大道则巩固为重要的都市连接轴线。

大众存在也在城市自身的社会空间组织中显现。正如Nice Vilela在对贝洛奥里藏特超级中心形成的分析中所展示的，早在1920年代末，中心区域已呈现出清晰的内部分化：北部部分，

靠近铁路站和市場广场，一个大众中心正在形成，以工人的密集流动和面向大众阶层的商业活动为标志，与南部形成对比，后者集中了行政职能和城市更受重视的部门。自贝洛奥里藏特最初几年起，并在整个历史轨迹中，这一区域——随后被多位作者认定为贝洛奥里藏特的下城——深刻地被大众商业所标记。

直到1940年代末，这一低地区域也集中了贝洛奥里藏特工业活动的重要部分。这一局面开始随着在工业城的落成而改变这一局面开始随着在Cidade Industrial的落成而改变，它逐步将工厂和投资吸引至中心区域之外。作为这一工业过去的遗产，区域内保留了仓库以及大中型建筑，这些特征随后有利于中国批发商业活动的设立。

一个标志性案例是原Rhenânia啤酒厂，它几乎与城市奠基同时于1897年落成。

1922年更名为Polar啤酒厂，1929年并入Antarctica公司，1970年代中期停产。

该厂废弃多年，直至2003年被改造成Oiapoque购物中心。这座建筑在一个单一地址中浓缩了贝洛奥里藏特经济史的不同时刻：从工业生产到跨国大众商业。

类似过程发生在原市政市场周边。1929年以城市现代化项目之名被拆除后，该空间于1935年让位于常设样品展览会和Paissandu体育馆。两者均在1970年代再次被拆除，以建设贝洛奥里藏特长途汽车站。城市中很少有地方如此明显地表达了标志贝洛奥里藏特城市史的连续破坏与重建周期。它在揭示以现代化名义持续抹除逻辑的同时，也证明了某些城市用途在时间中持久、适应与重塑的能力。

随着工业活动转移至另一市镇、都市化进程、城市密集化以及公共与私人投资向南部轴线的集中，该区域开始经历长期的城市贬值。此外还有阿里乌达斯河引发的反复洪水，尤其自1970年代末以来，当时水域重现了拉戈因哈古老的河漫滩状况。这些过程的后果是，该区域大部分房产在2000年代初呈现出保护状况不佳的局面。

然而，那些常被城市规划与房地产话语描述为废弃、退化或清空的状态，也产生了其他可能性。房产的相对贬值、宽敞空间的可用性以及交通与流通流的持久存在，允许新主体和经济循环的设立。正是在这一背景下，街头商贩在原Rhenânia啤酒厂（Oiapoque购物中心）重新安置，中国商人也找到条件建立业务并扩展商业网络。

这不仅仅是一个历史上接纳多样性的地域，更是一个随着时间逐步被生产的区域，成为大众商业、密集流通以及经常从城市更受重视空间中被排挤的群体集中之地。中国商人的嵌入，在这一历史语境中，可被理解为一系列占据与挪用的一部分，这些过程将一个常被城市政策忽视的区域转变为贝洛奥里藏特的主要商业极点之一。

在贯穿该区域历史的诸多持久元素中，有一个尤为引人注目。在目前许多被中国商业占据的商店上方，是来自Guaicurus街及其周边的性工作者所住的酒店与寄宿处。这一空间安排，其存在远远早于中国商人的到来，并构成了超级中心社会史中持久的元素之一。

在为本研究进行的一次访谈中，Flávio Dornas——Magnífico酒店（该区域最知名场所之一）所有者家族的成员——报告了对“Zona”（葡萄牙语“区域”一词，是妓院的委婉说法）这一表达起源的解读。据他所说，该术语与城市分区相关：Guaicurus街及其部分周边构成了一种城市容忍区。用他的话说：“Guaicurus不给城市制造问题，城市也不给Guaicurus制造问题。”

这句话不仅仅是一个简单定义，更揭示了一种管理差异的特殊城市形式。所谓的“容忍区”不能仅被理解为许可空间，它同时也是将其他城市空间中被视为道德上不可取的实践进行定位与领土禁锢的机制。通过将卖淫集中在特定周界内，贝洛奥里藏特生产了一种容忍地理，同时也是一种控制地理，并且它不失为一个默契协议的区域。城市允许，但加以划界；认可，但加以限定；纳入，但将其保持在边缘。

该区域性工作者的存在远早于中国人。此地一直与商业、人员与资本的流通相关联，性工作自首都最初几年便在此确立。即使如今，卖淫区的存在仍产生密集的城市流动。据Dornas称，仅Magnífico酒店每日“上下”流动中就接待约五千人。酒店与中国商业的流动共享同一街道，但很少融合。而大众商业主要吸引女性、家庭以及来自大都会区域不同部分甚至内陆城市的买家，女性（顺性别与跨性别）则入住酒店，主要接待在该区域停留时间不长的男性。这些群体占据同一城市空间，却未必相互建立关系。

这种共存揭示了该超级中心部分的一个显著特征：不同的经济、道德与社会循环在同一领土上重叠，却并未完全融合。大众商业、卖淫、大都会流动、国际移民以及不太正规的经济共享同一城市基础设施，但仍由象征与社会边界组织，这些边界规范着谁能被看见、谁必须保持隐形，以及在城市每个空间中哪些实践被视为合法。

在本研究过程中，一些受访者将该区域描述为“城市的后方”，贝洛奥里藏特的一种反面。Daniel Queiroga则提出不同解读，将拉戈因哈区域——即中国人所在超级中心部分——理解为起源之地。正是在那里，城市的部分奠基性标志得以发现，同时也有其文化史的重要参照，如贝洛奥里藏特桑巴传统。该区域因而显现为一个开始、抵达与持久之地，不同社会群体在时间中找到条件生产他们的生活方式。

中国商人的当代存在可在此语境中理解。它并非孤立现象，而是长期占据、位移与城市重塑历史中的又一章节。性工作者、大众工人、国内移民、阿拉伯商人、非裔、意大利人、葡萄牙人、街头商贩以及更近期的委内瑞拉人、海地人和中国人，共享同一地理。这一地理是由层层叠加的流通与空间挪用所产生的。

在旧的容忍区——如今也纳入所谓Estação广场文化区周界内——货物、劳动、欲望、记忆与想象的流动在此交汇。正如Antônio Bispo dos Santos所教导的，这是一个汇聚的空间，但“并非所有汇聚在一起的事物都会混合”³。占据这一领土的不同群体共存，协商其存在，共享基础设施并形成空间上的邻近，而他们的经验未必融合。

每一次离散都会产生断裂、位移与碎片化，正如Luiz Simas援引Paul Giroty⁴所提醒的，但每一次离散文化经验也产生新的聚合形式、新的归属感以及生活重构的新可能性。贝洛奥里藏特的小唐人街从这一语境中浮现：它不是孤立的飞地，而是更广阔历史的一部分，在这历史中，人们带着欢乐与悲伤、潜力与矛盾，在城市转型中，在这一领土上找到条件开始并重塑道路、建立网络，并在日常生活中持续重塑他们的生活方式。

3 Bispo, Antônio dos Santos. *A terra dá, a terra quer*. Imagens de Santídio Pereira. São Paulo: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023

4 Simas, Luiz Antonio. In: WISNIK, Guilherme; VIEIRA, Tuca (org.). *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022. p.

Em busca do lar: pertencimento entre migrantes chineses no Brasil

In Search of Home:
Belonging among Chinese
Migrants in Brazil

寻找家园：
巴西中国移民的流动与归属
Jiawei Zhao

Como entender a noção de pertencimento quando sua vida se estende por vários países, mas nenhum é percebido por completo como um lar?

Comecei a fazer perguntas sobre o pertencimento a nível transnacional durante o trabalho de campo com migrantes chineses em Belo Horizonte, Brasil. A princípio, usei a linguagem que pesquisadores costumam empregar. Perguntei às pessoas a respeito do seu “senso de pertencimento”. A frase era clara para mim, parte do vocabulário dos estudos migratórios, onde pertencimento é frequentemente discutido via identidade, apego a lugares, participação social e laços transnacionais.

Mas em campo, a pergunta muitas vezes gerava um efeito de estranhamento.

Alguns entrevistados hesitavam. Outros pareciam confusos. Alguns me perguntavam o que eu queria dizer. E quanto mais eu repetia a pergunta, mais percebia que “pertencimento” era um enquadramento meu, não necessariamente o deles. A palavra era abstrata e acadêmica demais, distante da forma como as pessoas descreviam as próprias vidas.

Então, mudei a pergunta.

“Onde você se sente em casa?” As respostas vieram mais fluídas.

Uma conversa em especial me marcou. Eu falava com Deng, lojista chinesa, em um shopping popular de Belo Horizonte. A vida dela já tinha cruzado fronteiras: nascera na Eslovênia, crescera na China e, ainda adolescente, mudara-se para o Brasil. Anos depois, boa parte de sua família retornou à Europa, e ela permaneceu no Brasil com marido, filhos e sogros.

Quando perguntei onde ela se sentia em casa, ela ficou em silêncio. Então, ergueu a mão e apontou para a própria cabeça. “Não sei”, disse.

Depois, chorou.

Então acrescentou: “Me sinto em casa onde meus filhos estão.”

A resposta era simples, mas abalava muitas suposições sobre migração. Frequentemente imaginamos migrantes transnacionais como pessoas com múltiplos lares, múltiplos apegos e horizontes ampliados. Essa mobilidade é por vezes descrita em termos laudatórios: a mobilidade gera oportunidades; as conexões se multiplicam; as identidades se tornam mais ricas e flexíveis.

Mas a resposta de Deng sugeria algo mais frágil. Para ela, viver entre países não significava pertencer a todos eles. Significava que o pertencimento se tornara difícil de localizar. China, Brasil e Europa faziam parte da vida dela, mas nenhum deles pôde receber o título de lar sem que ela hesitasse. No fim das contas, lar não era um lugar. Era uma relação.

Essa percepção não se restringia a Deng. Para muitos migrantes chineses que conheci na economia informal do Brasil, o pertencimento não se expressava por meio da cidadania, identidade nacional ou integração na vida pública mais ampla. No maioria das vezes, ele se ancorava na família.

Muitos migrantes trabalhavam em pequenas lojas onde maridos e esposas gerenciavam os negócios juntos. As crianças cresciam ao ritmo do varejo ou atacado, de estoques, entregas e de longos expedientes. Trabalho e família não eram esferas separadas, eles se entrelaçavam. A loja era local de trabalho, mas também espaço de cuidado, obrigação, conflito e companheirismo. E nesse contexto, pouco espaço havia para outra coisa qualquer.

Alguns migrantes frequentavam igrejas, outros ocasionalmente compareciam a encontros comunitários. Mas o envolvimento de muitos em associações, amizades locais, atividades culturais ou na vida cívica em geral era bastante limitada. Barreiras linguísticas, longas horas de trabalho, preocupações com a segurança e pressões econômicas estreitavam seus mundos. Suas vidas não eram vazias, mas estavam circunscritas. A família se tornava a principal unidade emocional, rede social e, por vezes, a única fonte confiável de apego.

Por isso “sentir-se em casa” importava mais que “pertencer”. Era para o lar que as pessoas voltavam depois do trabalho. Era no lar que as crianças eram criadas, as refeições preparadas e o dinheiro discutido, era lá onde as discussões aconteciam e os futuros eram planejados. Ainda assim, o pertencimento não estava ausente, ele era construído, coletiva e temporariamente.

Em um fim de semana, participei de um encontro em uma fazenda frequentada pela comunidade chinesa. O espaço era familiar para eles: uma casa grande, cozinha ao ar livre, refeições compartilhadas, carreado, *mahjong*, crianças correndo, as pessoas circulando entre a cozinha, a mesa e o pátio. Aquele lugar, sob vários pontos de vista, lembrava os vilarejos que vários deles tinham deixado para trás.

Por algumas horas, a atmosfera era outra, as pessoas relaxavam. Elas se divertiam, cozinhavam, jogavam, fumavam, conversavam e recordavam. A fazenda tinha se tornado uma miniatura da China em terras brasileiras.

Durante o encontro, alguém brincou com Etel, nosso assistente de pesquisa brasileiro, referindo-se a ele como o “estrangeiro”. Ao que Etel redarguiu de pronto: “Vocês é que são os estrangeiros, vocês estão no meu país.”

A interação foi engraçada, mas também reveladora. Fora daquele ambiente, a comunidade descrevia Etel como um brasileiro que falava chinês fluente. Dentro daquele espaço, porém, a fronteira era outra. A fazenda, simbolicamente chinesa; e Etel, ainda que brevemente, forasteiro no próprio país.

Aquele momento me ensinou algo importante: o pertencimento não é uma simples posse. Ele se constrói nas práticas habituais: uma refeição compartilhada, um idioma comum, jogos familiares, lembranças dos mesmos lugares, o reconhecimento dos gestos uns dos outros. Para migrantes com cotidianos marcados de incertezas, momentos assim importam. Momentos assim criam um chão temporário.

Pertencimento nem sempre é uma sensação de conforto ou apego a um lugar. Ele não é resultado automático da mobilidade, cidadania ou conexão transnacional. Para os migrantes chineses que conheci em Belo Horizonte, o pertencimento estava na presença dos filhos, na rotina do negócio familiar, no calor das refeições compartilhadas, na transformação temporária de uma fazenda brasileira em um mundo de conexões chinesas.

Talvez por isso “sentir-se em casa” foi a melhor formulação da pergunta. Ao contrário do pertencimento, falar do lar não exigiu das pessoas uma explicação abstrata; e permitiu que falassem partindo dos lugares onde a vida de fato acontecia: a loja, a cozinha, a mesa da família, o quarto dos filhos, o caminho entre a China e o Brasil. E, por vezes, como as lágrimas de Deng me lembraram, lar não é onde pertencemos.

É onde somos necessários.

What does it mean to belong when your life stretches across several countries, but none of them feels entirely like home?

I began asking about transnational belonging during fieldwork with Chinese migrants in Belo Horizonte, Brazil. At first, I used the language that researchers often use. I asked people about their “sense of belonging.” The phrase sounded clear to me. It belonged to the vocabulary of migration studies, where belonging is often discussed through identity, place attachment, social participation, and transnational ties.

But in the field, the question often landed awkwardly.

Some participants paused. Others looked confused. A few asked me what I meant. The more I repeated the question, the more I realised that “belonging” was my word, not necessarily theirs. It was too abstract, too academic, too far removed from the ways people narrated their own lives.

So I changed the question.

“Where do you feel at home?” The answers came more quickly.

One conversation has stayed with me. I was speaking with Deng, a Chinese shop owner in a popular mall in Belo Horizonte. Her life had crossed several borders: she was born in Slovenia, raised in China, and later moved to Brazil as a teenager. Years later, much of her wider family moved back to Europe, while she stayed in Brazil with her husband, children and in-laws.

When I asked where she felt at home, she fell silent. Then she raised her hand, and pointed it towards her head. “I don’t know,” she said.

Then she cried.

After a moment, she added: “Home is where my children are.”

Her answer was simple, but it unsettled many assumptions about migration. We often imagine transnational migrants as people with multiple homes, multiple attachments, and expanded horizons. Moving across borders is sometimes described in celebratory terms: mobility creates opportunity; connections multiply; identities become richer and more flexible.

But Deng’s response suggested something more fragile. Living across countries did not mean she belonged to all of them. It meant that belonging had become difficult to locate. China, Brazil and Europe were all part of her life, but none could be named as home without hesitation. In the end, home was not a place. It was a relationship.

This was not unique to Deng. For many Chinese migrants I met in Brazil’s informal economy, belonging was not expressed through citizenship, national identity or integration into wider public life. It was often anchored in family.

Many worked in small, family-run shops. Husbands and wives ran businesses together. Children grew up around the rhythms of retail or wholesale shops, stockrooms, deliveries and long working days. Work and family were not separate spheres. They were folded into each other. The shop was a workplace, but also a site of care, obligation, conflict and companionship. In this context, there was often little space for anything else.

Some migrants went to church. Some joined occasional community gatherings. But many had limited participation in associations, local friendships, cultural activities or civic life. Language barriers, long hours, safety concerns and economic pressures narrowed their everyday worlds. Their lives were not empty, but they were enclosed. The family became the main emotional unit, the main social network, and sometimes the only reliable source of attachment.

This is why “home” mattered more than “belonging.” Home was where people returned after work. Home was where children were raised. Home was where meals were cooked, money was discussed, arguments happened, and futures were planned.

Still, belonging was not absent. It was made, temporarily and collectively.

One weekend, I joined a gathering at a rural farm often used by members of the Chinese community. The space felt familiar to many participants: a large

house, outdoor cooking, shared meals, card games, mahjong, children running around, people moving between kitchen, table and courtyard. It resembled, in some ways, the village environments many had left behind.

For a few hours, the atmosphere changed. People relaxed. They joked, cooked, played, smoked, chatted and remembered. The farm became a small Chinese world on Brazilian land.

At one point, someone jokingly referred to Etel, our Brazilian research assistant, as a “foreigner.” He immediately replied: “You’re the foreigners — you’re in my country.”

The moment was funny, but also revealing. Outside this gathering, Etel was often described by this community as the Brazilian who spoke fluent Chinese. But inside this space, the boundary had shifted. The farm had become symbolically Chinese, and he had become, briefly, the outsider in his own country.

That moment taught me something important. Belonging is not simply something people possess. It is made through repeated practices: eating together, speaking a shared language, playing familiar games, remembering similar places, recognising each other’s gestures. For migrants whose everyday lives are marked by uncertainty, these moments matter. They create temporary ground.

Belonging is not always a feeling of comfort or attachment to a place. It is not automatically produced by mobility, citizenship or transnational connection. For the Chinese migrants I met in Belo Horizonte, belonging appeared in the presence of children, in the routines of family business, in the warmth of shared meals, in the temporary transformation of a Brazilian farm into a Chinese social world.

Perhaps this is why “home” was the better question. Unlike belonging, home did not require people to explain themselves in abstract terms. It allowed them to speak from the places where life actually happened: the shop, the kitchen, the family table, the child’s bedroom, the road between Brazil and China.

And sometimes, as Deng’s tears reminded me, home is not where one belongs. It is where one is needed.

当一个人的生活跨越多个国家，却没有哪个地方能被完全视为家园时，归属究竟意味着什么？

我开始在巴西贝洛奥里藏特与中国移民一起做田野调查时，就提出了关于跨国归属感的问题。一开始，我使用了研究者常用的语言。我问人们关于他们的“归属感”。这个说法对我来说很清晰。它属于移民研究领域的词汇，在那里，归属感通常通过身份认同、对地方的依恋、社会参与和跨国联系来讨论。

但在田野中，这个问题往往显得有些突兀，产生一种疏离感。

寻找家园

有些受访者会犹豫。有些人显得困惑。还有人问我是什么意思。而我越是重复这个问题，就越意识到“归属感”是我自己的框架，不一定是他们的。这个词过于抽象、过于学术，远离人们描述自己生活的方式。

于是，我换了问法。

“你在哪里感到在家？”回答来得更加流畅。

有一段对话特别令我难忘。我在贝洛奥里藏特一个受欢迎的购物中心和一位中国店主邓女士交谈。她的人生已经跨越了多重边界：出生在斯洛文尼亚，在中国长大，少年时又搬到了巴西。多年后，她大部分大家庭成员都回到了欧洲，而她则留在巴西，和丈夫、孩子以及公婆一起生活。

当我问她在哪里感到在家时，她沉默了。然后，她抬起手，指着自己的头说：“不晓得。”

接着，她哭了。

过了一会儿，她补充道：“家，就是我的孩子们所在的地方。”

答案很简单，却动摇了许多关于移民的假设。我们常常把跨国移民想象成拥有多个家园、多种依恋和更广阔视野的人。跨越边界的流动有时被描述为值得赞颂的事：流动创造机会，联系成倍增加，身份变得更加丰富和灵活。

但邓女士的回答暗示了某种更脆弱的东西。对她来说，生活在不同国家之间，并不意味着她属于所有这些国家。这意味着归属感变得难以定位。中国、巴西和欧洲都构成了她生活的一部分，但没有哪个地方能让她毫不犹豫地称之为家园。归根结底，家园不是一个地方，而是一种关系。

这种感受并非邓女士独有。对于我在巴西非正规经济中遇到的许多中国移民来说，归属感并不通过公民身份、民族认同或融入更广泛的公共生活来表达。它大多扎根于家庭。

许多移民在小商店里工作，夫妻共同经营生意。孩子们在零售或批发的节奏中、在库存、送货和漫长的工作时间里长大。工作和家庭不是两个分离的领域，它们相互交织。商店是工作场所，也是关怀、义务、冲突和陪伴的空间。在这种情况下，几乎没有空间留给其他任何事情。

有些移民会去教堂，有些偶尔参加社区聚会。但很多人参与协会、当地友谊、文化活动或公民生活的程度都相当有限。语言障碍、长时间工作、安全顾虑和经济压力缩小了他们的日常世界。他们的生活并不空虚，但被局限住了。家庭成了主要的情感单元、社会网络，有时也是唯一可靠的依恋来源。

正因如此，“感到在家”比“归属”更为重要。人们下班后回到的是家。孩子们在家里被抚养长大，饭菜在那里准备，钱在那里讨论，争执在那里发生，未来也在那里规划。

尽管如此，归属感并未缺席。它被集体、暂时地建构起来的。

一个周末，我参加了一次在乡村农庄举行的聚会，这个农场常被中国社区成员使用。对许多参与者来说，这个空间很熟悉：一栋大房子、露天烹饪、共享的餐食、打牌、打麻将、孩子们跑来跑去，人们在厨房、餐桌和院子之间穿梭。从很多方面看，它让人想起他们曾经离开的那些村庄。

短短几个小时里，氛围就变了。人们放松下来。他们嬉笑、做饭、玩耍、抽烟、聊天、回忆。农场变成了巴西土地上一片小小的中国天地。

聚会中，有人开玩笑地把我们的巴西研究助理卢卡斯称为“外国人”。卢卡斯立刻反驳道：“你们才是外国人——你们在我的国家。”

这个互动很有趣，但也很有启发性。在那个场合之外，社区常常把卢卡斯描述为会说流利中文的巴西人。但在那片空间里，界限却发生了变化。农场象征性地成了中国的，而卢卡斯则短暂地成了自己国家里的外来者。

那一刻教会了我重要的一点：归属感不是人们单纯拥有的东西。它是通过日常实践建构起来的：一起吃饭、说共同的语言、玩熟悉的游戏、回忆相似的地方、认出彼此的动作。对于日常生活充满不确定性的移民来说，这样的时刻很重要。它创造出一片暂时的立足之地。

归属感并不总是对某个地方的舒适感或依恋。它不是由流动、公民身份或跨国联系自动产生的。对于我在贝洛奥里藏特遇到的中国移民而言，归属感体现在孩子们的陪伴中，体现在家族生意的日常节奏中，体现在共享餐食的温暖中，体现在一座巴西农场暂时转变为中国社交世界的过程中。

也许正因如此，“感到在家”才是更好的提问方式。与归属感不同，谈论家园不需要人们用抽象的术语来解释自己。它允许人们从生活真正发生的地方出发来讲述：商店、厨房、家庭餐桌、孩子的卧室、往返于中国和巴西之间的道路。

而有时，正如邓女士的眼泪提醒我的那样，家园不是我们归属的地方。

是我们被需要的地方。

220

A bolsa de viagem / The Travelling Bag / 旅行袋

Lizong Guan

227

Entre duas culturas / Between Two Cultures / 两种文化之间

Vitória Ye Miao

241

Mistura que funciona / A Mixture that Works / 混合得很好

Andi Lin

Caderno de
memórias

Memory
Notebook
记忆笔记本

A bolsa de viagem

The Travelling Bag

旅行袋

Lizong Guan

Vocês sabem quantos chineses existem no Brasil? Quantos chineses vocês acham que há no Brasil? Um milhão? Cem mil? Dez mil? Não importa quantos, pois se você entrar no Shopping Oiapoque, no centro de Belo Horizonte, vai achar que está na China! Muitas pessoas sabem que há hoje muitos chineses ricos no Brasil. Poucos sabem, porém, como eles mudaram as suas próprias condições.

Vocês sabem como os chineses começaram os seus negócios no Brasil nos anos 1990? Eles não tinham loja, não tinham redes sociais e não falavam português, mas tinham uma coisa: a bolsa de viagem! Naquela época, o jeito clássico dos chineses ganharem dinheiro era o famoso “negócio de bolsa”. O que é o negócio de bolsa? É sair todo dia caminhando com uma bolsa enorme, batendo de porta em porta em cada loja, em cada rua que passavam, para vender as mercadorias.

O kit básico era simples: uma bolsa gigante cheia de produtos — meias, relógios, óculos de sol, maquiagem... tudo o que você imaginar! A frase clássica era: *Mais barato! Mais barato! Só cinco reais!* Não falava português? Sem problemas! Era só gritar *Promoção!* E as vendas apareciam. Parece fácil para vocês?

Os chineses carregavam bolsas de cerca de 20 kg, andavam cerca de 10 km por dia e tinham que entrar em mais de 50 lojas todo dia. Por isso que os braços das mulheres chinesas eram mais fortes do que os de muitos homens da segurança por aí! Os brasileiros olhavam para os chineses e pensavam: Como esse chinês pequenininho tem tanta força?

E o que era o GPS dos chineses? Era o ouvido! Onde alguém gritava por descontos, eles iam! Mesmo sem falar português, eles vendiam as mercadorias só com gestos, sorrisos e o nosso famoso *Mais barato!* Era impressionante.

Muitos começaram vendendo meias na rua e depois abriram uma loja grande. Isso é o mais incrível. É como em um videogame: você começa no nível iniciante, aniquila alguns monstros no caminho e termina como o chefe do atacado! Quando você passar pelo Shopping Oiapoque em Belo Horizonte ou na Rua 25 de Março em São Paulo e ver um grande atacadista chinês, lembre-se de que muitos deles começaram com uma bolsa gigante nas costas!

De vendedor de rua a dono de atacado: essa é a história de sucesso dos chineses no Brasil. Qual é a profissão mais comum entre os chineses que vivem aqui? O que eles fazem hoje no Brasil? São donos de lojas. Quando o brasileiro vai trabalhar às 8h, o chinês às 8h já contou todo o estoque pela primeira vez do dia!

E como será o futuro dos chineses no Brasil? Nos próximos 10 anos, provavelmente vai ter mais chineses no Brasil, mas relaxem! Não roubamos os empregos dos brasileiros. Em vez disso, criamos mais empregos!

Preciso esclarecer uma coisa: vocês sabiam que a China nunca invadiu nenhum país? Isso mesmo! Sem exércitos conquistando terras, sem colonizar ninguém. Porque temos uma arma secreta: a culinária! Pensem comigo: que lugar não tem um restaurante chinês? Mesmo na cidade mais perdida do mundo, há sempre um restaurante com o letreiro CHINA vendendo yakisoba. Ele pode até nem ser chinês, mas a gente deixa passar!

No dia 5 de janeiro de 2014, cheguei em São Paulo. Quando o avião sobrevoou a cidade, eu olhei para baixo todo animado, mas só vi casas pequenas. Pensei: Onde está a modernidade do Brasil? Por que está tudo tão velho? Algum tempo depois descobri que aquelas casinhas avistadas do avião eram mansões. Essa foi a minha impressão do Brasil.

Minha irmã e minha mãe me trouxeram para o Brasil. O voo da China para o Brasil dura 28 horas. Depois disso, ainda peguei um ônibus por mais 8 horas para chegar em Belo Horizonte. Foram 28 horas de voo, mais 8 horas de estrada. Eu tinha acabado de terminar o ensino médio e fui seduzido pela promessa de ganhar dinheiro. Parece até golpe, certo? E o pior... eu estava sozinho! Não falava português, nem inglês. E estou aqui ainda!

Minha primeira refeição em Belo Horizonte foi hotpot de pé de frango. Pensei: Nossa, que luxo! Uma panela cheia de pé de frango! Acabei comendo quase tudo. Na China o frango é caro, custava cerca de 40 reais o quilo! Depois daquele almoço descobri que no Brasil o frango custava só 1 real o kilo! Por isso a China está comprando muito frango do Brasil.

Uma pergunta: vocês já chamaram algum chinês de “China”? Eu não gosto quando me chamam de China, acho que é preconceito. Cheguei ao Brasil e nunca mais fui para a escola. Cheguei e fui direto para o trabalho. Apreendi português com os funcionários e com os clientes das lojas que tive. Com os clientes sempre me zoando bastante. Já tive várias lojas. Primeiro vendi guarda-chuva e boné. Depois abri uma loja de telas para celulares e trabalhei nela por 8 anos. Foi minha primeira loja e era no Shopping Xavante. Só tinha 3 metros quadrados e estava cercada por lojas de conserto de celular. O espaço era pequeno, mas o negócio prosperava e eu me dava bem com os concorrentes.

Depois entrei para o atacado e finalmente criei a Atacajunto, minha loja atual. No dia 18 de maio de 2024, postei o meu primeiro vídeo e assim começou a Atacajunto! Eu e 4 funcionários tentávamos gravar um vídeo, mas eu estava tímido... Levamos 3 horas para gravar 1 minuto! Até que um dos funcionários trouxe essa ideia: *Bebe um pouco!* Bebi uma garrafa e pronto, gravei o vídeo de primeira! Na China temos um ditado: Álcool dá coragem para o covarde!

O que os chineses fazem nos feriados no Brasil? O que vocês acham? Viagens? Churrascos? Jogos? Nada disso! Eles trabalham! Por quê? Porque nos feriados, os clientes estão de folga e finalmente têm tempo para comprar! Se um dia você estiver de folga e não souber para onde ir, vá passear no Shopping Oiapoque. Porque o Oiapoque nunca fecha! Meu feriado favorito? Claro que é o Carnaval!

O meu conselho para os novos imigrantes chineses que estão chegando é esse: aprendam os fonemas antes de aprender português. Senão, vão falar “português de chinês”... e é feio, viu?

Do you know how many Chinese people there are in Brazil? How many Chinese people do you think live in Brazil? One million? One hundred thousand? Ten thousand? It doesn't matter how many there are, because if you walk into Shopping Oiapoque in the centre of Belo Horizonte, you will feel as though you are in China! Many people know that there are now many wealthy Chinese people in Brazil. Few people, however, know how they transformed their own circumstances.

Do you know how the Chinese began their businesses in Brazil in the 1990s? They had no shops, no social media, and did not speak Portuguese, but they had one thing: the travel bag! In those days, the classic way for the Chinese to earn money was through the famous “bag business”. What is the bag business? It is going out every day walking with a huge bag, knocking on doors in every shop and along every street they passed, to sell their goods.

The basic kit was simple: a giant bag full of products — socks, watches, sunglasses, make-up... everything you can imagine! The classic phrase was: “Cheaper! Cheaper! Only five reais!” Didn't speak Portuguese? No problem! They simply shouted “Promotion!” and the sales came. Does it seem easy to you?

The Chinese carried bags of around 20 kg, walked about 10 kilometres per day, and had to enter more than 50 shops every day. This is why the arms of Chinese women were stronger than those of many security guards around! Brazilians would look at the Chinese and think: How can this little Chinese guy have so much strength?

And what was the GPS for the Chinese? It was their ears! Wherever someone shouted for discounts, they would go! Even without speaking Portuguese, they sold their goods using only gestures, smiles, and our famous “Cheaper!” It was impressive.

Many started by selling socks on the street and later opened large shops. This is the most incredible part. It's just like a video game: you start at the beginner level, defeat some monsters along the way, and end up as the boss of the wholesale business! When you pass by Shopping Oiapoque in Belo Horizonte or Rua 25 de Março in São Paulo and see a large Chinese wholesaler, remember that many of them started with a giant bag on their backs!

From street vendor to wholesale owner: this is the success story of the Chinese in Brazil. What is the most common profession among the Chinese people living here? What do they do in Brazil today? They are shop owners. When a Brazilian goes to work at 8 a.m., the Chinese have already counted their entire stock once that day!

And what will the future of the Chinese in Brazil be like? In the next 10 years, there will probably be more Chinese people in Brazil, but relax! We do not steal jobs from Brazilians. Instead, we create more jobs!

I need to clarify one thing: did you know that China has never invaded any country? That is right! No armies conquering lands, no colonising anyone. Because we have a secret weapon: cuisine! Think about it with me: what place does not have a Chinese restaurant? Even in the most remote city in the world, there is always a restaurant with the sign “CHINA” selling yakisoba. It may not even be genuinely Chinese, but we let it slide!

On 5 January 2014, I arrived in São Paulo. When the plane flew over the city, I looked down excitedly..., but I only saw small houses. I thought: Where is the modernity of Brazil? Why does everything look so old? Some time later, I discovered that those little houses seen from the plane were actually mansions. That was my first impression of Brazil.

My sister and my mother brought me to Brazil. The flight from China to Brazil lasts 28 hours. After that, I still took a bus for another 8 hours to reach Belo Horizonte. It was a 28-hour flight plus an 8-hour bus journey. I had just finished secondary school and was seduced by the promise of making money. It sounds almost like a scam, doesn't it? And the worst part... I was alone! I did not speak Portuguese or English. And I am still here!

My first meal in Belo Horizonte was a hotpot with chicken feet. I thought: Wow, what luxury! A pot full of chicken feet! I ended up eating almost everything. In China, chicken is expensive; it costs about 40 reais per kilo! After that lunch, I discovered that in Brazil, chicken costs only 1 real per kilo! That is why China is buying so much chicken from Brazil.

One question: have you ever called a Chinese person “China”? I do not like it when people call me “China”; I think it is prejudiced. I arrived in Brazil and never went back to school. I arrived and went straight to work. I learned Portuguese from the employees and customers in the shops I had. The customers were always teasing me a lot. I have had several shops. First, I sold umbrellas and caps. Then I opened a shop selling mobile phone screens and worked there for 8 years. It was my first shop, and it was in Shopping Xavantes. It was only 3 square metres and was surrounded by mobile phone repair shops. The space was small, but the business prospered and I got along well with the competitors.

Later, I moved into wholesale and finally created Atacajunto, my current shop. On 18 May 2024, I posted my first video and thus Atacajunto began! My four

employees and I tried to record a video, but I was shy... It took us 3 hours to record 1 minute! Until one of the employees had this idea: “Drink a bit!” I drank a bottle and, just like that, recorded the video in one take! In China, we have a saying: Alcohol gives courage to the coward!

What do the Chinese do during holidays in Brazil? What do you think? Travel? Barbecues? Games? None of that! They work! Why? Because on holidays, customers are off work and finally have time to shop! If one day you are on holiday and do not know where to go, go for a walk in Shopping Oiapoque. Because Oiapoque never closes! My favourite holiday? Carnival, of course!

My advice to new Chinese immigrants who are arriving is this: learn the phonemes before learning Portuguese. Otherwise, you will speak “Portunese”... and it doesn’t sound very good at all.

你们知道巴西有多少中国人吗？你们觉得巴西生活着多少中国人？一百万？十万？一万？具体数字并不重要，因为如果你走进贝洛奥里藏特市中心的Oiapoque购物中心，你会感觉自己仿佛置身于中国！许多人知道如今巴西有很多富裕的中国人。然而，很少有人了解他们是如何彻底改变自己的人生境遇的。

你们知道上世纪90年代中国人是如何在巴西开启生意的吗？他们没有店铺，没有社交媒体，也不会说葡萄牙语，但他们拥有一件利器：旅行袋！那个年代，中国人赚钱的经典方式就是著名的“旅行袋生意”。什么是旅行袋生意？就是每天背着一个巨大的袋子，走街串巷，敲开每一家商店的门，推销自己的商品。

基本装备很简单：一个塞满货物的巨大袋子——袜子、手表、太阳镜、化妆品……你能想到的应有尽有！他们的经典喊话是：“便宜！便宜！只要五雷亚尔！”不会说葡萄牙语？没关系！他们只要大喊一声“促销！”生意就来了。你觉得这听起来容易吗？

中国人每天背着大约20公斤的袋子，走大约10公里路，要进50多家店铺。正因为如此，中国女性的手臂往往比许多保安的手臂还要有力！巴西人看到中国人时常常会想：这么瘦小的中国人，怎么会有这么大的力气？

中国人的GPS是什么？是他们的耳朵！无论在哪里听到有人喊打折，他们就会立刻赶过去！即使一句葡萄牙语都不会说，他们也能仅靠手势、微笑和那句著名的“便宜！”就把货卖出去。这真是令人印象深刻。

旅行袋

很多人从街头卖袜子起步，后来却开起了大店铺。这才是最不可思议的地方。就好像玩电子游戏一样：你从新手级别开始，一路打怪升级，最后成为批发市场的老大！当你路过贝洛奥里藏特的Oiapoque购物中心，或是圣保罗的3月25日街，看到一家大型中国批发商时，请记住：他们当中很多人当初就是背着那个巨大的旅行袋起家的！

从街头小贩到批发店老板：这就是中国人在巴西的成功故事。如今生活在巴西的中国人最常见的职业是什么？他们在巴西主要做什么？他们是店主。当巴西人早上8点去上班时，中国人早已把当天库存清点过第一遍了！

中国人在巴西的未来会怎样？未来10年，巴西的中国人可能还会更多，但请放心！我们并没有抢走巴西人的工作。相反，我们创造了更多就业机会！

我需要澄清一件事：你们知道中国从未入侵过任何国家吗？没错！没有征服军队，没有殖民他国。因为我们拥有一件秘密武器：美食！想想看：世界上哪个地方没有中餐馆？即使在最偏远的城市，也总有一家挂着“CHINA”招牌卖日式炒面的餐厅。它可能根本不是正宗中国菜，但我们就睁一只眼闭一只眼了！

2014年1月5日，我抵达圣保罗。当飞机飞越城市上空时，我兴奋地向下降望……却只看到一片小房子。我心想：巴西的现代化在哪里？为什么一切看起来都那么老旧？过了一段时间我才发现，从飞机上看到的那些小房子其实是豪宅。那就是我对巴西的第一印象。

是我姐姐和母亲把我带到巴西的。从中国飞到巴西需要28小时。落地后，我还要再坐8小时巴士才能到达贝洛奥里藏特。那是28小时的飞行加上8小时的巴士旅程。我刚读完高中，就被赚钱的承诺吸引而来。听起来简直像个骗局，对吧？最糟糕的是……我是一个人来的！既不会葡萄牙语，也不会英语。可我至今还在这里！

我在贝洛奥里藏特吃的第一顿饭是鸡爪火锅。我心想：哇，这么奢侈！整整一锅鸡爪！我几乎吃了个精光。在中国，鸡肉很贵，一公斤要40雷亚尔左右！吃完那顿午饭后，我才发现巴西的鸡肉只要一雷亚尔一公斤！这就是为什么中国从巴西进口大量鸡肉的原因。

有个问题：你们曾经把中国人叫成“China”吗？我不喜欢别人这样叫我，我觉得这是带有偏见的。我来到巴西后就再也没有回学校读书了。我一到这里就直接开始工作。我的葡萄牙语是从我经营的店铺里的员工和顾客那里学来的。顾客们总是喜欢拿我

开玩笑。我开过好几家店。第一家卖雨伞和帽子。后来我开了一家卖手机贴膜的店，经营了8年。那是我第一家真正的店铺，位于沙万特购物中心。只有3平方米，周围全是手机维修店。店铺虽小，但生意兴隆，我和竞争对手也相处得很好。

后来我转做批发，最终创办了现在的阿塔卡容托店。2024年5月18日，我发布了第一个视频，阿塔卡容托就这样起步了！我和四名员工一起尝试录制视频，但我当时很害羞……我们花了3个小时才录完1分钟！直到一名员工出了个主意：“喝点酒吧！”我喝完一整瓶，马上就一次性录好了！在中国有句俗语：酒壮怂人胆！

中国人在巴西的节假日都做些什么？你们猜猜看？旅行？烧烤？玩游戏？都不是！他们工作！为什么？因为节假日顾客们放假了，终于有时间购物了！如果你哪天放假不知道去哪里，不妨去Oiapoque购物中心逛逛。因为Oiapoque从不关门！我的最爱节日？当然是狂欢节！

我给新来巴西的中国移民的建议是：先学好语音，再学葡萄牙语。否则你就会说出“中国式葡语”……听起来可不太好。

Entre duas culturas Between Two Cultures 两种文化之间

Vitória Ye Miao

Em conversa com Jiawei Zhao
In conversation with
的对谈

Meu nome é Miao Weiwei, meu nome brasileiro é Vitória Ye Miao, e este ano completo 24 anos. Nasci no Rio de Janeiro, no Brasil, e depois me mudei para Belo Horizonte. Minha mãe é de Wenzhi e meu pai é de Rui'an. Depois, toda a família deles se mudou para Wenzhou. Meus pais se conheceram no Rio e se casaram lá.

Quando eu ainda era bebê, meus pais tinham que trabalhar, então eles me deixaram aos cuidados de uma família brasileira durante o dia. Basicamente eu cresci numa casa brasileira, sem saber falar nada de chinês. Minha mãe encontrou uma mulher no elevador que me achou muito fofa e perguntou se podia me pegar no colo. A mulher morava com os pais. Naquela época, a família da minha mãe não estava bem financeiramente — ela tinha uma lojinha numa favela —, então não era seguro nem prático me levar para lá.

As duas se conheceram melhor, e essa mulher se ofereceu para cuidar de mim, dizendo que os pais dela eram aposentados e ela tinha tempo para ficar comigo. Foi assim que comecei a morar com eles, e eles me tratavam como se eu fosse filha deles. Eu a chamava de “mamãe”, os pais dela de “vovó” e “vovô”. Minha mãe até ficou com um pouco de ciúmes disso. Ela costumava dizer: “Você só tem dois pais” — até porque eu preferia ficar na casa deles, não queria voltar para casa com ela à noite.

Eles fizeram aquilo de coração, gostavam muito de mim, de verdade. Nos fins de semana, eles até gastavam do próprio bolso para comprar roupas para mim ou me levar para reuniões de família e festas. Chegavam a fazer festa de aniversário para mim.

Eu basicamente me sentia uma criança brasileira, parte da família deles. Eu era mais próxima deles do que dos meus pais de verdade, já que passava mais tempo com eles. Não sei exatamente quanto tempo ficamos juntos — talvez dos meus três aos seis ou sete anos, até a gente se mudar.

Aquela fase com certeza influenciou minha personalidade. Os chineses costumam ser mais reservados, não exatamente frios, mas não se expressam com

tanto carinho. Eles geralmente não abraçam nem se tocam para demonstrar amor. Brasileiros, ao contrário, são calorosos e mostram muito afeto. Crescer com eles me fez ser mais assim também — aberta, expressiva, à vontade com contato físico.

Não tenho certeza em qual favela no Rio ficava a loja dos meus pais — eles passaram tanto pelo Jacarezinho quanto pela Rocinha, e escolheram a favela na época porque não tinham dinheiro. Quando chegaram ao Brasil, trabalharam como sacoleiros. Andavam com a mercadoria de porta em porta, vendendo tênis, perfumes, uma porção de coisas. Depois, resolveram abrir uma loja para ter mais estabilidade. Foi mais ou menos nessa época que eles se casaram também — minha mãe estava cansada de morar com parentes, queria ter seu próprio espaço. Abrir a loja e formar uma família aconteceu quase ao mesmo tempo.

O aluguel no Rio estava caro demais, então eles decidiram se mudar para Belo Horizonte, onde era mais barato e, na época, também com menos lojas. Eu gostei mais daqui do que do Rio, o clima é melhor. Nossa vida foi melhorando aos poucos — a gente não precisava mais morar numa favela e nossa casa era mais bonita. A minha família do Rio então ficou longe, mas ainda ligava ou mandava mensagem no meu aniversário.

Depois de alguns anos, meu irmão nasceu. Eu tinha uns oito anos e ele cerca de oito meses quando meus pais decidiram mandar a gente para a China. Depois que a gente foi para a China, perdemos contato com a família do Rio.

Quando voltei para o Brasil, não fiz mais contato com eles, mas um parente deles me achou no Facebook e viu que eu tinha voltado. Eles nem ligaram para avisar — simplesmente pegaram o carro no Rio e vieram até Belo Horizonte! Os avós, a mulher, o marido dela e os dois filhos, umas seis pessoas ao todo, simplesmente apareceram lá em casa. Quando foram embora, me deram um presente... e o filho deles ainda fez xixi na minha cama, até hoje tem uma mancha amarela lá!

Meu irmão e eu ficamos na China uns três anos. Quando a gente chegou, eu não sabia falar nada de chinês, só falava português. Meu irmão ficou com meus avós e eu fiquei com minha tia, irmã do meu pai, porque ela tinha um filho e a gente podia ir para a escola juntos.

Eu ainda lembro de quando cheguei: eu não sabia que não podia beber água durante a aula. Como não entendia chinês, simplesmente abri minha garrafinha e comecei a beber e a professora me deu uma bronca: “Você não pode beber água durante a aula!” Eu respondi: “Eu não estou entendendo o que você está falando”. A professora ficou muito surpresa e os colegas disseram para ela: “Ela é estrangeira, é do Brasil, ela não entende”. Aí a professora deixou para lá.

Quando tive as provas, eu sequer conseguia escrever meu nome — “Miao” era muito difícil —, então eu copiava dos colegas. Eles tampavam a prova, e eu tentava espiar. A professora via, mas não se importava, porque sabia da minha situação. Depois de uns três anos, eu já conseguia falar e escrever em chinês bem e até virei monitora da turma por volta da quinta série. Eu não tive outra escolha! Ninguém falava português lá, então eu tive que aprender — era afundar ou nadar.

No começo — como na época não existia Google Tradutor — eu usava gestos para me comunicar com minha tia e meu primo. Sinceramente, nem sei como

consegui aprender, mas fui pegando aos poucos. Com o tempo, porém, eu esqueci completamente o português. Em três anos eu tinha esquecido todo o meu português.

A família do meu pai é de Wenzhou. A gente morava na região de Ou hai, Louqiao. Quando cheguei, meu tio tinha uma loja de carros usados e minha tia era dona de casa, fazia limpeza, cozinhava, esse tipo de coisa. Depois ela começou a fazer bicos, como costurar zíperes para fora.

Fui para Wenzhou quando meu pai levou a mim e meu irmão para a China. Meu pai ficou um ou dois meses e depois voltou. Naquela época, ele e minha mãe iam à China uma vez por ano. Mas depois que meu irmão ficou doente e voltou para o Brasil, minha mãe não pôde mais ir, porque tinha que cuidar dele. Aí passou a ser só meu pai indo, uma vez por ano.

Eu fiquei na China dos oito aos treze anos, mais ou menos. Meu irmão ficou uns três anos. No começo ele estava bem, mas depois ficou doente — febre, vômito, acabou internado. Como crianças pequenas se mexem muito, tiveram que colocar o soro na cabeça dele em vez do braço. Minha mãe decidiu trazer ele de volta para o Brasil, na esperança de que ele melhorasse e, milagrosamente, ele melhorou! Eu fiquei mais dois anos e fui me juntar a eles.

Na China eu não viajava muito, só ficava estudando. Nos fins de semana eu ia para a casa dos meus avós. Mas sinto falta dos banquetes de casamento na China. Só de falar já dá fome!

Em Belo Horizonte, a gente mora no centro. Eu passo a maior parte do tempo aqui. Tudo fica perto e é prático. A gente comprou o apartamento. Uma casa ou sítio dá muito trabalho — insetos, limpeza e ter que contratar gente, por exemplo. Apartamento é bem mais simples. Tem administração e vizinhos por perto — dá mais sensação de segurança. Quanto às tarefas de casa: meu pai nos leva de carro para a loja de manhã e depois volta. Ele cozinha de segunda a sexta; eu cozinho no sábado; minha mãe no domingo. Para lavar roupa, minha mãe lava a dela, meu irmão lava a dele e eu lavo a minha e a do meu pai. A gente quase não fica em casa, então só precisamos passar o aspirador de vez em quando. Uma diarista vem umas duas vezes por mês. Quanto aos estudos, eu e meu irmão sempre fomos bem independentes. Meu irmão é inteligente, e como meus pais não leem nem escrevem muito bem em português, a gente resolve tudo sozinho.

Eu trabalho na loja das 8h até 17h30 ou 18h, e depois vou direto para a universidade (PUC Minas). As aulas são das 19h até 22h e aí eu volto para casa. A minha rotina é essa.

A maioria das lojas chinesas por aqui é administrada por homens, mas no nosso caso é o contrário, quem manda é a mulher. Isso porque minha mãe é muito competente. Se ela não fosse, não teria que se ocupar tanto. Ela dá conta de tudo! Sinceramente, não sei se existe alguma coisa que ela não consiga fazer. Comparada com outras chinesas, ela é ótima. Ela não sabe escrever, mas fala fluentemente — até faz piada com os outros. Meu pai também consegue falar, mas não tão bem. Às vezes ele fala sem saber o que está dizendo! Mas ele entende muito bem o português.

Como eu não saía muito, a maioria das minhas amigas eu conheci na escola através de outras amigas. Elas são muito gentis e com um grande coração, quando

eu não entendia alguma coisa, elas ajudavam. Acho que não vou seguir na área que estudo, talvez continue no comércio mesmo. Não é tão cansativo nem tão complicado. Algumas amigas minhas fazem estágio em banco e estão sempre reclamando de como é exaustivo, e elas têm vontade de sair. Parece ser bem difícil.

Eu não me encaixo na comunidade chinesa local. Eles jogam cartas e Mahjong, mas eu não jogo, então fico por minha conta, no WhatsApp, Instagram e às vezes no Xiaohongshu — é basicamente isso. No Instagram eu vejo o que minhas antigas colegas estão fazendo e sigo celebridades para acompanhar as fofocas. No Xiaohongshu eu olho roupas, maquiagem, dicas e séries. As redes sociais trazem um pouco de diversão para a minha vida. Eu fico trocando de língua o tempo todo. Fico vendo coisas brasileiras no Instagram e depois mudo para as da china no Xiaohongshu. É sempre a mesma rotina — casa, trabalho e loja —, nada de muito novo.

Quase todas as minhas amigas são brasileiras. Elas dizem que eu sou mais brasileira que chinesa. Minhas amigas chinesas ou se mudaram ou perdemos contato, então com o tempo eu comecei a agir mais como brasileira — especialmente no jeito de falar e de fazer as coisas. Quando saio, geralmente é para restaurantes, casa de amigas ou boates — mas, sinceramente, boate já não é mais tão legal. Como eu falei antes, aqui não tem muita vida noturna — só restaurante, bar ou boate — e eu nem bebo.

Eu não gosto muito de novelas brasileiras, prefiro as ocidentais ou as chinesas. Quanto a música, faz tempo que não ouço música chinesa. E as mais novas são só aqueles hits virais que grudam na cabeça — não é meu estilo. Eu escuto mais música brasileira ou em inglês.

Tecnicamente, minha nacionalidade é brasileira, então eu devia dizer que sou brasileira. Mas como meus pais são chineses, nem eu mesma sei muito bem se devo me declarar chinesa ou brasileira. Se um brasileiro pergunta, eu digo que sou brasileira. E se um chinês pergunta, eu também poderia até dizer que sou brasileira — mas eles percebem que sou chinesa só de olhar. Às vezes eles só querem saber de onde eu sou, então eu falo: “Sou brasileira, mas meus pais são chineses”. Como minha nacionalidade é brasileira e eu falo português fluentemente, eles geralmente respondem: “Ah, então você é de onde?” E eu digo: “Do Brasil”, justificando meu português fluente.

Parece uma divisão — eu não sei qual das duas coisas realmente me define. Às vezes as pessoas perguntam por que não conseguem distinguir se sou coreana, japonesa ou chinesa, e aí eu simplesmente digo que sou chinesa. Meu celular está todo em chinês — e isso me faz sentir bem chinesa. Uma vez eu tentei mudar para português, mas não consegui me acostumar, achei difícil, então voltei para o chinês.

Eu me sinto no meio das duas culturas — mas também uma espécie de mistura. Tipo, durante o dia eu sou brasileira, e à noite eu sou chinesa. Porque durante o dia eu interajo mais com brasileiros; e à noite estou em casa com meus pais, então é mais chinês.

Quando viemos para cá, éramos só nós quatro, e às vezes meu pai saía para visitar amigos, então ficávamos nós três em casa. A única coisa que a gente celebra — se é que dá para chamar assim — é o Natal. Eu faço uma bela ceia para a gente. O clima aqui no Brasil deixa tudo mais festivo. Acho que depois do Carnaval, o Natal é a maior festa. Às vezes eu passo o Ano Novo com amigos. A família do lado do meu pai é cristã, e do lado da minha mãe é budista. Mas minha mãe não acredita muito

nessas coisas — ela costuma dizer: “Não acredite nessas coisas, acredite na ciência”. Ela é do tipo racional.

Durante a COVID, eu e meu irmão ficávamos de quarentena em casa e meus pais iam trabalhar, então eu tive que aprender a cozinhar. Não posso dizer que sou ótima, mas sei o suficiente para não passar fome. Eu mando melhor em pratos brasileiros — comida chinesa dá muito trabalho, com toda aquela preparação e muitas panelas. Comida brasileira é simples, um prato já resolve. Eu poderia comer comida brasileira ou chinesa, tanto faz. Só que como mais comida brasileira, porque geralmente peço delivery durante o dia.

Meus pais ficam me lembrando: “Você é chinesa, se comporte como chinesa, viva como uma chinesa”. Eles dizem que chineses são inteligentes e pensam rápido, e brasileiros não. Então eles querem que eu seja mais assim. É também por isso que eles me mandaram para a China — para ser influenciada pela cultura e pelo jeito de pensar chinês. Naquela época eu já tinha crescido 100% brasileira. E sinceramente, acho que eu me inclino mais para o lado brasileiro. É quem eu sou agora — está no meu corpo.

Minhas amigas raramente vêm aqui em casa. Minha mãe não gosta muito de receber visitas. Não que ela não goste de pessoas, ela só acha que dá trabalho, porque temos que limpar antes das visitas chegarem, preparar comida e limpar tudo de novo depois que elas vão embora. Ela trabalha de segunda a sexta, então não quer se ocupar no fim de semana.

Minha mãe também não gosta de sair, diz que é mais fácil comprar olhando as coisas na tela, principalmente a do celular, seja pelo WeChat ou WhatsApp. Nossos produtos vêm do Rio e de São Paulo, de empresas diferentes — a gente pega um pouco de tudo. É bom mesmo comprar assim — você pode ficar sentada no sofá de casa em vez de sair andando por aí. A nossa loja não tem funcionários de fora, somos só nós da família mesmo. A gente prefere assim, temos mais privacidade e também menos dor de cabeça. Às vezes arrumamos ajudantes, mas dá para administrar. Depois que a gente se acostuma, é tranquilo!

My name is Miao Weiwei, my Brazilian name is Vitória Ye Miao, and I’m turning 24 this year. I was born in Rio de Janeiro, Brazil, and later moved to Belo Horizonte. My mom is from Wenzhi, and my dad is from Rui’an. Later their whole family moved to Wenzhou. My parents met in Rio and got married there.

When I was still a baby, because both my parents had to work, they left me with a Brazilian family who took care of me. So, I basically grew up in a Brazilian household and couldn’t speak Chinese at all. She met a woman in the elevator who thought I was really cute and asked if she could hold me. That woman lived with her parents. My family wasn’t doing well financially at the time — she ran a small shop in a *favela* — so it wasn’t safe or convenient to take me there.

They got to know each other better, and the woman offered to help to take care of me, saying her parents were retired and she could watch me at home. So, I started living with them. They treated me like their own daughter. I called them “Mom,” “Grandma,” and “Grandpa.” My mom actually got a bit jealous about that. She used to say, “You only have one set of parents” — especially since I preferred staying at their house and didn’t even want to go home with her at night.

It was voluntary and they really liked me from the heart. On weekends, they’d even spend their own money to buy me clothes or take me to family gatherings and parties. They even threw birthday parties for me. I basically felt like a Brazilian kid — completely part of their family. I was closer to them than to my real parents since I spent more time with them. I’m not sure exactly how long I lived with them — maybe from age three to six, or even younger, maybe from three to seven, until we moved away.

Definitely that period influenced my personality. Chinese people tend to be more reserved — not cold, exactly, but not very expressive with affection. They don’t usually hug or show love physically. Brazilians are the opposite — warm and affectionate. So, growing up with them made me more like that too — open, expressive, comfortable with physical touch.

I’m not sure in which *favela* in Rio my parents had the shop — they’d been to both Jacarezinho and Rocinha. They chose to open a store in a favela because at that time they had no money. When they first came, they worked as *sacoleiros*. They carried goods around, selling them door to door — sneakers, perfumes, anything. Later, they decided to open a store for stability. They got married around that time too — my mom was tired of living with relatives and wanted her own place. Opening the store and starting a family happened around the same time.

Rent in Rio was too expensive, so they decided to move to Belo Horizonte, where it was cheaper and there were fewer stores back then. I liked BH better compared to Rio. The weather’s nicer, and life slowly got better — we didn’t have to live in a favela anymore, and our house was nicer. The family from Rio were far away, but they still called or sent messages on my birthday.

After a few years, my younger brother was born — I was around 8 and he was about 8 months old — and then my parents decided to send us both to China. After moving to China, we lost touch with the family from Rio.

When I returned to Brazil, I didn’t contact them, but one of their relatives found me on Facebook and realized I was back. They didn’t even call first — they just drove from Rio all the way to Belo Horizonte! The grandparents, the woman, her husband, and two sons — about six people — came to our house. When they left, they gave me a gift... their son also peed on my bed, and to this day, there’s still a yellow stain on it!

We stayed in China for around three years. When we first went there, I couldn’t speak any Chinese — only Portuguese. My brother lived with my

grandparents, and I lived with my aunt — my dad's sister — because she had a son, my cousin, so we could go to school together.

I still remember when I first arrived — I didn't know you weren't allowed to drink water during class. Since I didn't understand Chinese, I just opened my water bottle and started drinking, and the teacher scolded me harshly, saying, "You can't drink water in class!" I said, "I don't understand what you're talking about". The teacher was really surprised, and my classmates told her, "She's a foreigner, she's from Brazil, she doesn't understand." So, the teacher just let it go.

Later, during exams, I couldn't even write my name — "Miao" was too difficult — so I copied from classmates. They'd cover their papers and I'd try to peek. The teacher saw but didn't mind, because she knew my situation. After about three years, I could speak and write Chinese quite well and by fifth grade, I had even become the class monitor. I had no choice! No one spoke Portuguese there, so I had to learn it — sink or swim.

At first, since there was no Google Translate back then, I used gestures to communicate with my aunt and cousin. I honestly don't even know how I managed to learn, but slowly I picked it up. Eventually, though, I completely forgot Portuguese. Within three years I forgot all my Portuguese.

My dad's family is from Wenzhou. We lived in the Ouhai, Louqiao area. When I first arrived, my uncle ran a used car shop, and my aunt was a housewife — cleaning, cooking, that sort of thing. Later, she started doing odd jobs, like sewing zippers for others.

I went to Wenzhou when my dad took my brother and me to China. He stayed for a month or two and then came back. Back then, my dad went back once a year, and my mom went once a year too. But after my brother got sick and came back, my mom couldn't go anymore because she had to take care of him. So, it became that my dad went once a year.

I stayed in China from age eight to thirteen, about five years. My brother stayed about three. He was fine at first but then got sick — fever, vomiting, hospitalized. Since little kids move a lot, they had to give him IV fluids through his head instead of his hand. My mom decided to bring him back to Brazil, hoping he'd recover — and miraculously, he did! I stayed for another two years before joining them.

In China I didn't travel much — I just studied. Weekends I went to my grandparents. I miss Chinese wedding banquets though. Talking about it makes me hungry!

In Belo Horizonte, we live in downtown. I spend most of my time there. Everything's nearby and convenient. We bought our apartment. Houses or villas are too much trouble — bugs, cleaning, hiring help. An apartment is just easier. There's management, neighbors around — it feels safer. As for chores — my dad drives us to the shop in the morning, then drives back. He cooks Monday through Friday; I cook

on Saturdays; my mom on Sundays. For laundry, my mom does hers, my brother his own, and I do mine and my dad's. We're rarely home, so we just vacuum now and then. A cleaning lady comes about twice a month. When it comes to studying, my brother and I have always been independent. My brother's smart, and since my parents can't really read or write Portuguese, we handle that ourselves.

I work at our store from 8 a.m. to about 5:30 or 6:00 p.m., and then go straight to university (PUC Minas). Classes are from 7:00 until around 10p.m., and then I go home — that's my daily routine.

Most Chinese shops here are male-run, but in our case, it's the opposite. The woman runs things. that's because my mom's so capable. If she weren't, she wouldn't have to do all this. She can do everything! Honestly, I don't know if there's anything she can't do. compared to other Chinese people, she's great. She can't write, but she speaks fluently — even jokes around with others. My father can speak it, but not as well. Sometimes he talks and even he doesn't know what he's saying! But he understands fine.

Most of my friends I met at school. I didn't really go out much — so they were all from school, or friends of friends. They were really kind. If I didn't understand something, they'd help me. They were warm-hearted and always willing to help or teach me. I don't think I'll go into that field. I might stay in commerce instead. It's not as tiring or complicated. Some of my friends are interns at banks — they're always complaining about how exhausting it is and wanting to quit. It seems tough.

I don't really fit into the local Chinese community here. They play cards and mahjong together — I don't, so I just stay by myself. WhatsApp, Instagram, and sometimes Xiaohongshu (Little Red Book) — that's about it. On Instagram, I check what my old classmates are up to and follow celebrities for gossip. On Xiaohongshu, I look at clothes, makeup, little tips, and TV shows. Social media bring some fun into my life. I switch languages all the time. Like, I'll be looking at Brazilian stuff on Instagram, then switch to Chinese stuff on Xiaohongshu. Normally, it's just the same routine — home, work, and the store — nothing really new.

Most of my friends are Brazilian. My friends say I'm more like a Brazilian. My Chinese friends either moved away or we lost touch, so over time I started acting more like a Brazilian-especially in how I speak and do things. When I do go out, it's usually to restaurants, friends' houses, or nightclubs — but honestly, nightclubs aren't that fun anymore. Like I told you before, there's not much nightlife here — just restaurants, bars, or clubs — and I don't even drink.

I don't really like Brazilian TV shows. I prefer either Western or Chinese ones. As for music, I haven't listened to Chinese songs for a long time. The new ones are all those brainwashing viral hits — not my style. I listen to Brazilian or English songs more.

Technically, my nationality is Brazilian, so I should say I'm Brazilian. But since my parents are Chinese, even I don't really know if I should say I'm Chinese or Brazilian. If a Brazilian ask me, I say I'm Brazilian. And if a Chinese person asks me, I might also say I'm Brazilian — but they can tell I'm Chinese just by looking at me. Sometimes they just want to know where I'm from, so I'll say, "I'm Brazilian, but my parents are Chinese." Since my nationality is Brazilian and I speak Portuguese fluently, they usually go, "Oh, where are you from then?" And I'll say, "Brazil," since my Portuguese is so good.

It feels like a split — I don't know which one really defines me. Sometimes people ask because they can't tell whether I'm Korean, Japanese, or Chinese, and then I'll just say I'm Chinese. My phone is entirely in Chinese — that makes me feel super Chinese. I tried switching it to Portuguese once, but I couldn't get used to it-it felt too hard, so I switched back.

I feel like I'm in between the two cultures — but there's also some blending. Like, during the day I'm Brazilian, at night I'm Chinese. Because during the day I interact more with Brazilians, and at night I'm home with my parents, so that's more Chinese.

After we came here, it's just the four of us, and sometimes my dad goes out to visit friends, so it's just three of us at home. The only thing we celebrate — if you can call it that — is Christmas. I cook a big meal for us. The atmosphere here in Brazil makes it feel festive. I think after Carnival, Christmas is the biggest holiday. I sometimes spend New Year's with friends. My dad's side is Christian, my mom's side is Buddhist. But my mom doesn't really believe in anything — she says, "Don't believe in that stuff, believe in science." She's the rational type.

During COVID, my brother and I stayed at home in quarantine and my parents went to work, so I had to learn how to cook. I wouldn't say I'm great, but I can cook enough not to starve. I'm better at Brazilian dishes — Chinese food is too much work, all the prep and multiple dishes. Brazilian food is simple, one plate is enough. I can eat Brazilian food anytime, but also Chinese food anytime. But I eat more Brazilian food, since I usually have takeout lunches during the day.

My parents keep reminding me, "You're Chinese, act like a Chinese person, live like one." They say Chinese people are smart and quick-thinking, not like Brazilians. So, they want me to be more like that. That's part of why they sent me to China — not just to learn Chinese, but to be influenced by the culture and mindset. I had grown up completely Brazilian at that time. Honestly, I think I lean more toward Brazilian. It's just who I am now — it's in my bones.

My friends rarely come over. My mom doesn't really like having visitors — it's not that she dislikes people, she just finds it troublesome. You have to clean before they come, prepare food, and clean again after they leave. She works Monday to Friday, so she doesn't want to be busy again on weekends.

My mom doesn't like going out either – she says shopping's easier when things are right in front of you on a screen. She shops especially on her phone, using both WeChat and Whatsapp. Our supplies come from Rio and São Paulo, from different companies — we get a bit of everything. Yes, it's nice — you can sit on the couch at home instead of walking around everywhere. We don't hire local employees at our shop. It's just us. We prefer it that way — more privacy. It's also less trouble that way. We have a few helpers sometimes, but it's manageable. Once you get used to it, it's fine!

我的名字叫做苗微微，巴西名字是Victoria Ye Miao，今年24岁。我出生在里约热内卢，后来搬到了贝洛奥里藏特。我妈妈来自文成，爸爸来自瑞安，后来他们全家都搬到了温州。我父母是在里约认识并结婚的。

我还是婴儿的时候，父母因为要工作，就把我白天托给一个巴西家庭照顾。基本上我就是在巴西家庭里长大的，一句中文都不会说。我妈妈在电梯里遇到一个女人，那个女人觉得我很可爱，问能不能抱抱我。她和父母住在一起。当时我妈妈家经济条件不太好——她在贫民窟开了一家小店——所以带我去那里既不安全也不方便。

她们渐渐熟了之后，那个女人提出可以帮我妈妈照顾我，说她父母已经退休，她有时间在家看着我。就这样，我开始和他们住在一起，他们把我当成自己的女儿一样对待。我叫她“妈妈”，叫她的父母“外婆”和“外公”。我妈妈当时还有点吃醋，经常说：“你只有两个父母啊。”因为我更愿意待在她们家，晚上都不想跟她回家。

他们是真心喜欢我，才愿意这么做的。周末他们还会自己掏钱给我买衣服，带我去参加家庭聚会和派对，甚至给我过生日。我基本上觉得自己就是个巴西孩子，完全融入了他们的家庭。和他们在一起的时间比和亲生父母还多，我和他们的关系更亲近。我不太记得具体住了多久，大概是从三岁到六七岁，直到我们搬走。

那段时间对我的性格影响很大。中国人通常比较内敛，不是说冷漠，但不善于用拥抱或者肢体接触来表达感情。巴西人正好相反，热情又爱表达。和他们一起长大，也让我变得更开放、更愿意用身体语言表达感情。

我不太确定父母在里约哪个贫民窟开店，他们去过雅卡雷济尼奥和罗西尼亚。那时候他们刚来巴西，身上没钱，就做起了走街串巷的小贩，背着货一家一家地卖鞋子、香水什么的。后来为了稳定，他们才开了店。大概也是在那段时间他们结了婚——我妈妈当时不想再跟亲戚住在一起，想有自己的家。开店和成家几乎是同时发生的。

两种文化之间

里约房租太贵，他们就决定搬到贝洛奥里藏特。这里生活成本更低，当时商店也少。我在这里比在里约过得舒服，天气也好。我们的生活慢慢好起来，不用再住在贫民窟，房子也更像样了。里约那家人虽然远了，但每年我过生日的时候，他们还是会打电话或者发消息。

几年后，我弟弟出生了。我当时大概八岁，他才八个月大。父母决定把我们俩都送到中国。去了中国之后，我们就和里约那家人失去了联系。

我回到巴西后，没主动联系他们，但他们的一位亲戚在Facebook上看到我回来了。他们连电话都没打，直接从里约开车过来找我！外公外婆、那个女人、她的丈夫和两个儿子，一共六个人，就这么出现在我们家门口。他们临走时还送了我礼物……结果他们的儿子在我的床上尿了尿，直到现在床单上还留着一块黄色的印子。

我和弟弟在中国待了大概三年。刚去的时候，我一句中文都不会说，只会葡萄牙语。弟弟跟爷爷奶奶住，我跟姑姑（爸爸的姐姐）住，因为她有一个儿子，我们可以一起上学。

我还记得刚到学校的时候，完全不知道上课不能喝水。因为听不懂中文，我就直接打开水瓶喝，结果被老师狠狠批评了一顿：“上课不许喝水！”我当时只会说葡萄牙语，就回答：“Eu não estou entendendo o que você está falando（我听不懂你在说什么）。”老师愣住了，同学们赶紧解释：“她是外国人，从巴西来的，听不懂。”老师这才没再说什么。

考试的时候，我连自己的名字都不会写，“Miao”对我来说太难了，只能抄同学的。他们挡着卷子，我偷偷瞄。老师虽然看到了，但也没管，因为她知道我的情况。大概三年后，我已经能说能写中文了，甚至在五年级左右当上了班长。我当时别无选择，班上没人说葡萄牙语，要么学会，要么被淘汰。

一开始因为没有谷歌翻译，我只能用手势跟姑姑和堂弟交流。我自己都不知道是怎么学会的，但慢慢就上手了。不过后来，我反而把葡萄牙语完全忘了。三年时间，我就把以前的葡萄牙语忘得干干净净。

爸爸家在温州，我们住在瓯海、娄桥那一带。刚去的时候，叔叔开着二手车店，姑姑在家做家务，后来她也开始做一些零工，比如帮别人缝拉链。我去温州的时候，是爸爸带着我和弟弟一起去的。他只待了一两个月就回巴西了。那时候爸爸和妈妈每年都会回中国一次，但弟弟后来生病回巴西后，妈妈就不能再走了，只能爸爸每年回去一次。

我在中国从八岁待到十三岁左右，弟弟则待了三年。他一开始还好，后来发烧呕吐，住了院。因为小孩子动来动去，输液只能打在头上，不能打在手上。妈妈担心他，就把他带回巴西，希望他能好起来，结果奇迹般地真的好了。

我又多待了两年，才和他们团聚。

在中国我基本没怎么出去玩，就是学习。周末会去爷爷奶奶家。不过我很怀念中国的婚宴，一说起来就觉得饿。

我们在贝洛奥里藏特住在市中心，我大部分时间都在这里。周围什么都方便，我们也买了公寓。住房子或者别墅太麻烦了，又有虫子又要打扫，还得请人。公寓就简单多了，有物业，邻居也多，安全感更强。家务方面，爸爸早上开车送我们去店里，晚上再接回来。他负责周一到周五的饭，我周六做，我妈周日做。洗衣服是我妈洗自己的，我弟洗自己的，我洗我和爸爸的。我们平时很少在家，所以只是偶尔吸吸尘，每个月请个阿姨来打扫两次。学习上我和弟弟一直都很独立，我弟很聪明，父母又不太会读写葡萄牙语，很多事情我们都是自己处理。

我每天早上八点到店里，做到下午五点半或六点，然后直接去PUC Minas上课，晚上七点到十点左右才回家，基本就是这个节奏。

这里大多数中国店都是男人掌管，但我们家正好相反，是我妈在管事。因为她特别能干，如果她不行，也不会承担这么多事情。她几乎什么都会做，说实话我都不知道有什么是她做不了的。和其他中国人比，她已经算很厉害了。虽然不识字，但说话很流利，还会跟人开玩笑。爸爸也会说，但没她那么好，有时候自己说着说着都不知道在说什么，不过理解上没问题。

我平时不怎么出去玩，大部分朋友都是在学校通过其他同学认识的。她们人都很好，我有什么不懂的她们都会帮忙。我觉得以后可能不会从事自己学的专业，还是继续做生意比较好。不那么累，也没那么复杂。我有些朋友在银行实习，总是抱怨太辛苦了，想辞职。听起来确实挺难的。

我不太融入本地的华人圈。他们喜欢打牌、打麻将，我不会，就自己一个人待着。平时就刷刷WhatsApp、Instagram，有时候也看小红书。在Instagram上我看看以前同学的动态，也追追明星八卦；在小红书上主要是看衣服、化妆、实用小技巧和剧。社交媒体让我生活里多了一点乐趣。我经常切换语言，在Instagram看巴西内容，切换到小红书又看中文的。日常生活基本就是家、店里、上学，没什么新鲜事。

两种文化之间

我的朋友几乎都是巴西人。她们都说我更像巴西人。我以前的中国朋友不是搬走了，就是渐渐失去了联系，所以时间长了我说话做事都越来越像巴西人。出去玩的话，通常是去餐厅、朋友家，或者偶尔去夜店，但老实说现在已经觉得夜店没那么好玩了。这里 nightlife 本来就有限，主要就是餐厅、酒吧和夜店，而且我也不喝酒。

我不太爱看巴西剧，更喜欢看欧美剧或者中国剧。音乐方面，已经很久没听中文歌了，现在流行的那些洗脑神曲也不是我的风格，我还是听巴西歌和英文歌比较多。

严格来说我的国籍是巴西，所以按理说应该说自己是巴西人。但因为父母是中国人，连我自己都有些拿不准该怎么定义自己。如果是巴西人问，我就说自己是巴西人；如果是中国人问，我可能也会说自己是巴西人，但他们一看外貌就知道我是中国人。有时候他们只是想知道我到底是哪里人，我就会说：“我是巴西人，但我父母是中国人。”因为我的国籍是巴西人，葡萄牙语又说得这么好，他们通常会追问：“那你到底是哪的？”我就会回答：“巴西的。”就用我的葡萄牙语水平来解释。

总觉得有点分裂，我自己也不知道到底哪边更能代表我。有时候别人问我，是因为分不清我是韩国人、日本人还是中国人，那我就直接说我是中国人。我的手机系统一直是中文的，这让我觉得自己很中国人。有一次我试着改成葡萄牙语，结果用得习惯，觉得别扭，就又改回去了。

我感觉自己夹在两种文化之间，但也有一种融合。白天我更多和巴西人打交道，像巴西人；晚上回到家和父母在一起，就更像中国人。

我们家就我们四口人，有时候爸爸出去见朋友，家里就剩我们三个。我们唯一会庆祝的，大概就是圣诞节了。我会做一顿比较丰盛的晚餐。这里的氛围让圣诞节很有节日感，我觉得狂欢节之后，圣诞节就是最大的节日了。我有时候也会和朋友一起过年。爸爸那边是基督徒，妈妈那边信佛教，但我妈自己其实不怎么信这些，她常说：“别信那些，相信科学。”她是比较理性的人。

疫情期间，我和弟弟在家里隔离，父母还要去店里，所以我被迫学会了做饭。我不敢说自己做得有多好，但至少能保证不挨饿。我做巴西菜会比较顺手，中国菜太费事了，要准备很多道菜。巴西菜简单，一盘就够了。我其实巴西菜和中国菜都能吃，但因为白天经常叫外卖，所以还是巴西菜吃得更多。

父母经常提醒我：“你是中国人，就要像中国人一样思考、像中国人一样生活。”他们觉得中国人聪明、反应快，和巴西人不一样，所以希望我能更接近那种状态。这也是他们当初把我送回中国的原因之一，不光是让我学语言，更是想让我受中国文化和

思维方式的影响。那时候我已经完全巴西化了。老实说，我觉得自己还是更偏向巴西人一些，这就是现在的我，已经根深蒂固了。

我的朋友很少来家里玩。我妈不太喜欢家里有客人，不是她不喜欢人，而是觉得麻烦。客人来之前要打扫、准备吃的，客人走后还要再收拾一次。她平时工作已经很累了，不想周末还这么折腾。

我妈自己也不爱出门，她说在手机上直接看东西买东西就行，用微信或者WhatsApp都可以。我们的货主要是从里约和圣保罗进的，不同的公司进不同的东西。确实挺方便的，坐在沙发上就能搞定，不用到处跑。我们店里没有外人，都是自己家人。我们更喜欢这样，既有隐私，也少很多麻烦。有时候会找个临时帮手，但整体还好管，习惯了就很顺。

Mistura que funciona

A Mixture that Works

混合得很好

Andi Lin

Em conversa com Jiawei Zhao

In conversation with

的对谈

Meu nome é Andi Lin. Nasci em Belo Horizonte, no Brasil, e tenho 23 anos. Me formei ano passado em Relações Internacionais na UniBH. Meu pai é de Fujian, Fuzhou, na China, minha mãe é do Paraná, no Brasil. Minha família tem uma loja no centro de Belo Horizonte. Já fui à China uma vez, em 2016, conhecer parte da família do meu pai. Gostei muito da viagem, mas eu era muito nova e não percebi, à época, a importância da viagem. Não sabia como me comportar. Hoje em dia a China cresce rápido e tem um papel importante no cenário internacional. Se viajasse para lá agora, faria tudo diferente. Vejo a China como um país de grandes oportunidades e faria uma pesquisa ampla para entender como as pessoas conseguem realizar as coisas por lá.

A China é uma sociedade que funciona de um jeito próprio. A cultura chinesa é muito diferente da brasileira. Os chineses são muito inteligentes, mesmo aqueles sem estudo formal — isso vem da cultura deles. Aqui no Brasil, a gente faz o que pode e não pensa muito no futuro...

Já pensei sobre minha condição metade chinesa, metade brasileira. Não consigo escolher um lado. Mesmo sabendo que, geralmente, os pais exercem mais influência nas famílias, minha mãe e a família dela também têm peso na nossa. É tudo muito dividido entre nós. Eu tenho um jeito de falar e de me comportar que acredito vir mais do lado chinês. Mas, no dia a dia com os amigos, sou mais parecida com minha mãe, mais brasileira. Ser chinesa tem a ver com a forma como me comporto e como respeito as pessoas. Os chineses levam o respeito muito a sério, e os brasileiros, em geral, não.

Meu pai e minha mãe são o completo oposto um do outro. Meu pai não acredita em Deus, então deveria ser budista, mas não se importa nem um pouco com religião. Já minha mãe, por outro lado, é muito religiosa. Ela é cristã e a família dela também. Ela é muito sociável, enquanto meu pai... bem, ele é chinês! Meu pai não é de falar muito. Tenho certeza de que a mãe dele teria preferido que ele se casasse com uma chinesa. Quando meu pai conheceu minha mãe, ela não ficou feliz. Mas, como ele já estava no Brasil, não havia sentido em voltar e se casar com uma chinesa. Naquela época, foi um grande problema na família deles.

Meus pais costumavam fazer tudo juntos, desde quando acordavam até voltarem para a cama — não porque gostassem, mas por necessidade. Desde que nasci, eles cuidaram muito de mim. Entre meus quatro e os sete anos, contrataram gente para ajudar. Foi a mesma coisa com a minha irmã do meio, mas só por alguns anos. Quando ela cresceu, eu fiquei responsável por ela, especialmente em termos de educação e saúde.

Minha mãe não estudou. Ela mal sabe ler e escrever, por isso, acabo ficando responsável por muita coisa. Às vezes ajudo meus pais com os contratos. Eles têm uma pessoa que cuida disso, mas quando é algo específico, pedem minha ajuda.

Lembro que moramos com outra família por alguns anos, um casal da família do meu pai, faz uns dez anos. Não sei se isso é comum, mas já ajudamos pelo menos três pessoas da família dele: dois casais e uma prima. Como a gente era bem novinha, não nos incomodávamos. Na nossa casa, por sermos uma família grande, agora temos quatro salas e quatro quartos. Naquela época, tínhamos um quarto vazio, só para visitas. Eu era pequena e não precisava de muito espaço, dormia com minha irmã, mas nunca reclamei.

Quando a prima veio, ela tinha a idade que tenho hoje, ajudava meu pai no trabalho e ia à escola aprender português. Meu pai a ajudou a arranjar casamento, ela se casou com um chinês e foram morar em São Paulo. Meu pai também ajudou outros dois casais a começar nos negócios, e daí eles foram para São Paulo e Curitiba.

Agora temos um apartamento perto do bairro Cidade Nova. Há muitas famílias chinesas morando na região. Temos dois amigos da família que moram bem pertinho. Moramos aqui desde 2011, gosto muito do lugar. Meu pai quer vender o apartamento porque acha que ele já não nos atende. É um prédio antigo, sem elevador, e caro se comparado aos mais novos. Eu odeio a ideia, porque a localização é ótima, com muitas lojas e coisas para se fazer.

Meus amigos hoje em dia são todos brasileiros. Quando saímos, vamos a shows e festas. Tenho amigos antigos, conheci a maioria deles na escola. Quando viajo com a família nas férias, costumamos ir a resorts. Meu pai gosta muito de pescar e de comida local. Ele gosta de explorar restaurantes em lugares diferentes e costumávamos viajar para outras cidades, com amigos chineses e, às vezes, brasileiros. Hoje em dia, não fazemos mais isso. Estamos cansados e ocupados.

Tive apenas uma amiga chinesa. Os pais dela são chineses, mas como nasceu no Brasil, foi registrada brasileira. O nome dela é Vitória e ela trabalha com os pais. Os pais a mandaram para a China quando ela era mais nova, então ela aprendeu chinês. Dos sete aos dez anos, éramos muito amigas. Depois nos afastamos, nos aproximamos de novo... Enfim, não somos daquele tipo de amiga que conversa o tempo todo. Voltamos a nos encontrar por ocasião desse projeto de pesquisa.

Gosto muito de Belo Horizonte, não moraria em outro lugar e não é só porque me sinto confortável aqui. Já visitei outras cidades do Brasil, mas não me reconheço nelas. São Paulo é uma cidade incrível, mas é lotada de gente, muito agitada e barulhenta, não é para mim. Também não gosto de cidades muito pacatas, sem nada para fazer, só com gente mais velha. Acho que Belo Horizonte é equilibrada: não é grande demais e também não é pequena demais. A cidade, é claro, vem mudando bastante.

Quando era mais nova, meus pais costumavam fazer festas de aniversário para mim, mas quando meus irmãos nasceram perdemos essa tradição. Meu pai diz que chineses não ligam para comemorar aniversário. A gente não liga mesmo para muita coisa, mas vivemos no Brasil, e as pessoas aqui se importam com as celebrações, como o Natal, por exemplo. Costumávamos celebrar o Ano Novo Chinês, não porque nos importássemos, mas por causa dos amigos do meu pai, que chamavam todo mundo, então participávamos. Mas meu pai não se importa. Eu acho que, como ele sabe que minha mãe não liga muito, ele tenta equilibrar.

Nossos amigos chineses não são como os brasileiros, com eles podemos conversar sobre tudo: família, trabalho, futuro e sobre a cultura da China. Normalmente aprendo mais com eles do que com meu pai. Quando íamos à casa deles para uma festa, era como uma grande família. Só havia um problema: todos falavam chinês, menos eu, então eu não conseguia participar de algumas conversas.

Também temos uma casa em Lagoa Santa. É uma casa grande e, há alguns anos, fazíamos festas e churrascos com amigos chineses. Certa vez, durante o Ano Novo, misturamos os amigos chineses do meu pai com meus amigos brasileiros. Quando vi a reação dos meus amigos brasileiros aos amigos chineses — o espanto nos olhos deles ao interagir com chineses —, entendi que aquilo era algo muito fora da experiência cotidiana deles. Eu nunca tinha sentido aquilo antes porque aquela era a minha realidade, mesmo sem entender uma palavra de chinês.

Meus amigos brasileiros, mesmo sabendo que meu pai é chinês, nunca tinham tido contato com outros chineses e ficaram surpresos com o jeito como os chineses se comportavam e com a aparência deles. Os amigos do meu pai adoram apostar e jogar cartado, passavam o dia inteiro apostando. Além de surpresos, meus amigos brasileiros ficaram assustados com aquela mesa repleta de cartas, dinheiro e um jogo que só chineses sabiam jogar.

Considero-me brasileira, mas sempre terei a China no sangue, na personalidade e no jeito de viver. Meus pais, mesmo sendo o oposto um do outro, fizeram dar certo. Vejo a mim mesma como uma mistura confusa, mas que funciona. Recebo muita ajuda, faço minhas coisas, mas ainda mantenho essa conexão, que acho que vai seguir por muito tempo, porque na cultura chinesa as famílias são muito unidas. Mesmo distante, meu pai fala sempre com meus avós e tenta ajudá-los, mesmo quando não precisam. Acho que essa conexão fará parte de mim para sempre. Isso os brasileiros não têm, essa parte de mim influenciada pelo lado chinês.

O que me torna mais brasileira são meus gostos. Respeito e admiro os chineses, mas acho que lido melhor com os brasileiros, consigo entendê-los melhor. Tenho a oportunidade de ir à China, mas às vezes fico imaginando como seria quando chegasse lá. Como seriam minhas conexões? Não faço ideia. Acho que não seria algo fácil de lidar, acho que eu seria muito diferente deles.

Eu estaria mentindo se dissesse que não me sinto confortável em nenhum lugar, mas não me importo de não ser 100% brasileira ou 100% chinesa. Acho que me sinto incluída em ambos os lados. Meus pais conseguiram me transmitir muito do que são, as coisas deram certo para mim, não tive tempo de pensar se precisaria de mais alguma coisa.

Uma ou duas vezes por mês, conversamos com a família da minha mãe por telefone ou videochamada no WhatsApp. Minha mãe se importa muito com minha avó. Já do lado do meu pai, só tenho ele para conversar porque não falo chinês, então só nos vemos e pronto.

Gosto de moda, de ler notícias locais e internacionais e de coisas relacionadas à natureza. Gosto de acompanhar projetos sociais ou de ajuda a animais, eu adoro os animais. Não sou muito fã de redes sociais, principalmente do Instagram, porque tem muita coisa falsa por lá, então uso bem pouco o Instagram, WhatsApp e Discord. Para coisas chinesas, uso o WeChat. Uso mais coisas brasileiras porque não tenho muito conhecimento de chinês para conseguir pesquisar. Às vezes isso me incomoda, porque eu queria me sentir mais conectada, queria saber falar mandarim.

Meus pais começaram vendendo nas ruas, um pouco de tudo. Minha mãe vendia ingressos para shows, doces, guarda-chuvas, qualquer coisa que as pessoas precisassem. Meu pai era chef, trabalhava em restaurantes e bares, e depois começou a trabalhar com minha mãe. Hoje, na nossa loja, vendemos acessórios de informática. Meus pais começaram com um negócio pequenininho e depois foram para uma loja grande. Mas meu pai sempre quis expandir para coisas de casa ou produtos que estão na moda, porque vendem muito e rápido, e ele gosta dessa dinâmica.

Não temos um público específico, mas focamos em outros vendedores. Atualmente temos quatro funcionários brasileiros trabalhando na loja e nos relacionamos muito bem com eles. Meus pais são ótimos lidando com gente, e não digo isso porque sou filha deles, mas porque reparo no esforço que fazem e na confiança que inspiram. Meus pais valorizam a lealdade. Desses quatro funcionários, três trabalham conosco há mais de dez anos, somos quase uma família. Acho que no nosso negócio é diferente. Já ouvi comentários sobre outros negócios chineses, às vezes as pessoas reclamam que os chineses são brutos, chatos ou rudes, a principal reclamação é essa. Mas não é assim com meus pais.

Acho que meus pais depositam muitas esperanças em mim com relação à loja e não me sinto pressionada quanto a isso, acho que conseguiria tocar o negócio deles. Mas meu maior sonho é trabalhar em uma ONG e ajudar pessoas. Quero conhecer mais do mundo e de mim mesma. Não é que eu me sinta sem lugar aqui no Brasil ou na China, apenas gostaria de explorar mais possibilidades.

My name is Andi Lin. I was born in Belo Horizonte, Brazil, and I am now 23 years old. I graduated in International Relations from UniBH last year. My father is from Fuzhou, Fujian, China, and my mother is from Paraná, Brazil. Our family owns a shop in downtown Belo Horizonte.

I visited China once, in 2016, to meet part of my father's family. I enjoyed the trip, but I was much younger then and did not fully grasp its significance. I did not know how to behave or what to expect. China is developing extremely fast and plays an increasingly important role on the international stage. If I were to go today, I would approach the trip differently. I see China as a land of great opportunities, and I would do thorough research to understand how people there achieve what they do.

Chinese society operates according to its own logic, which is very different from Brazilian culture. Chinese people tend to be remarkably resourceful, even those without formal education — a trait rooted in their culture. In Brazil, we often do what we can without thinking much further ahead.

I see myself as a mixture of Chinese and Brazilian. I cannot choose one side over the other, because both my mother and my father have shaped who I am. Although fathers traditionally hold greater influence in families, my mother and her family also exert considerable influence. Our family is quite divided in that sense. I believe my manner of speaking and behaving is largely influenced by Chinese culture. In my daily life with friends, however, I am more like my mother — more Brazilian. For me, being Chinese is closely tied to how I treat myself and how I show respect to others. Chinese people place great importance on respect, whereas Brazilians generally do not emphasize it as strongly.

My father and mother are complete opposites. My father does not believe in God and shows little interest in religion, though he might be considered Buddhist by tradition. My mother, on the other hand, is deeply religious; she and her entire family are Christian. She is very sociable, while my father — being Chinese — is reserved and does not talk much. I am certain his mother would have preferred him to marry a Chinese woman. When he met my mother, she disapproved, but since he was already living in Brazil, there was no reason for him to return to China to marry. At the time, it caused significant tension in the family.

My parents used to do everything together from the moment they woke up until they went to sleep — not out of choice, but out of necessity. They took good care of me when I was born, but between the ages of four and seven, they hired caregivers. They did the same for my younger sister for a few years. Once she grew older, I became responsible for her, especially regarding school and medical matters.

My mother never completed her studies and can barely read or write. As a result, many responsibilities fall on me. At the shop, I sometimes help my parents with contracts. Although they have someone in charge of that, they ask for my assistance when the matter is more specific.

About ten years ago, we lived with another family from my father's side for a couple of years. I do not know how common this arrangement is, but we helped three relatives from his family — two couples and one cousin — settle in Brazil. We were young at the time and did not mind sharing our space. Our house had an extra room reserved for visitors. Being small, I shared a bedroom with my sister and never complained.

When my father's cousin arrived — she was about my current age — she helped him at work and attended school to learn Portuguese. My father helped arrange her marriage to a Chinese man, after which they moved to São Paulo. He also assisted two other couples in starting their own businesses; they later established themselves independently in São Paulo and Curitiba.

We now have our own apartment in the Cidade Nova neighbourhood, where many Chinese families live. Two close family friends live nearby. We have been here since 2011, and I like it very much. My father wants to sell the apartment because it no longer meets our needs — it has no elevator and is an older building that has become expensive compared to newer ones. I dislike the idea because the location is excellent, with many stores and amenities nearby.

My friends are all Brazilian. When we go out, we usually attend concerts or parties. Most of my old friends are from school. On family holidays, we typically go to resorts. My father enjoys fishing and local food, so he likes exploring restaurants in different places. We sometimes travelled to nearby cities, occasionally with Chinese friends and sometimes with Brazilian ones. Nowadays we travel less; we are busy and often tired.

I had only one Chinese friend, Victoria. Although she was born in Brazil, both her parents are Chinese. Her parents sent her to China when she was young, so she speaks Chinese. We were very close between the ages of seven and ten, then drifted apart and later reconnected, though we are not the type of friends who talk constantly. We met again recently because of this research project.

I like Belo Horizonte very much and would not want to live anywhere else. I have visited other Brazilian cities, but I never feel at home in them. São Paulo is impressive, but it is too crowded, hectic, and noisy for me. At the same time, I do not like quiet cities with little to do and mostly elderly residents. I find Belo Horizonte well balanced — large enough to offer opportunities, yet not overwhelming. The city has changed considerably over the years.

When I was younger, my parents used to throw birthday parties for me. After my siblings were born, however, the tradition stopped. My father said that Chinese people do not place much importance on birthdays. There are many things we simply do not prioritize, but we follow certain Brazilian customs because people here value them — Christmas, for example. We used to celebrate Chinese New Year, not because it mattered deeply to us, but because my father's friends did. They would invite everyone, and we would join in. My father himself did not care much about it. I believe he balanced things because he knew these traditions were not particularly important to my mother.

Our Chinese friends are different from our Brazilian ones. With them, we can talk openly about family, work, the future, and Chinese culture. I often learn more from them than from my father. When I visited their homes for gatherings, everyone felt like one big family. However, they all spoke Chinese, which I do not understand, so I could not fully participate in some conversations.

We also have a large house in Lagoa Santa. A few years ago, we often hosted parties and barbecues there with Chinese friends. One New Year's celebration, we invited both my father's Chinese friends and my Brazilian friends. Seeing my Brazilian friends' surprised reactions — the curiosity in their eyes as they watched the Chinese

guests interact — made me realize how unusual this kind of mixing was for them. It had always been normal for me, even though I could not understand a word of Chinese.

My Brazilian friends knew my father was Chinese, but most had never met other Chinese people. They were struck by the Chinese guests' behaviour and appearance. My father's friends particularly enjoy playing cards and betting. Whenever they came to our house, they would spend the entire day gambling among themselves. There would be large amounts of money and cards on the table, and they played a game only they knew. My friends were not only surprised — they were also unsettled.

I consider myself Brazilian, but I will always carry China within me — not only through blood, but also in my personality and way of life. My parents, despite being so different, made their relationship work. I see myself as a somewhat confusing mixture, yet it is a mixture that functions well. I receive a great deal of support, manage my own affairs, and still maintain this connection. I believe it will endure for a long time, because Chinese culture places strong emphasis on family ties. Even living far away in Brazil, my father regularly calls his parents and finds ways to help them, even when they do not need it. This connection will always be part of me. It is something most Brazilians do not have, and this part of me will always lean toward the Chinese side.

What makes me more Brazilian are my personal preferences. I respect and appreciate Chinese people, but I feel more at ease with Brazilians and understand them better. I could visit China again, but sometimes I wonder what it would be like. What kind of relationships would I form? I have no idea. I suspect I would feel quite different from everyone there and might struggle to fit in.

I would be lying if I said I do not feel a sense of belonging anywhere. I do not mind that I am neither 100% Brazilian nor 100% Chinese. I feel I can find a place in both cultures. My parents gave me the best of what they had and helped me adapt well. I have not had time to wonder what else I might need.

Once or twice a month, we speak with my mother's family by phone or WhatsApp video call. My mother cares deeply for her own mother. On my father's side, however, I can only really talk to him, because I do not speak Chinese. We do not have much to say to each other; when we meet, it is mostly just to see one another.

I like fashion and enjoy following both local and international news. I am drawn to nature and to stories of people helping one another or helping animals — I love animals. I am not a big fan of social media, especially Instagram, because of the amount of inauthenticity there. I use it only occasionally. My main platforms are Instagram, WhatsApp, and Discord. When I want Chinese content, I use WeChat. Since I do not know much about China, most of what I search for is related to Brazil. This sometimes frustrates me. I would like to feel more connected and hope to learn Mandarin one day.

My parents started out selling goods on the street — anything people needed. My mother sold concert tickets, candies, umbrellas, and similar items. My father worked as a chef in restaurants and bars before joining my mother in business. Today,

our shop specializes in computer accessories. They began with a very small operation and later expanded to a larger store. My father has always wanted to diversify into home goods or trendy products, because they sell quickly and he enjoys the fast pace.

We do not have a fixed clientele, but we mainly serve other merchants. The shop currently employs four Brazilians, and we have a good relationship with them. My parents are skilled at dealing with people — not just because I am their daughter, but because I have witnessed the effort they put into building trust. They value loyalty highly. Three of the employees have worked with us for more than ten years and feel almost like family. I believe our business operates differently from some other Chinese-owned enterprises. I have heard complaints that Chinese business owners can be harsh, difficult, or rude — that seems to be the most common criticism. My parents, however, are not like that.

My parents have high expectations regarding the shop, but I do not feel pressured. I believe I could take over the business if necessary. My greatest dream, though, is to work for an NGO and help people. I want to learn more about the world and about myself. It is not because I feel I do not belong here or there — I simply want to explore more possibilities.

我叫Andi Lin，出生在巴西贝洛奥里藏特，今年23岁。去年我从UniBH国际关系专业毕业。我父亲是中国福建福州人，母亲是巴西巴拉那州人。我们家在贝洛奥里藏特市中心开了一家店。

2016年我去过一次中国，见了父亲那边的一些亲戚。那次旅行我很开心，但当时还小，没意识到这次旅行的意义，也不知道该怎么表现自己。现在中国发展得很快，在国际舞台上也越来越重要。如果现在再去，我会完全不一样地去准备。我把中国看作充满机会的地方，会先做大量调研，了解那里的人是怎么做事的。

中国社会有自己的一套运作方式。中国文化和巴西文化差别很大。中国人很聪明，即使没怎么上过学——这来自他们的文化。在巴西，我们往往是能做什么就做什么，不会想得太过远……

我思考过自己一半中国人、一半巴西人的身份。我没办法选择一边。虽然通常父亲在家庭里影响力更大，但我母亲和她那边家人对我们家也有很大影响。我们家两边的影响都很明显。我的说话方式和行为举止，我觉得更多来自中国那边。但和朋友日常相处时，我更像我母亲，更巴西化。“中国人”这一部分，更多体现在我如何对待自己、如何尊重他人上。中国人非常重视尊重，巴西人一般没那么在意。

我父亲和我母亲是两个极端。我父亲不信上帝，按理说应该算是佛教徒，但他对宗教

完全不在意。我母亲则非常虔诚，是基督徒，她全家也都是。她很爱社交，而我父亲……毕竟是中国人，不太爱说话。我敢肯定他母亲原本希望他娶个中国女人。他认识我母亲的时候，她很不高兴。但因为他已经巴西了，没必要再回去娶中国人。那时候这在他们家是个大问题。

我父母以前从早到晚几乎形影不离，不是因为喜欢，而是因为需要。从我出生起，他们就很照顾我。四五岁到七岁的时候，他们请了人来帮忙带我。我妹妹小时候也是这样，但只请了几年。她长大后，我开始负责照顾她，尤其是学习和看病这些事。

我母亲没上过学，几乎不识字，所以很多事情都落在我身上。工作上，有时候我也会帮父母处理合同。他们本来有人负责，但碰到比较具体的事，还是会来问我。

记得十年前左右，我们和另一户人家一起住了几年，是父亲那边的一个夫妻。我不确定这算不算常见，但我们至少帮助过父亲家三个人：两对夫妻和一个堂姐。我们当时还小，也没觉得有什么。在我们家，因为人多，现在有四间客厅和四个卧室。那时候有个空房间是专门给客人住的。我小，不需要太多空间，和妹妹一起睡，从来没抱怨过。

那个堂姐来的时候，和我现在差不多大，她帮我父亲干活，还去学校学葡萄牙语。我父亲帮她介绍了对象，她后来嫁给了一个中国人，去了圣保罗生活。我父亲还帮另外两对夫妻起步做生意，他们后来自己到圣保罗和库里蒂巴生活了。

我们现在在 Cidade Nova 附近有一套公寓。那个区域有很多中国家庭住。我们有两个家庭朋友就住得很近。我们从2011年就住在这里，我很喜欢这个地方。我父亲想卖掉这套公寓，因为它已经不太适合我们了。房子老了，没有电梯，和新楼比起来也贵。我不喜欢这个想法，因为位置真的很好，附近商店多，生活方便。

我现在的的朋友基本都是巴西人。我们出去一般是去看演唱会或者聚会。我有很多老朋友，大多是学校认识的。和家人一起度假时，我们通常去度假村。我父亲很喜欢钓鱼，也喜欢吃当地美食，还喜欢去不同地方的餐厅尝鲜，有时候会开车去附近的城市。我们以前也会和中国的朋友一起旅行，有时候也带巴西朋友。现在不怎么做了，大家都忙，也累。

我以前只有一个中国朋友。其实她也并不是在中国出生的，她父母都是中国人，她自己在巴西生的，叫Victoria。她也和父母一起工作。她父母在她小时候就把她送回中国了，所以她会说中文。我们七到十岁的时候关系特别好，后来疏远了，又走近了，但不是那种天天聊天的那种朋友。最近因为这个调研项目，我们又见面了。

我很喜欢贝洛奥里藏特，不想去别的地方生活。不只是因为在这里舒服。我去过巴西其他城市，但在那边总觉得不自在。圣保罗是座很棒的城市，但人太多、太忙、太吵，不适合我。我也不喜欢那种特别安静、没什么可做的城市，只有老人。我觉得贝洛奥里藏特刚刚好：不算太大，也不算太小。当然，这座城市变化也挺大的。

我小时候，父母会给我办生日派对。但弟弟妹妹出生后，这个传统就没了。我父亲说中国人不在意过生日。我们确实对很多事情都不太在意，但因为生活在巴西，有些事还是得跟着做，比如过圣诞节。我们以前也会过中国农历新年，但不是因为我们自己重视，而是因为父亲的朋友们过，他们会叫大家一起参加，我们就跟着去了。但我父亲自己其实不在意。我觉得他知道我母亲不太在意这些，所以他会尽量平衡。

我们的中国朋友和巴西朋友不一样。和他们聊天可以无所不谈：家庭、工作、未来，还有中国的文化。我从他们身上学到的东西，往往比从父亲那里学到的还多。以前去他们家参加聚会的时候，大家在一起就像一个大家庭。但有个问题：他们都说中文，我听不懂，所以有些话题我参与不了。

我们还在 Lagoa Santa 有一栋大房子。几年前，我们经常在那里和中国朋友办派对、吃烧烤。有一次过年，我们把父亲的中国朋友和我自己的巴西朋友混在一起。当我看到巴西朋友们看到中国朋友时的反应——他们眼里的惊讶，以及中国人跟他们互动的样子——我才意识到这对他们来说其实挺少见的。我以前从来没有这种感觉，因为对我来说这就是日常生活，尽管我一句中文也听不懂。

我的巴西朋友们虽然知道我父亲是中国人，但之前没怎么接触过其他中国人。他们对中国人说话做事的方式、还有外貌都感到惊讶。父亲的朋友们特别喜欢打牌、赌钱。每次去我们家，他们一整天都在自己人之间赌。桌子上摆着很多钱和牌，玩的是一种只有他们会玩的游戏。我的朋友们不仅惊讶，还被吓到了。

我认为自己是巴西人，但血液里永远有中国的东西。不只是血缘，还有我的性格和生活方式。我父母虽然性格完全相反，但他们让这段关系成立了。我觉得自己像是一种混乱的混合，但这种混合是有效的。我得到很多帮助，自己在做事情，但同时还保留着这种联系。我觉得这种联系会持续很久，因为中国文化里家庭联系非常紧密。即使远在美国，我父亲也经常和他的父母打电话，总是想办法帮助他们，哪怕他们其实不需要。我想这种联系会永远伴随着我。这是巴西人一般没有的东西，我身上这一部分，永远会偏向中国那边。

混合得很好

让我更像巴西人的，是我的喜好。我尊重并欣赏中国人，但我觉得和巴西人相处更自在，也更能理解他们。我有机会去中国，但有时候会想象自己到了那里会怎么样。会建立什么样的关系？我完全不知道。我觉得我可能应付不来，觉得自己会和他们很不一样。

如果我说自己完全不觉得自己属于哪里，那是在撒谎。但我不在乎自己不是100%巴西人，也不是100%中国人。我觉得两个地方我都能找到归属感。我父母把我身上属于他们的部分都给了我，他们让我适应得很好。我也没时间去想自己还需要什么别的。

每个月我们会和母亲那边的家人通过电话或WhatsApp视频聊一两次。我母亲很关心她妈妈。但父亲那边，我只能和他聊天，因为我不会说中文，所以我们也没什么可聊的，见面就见个面而已。

我喜欢时尚，喜欢看本地和国际新闻，也喜欢和自然相关的东西。我喜欢看人们互相帮助、或者帮助动物的内容，我很喜欢动物。我不太喜欢社交媒体，尤其是Instagram，因为上面太多虚假的东西，我用得很少。主要用Instagram、WhatsApp和Discord。想看中国相关的内容时用微信。因为我对中国了解不多，所以搜的东西大多是巴西的。有时候这让我有点烦，我希望自己能更connected一点，希望自己能说普通话。

我父母一开始是在街上卖东西，什么都卖。我母亲以前卖演唱会门票、糖果、雨伞，卖人们需要的东西。我父亲以前是厨师，在餐厅和酒吧工作，后来开始和我母亲一起做生意。现在我们的店主要卖电脑配件。他们从很小的生意做起，后来开了一家比较大的店。但我父亲一直想扩展到家居用品或者一些潮流产品，因为这些东西卖得快、销量好，他喜欢这种感觉。

我们没有特别固定的客户群体，但主要面向其他商家。现在店里有四个巴西员工，我们关系很好。我父母和人打交道很有一套，我这么说不是因为我是他们女儿，而是因为我看到他们付出的努力和建立的信任。他们很重视忠诚。这四个员工里，有三个已经在店里工作十多年了，几乎就像一家人。我觉得我们店的情况和其他一些中国人的生意不太一样。我听说过一些抱怨，说中国人比较凶、烦人或者不礼貌，这是最常见的投诉。但我父母不是这样。

我父母对我在店里这方面寄予了很多期望，我自己倒不觉得有压力。我觉得如果需要，我能接手他们的生意。但我最大的梦想是去NGO工作，帮助别人。我想多了解世界，也想多了解自己。不是因为我觉得自己在这里或在那里没有归属感，只是想探索更多可能性。

Caderno de
conversas
Conversation
Notebook
对话手册

Roda de conversa

Roundtable

圆桌讨论

Mara Nogueira
João Tonucci
Renata Marquez
Priscila Musa
Aline Franceschini
Fernando Rabossi
Gisela Zapata
Sibelle Diniz

Mara Nogueira | Boa tarde, muito obrigada a todos por terem vindo e, principalmente, aos nossos convidados: Fernando Rabossi, que nos visita da UFRJ, e Sibelle Diniz e Gisela Zapata, colegas aqui da UFMG. Hoje mais cedo visitamos em companhia deles o campo que informa esta exposição. Fomos conhecer os companheiros de pesquisa que nos ajudaram a produzir esta exposição. Eu gostaria de começar a conversa de hoje falando brevemente sobre o projeto de pesquisa que deu origem à exposição. O objetivo dessa pesquisa é pensar o comércio popular de Belo Horizonte, principalmente no Hipercentro, a partir da presença dos imigrantes chineses que fazem a conexão do comércio popular local com os circuitos globalizados da economia, principalmente a conexão com a China, que é o país de onde vêm os produtos que alimentam o comércio popular no Brasil. Muita gente vive em Belo Horizonte sem saber que existe essa concentração de imigrantes chineses no Hipercentro. Com essa pesquisa, queríamos conhecer um pouco desse grupo e saber como eles experimentam a cidade de Belo Horizonte. Qual é a relação que eles têm com o espaço urbano que habitamos coletivamente? Qual o papel que desempenham economicamente? Como é o elo de ligação entre o comércio local e popular e a China? Como essa comunidade ajuda a conformar esse espaço específico que é a região do Hipercentro de Belo Horizonte?

Renata Marquez | Boa tarde. Queria reforçar o agradecimento da Mara aos colegas que estão aqui e também aos estudantes, pesquisadores, participantes da pesquisa

que vieram até o museu hoje e aos demais integrantes da pesquisa. Queria começar falando do caráter transdisciplinar da pesquisa, ponto importante para entendermos o lugar em que estamos agora, que é uma exposição. Por que estamos habitando este espaço da exposição? Trata-se de uma pesquisa que nasce na Escola de Ciências Sociais da Birkbeck, em Londres, a partir de experiências prévias da Mara com os comerciantes de rua de Belo Horizonte. A pesquisa se desenha como uma conversa entre a geografia, a economia, a arquitetura, o design, a arte e a antropologia. Fomos convidadas a fazer parte da pesquisa para juntar nossas experiências etnográficas prévias, mas também porque estavam previstas, dentre os produtos da pesquisa, uma exposição e uma publicação (que incluirá esta roda de conversa). Já havíamos feito exposições e livros na ocasião de outras pesquisas, mas nunca numa pesquisa sobre economia popular transnacional. Seria um desafio. No decorrer da etnografia, a exposição cresceu e virou o eixo central da nossa conversa em campo, o projeto comum que poderíamos ter com os comerciantes: fazer juntos uma exposição sobre os encontros e desencontros da comunidade chinesa no Hipercentro de Belo Horizonte. Queríamos conhecer mais sobre essas experiências e a exposição seria esse lugar de confluência. Por outro lado, fazer a exposição também concretizava o esforço da pesquisa em criar formas de comunicação direcionadas a públicos não acadêmicos. É também um esforço de linguagem epistêmica nesse sentido.

Quando começamos a conversar com os comerciantes sobre a exposição, ouvíamos: *Não vou participar da exposição porque eu não sou artista!* Na verdade, sim, encontramos artistas comerciantes. Ji Junqun está aqui hoje: é um poeta reconhecido, com publicação em diversos veículos na China. Seus poemas nos ajudaram a estruturar esta exposição onde estamos, guiando a curadoria e a organização das narrativas. Assim fomos construindo coletivamente a exposição. Planejamos um conjunto de workshops. Dois tipos ou dois momentos de workshop. Estou falando um pouco do *making off* da exposição. O primeiro desafio era o tempo deles. Ninguém tem tempo para nada, todos trabalham muito, de domingo a domingo, sem nenhum tempo livre. Logo entendemos que o workshop ideal, em lugar adequado, com tempo adequado, seria uma ilusão. Teríamos que adaptar o plano dos workshops para algo portátil, nômade, a ser encaixado no cotidiano dos comerciantes. No primeiro momento, então, fizemos os workshops in loco. Íamos para as lojas, conversávamos com as pessoas, abríamos nossos mapas, nossas fotografias e nossos papeizinhos no balcão de vendas mesmo e conversávamos sobre o que levávamos...

Priscila Musa | Tentamos puxar a conversa com eles a partir de provocações de imagens. Levamos alguns conjuntos de fotografias e mapas. O primeiro mapa foi o do Hipercentro, onde estávamos, onde hoje estão o Shopping Oiapoque e o Shopping Xavantes. Fizemos uma sobreposição de mapas: a cidade antes do planejamento, que é o Curral Del Rey; a cidade no início do planejamento, que é Belo Horizonte, e Belo Horizonte já planejada. Levamos os mapas como dispositivo de conversa, porque a maior parte dos comerciantes chineses da primeira leva de chegada da

migração veio de contextos rurais na China, de Qingtian, na província de Zhejiang, e a região possui abundância de água, o que favorece tanto o cultivo de chá quanto o de arroz. Queríamos mostrar que a cidade também teve seu contexto das fazendas, que também era marcada pela presença das águas, tentando conectar as duas espacialidades. Levamos também um conjunto de fotografias históricas da cidade para contar que a espacialidade que eles ocupam hoje sempre foi um espaço transnacional na história da cidade. A região foi ocupada por comerciantes sírios, libaneses, italianos, portugueses e africanos em diversos momentos da história e hoje teve a chegada dos chineses. Também foi historicamente ocupada pelo comércio popular, desde o início de Belo Horizonte, sempre foi uma das regiões mais populares da cidade. Nos dois workshops, o nosso objetivo era trazer essa conexão Brasil-China. Chamávamos o workshop de “Juntando Memórias”.

Além das fotos históricas de Belo Horizonte, reunimos grupos de fotografias de tipologias de moradia da China; fotografias do acervo de Thomas Sauvin, pesquisador que reuniu milhares de negativos descartados em Pequim, revelando cenas da vida cotidiana de chineses e chinesas entre as décadas de 1980 e 2000; fotografias de escolas Chinesas fotografadas por Zhang Yu, fotografias dos Yanomamis de Claudia Andujar; fotomontagens feitas pela artista Betty Yu, fotomontagens feitas por Flávio Dornas usando IA... Temos uma sobreposição de uso naquela especialidade, com as trabalhadoras do sexo na Rua Guaicurus e no entorno. Elas estão na parte de cima, no segundo andar de muitas das lojas chinesas que visitamos. A família de Flávio Dornas é proprietária de uma das casas de trabalhadoras do sexo, que são chamadas de hotéis. Ele fez o que chamou de homenagem à chegada dos chineses na região, uma montagem com IA colocando nas ruas os portais chineses. Usamos também a fotografia como escambo. Eu fotografava e mostrava as fotografias para eles.

Os workshops funcionaram como atravessamentos. Mostramos as imagens, eles passavam rapidamente por elas e, por motivos totalmente inesperados, paravam para contar histórias sobre algumas delas, que muitas vezes não tínhamos percebido que estavam relacionadas a eles. Dayuwang contou que ele, o pai e o avô trabalhavam construindo as pagodas, os portais chineses. Um dia mostramos para ele fotografias de outro trabalho que estou fazendo, com os Yanomami na Amazônia. Dayu olhou e falou Nossa, ele é muito parecido com a gente! Ele é chinês? Era o Davi Kopenawa... Tem uma conexão entre a presença dos povos indígenas do Brasil e a China, a Ásia. Há estudos que falam que eles vieram da Ásia. Levamos diversos grupos de fotografias e, a partir das imagens, fomos estabelecendo uma conversa com eles.

Aos poucos, compreendemos que as imagens funcionavam como dispositivos capazes de produzir encontros. Elas criavam pontes entre tempos, territórios e experiências aparentemente distantes. Não era a fotografia em si que importava, mas aquilo que ela fazia emergir: lembranças da infância, modos de trabalhar, paisagens de origem, afetos e identificações inesperadas. Quando Dayu associou os Yanomami à sua própria família, por exemplo, não buscávamos confirmar uma origem comum ou

uma narrativa histórica linear. O que nos interessou foi perceber como uma imagem podia abrir espaço para que ele estabelecesse suas próprias conexões, deslocando fronteiras entre Brasil e China.

Renata Marquez | Levamos também imagens de escolas chinesas porque o tema da educação era importante para eles. Notamos que acontece muito da segunda geração de migrantes, que já nasceu no Brasil, ser enviada para a China para estudar e depois voltar. Percebemos que a educação atravessa a experiência do espaço e as experiências multiculturais, sobretudo da segunda geração. Queríamos saber como era a relação escolar deles aqui, o convívio da infância e com a infância... Assim foi a primeira parte do workshop in loco, feita com a primeira geração. Depois, com a segunda geração, conseguimos levá-los até à Escola de Arquitetura alguns sábados para trabalharmos na exposição. Nos encontrávamos ali para conversar a partir dos álbuns fotográficos deles, para compartilhar objetos afetivos, histórias escolares, histórias familiares, histórias de lazer. E assim começamos a construir essas histórias que estão aqui na exposição: da casa, da infância, da luta... com a segunda geração sobretudo.

Vitória, Andi e Mila fizeram uma grande colagem unindo as memórias de suas duas famílias. Foi um encontro entre as memórias das duas primeiras, Vitória e Andi, porque elas têm a mesma idade e conviveram na infância, mas agora não tanto mais. Vendo os álbuns fotográficos juntas, elas lembraram de histórias... *Nossa, esse vestido você usou e depois me emprestou! Tenho uma foto com esse vestido também, vou procurar.* Temos aqui uma foto de cada uma com o mesmo vestido, quando eram pequenas, e assim fomos costurando essas memórias. Então, podemos entender melhor quando falamos que é uma exposição colaborativa. De fato, foi feita a muitas mãos. Tentamos puxar, fazer lembrar, escutar, registrar, fazer também sonhar futuros, imaginar outros planos, foi um pouco isso.

Aline Franceschini | Conversar com as pessoas e sobre as pessoas foi muito desafiador. As culturas eram muito diferentes e os comerciantes estavam sempre apressados. As imagens se tornaram, então, uma maneira de construir as nossas conversas. Elas nos ajudaram a explicar o que estávamos fazendo e o que seria essa exposição. Levamos, por exemplo, imagens de outras exposições que já havíamos feito para poder explicar nosso trabalho. Acho legal pensar isso: nessa conversa em que a cultura e a língua são um desafio, a imagem se tornou a mediadora da conversa.

Renata Marquez | Outra coisa foram os objetos utilizados nos workshops, pois os objetos também agenciaram as nossas relações. As imagens dos objetos que vemos nessas montagens não são aleatórias. As embalagens de guloseimas, por exemplo. Um dia Priscila foi ao mercadinho da Ashuí para comprar alguns itens chineses para o lanche do workshop e encontrou a Juli, filha do calígrafo. Ao comentar que estava ali para comprar comidas para o lanche, Juli selecionou produtos que faziam parte de suas memórias de infância e adolescência na China. Cada objeto aqui presente está ajudando a construir essa narrativa compartilhada.

Mara Nogueira | Lembro que teve também o momento do workshop que vocês pediram para que as pessoas tirassem fotos do cotidiano, como fizeram os filhos de Ji Junqun na montagem no estilo gamificação...

Renata Marquez | Sim, propusemos para eles um exercício fotográfico: de uma semana para a outra pedimos para que fotografassem o cotidiano, o dia a dia deles, coisas e lugares que quisessem e que fizessem parte da vida deles. Imprimimos as fotos e todos trabalharam fazendo montagens e interferências sobre elas, com elas. Ji, Kauã e Vitor fizeram legendas, falas em mandarim, inseriram personagens ficticionais, como numa espécie de gibi.

Queria acrescentar só uma coisa. São várias as vozes da exposição, vozes que misturamos nessa colagem de histórias e memórias, pensando não nas individualidades, mas numa coletividade que as une. Escutamos histórias individuais, mas colocamos essas histórias numa situação em que pudessem ser entendidas como coletivas também. A exposição tenta também fazer essa costura, esse trânsito entre experiências pessoais e experiências compartilhadas e compartilháveis.

Mara Nogueira | Convidamos Fernando, Gisela e Sibelle para visitar o Hipercentro conosco hoje e também para visitar a exposição aqui e reagir ao que viram, a partir da pesquisa de cada um. Fernando e Sibelle também fazem pesquisas sobre comércio popular e Gisela faz pesquisas sobre imigração e remessas transnacionais. E Fernando e Gisela são também imigrantes...

Fernando Rabossi | Quero agradecer o convite de vocês. É um prazer estar aqui. Como Mara falou, eu não sou brasileiro. Nasci na Argentina, mas estou aqui há 26 anos. Meu doutorado foi na fronteira do Paraguai, em Ciudad del Este, sobre economias populares. Depois fui para outros lugares, trabalhando com sacoleiros e camelôs no Nordeste, em São Paulo e mais tarde no Rio de Janeiro. A experiência de hoje na cidade e nesta exposição é muito bonita. Parabéns pelo trabalho. Principalmente, além da estética, porque vocês conseguiram trazer os seus interlocutores para cá. E não de uma forma convencional. Acho que é a grande riqueza que a pesquisa tem. As poesias do nosso poeta aqui presente são muito lindas. E o trabalho com as várias gerações. A primeira questão que eu gostaria de trazer é essa. São várias vozes, gerações diferentes, pessoas vindas de lugares variados. De uma forma muito condensada, dá para experimentar isso aqui e isso é difícil de captar. Geralmente temos uma visão homogeneizadora sobre os atores econômicos e os imigrantes, mas acho que vocês conseguiram captar isso muito bem. Trouxeram outras questões da migração.

Meus filhos são brasileiros, filhos de mãe uruguaia e pai argentino. Falam perfeitamente espanhol, mas cresceram aqui, são daqui. Por outro lado, eles têm uma relação intensa com a Argentina e com o Uruguai. Eles são daqui, mas se sentem de lá também. Então, vocês conseguiram trazer essas ambivalências na

exposição. A relação entre o pai que fala com sotaque, os filhos que falam português perfeitamente bem e que têm uma relação mista entre vergonha e orgulho. Essas são histórias de migração que, quando vêm atravessadas pelo comércio e pelo trabalho, capturam uma transformação do próprio mundo e da própria China.

Comecei meu trabalho em Ciudad del Este em 1999. De lá para cá, 27 anos depois, houve claramente uma mudança radical da percepção sobre a China. A China deixou de ser, em Ciudad del Este, um lugar de desconfiança, dos produtos de menor qualidade, para ser, digamos, um país que produz todos os produtos que consumimos em todas as suas qualidades, com uma tecnologia impressionante. Vemos a própria mudança entre filhos e pais, suas formas de olhar e se relacionar com aquele outro mundo. Vocês contavam da percepção de alguns deles de que a China não era a mesma China de onde partiram. Já é outra coisa. Alguém falou: *Não sei se tem lugar para mim!* Acho que vocês conseguiram captar essa transformação e mudança.

É muito importante trabalhar com imagem, dar voz e câmera às pessoas. Dá para ver o efeito disso precisamente aqui. Não somos simplesmente nós, os que os encontramos, mas eles estão aqui expondo-se. É muito interessante ver isso na prática, nos retratos, nos vestidos, nas brincadeiras, nas lojas. Tem uma complexidade que geralmente não é tão clara e que aqui aparece.

Gisela Zapata | Boa tarde. Também sou pesquisadora e professora na UFMG. Sou imigrante, colombiana, e moro aqui no Brasil há 13 anos. Quero agradecer pelo convite. É uma honra estar aqui. Quero elogiar vocês por essa ideia brilhante de usar esta exposição como processo, produto e, de fato, aquilo que se torna quase a essência do projeto. Estou falando isso porque tive o privilégio de ler o projeto original da pesquisa Economias Populares Transnacionais: migração, comércio e modos de vida urbana na rota Brasil-China. E depois de passar a manhã no Hipercentro de Belo Horizonte com vocês e agora chegar aqui, posso ver como, através desta exposição, vocês conseguiram transitar de um transnacionalismo um pouco mais de viés econômico — estudar o circuito transnacional do comércio popular local — para um transnacionalismo mais com um viés social. A exposição consegue fazer uma conexão brilhante entre duas coisas que pareciam em princípio desconexas. Vocês começam falando de algo que parece ser um tema de economia pura e terminam mostrando fotos de casamento!

Trabalhei na minha tese de doutorado com conexões transnacionais, com o transnacionalismo econômico voltado para como ele se materializa na produção de vínculos através de remessas — o dinheiro que as pessoas conseguem mandar de volta para as famílias que ficaram por trás, seus investimentos, etc. Mas o transnacionalismo econômico vai muito além, o que vem mostrar esta exposição. Esses fluxos não são apenas financeiros, não são apenas mercadorias, mas são também fluxos simbólicos, fluxos de pertencimento. A exposição conecta Belo Horizonte, que não foi historicamente

um destino tradicional dessas migrações, com a China. E isso vem a redefinir esses dois espaços, essas duas pontas da cadeia migratória.

A exposição materializa de forma sensível e visível algumas coisas que, para quem estuda os temas do transnacionalismo e principalmente a questão das remessas, tudo aquilo que se conhece na literatura como remessas sociais, que são basicamente tudo o que circula nessas redes transnacionais, mas que é diferente do dinheiro, que é mais fácil de mensurar. A exposição captura os trajetos, os afetos, os gestos cotidianos que sustentam, de fato, essas economias e as vidas sociais nessa cadeia migratória. Fizeram um trabalho brilhante ao usar a exposição como um processo-produto que vem, por sua vez, a se tornar a essência do projeto, conectando o transnacionalismo econômico (objeto principal no início da pesquisa) e o transnacionalismo social (as diversas histórias de vida que são contadas na exposição). Então queria que vocês contassem um pouco sobre como se dá a manutenção dos vínculos à distância, do vínculo com a família que ficou para trás, com os parentes que permanecem na China.

Sibelle Diniz | Obrigada pelo convite! Sou professora no Departamento de Ciências Econômicas da UFMG, colega do João, contemporânea do João e da Mara na graduação em Economia. Nós três seguimos, de formas distintas, no estudo sobre as economias populares. Logo que se iniciou este projeto, o João me procurou. Naquele momento, eu era a diretora deste museu. Desde o início, achei a ideia sensacional e a equipe do museu abraçou a ideia com muito carinho, mas preciso confessar que não fazia ideia do que seria essa exposição! Então, foi uma surpresa imensa ver a exposição sendo montada. Apesar de não fazer ideia do que ela seria, tinha certeza de que seria uma exposição maravilhosa, pois já tinha acompanhado o trabalho da Renata como curadora e sabia da sua capacidade de transformar as nossas ideias, às vezes muito duras e acadêmicas, em coisas bonitas, afetivas, poéticas e sensíveis. Ainda assim, fui surpreendida.

Acompanhei mais de vinte exposições aqui no museu e acho que esta foi a exposição mais simples que eu vi! Simples em termos da estrutura: foi montada super rápido, é simples do ponto de vista do número de materiais e da própria estrutura, relativamente simples para uma exposição, mas repleta de complexidades, de possibilidades de leitura e de profundidade. Nesse sentido, é uma exposição que se alinha muito bem ao que entendemos por economias populares. À medida que nos aprofundamos na discussão das economias populares, ficam evidentes as suas heterogeneidades e complexidades. Sempre falo no plural: as heterogeneidades, as complexidades, por conta da incapacidade das lógicas binárias de explicarem o que acontece nas economias populares. Enfim, concordo completamente com a Gisela e o Fernando quando dizem que a exposição é muito bem-sucedida em apresentar o objetivo da pesquisa: compreender as economias populares. Então, queria trazer aqui alguns elementos da discussão contemporânea de economias populares que dialogam com a exposição.

Primeiro, gosto de dizer que as economias populares nunca foram novidade na nossa constituição enquanto economia latino-americana, brasileira e mineira, mas que ganham outra conjuntura no contexto do neoliberalismo. A exposição e o projeto em si captam uma dimensão importante dessa conjuntura do neoliberalismo, que é o papel da China e como a população chinesa ganha espaço — físico, inclusive — nos diferentes países, de forma muito rápida e consistente nos últimos anos.

Cabe ainda entender as economias populares como tramas heterogêneas. Nesse sentido, a metodologia da exposição, ao trabalhar com colagens, dá conta de expressar essas tramas heterogêneas. A exposição é uma espécie de cartografia dessas economias populares a partir das histórias que foram coletadas. Será interessante vocês escreverem artigos sobre o que a Gisela comentou, que é a centralidade da exposição no projeto: como a exposição foi fundamental para mostrar as economias populares reais, com suas tramas heterogêneas, com suas camadas de memória e de história. A exposição mostra as temporalidades e as territorialidades das economias populares, que são superpostas. Por isso, elas são tão difíceis de serem estudadas, às vezes. Muitas vezes, a imagem vai dar mais conta de explicar a economia popular do que um texto acadêmico de 20 páginas. A colagem que Ji, Kauã e Victor fizeram, por exemplo, pode ser mais potente para explicar a complexidade da economia popular do que um texto ou um conjunto de conceitos.

Fernando usou o termo ambivalência ao falar sobre a condição do migrante. A literatura fala também da economia popular como um espaço de certa indefinição e da importância de não vermos isso apenas como uma fragilidade, mas também como uma potência. Entender a economia popular como esse espaço intermediário, heterogêneo, contraditório; um espaço de encontro entre formas locais e globais. Justamente por ser indefinido, ele é um espaço de potência. Outra coisa que acho muito interessante é pensar os migrantes como seres desejantes. Então, coloco uma pergunta para todo mundo: como essa comunidade tem se posicionado na cidade enquanto uma comunidade desejante? Desejantes de direitos, etc., nos lugares que estão ocupando. E quanto às ausências também, de direitos e de desejos.

Por fim, queria falar do que Gisela também trouxe: a ideia das economias populares como economias de afetividade. Para mim, pensar as economias populares é pensar também essa produção de subjetividades, o tempo inteiro. A exposição traz essa camada pouco usual nos estudos em Economia, que é a da produção de subjetividades, de afetividades, de relações. Essa é uma bela forma de provocar o público a pensar essas economias populares a partir das suas complexidades, evitando uma lógica de binarismo que nós aqui, enquanto economistas, combatemos: economia formal *versus* informal; quem está abaixo da linha de pobreza *versus* quem está acima; quem está dentro do centro da cidade *versus* quem está fora. Precisamos fugir dessas dicotomias. A exposição é um belo convite para isso.

Mara Nogueira | Um dos binarismos centrais que foram comentados é o binarismo entre a produção e a reprodução. A definição, digamos assim, clássica de economias populares é que são economias em que a reprodução é mais importante do que a acumulação. Então, é uma economia em que a família, entendida de forma ampla, organiza a unidade comercial não necessariamente para acumular, mas para reproduzir a vida da família. E quando falamos de reprodução da vida da família, não estamos falando apenas do financeiro. Estamos falando aqui de crianças brincando nas lojas, que vemos com muita frequência; de pessoas que estão ali naquele espaço vivendo, até porque não só os imigrantes, mas os trabalhadores do comércio popular como um todo que geralmente trabalham de domingo a domingo no Hipercentro. A vida acontece ali. Eles jogam cartas, conversam, riem, cuidam dos filhos, cuidam uns dos outros, cozinham, almoçam juntos. É esse o espaço onde a economia e a vida acontecem ao mesmo tempo. Essa separação não existe, da forma binarista que a economia coloca. A representação nesta exposição é de uma economia que existe na vida cotidiana, uma economia real, não a economia dos gráficos e números dos livros. E por isso as imagens, até mesmo mais do que as palavras, conseguem descrever essa sobreposição entre a vida e os modos de subsistência, para além da sobreposição das culturas, dos espaços etc.

Informal ainda é um termo utilizado para poder falar dessa economia, mas é um conceito completamente incapaz de entender essa realidade que foge de todos os binarismos, inclusive da formalidade e da informalidade. As mercadorias, os processos e os vínculos habitam um espaço que está sempre jogando com essa zona cinzenta entre o que é formal e informal, o que é legal, e ilegal. Esses binarismos não se sustentam na descrição dessa economia.

João Tonucci | Boa tarde, pessoal. Fico muito feliz de ver esse momento aqui da exposição. Quando estávamos escrevendo o projeto, a exposição não era apenas uma representação ao final do projeto. Ela fazia parte do método do projeto e acabou virando uma espécie de dispositivo que acionou todas essas associações de que Renata, Priscila e Aline falaram. A exposição foi também um método mesmo de se aproximar daquele espaço, daquela comunidade, de uma maneira que os nossos outros métodos não permitiriam. Para nós que viemos da área da economia, os métodos convencionais são de um enorme distanciamento. Primeiro é o método quantitativo, que não dá conta de falar sobre quase nada dessa realidade. O pouco que fizemos no início, coletando dados, durou dois meses. É importante falar que quem trabalha com a economia popular sabe que é impossível partir desse tipo de abordagem metodológica. A economia popular exige uma aproximação etnográfica, uma aproximação de campo. Então fizemos alguma coisa aqui nesse projeto que foi uma etnografia compartilhada com pessoas que tiveram uma presença muito grande no campo, sobretudo a Priscila. Queria mencionar a Jiawei também, pós-doutoranda, pesquisadora chinesa, que esteve um tempo aqui em Belo Horizonte conosco. Ela não falava português, não conhecia o Brasil, então foi também um outro olhar e uma outra experiência, fundamentais para abrir outros contatos e criar outro tipo de relação junto

à comunidade chinesa local. Então, o método teve muitas camadas interessantes de aprendizado. Eu aprendi muito com isso. Tanto desse ponto de vista da etnografia compartilhada, como também com esse olhar artístico da exposição, a criação deste ambiente aqui e agora de um livro que estamos tentando produzir. Para além do que estamos mais acostumados com a produção acadêmica e os artigos científicos.

Queria comentar também sobre a questão dos binarismos e de como são insuficientes. Como as nossas categorias estavam precisando ser chacoalhadas para entendermos um pouco dessa realidade. Esse é um esforço teórico que temos feito: tensionar a própria ideia de economia popular. Uma das dimensões principais para isso tem a ver com a transnacionalidade. Porque temos a tradição de trabalhar, eu e Sibelle, as economias populares com grupos brasileiros em espaços de economia popular e solidária. Foi um desafio ter que lidar com a outra realidade da migração e da dimensão da transnacionalidade dos produtos, das mercadorias, das pessoas, dos processos, das imagens, dos afetos e da dimensão das remessas sociais. Gisela usou um termo muito interessante, porque tudo isso está circulando. É um desafio para mim pensar a economia popular para além do local e do urbano, ou pelo menos desse urbano que estamos mais acostumados a pensar.

Essa é outra dimensão importante da exposição: mostrar o que é essa economia na cidade, quais são os espaços de pertencimento, quais são os conflitos inclusive, num espaço específico que é o Hipercentro, que tem uma longa história, desde a origem da cidade, mas que hoje conecta múltiplas escalas. Há aqui essa multiescalaridade que vai desde regiões rurais da China, regiões fabris, passa por São Paulo como um nó importantíssimo por onde muitas trajetórias migratórias, mas principalmente as mercadorias, chegam ao Hipercentro, e daqui não param. Então, há a ideia de seguir a mercadoria, seguir as pessoas e pensar seus trajetos: acho que a exposição reflete um pouco disso. Uma exposição da economia vivida, do cotidiano dessas famílias e de suas trajetórias transnacionais. Enfim, foi um grande aprendizado poder refletir sobre o campo da economia popular com a exposição.

Fernando Rabossi | Gostaria de entrar na discussão para qualificar um pouco melhor a ideia da economia popular. Mas, antes disso, acho importante passar a palavra de volta para vocês falarem mais sobre a exposição, sobre a ideia de fazer isso aqui.

Renata Marquez | Realmente faltou comentar sobre a expografia! A exposição é basicamente uma impressão sobre 42,5 metros de tecido. Foi pensada para que pudesse ser dobrada, guardada e transportada numa maleta. Que fosse, ela também, passível de trânsito. Uma exposição que se fixasse em um novo lugar com facilidade. As faixas de tecido não chegam ao chão: estão penduradas no teto, são leves, descontínuas e fluidas. Tínhamos também o desejo de levar a exposição para a Universidade de Londres e para a China. Finalmente, Londres vai acontecer nos próximos meses. Faremos a reimpressão com os textos em mandarim e inglês, vamos

dobrar o tecido, colocar na mala e levar para Londres... A ideia da expografia é ser fluxo também.

Eu falei do poeta Ji Junqun, mas também encontramos outro artista entre os comerciantes. Yongbao Liu é calígrafo e colaborou com as caligrafias que estão aqui nessas bandeiras cor-de-rosa. É importante falar das bandeiras porque elas compõem um importante movimento de fuga da exposição. São um convite para conectar o espaço do museu com o Hipercentro da cidade. Porque essas mesmas bandeiras também estão nas lojas. Liu pintou as palavras que as lojas escolheram. São sete palavras que ligam sete famílias chinesas lojistas ao lojista-calígrafo Liu. Produzimos essas bandeiras e colocamos ao mesmo tempo aqui no museu e em cada respectiva loja. Para reforçar esse convite ao movimento, fizemos também postais para os visitantes levarem, convidando a fazer a conexão do museu com a cidade. Esse movimento é também fluido e em fluxo. Sugerir a experiência que cada um pode ter lá. Um dos postais tem um mapa dos restaurantes e dos mercados chineses. Todo mundo adora esse postal! É lá que compramos todos os produtos que vemos impressos na exposição. O postal, claro, também tem a ver com fluxo, com viagem, com memória, com conexão. Assim, a forma e o conteúdo estão totalmente interconectados aqui. Não há uma cosmética esvaziada de conteúdo. Tudo tem intencionalidade.

Priscila Musa | Alguns comerciantes disseram que a exposição lembrava um dragão chinês. Outros falaram que esses tecidos tinham muito a ver com a seda chinesa. Isso me lembra a história do comércio chinês, que começa lá atrás com a seda! E perguntaram como tínhamos conseguido imprimir no tecido. E essa é uma questão importante, porque na conversa com a gráfica, foi difícil eles toparem imprimir 42,5 metros de tecido. A gente nunca viu, não tem jeito de imprimir... Nossos computadores não conseguem. A produção da exposição também acabou sendo um exercício de experimentação, um salto ao desconhecido.

Aline Franceschini | O mandarim foi também um grande desafio. Nunca havíamos diagramado nada em mandarim, então fizemos nosso trabalho da maneira como costumávamos diagramar os textos, até que o tradutor nos disse que estava tudo errado, pois as palavras mudam com a posição dos ideogramas. Até as fontes foram uma questão, já que as fontes que costumávamos usar não tinham mandarim. Tivemos que escolher uma fonte adequada e o Germano, um dos tradutores que trabalharam conosco, nos ajudou a acertar a diagramação. Fomos aprendendo um pouco com o processo e ao final, já errávamos bem menos.

Mara Nogueira | Tivemos dois intérpretes trabalhando conosco. Etel foi o primeiro intérprete, que agora está na China fazendo o mestrado, e Germano, que nos acompanhou hoje de manhã no campo. Mas agora queremos abrir para a plateia, perguntar se alguém tem alguma questão.

Gisela Zapata | Todos nós, que somos imigrantes, vivemos dilemas pessoais. O que tem atrás dessas pequenas histórias? Porque cada história de imigrante é uma história diferente, também feita de conflitos, dependendo do país onde chega. Uma coisa que eu queria perguntar, porque me pergunto isso, é o que é o comércio para o chinês? O que significa viver de comércio para eles? Porque acho que tem um significado distinto para diferentes povos e talvez também para regiões diferentes, pois a China é um continente... Queria ver se, com essa metodologia tão acertada, podemos entender um pouco o que significa o comércio. Aqui temos a história de uma pessoa que era médico na China e que aqui veio a ser um ambulante. Qual seria o status de vida do comércio? Porque para a nossa sociedade há status muito distintos...

Mara Nogueira | Na realidade, não é uma pergunta que a gente abordou diretamente. Fala-se muito sobre a migração do sul para o norte. A literatura é dominada por essa discussão. E também pela discussão dos que migram para serem trabalhadores assalariados. E aí vem essa questão da remessa. A pessoa trabalha, recebe o salário e manda um pouco de volta para casa. Aqui, o primeiro ponto é que estamos falando de uma imigração sul-sul, guardadas as diferenças entre os lugares, e uma imigração conectada pelo comércio. Os chineses, em sua maioria, não vêm para cá trabalhar de forma assalariada. A relação de ser um imigrante comerciante te coloca em relação contínua com o seu país de origem. Então, muitos dos chineses viajam para a China para visitar as suas cidades de origem e também a trabalho, principalmente para Yiwu, que é uma grande cidade industrial na China que exporta produtos de baixo custo para o sul global. Eles têm, assim, sempre essa conexão com a China. Não é uma imigração em que a relação com o seu país de origem é simplesmente por remessas ou visitas: estão constantemente fazendo essa ponte, sempre em contato com o que acontece na China. Mas o que isso significa para as pessoas é uma ótima pergunta! Precisamos perguntar para as pessoas mesmo!

As pessoas que emigram para o Brasil não teriam condições de trabalhar num trabalho assalariado, até por não saberem o idioma e não terem a formação necessária para a inserção no mercado. Elas chegam para trabalhar e viver dignamente como comerciantes. Então, dizemos que é um setor que tem baixa barreira de entrada e isso permite que as pessoas cheguem. Não é à toa que essa população trabalha no Hipercentro, que tem essa característica para a qual a Priscila já chamou a atenção, que é um espaço historicamente transnacional e de convivência entre o legal e o ilegal, o formal e o informal. E também porque é um setor no qual conseguem operar com relativo sucesso por terem o acesso privilegiado às mercadorias chinesas.

João Tonucci | Também não tenho resposta: é uma boa reflexão e tem a ver com a questão que a Sibelle trouxe do desejo e das aspirações. Mas eu queria trazer outra camada sobre a questão da diáspora e do comércio chinês em particular, que tem a ver com o fato de que isso é parte também de uma política de Estado chinês. Muitos desses vínculos que são mantidos também têm a ver com o apoio, às vezes formal,

às vezes informal, de agências migratórias de regiões, províncias ou condados chineses que mantêm essa circulação. Isso faz parte de uma política que facilita inclusive a venda dos produtos em outros países, a manutenção dessa comunidade migrante como parte da comunidade chinesa, a manutenção inclusive da cidadania chinesa mesmo em outros países. Há gradações diferentes e tipos de instituições que fomos descobrindo ao longo do processo, mas que são importantes inclusive como apoio à comunidade local. Mesmo estando tão distantes, de alguma maneira estão conectados ao país e ao Estado, através dessa espécie de institucionalidade migratória.

Gisela Zapata | Uma coisa que me chamou a atenção é como as vidas que fazem parte dessa história que vocês contam estão atravessadas pelas ações ou omissões do Estado. Não agimos, não vivemos em um vácuo. E no campo das migrações, uma das primeiras coisas que ensino para meus alunos é que a pessoa migrante não é uma pessoa que um dia, do nada, decide que vai deixar tudo que conhece e lhe é familiar para atravessar o mundo em busca de uma coisa que ela nem tem exatamente clareza sobre o que é. Sabemos que o Estado não é um personagem ausente. Ele escolhe ativamente quando fiscalizar e quando criminalizar, como vocês contaram com relação às políticas da cidade em 2004, com a criminalização do comércio ambulante no centro. Ele escolhe quando fazer vista grossa, pois essas economias populares fogem do binarismo entre formalidade e informalidade, legalidade e semi-ilegalidade. Queria perguntar isso: como o projeto analisa esse papel diferente do Estado brasileiro e do Estado chinês na produção dessas vulnerabilidades e oportunidades? Fiquei pensando nisso também, especialmente no contexto da crescente importância das relações sino-brasileiras e muito mais agora que temos um acordo que nos inclui como grupo. Apesar de um país ser considerado em desenvolvimento e outro não, estamos no mesmo grupo dos BRICS.

Fernando Rabossi | Eu responderia com uma história que João me contou hoje, andando pela rua. É uma coisa que também me perguntaram em Ciudad del Este: por que você trabalha com o que trabalha? Tendo estudado tanto tempo, por que você não passa para o comércio? A questão tem a ver com o quê? O comércio é ganhar dinheiro vendendo coisas. O trabalho é vender. E, claro, se a gente for pensar nas migrações, ele é uma das portas de entrada. Temos diásporas comerciais que basicamente se dedicam a isso e temos a proliferação de atores que não eram considerados como diásporas comerciais que vão se tornando. Tem o sírio-libanês, tem armênios, tem chineses, tem indianos, tem brasileiros. Nos Estados Unidos, os brasileiros são considerados comerciantes também, muitos deles. No Brasil, bolivianos, além das confecções, são comerciantes, como os equatorianos, hoje em dia, no Rio de Janeiro, que se dedicam basicamente ao comércio. Uma forma de fazer dinheiro, basicamente. E, claro, como vocês bem falaram, fazer dinheiro não é simplesmente fazer dinheiro, também é a vida, o espaço e as negociações com ele. Quais são as estruturas que permitem estabelecer-se para poder vender, para poder fazer dinheiro? E aí entram histórias longas de articulações comunitárias,

formas de organização, formas de crédito para fazer mais dinheiro, que às vezes estão ancoradas nas relações de vizinhança e parentesco. Muitas vezes, as festas são centrais para articular e reforçar esse pertencimento comunitário.

Tendemos a associar o mercado com o capitalismo e o Ocidente, mas isso não se sustenta nem historicamente, nem arqueologicamente. A China tem sido um lugar central em termos mercantis. O trabalho clássico de Skinner, publicado em 1964, mostra a incrível estrutura dos mercados chineses, ou seja, há uma tradição de mercado ancorada em lógicas e articulações sociais que dizem muito a respeito da organização política na longa duração. A proliferação produtiva e comercial não é simplesmente um acaso na China, é uma história longa.

Queria falar também sobre os dualismos. Não utilizava o termo economia popular, mas comecei a utilizá-lo porque permite escapar de categorias que talvez deixaram de fazer sentido. Qual seria o oposto de popular? Não popular? Quem é o não popular, a elite? O monopólio? A economia corporativa? Então, a pergunta que cabe ser colocada é: quando o popular deixa de ser popular? É um tema crítico para todos nós. Há processos de transformação radical e de acumulação também radical que vão fazendo diferenciações. Como pensamos isso e como trazemos isso? Talvez seja interessante pensar em uma categoria que não se limita exclusivamente aos números ou à quantidade de vendas, mas tem a combinação do que hoje vimos aqui.

É importante tentar entender quais as alianças entre os comerciantes populares chineses e os comerciantes populares brasileiros. Entre os trabalhadores das lojas e aqueles que os contratam. A sensação de exploração que o morador da favela tem em relação ao vendedor imigrante. São detalhes que temos que levar a sério. A categoria que acho interessante traçar, e por isso também eu chamaria tudo isso de comércio popular, é a categoria de grupos hegemônicos. O que define os grupos hegemônicos é a definição das regras, e aí voltamos à questão do Estado. A grande disputa dos grupos hegemônicos corporativos hoje em dia é definir as regras e como elas são feitas. A grande vantagem da economia popular é que ela precisa jogar com as regras, mas apenas para contorná-las, ela não as define. Quem define as regras? Hoje em dia isso passa a ser uma das questões-chave.

Um último ponto para compartilhar. Em comparação com a informalidade, a marginalidade e a tradição, que são as três categorias que, em certa medida, pautaram a análise da economia popular, antes mesmo de chamá-la como tal, eram todas categorias que tinham o seu oposto. O tradicional e o moderno, o marginal e o incorporado, o informal e o formal são categorias de transição, que supõem uma temporalidade específica que nos leva a transcendê-las. A categoria popular é uma categoria que não é uma categoria temporal, é uma categoria estrutural, topográfica. E acho que isso também é interessante pensar. O contrário do popular é algo que tem a ver com questões estruturais.

Sibelle Diniz | Super concordo com o que Fernando levantou, porque diz respeito à nossa dificuldade em trabalhar com a própria categoria. É muito difícil você olhar para a experiência e dizer se é popular ou não é popular. Estou orientando uma dissertação sobre vinte comerciantes que trabalham com algodão doce, água de coco, pastel, pipoca, milho... O título do trabalho era Comércio Popular no Parque Sagarana em Montes Claros. Colegas do programa questionaram: Por que estão dizendo que essa economia é popular, a priori? Vocês foram lá conversar com eles para saber se é mesmo economia popular? Eu e minha orientanda, vendo as tecnologias que utilizam e sabendo que são empreendimentos familiares, já havíamos introjetado que eram experiências populares, mas percebi que precisaríamos voltar um pouco atrás... E agora estamos construindo uma metodologia para pensar que nome usaremos. Podemos de fato chamar as atividades de todos esses comerciantes de comércio popular? Por quê? Acho que caímos, às vezes, na chave do automático.

Fernando Rabossi | O popular é o que antes chamávamos de trabalhador, ou de classe trabalhadora, ou de pobres. Trazer discussões sobre outras categorias, que não a economia, para pensar o popular pode ser interessante. Na cultura, o que chamamos de popular? O tradicional, produzido pelos atores que não têm recursos, e o massivo também. Temos a música popular e a música de massas. Temos algo para pensar aí. Algo da economia que vimos hoje aqui tem a ver também com o consumo de massa. É popular no sentido massivo, porque temos acesso a um monte de coisas que não tínhamos há 50 anos. O acesso à massificação do consumo é uma condição que também transforma onde nos colocamos.

Gisela Zapata | Pensando nessas conexões, acho que o pulo do gato vai ser o seguinte: vocês falam muito sobre economias de baixo para cima. A ideia de popular remete também à localidade, a estar inserida em um contexto particular e não necessariamente conectada com o mundo. Mas como já falamos aqui, a economia popular em particular que vocês estão estudando é multiescalar e conecta o local com o estadual, com o regional, com o nacional e com o internacional. E esse internacional definitivamente não é uma economia de baixo para cima. É uma economia conectada a grandes circuitos comerciais financeiros transnacionais. Então, há a conexão de baixo para cima, mas também de cima para baixo. E como esse vai e volta estrutura aquilo que estão estudando? Como isso se materializa no contexto de Belo Horizonte?

Mara Nogueira | Nos trabalhos que escrevo sobre os ambulantes, uso o termo informalidade urbana porque o ambulante é informal de duas perspectivas. Ele é informal na ocupação do espaço, pois não tem uma licença, e ele está participando de uma economia que é entendida como informal. Quando estamos falando da relação do ambulante com o espaço na chave do informal, ela traz o Estado para a conversa, mais do que a ideia de popular. O popular traz outras coisas, traz a discussão sobre a quebra dos binarismos. Quando você trata uma economia como informal, você quer dizer que ela está em uma relação de irregularidade com o Estado. A economia

popular que visitamos hoje no Hipercentro é completamente formatada pela ação do Estado. Primeiro, os shoppings populares são uma intervenção da prefeitura de Belo Horizonte em 2004 para poder receber os ambulantes que estavam sendo removidos das ruas. A pergunta que foi feita sobre quando fiscalizar, quando não fiscalizar, quando criminalizar, quando não criminalizar, é uma pergunta que se conecta com a discussão da fronteira da economia popular. E pensando as fronteiras em vários sentidos, tanto do ponto de vista geográfico, quanto do ponto de vista conceitual.

Em algum momento, a economia popular tem um tensionamento, algo pula para fora e deixa de ser popular. Gostei do que o Fernando falou sobre a questão hegemônica, porque acho que essa é a chave. É uma economia que tem certas características qualitativas, então não tem a ver necessariamente com escala, não tem a ver com aparência, tem a ver com o propósito de existência daquela unidade e como ela funciona de forma estrutural, qualitativa, o que é difícil de enxergar. Mas aqui em Belo Horizonte já conseguimos ver algumas lojas maiores surgindo. Fica difícil classificá-las como economia popular no sentido que estamos utilizando, mas não deixam de ser um comércio popular porque atraem uma camada de baixa renda e em grande quantidade.

Estamos usando a ideia de economias populares transnacionais. Esse termo, como João falou, é um tensionamento do conceito de economia popular. Porque quando começamos a tensionar, por exemplo, as descrições latino-americanas de economia popular, elas falam da solidariedade e da família de uma forma específica. Quando olhamos para as famílias chinesas, elas estão geograficamente dispersas e o cuidado é transnacional. A solidariedade e os conflitos, tanto entre os chineses, como entre eles e os brasileiros, também se organizam em torno de categorias que não são muito bem entendidas no conceito usual de economia popular que é mais focado na esfera local. Estamos tentando tensionar um pouco e expandir o conceito, porque não achamos que deixe de ser popular por ser transnacional. Estamos trabalhando também com o conceito da Jennifer Tucker, que é *outlaw capital*, o capital fora da lei. Estamos entendendo que no popular e no informal, o tensionamento da lei tem a ver com a reprodução da vida. Chega um ponto em que esse tensionamento tem a ver com acumulação e não tem mais a ver com a reprodução da vida da família: tem a ver com ter poder suficiente para poder tensionar a lei e ganhar mais dinheiro com isso. São essas duas chaves que estamos usando para tensionar o conceito de economia popular. Expandindo para entender como que essas redes transnacionais transformam e também como a hierarquização que vemos nessa economia ao longo do tempo vai gerando as concentrações de riqueza e poder que permitem o uso institucional da lei, o que já é diferente do que observamos nas economias cotidianas que estamos tratando aqui.

Gisela Zapata | Eu diria também que a ideia de cultural é muito situada, porque na Europa ninguém consideraria o comércio chinês como parte da economia cultural, mas como parte de uma economia ilegal, com certeza. Mas também porque, pelo

menos na Itália, tem uma coisa muito forte, que é a competição. Porque a Itália também é um país de comerciantes. Os chineses claramente são mal vistos porque competem. Então, é totalmente situado. E isso dificulta muito. O que é popular aqui não é popular em outro lugar. O que é legal aqui não é legal em outro lugar.

João Tonucci | Como a sociedade vê é um ponto fundamental, que inclusive foi um dos motivos da pesquisa inicial. Tinha a ver com certa estigmatização dessa comunidade, com a associação apenas ao lado negativo do “ilegal”. Parte da exposição era mostrar os outros lados de uma economia muito mais complexa e que envolve as vidas dos migrantes. Outro ponto que temos discutido muito é o ponto de mutação da economia popular para algo que podemos chamar de uma economia empresarial, capitalista, em que o modus operandi da acumulação de capital, de fato, passa a ser determinante. Em campo, naquele espaço específico, ao longo do tempo, vemos mudanças: determinados atores vão crescendo e tendo uma posição de poder econômico e, eventualmente, político, trazendo de volta a questão do Estado e algum poder na definição das regras, ou uma voz na disputa do poder. Óbvio que isso gera hierarquias e desigualdades, mesmo dentro das comunidades, ou entre chineses e brasileiros. Com diferenciações econômicas, de poder e de acesso.

O sistema produtivo chinês também é extremamente complexo. Tivemos uma interlocução importante com o trabalho da Rosana Pinheiro Machado. Ela mobiliza a ideia da cadeia global de mercadorias, falando da história da mercadoria, como uma mercadoria sai da fábrica chinesa e chega aqui, como transita entre a legalidade e a ilegalidade. São metamorfoses ao longo da vida da mercadoria e também em termos de regime de trabalho. Não é uma classificação por setor, ou mesmo por espaço, que também é outro problema da noção de “informal”, ou do espaço informal versus o espaço formal. Tem formalidade e informalidade em todos os espaços. Usamos a economia popular muito mais como um espaço para pensar sobre essas questões.

Pegando um gancho com algo que Sibelle comentou, como, em determinadas situações, a ideia de popular, que tem esses sentidos todos que vocês trouxeram, muitas vezes constitui identidade também. Existem hoje trabalhadores e trabalhadoras e setores específicos que se identificam com a economia popular. Mas não são todos os grupos com que trabalhamos que se identificam. Alguns grupos da economia solidária rejeitam a ideia de economia popular. E tem uma genealogia latino-americana forte também, para essa identificação. Quando vamos para outros contextos, é mais difícil entender o que é a economia popular.

Sibelle Diniz | Precisamos começar a incorporar nas nossas pesquisas a compreensão de “popular” por aqueles que chamamos de trabalhadores da economia popular. Queria contar uma história ligada ao projeto que coordeno, a Feira de Economia Popular e Solidária da FACE. Anualmente, abrimos uma chamada pública para os grupos produtivos se inscreverem, e temos alguns critérios de seleção. Temos cinco ou seis grupos de produtores que são cogestores da feira junto

com o grupo de estudantes e professores da Universidade. Alguns desses grupos começaram a ter atitudes um pouco diferentes nas feiras: cobravam mais qualidade do produto do outro, vigiavam o preço do produto do outro, tentavam pegar o cliente do outro. Algumas produtoras vieram até mim dizendo que aqueles grupos não eram mais da economia popular e solidária, que tinham “virado empresa”: “viraram empreendedores”. Esse é o tipo de coisa que precisamos começar a entender. A dinâmica da compreensão do popular e do solidário é complexa. No final das contas, o método deveria ser a etnografia mesmo, em um trabalho de compreensão de como esse léxico é utilizado por eles próprios.

Renata Marquez | Nós queremos convidar todo mundo que está aqui conosco para passarmos agora para o terraço astronômico ao lado para uma confraternização – onde poderemos continuar informalmente essa ótima conversa. E também convidar vocês para conferirem a programação de exibição da sessão sobre o céu chinês em cartaz no planetário do Espaço do Conhecimento UFMG. Agradecemos a presença e a escuta de vocês!

Mara Nogueira | Good afternoon, thank you all very much for coming, and especially to our guests: Fernando Rabossi, who is visiting from the Federal University of Rio de Janeiro, and Sibelle Diniz and Gisela Zapata, colleagues here from the Federal University of Minas Gerais. Earlier today, we went with them to the field site that inspired this exhibition. We met some of the research partners who helped us produce this exhibition. I'd like to begin by saying a few words about the research project behind this exhibition. The aim of this research is to explore popular commerce in Belo Horizonte, particularly in the Hypercentre, we do this through the presence of Chinese immigrants, who connect local popular trade to globalised circuits of the economy, particularly to China, which is the source of many of the goods that sustain popular trade in Brazil. Many people live in Belo Horizonte without knowing that there is this concentration of Chinese immigrants in the city centre. With this research, we wanted to get to know this group a little better and understand how they experience the city of Belo Horizonte. What is their relationship with the urban space that we collectively inhabit? What economic role do they play? What is the link between local popular commerce and China? How does this community help to shape this specific space that is the Hypercentre of Belo Horizonte?

Renata Marquez | Good afternoon. I'd also like to thank the colleagues here today, as well as the students, researchers and participants who came to the museum and the rest of the research team. I wanted to start by saying something

about the transdisciplinary nature of this work, which helps explain why we're in an exhibition space. The project began at the School of Social Sciences at Birkbeck, University of London, building on Mara's earlier research with street vendors in Belo Horizonte. It was conceived as a conversation across geography, economics, architecture, design, art and anthropology. We were invited to join because of our previous ethnographic experience, and also because the project had always planned to include an exhibition and a publication — that will include the transcription of this conversation — as outputs. We had produced exhibitions and books before, but never one centred on Transnational Popular Economies. We knew it was going to be a challenge. As the ethnography unfolded, the exhibition became central to our conversations in the field. It turned into the shared project we could develop with the traders: an exhibition about the encounters and mismatches of the Chinese community in the Hypercentre. We wanted to learn more about their experiences, and the exhibition became that point of convergence. At the same time, making the exhibition was a way for the research to reach non-academic audiences — an effort, in effect, to find a more accessible language to communicate what we were learning.

When we first started talking to the traders about the exhibition, many of them said: "I'm not going to participate because I'm not an artist!" In fact, we discovered that some of them were artists. Ji Junqun, who is here today, is a well-known poet in China whose work has been published in various places. His poems helped shape the exhibition you see here, guiding the curation and the way the narratives were organised. We built it collectively. We had planned a series of workshops, but it quickly became clear we would need to adapt. No one had any spare time — everyone was working seven days a week. The idea of proper workshops in a proper space with proper time was never going to happen. We had to make them portable and nomadic, something that could slot into the traders' daily lives. In the first stage, we held the workshops on site. We went into the shops, spread our maps and photographs across the counter, and talked to people about what we had brought.

Priscila Musa | We tried to spark conversations through images. We brought sets of photographs and maps. The first was of the Hypercentre, showing where we were — where Shopping Oiapoque and Shopping Xavantes stand today. We overlaid different versions of the city: Curral Del Rey before it was planned, the early planned city, and the city as it was finally built. We used the maps as a way into conversation, because many of the Chinese traders from the first wave of migration came from rural parts of China, particularly Qingtian in Zhejiang province, a water-rich region that supports the cultivation of both tea and rice. We wanted to show that Belo Horizonte had once been shaped by water and farming

too, creating a link between the two landscapes. We also brought historical photographs of the city to show that the area the traders now occupy has always been a transnational space. Over the years it had been home to Syrian, Lebanese, Italian, Portuguese and African traders, and today the Chinese have arrived. It has also always been a site of popular commerce — one of the most popular areas of the city since Belo Horizonte was founded. In both workshops our aim was to explore this Brazil–China connection. We called them “Joining Memories”.

In addition to the historical photographs of Belo Horizonte, we brought other sets of images: photographs of different types of housing in China; images from Thomas Sauvin’s archive, a researcher who collected thousands of discarded negatives in Beijing showing everyday life in China between the 1980s and 2000s; photographs of Chinese schools by Zhang Yu; photographs of the Yanomami by Claudia Andujar; and photomontages by the artist Betty Yu, as well as AI-generated montages by Flávio Dornas.

There is also an overlap in the use of that space. Many of the Chinese shops we visited have sex workers operating on the upper floors, particularly around Rua Guaicurus. Flávio Dornas’s family owns one of the buildings known locally as “hotels”, which house sex workers. He created what he described as a tribute to the arrival of the Chinese in the area — an AI montage placing traditional Chinese gateways along the streets. We also used photography as a form of exchange: I would take photographs and then show them to the traders.

The workshops worked as spaces of crossing. We would show the images, and people would often glance over them quickly until, for completely unexpected reasons, they would stop at one and begin telling stories — stories we hadn’t realised were connected to them. Dayuwang, for example, told us that he, his father and his grandfather had all worked building Chinese gateways and pagodas. On another occasion, we showed him photographs from a different project I was working on with the Yanomami in the Amazon. He looked at one of the images and said: “Wow, he looks so much like us! Is he Chinese?” It was Davi Kopenawa. There is a historical connection between Indigenous peoples in Brazil and Asia — studies suggest that their ancestors came from that region. By bringing different groups of photographs, we gradually built a conversation with them.

Little by little, we realised that the images were working as prompts that could generate encounters. They created bridges between times, places and experiences that seemed distant from one another. It wasn’t the photograph itself that mattered most, but what it brought out: childhood memories, ways of working, landscapes of origin, feelings, and unexpected identifications.

When Dayu connected the Yanomami to his own family, for instance, we weren't trying to confirm a shared origin or construct a linear historical narrative. What interested us was seeing how an image could open up space for him to make his own connections, shifting the boundaries between Brazil and China.

Renata Marquez | We also brought images of Chinese schools because education was an important topic for them. We noticed that it's quite common for the second generation — those who were born in Brazil — to be sent to China to study and later return. We realised that education cuts across their experience of space and their multicultural lives, especially for the second generation. We wanted to understand what their schooling was like here, how they experienced childhood and socialised with other children. That was the focus of the first part of the workshops we held on site with the first generation. Later, with the second generation, we managed to bring them to the School of Architecture on some Saturdays to work on the exhibition. We would meet there to talk through their photo albums, share personal objects, school stories, family stories and memories of leisure time. That's how we began to build the stories you see in the exhibition — stories about home, childhood and struggle — particularly with the second generation.

Vitória, Andi and Mila created a large collage that brought together the memories of their two families. It was a meeting between Vitória and Andi, who are the same age and had spent a lot of time together as children, though nowadays they don't see each other as much anymore. Looking through the photo albums together, they started remembering stories: "Oh, you wore that dress and then lent it to me!" "I have a photo wearing that same dress too, I'll find it." We ended up with photographs of each of them wearing the same dress when they were little, and in that way we began stitching their memories together. This is what we mean when we say the exhibition was made collaboratively — it really was created by many hands. We tried to prompt memories, to listen, to record, and also to encourage them to imagine possible futures and other plans. That was more or less the spirit of it.

Aline Franceschini | Talking to people and about people was quite challenging. The cultures were very different, and the traders were always in a hurry. The images then became a way for us to build conversations. They helped us explain what we were doing and what the exhibition would be. For example, we brought images of other exhibitions we had done before, so we could explain our work. What I find interesting is that, in a conversation where culture and language were real barriers, the images became what allowed the conversation to happen.

Renata Marquez | Another important aspect was the objects we used during the workshops, because they also helped shape our relationships with the traders.

The images of objects you see in these montages were not chosen at random. Take the sweet wrappers, for example. One day Priscila went to Ashui's small grocery store to buy some Chinese snacks for the workshop and ran into Juli, the calligrapher's daughter. When she mentioned she was buying food for the workshop, Juli picked out products that reminded her of her own childhood and teenage years in China. Each object you see here is helping to build this shared narrative.

Mara Nogueira | I also remember there was a moment during the workshops when you asked people to take photographs of their everyday lives — like Ji Junqun's sons did in that gamified montage...

Renata Marquez | Yes, we proposed a photographic exercise. From one week to the next, we asked them to photograph their everyday lives — things and places that were part of their routine and that they wanted to document. We printed the photos and everyone worked on them, making montages and adding their own interventions. Ji, Kauã and Vitor created captions, wrote texts in Mandarin and introduced fictional characters, almost like a comic strip.

I just wanted to add one more thing. There are many voices in this exhibition. We brought them together in this collage of stories and memories — not as individual stories, but as part of a larger collectivity. We listened to personal accounts, but tried to present them in a way that they could also be understood as shared. The exhibition tries to make those connections — to stitch together the personal and the collective.

Mara Nogueira | We invited Fernando, Gisela and Sibelle to visit the Hypercentre with us earlier today, and also to see the exhibition and respond to it based on their own research. Fernando and Sibelle both work on popular commerce, while Gisela researches migration and transnational remittances. Fernando and Gisela are immigrants themselves too...

Fernando Rabossi | Thank you very much for the invitation. It's a real pleasure to be here. As Mara mentioned, I'm not Brazilian myself. I was born in Argentina, but I've been living here for 26 years. My PhD was on the border with Paraguay, in Ciudad del Este, focusing on popular economies. After that, I worked in different places — with street vendors and informal traders in the Northeast of Brazil, in São Paulo, and later in Rio de Janeiro. Today's experience, both in the city and here at the exhibition, has been really wonderful. Congratulations on the work. What stands out to me, beyond the aesthetics, is that you managed to bring your interlocutors into this space — and not in a conventional way. I think that's one of

the real strengths of this project. The poems by our poet here today are beautiful, and so is the way you've worked across different generations. The first point I'd like to raise is this: there are many voices here, from different generations and from people who come from very different places. In a very condensed form, you can feel all of that in the exhibition, and that's not easy to achieve. We often tend to see economic actors and migrants in a rather homogenised way, but I think you've captured this complexity very well. You've also brought in other dimensions of migration.

My children are Brazilian — their mother is Uruguayan and I'm Argentine. They speak Spanish fluently, but they grew up here, so this is home for them. At the same time, they have a strong connection with Argentina and Uruguay. They belong here, but they also feel they belong there. I think you've managed to bring these tensions into the exhibition — the relationship between a father who speaks with an accent and children who speak Portuguese perfectly, and who have a complicated mix of shame and pride. These are migration stories that, when they intersect with commerce and work, capture a transformation not only of people, but of the world itself — and of China itself.

I began my work in Ciudad del Este in 1999. Twenty-seven years later, there has been a radical shift in how China is perceived there. It used to be associated with distrust and lower-quality goods. Now it's seen as a country capable of producing almost everything we consume, at every level of quality, and with impressive technological capacity. We can see this change reflected in the relationship between parents and children, and in how they look at and relate to that other world. You mentioned that some of them feel China is no longer the same country they left. It's something else now. One person even said: "I don't know if there's still a place for me there." I think you've captured this transformation very well. Working with images and giving people a voice and a camera is incredibly valuable. You can see the impact of that approach right here. We're not simply the ones who found them — they are here, presenting themselves. It's fascinating to see this complexity come through in the portraits, the clothes, the games, and the shops. There's a depth that usually remains hidden, and here it becomes visible.

Gisela Zapata | Good afternoon. I'm also a researcher and professor at UFMG. I'm an immigrant myself — Colombian — and I've been living in Brazil for 13 years. Thank you for the invitation. It's an honour to be here. I'd like to commend you on the brilliant idea of using this exhibition not only as a final product, but as a central part of the research process itself — something that has almost become the heart of the project. I say this because I had the privilege of reading the original research proposal, *Transnational Popular Economies: Migration, Trade and Urban*

Livelihoods along the Brazil–China Route. After spending the morning with you in the Hypercentre and now seeing the exhibition, I can see how you’ve managed to move from a more economically focused form of transnationalism — studying the transnational circuits of local popular commerce — to a more socially oriented one. The exhibition makes a powerful connection between two things that might at first seem unrelated. You start with what looks like a purely economic topic and end up showing wedding photographs.

In my doctoral research, I worked on transnational connections, focusing on economic transnationalism — particularly how it materialises through remittances, the money people send back to their families, as well as their investments and so on. But economic transnationalism goes much further than that, and this exhibition shows it clearly. These flows are not only financial or material; they are also symbolic flows — flows of belonging. The exhibition connects Belo Horizonte, which has not historically been a traditional destination for this kind of migration, with China, and in doing so it redefines both ends of the migratory chain.

What the exhibition does so sensitively and visibly is to materialise what we usually refer to in the literature as social remittances — everything that circulates through these transnational networks besides money, which is much easier to measure. It captures the journeys, the affects, and the everyday gestures that actually sustain these economies and the social lives within this migratory chain. You’ve done a brilliant job of using the exhibition as both process and product, something that has become central to the project itself. It connects economic transnationalism — the original focus of the research — with social transnationalism, through the many life stories told in the exhibition. I’d be interested to hear a bit more about how these long-distance connections are maintained — the links with family members left behind and with relatives who remain in China.

Sibelle Diniz | Thank you for the invitation. I’m a professor in the Department of Economics at UFMG, and I studied with João and Mara during our undergraduate degree. The three of us have followed the study of popular economies in different ways over the years. When this project first started, João approached me. At the time, I was the director of this museum. From the beginning, I thought the idea was brilliant, and the museum team embraced it with great enthusiasm. But I must admit, I had no idea what the exhibition would actually look like. So it was a huge surprise to see it being put together. Even though I didn’t know what it would be, I was sure it would be wonderful, because I already knew Renata’s

work as a curator and her ability to transform ideas — sometimes quite dense and academic — into something beautiful, emotional, poetic and sensitive. Even so, I was still taken aback.

I've accompanied more than twenty exhibitions here at the museum, and I think this was the simplest one I've seen — simple in terms of structure and materials. It was assembled very quickly and has a relatively light presence for an exhibition. Yet it is full of complexity, multiple layers of meaning and depth. In that sense, it aligns very well with how we understand popular economies. As we delve deeper into the discussion of popular economies, their heterogeneities and complexities become increasingly evident. I always speak in the plural — heterogeneities, complexities — because binary logics are simply not capable of explaining what happens in popular economies. I completely agree with Gisela and Fernando when they say that the exhibition successfully conveys the aim of the research: to understand popular economies. So I wanted to bring in a few elements from the contemporary discussion on popular economies that resonate with what we see here.

First, I like to point out that popular economies have never been a novelty in the making of Latin American, Brazilian or Minas Gerais economies. However, they take on a new significance in the context of neoliberalism. Both the exhibition and the project itself capture an important dimension of this neoliberal conjuncture: the role of China and the way the Chinese population has been gaining space — including physical space — in different countries, in a very rapid and consistent manner in recent years.

It is also important to understand popular economies as heterogeneous webs. In this sense, the exhibition's methodology, by working with collages, is well suited to expressing these heterogeneous webs. The exhibition functions as a kind of cartography of popular economies, built from the stories that were collected. It would be interesting if you were to write about what Gisela mentioned — the centrality of the exhibition within the project, and how it was fundamental in revealing the real popular economies, with their heterogeneous webs and their layers of memory and history. The exhibition shows the overlapping temporalities and territorialities of popular economies, which is precisely why they can be so difficult to study. Often, an image can explain popular economies better than a twenty-page academic text. The collage made by Ji, Kauã and Vitor, for example, may be more powerful in conveying the complexity of popular economies than a written text or a set of concepts.

Fernando used the term ambivalence when speaking about the migrant condition. The literature also describes popular economies as spaces of a certain

indeterminacy, and it is important not to see this only as a weakness, but also as a source of potential. Understanding popular economies as this intermediate, heterogeneous and contradictory space — a space of encounter between local and global forms — is key. Precisely because it is undefined, it becomes a space of real potential.

Another point I find very interesting is to think of migrants as desiring beings. So I would like to pose a question to everyone: how has this community positioned itself in the city as a desiring community — desiring rights, for example, in the spaces they are occupying? And what about the absences — the lack of rights, and the lack of space for desire?

Finally, I wanted to pick up on something Gisela also raised: the idea of popular economies as economies of affectivity. For me, thinking about popular economies also means thinking about the constant production of subjectivities. The exhibition brings in a layer that is quite unusual in Economics — the production of subjectivities, affects and relations. This is a beautiful way to invite the public to think about these economies in all their complexity, moving away from the binary logic that we, as economists, often fight against: formal versus informal economy; those below the poverty line versus those above it; those inside the city centre versus those outside. We need to move beyond these dichotomies. The exhibition is a beautiful invitation to do just that.

Mara Nogueira | One of the central binaries that came up in the discussion is the one between production and reproduction. The classical definition of popular economies is that they are economies in which reproduction takes precedence over accumulation. In other words, it is an economy in which the family — understood in a broad sense — organises the commercial unit not necessarily to accumulate, but to reproduce family life. And when we talk about the reproduction of family life, we are not only talking about finances. We are talking about children playing in the shops, which we see all the time; about people living in that space, because not only the immigrants, but workers in popular commerce more generally tend to work from Sunday to Sunday in the Hypercentre. Life happens there. They play cards, talk, laugh, look after the children, look after each other, cook and have lunch together. It is the space where economy and life take place at the same time. This separation does not exist in the binary way that mainstream economics tends to present it. What this exhibition represents is an economy that exists in everyday life — a real economy, not the economy of graphs and numbers in textbooks. And that is why images, perhaps even more than words, can capture this overlap between life and livelihoods, beyond the overlapping of cultures, of spaces, and so on.

The term “informal” is still commonly used to describe this economy, but it is a concept that is completely inadequate for understanding a reality that escapes all binaries, including the one between formality and informality. Goods, processes and relationships inhabit a space that constantly straddles with the grey zone between the formal and the informal, legal and illegal. These binaries simply do not hold when we try to describe this economy.

João Tonucci | Good afternoon, everyone. I’m really happy we are having this moment here at the exhibition. When we were developing the project, the exhibition was never intended to be simply a final output. It was always conceived as part of the method itself, and it gradually became a kind of device that activated many of the connections Renata, Priscila and Aline have mentioned. The exhibition also became a method in itself for approaching that space and that community — something our other methods wouldn’t have allowed us to do.

For those of us who come from Economics, conventional methods often create a great distance from reality. The quantitative approach, for example, hardly captures anything of what is actually going on. The little quantitative collection we did at the beginning only lasted two months. Anyone who works with popular economies knows that it’s impossible to start from that kind of methodological approach. Popular economies require an ethnographic, field-based approach. What we did in this project was a shared ethnography with people who had a very strong presence in the field, especially Priscila. I’d also like to mention Jiawei, a postdoctoral researcher from China who spent some time here in Belo Horizonte with us. She didn’t speak Portuguese and didn’t know Brazil, so her perspective was also very valuable in opening up new contacts and creating different kinds of relationships with the local Chinese community. The method had many interesting layers of learning. I learned a lot from it — both from the shared ethnography, from the artistic approach to the exhibition, and also from the process of creating the book we’re now working on. It went beyond what we’re usually used to in academic work and scientific articles.

I also wanted to comment on the question of binaries and how insufficient they are. Our categories really needed to be shaken up in order to explain something of this reality. This is a theoretical effort we have been making: to tension the very idea of popular economy. One of the main dimensions for doing this has to do with transnationality. Sibelle and I have a tradition of working with popular economies among Brazilian groups in spaces of popular and solidarity economy. It was a challenge to have to engage with another reality — that of migration — and with the transnational dimension of products, goods, people, processes, images, affects and social remittances. Gisela used a very interesting term earlier,

because all of this is circulating. For me, it is a challenge to think about popular economies beyond the local and the urban — or at least beyond the kind of urban space we are more used to thinking about.

This is another important dimension of the exhibition: to show what this economy looks like in the city, what the spaces of belonging are, and even what the conflicts are, in a specific space like the Hypercentre. This area has a long history, going back to the origins of the city, but today it connects multiple scales. There is a multiscalarity here that stretches from rural regions in China and industrial zones, passes through São Paulo — a crucial node through which many migratory trajectories and, above all, goods arrive — and from here they keep moving. So there is this idea of following the commodity, following the people, and thinking about their trajectories. I think the exhibition reveals something about that: an exhibition of the lived economy, of the daily life of these families and their transnational trajectories. In the end, it was a great learning experience to be able to reflect on the field of popular economy through the exhibition.

Fernando Rabossi | I'd like to come back to developing the idea of popular economy a bit further. But before that, I think it would be good to hand the floor back to you so you can speak more about the exhibition itself — particularly the idea of doing it in this way.

Renata Marquez | We really should have talked about the exhibition design earlier! The exhibition is essentially a print on 42.5 metres of fabric. It was conceived so that it could be folded, stored and transported in a suitcase — so that it too could be mobile. An exhibition that could be easily installed in a new location. The fabric strips don't reach the floor: they are hung from the ceiling, light, discontinuous and fluid. We also had the desire to take the exhibition to London and to China. London is finally going to happen in the coming months. We'll reprint it with the texts in Mandarin and English, fold the fabric, put it in a suitcase and take it to London. The idea is that the design itself should be fluid too.

I spoke earlier about the poet Ji Junqun, but we also found another artist among the traders. Yongbao Liu is a calligrapher and collaborated on the calligraphies you see here on the pink banners. It's important to mention the banners because they allow an important movement beyond the exhibition itself. They are an invitation to connect the museum space with the Hypercentre in the city. These same banners are also hanging in the shops. Liu painted the words chosen by each shop owner. There are seven words linking seven Chinese shopkeeper families to Liu, the calligrapher and shopkeeper. We produced the banners and installed them at the same time here in the museum and in each of the respective shops. To

reinforce this invitation to movement, we also made postcards for visitors to take away, encouraging them to make the connection from the museum to the city. This movement is also fluid and in flow — suggesting the experience each person can have there. One of the postcards has a map of Chinese restaurants and markets. Everyone loves that postcard! It's where we buy all the products you see printed in the exhibition. The postcard, of course, also has to do with flow, travel, memory and connection. In this way, form and content are completely interconnected here. There's no empty aesthetic; everything is intentional.

Priscila Musa | Some of the traders said the exhibition reminded them of a Chinese dragon. Others felt that the fabric had a lot to do with Chinese silk. That brings to mind the long history of Chinese trade, which goes all the way back to silk! They also asked us how we had managed to print on fabric. That was an important question, because when we spoke to the printing company, they were very reluctant to print 42.5 metres of fabric. They had never done anything like it, and weren't sure it was even possible — their computers couldn't handle it. Producing the exhibition ended up being an exercise in experimentation, a leap into the unknown.

Aline Franceschini | Working with Mandarin was also a major challenge. We had never laid out anything in Mandarin before, so we started doing it the way we usually worked with texts — until the translator told us that everything was wrong, because the meaning of words can change depending on the position of the characters. Even the fonts became an issue, since the ones we normally used didn't support Mandarin. We had to choose a suitable font, and Germano, one of the translators we worked with, helped us get the layout right. We were learning as we went along, and by the end we were making far fewer mistakes.

Mara Nogueira | We had two interpreters working with us. Etel was the first one — he is currently doing his master's in China — and Germano, who accompanied us in the field this morning. But now we'd like to open the floor to questions from the audience. Does anyone have any questions?

Gisela Zapata | All of us who are immigrants live with personal dilemmas. What lies behind these small stories? Because every immigrant story is different and often marked by conflict, depending on the country one arrives in. One thing I wanted to ask — because it's something I often ask myself — is what commerce means to the Chinese. What does it mean for them to make a living through trade? I think it may have a different meaning for different peoples, and perhaps even for different regions, since China is a continent in itself. I was wondering whether, with this very well-suited methodology, we might be able to understand a bit more about what commerce represents for them. Here we have the story

of someone who was a doctor in China and became a street vendor here. What kind of social status does commerce carry? Because in our society, there are very distinct statuses attached to different types of work.

Mara Nogueira | In fact, that's not a question we addressed directly in the research. Much of the literature on migration is dominated by discussions of South-to-North movements and of people migrating to become salaried workers, which then leads to the question of remittances — people working, receiving a salary and sending part of it back home. Here, the first point is that we are talking about South-South migration — while recognising, of course, the difference between these places — and a migration that is closely tied to commerce. For the most part, the Chinese who come here do not come to work as salaried employees. Being an immigrant trader keeps you in continuous relation with your country of origin. Many of them travel back and forth to China, both to visit their hometowns and for work, especially to Yiwu, a major industrial city that exports low-cost goods to the Global South. So they maintain a constant connection with China. It is not a migration in which the relationship with the country of origin is limited to remittances or occasional visits — they are constantly bridging the two places and staying in touch with what is happening in China. But what this actually means for the people involved is a great question — one we probably need to ask them directly.

The people who migrate to Brazil would often not be able to work in salaried jobs, partly because they don't speak the language and partly because they may not have the formal qualifications required to enter the formal labour market. They arrive to work and live with dignity as traders. We often say that this is a sector with a low barrier to entry, which makes it accessible for many people. It is no coincidence that this population works in the Hypercentre, which, as Priscila has already pointed out, has historically been a transnational space marked by the coexistence of the legal and the illegal, the formal and the informal. It is also a sector in which they can operate with relative success because they have privileged access to Chinese goods.

João Tonucci | I don't have an answer either, but it's a really interesting point, and it connects with what Sibelle raised earlier about desire and aspirations. I wanted to add another layer to the discussion, specifically regarding the Chinese diaspora and commerce. This is also connected to Chinese state policy. Many of the links that are maintained have to do with the support — sometimes formal, sometimes informal — provided by migration agencies from different regions, provinces or counties in China that help sustain this circulation. This is part of a broader policy that facilitates, among other things, the sale of products in other countries, the

maintenance of this migrant community as part of the wider Chinese community, and even the preservation of Chinese citizenship for people living abroad. There are different levels and types of institutions that we gradually discovered throughout the process, and they play an important role in supporting the local community. Even from a distance, people remain connected to the country and the state through this kind of migratory institutional framework.

Gisela Zapata | One thing that struck me is how the lives that form part of the story you're telling are shaped by the actions or omissions of the state. We don't act or live in a vacuum. In the field of migration studies, one of the first things I teach my students is that a migrant person is not someone who one day, out of nowhere, decides to leave everything they know and are familiar with to cross the world in search of something they may not even have full clarity about. We know that the state is not an absent actor. It actively chooses when to inspect and when to criminalise, as you mentioned in relation to the city's policies in 2004 and the criminalisation of street vending in the centre. It also chooses when to turn a blind eye, because these popular economies escape the binary between formality and informality, legality and semi-illegality. I wanted to ask: how does the project analyse the different roles played by the Brazilian and Chinese states in producing these vulnerabilities and opportunities? I've been thinking about this as well, especially in the context of the growing importance of Sino-Brazilian relations — and even more so now that we are part of the same group through BRICS, even though one country is considered developing and the other is not.

Fernando Rabossi | I would answer with a story that João told me today while we were walking down the street. It's something I was also asked in Ciudad del Este: why do you do the work you do? After studying for so long, why don't you move into commerce? What is the actual meaning of this question? Commerce is about making money by selling things. The work is selling. And of course, if we think about migration, commerce is often one of the most common entry points. We have commercial diasporas that basically dedicate themselves to this, and we are also seeing the proliferation of actors who were not traditionally considered commercial diasporas but are becoming so — Syrians and Lebanese, Armenians, Chinese, Indians, Brazilians. In the United States, many Brazilians are also seen as traders. In Brazil, Bolivians — in addition to clothing production — are traders, just as Ecuadorians in Rio de Janeiro today basically dedicate themselves to trade. It's basically a way of making money. And as you rightly said, making money is not simply making money — it is also about life, space and the negotiations that come with it. What are the structures that allow someone to establish themselves in order to sell and make money? This is where long histories of community networks come in, along forms of organisation and forms of

credit come in — sometimes rooted in neighbourhood and kinship ties. Festival often play a central role in articulating and reinforcing this sense of community belonging.

We tend to associate the market with capitalism and the West, but this doesn't hold up historically or archaeologically. China has long been a central place in mercantile terms. Skinner's classic work, published in 1964, shows the incredible structure of Chinese markets — in other words, there is a market tradition anchored in social logics and networks that tell us a great deal about long-term political organisation. The proliferation of production and commerce in China is not simply a coincidence; it is part of a long history.

I also wanted to talk about dualisms. I didn't used to use the term popular economy, but I started using it because it allows us to move beyond categories that may no longer make sense. What would be the opposite of popular? Not popular? Who is not popular — the elite? The monopoly? The corporate economy? So the real question is: at what point does the popular cease to be popular? This seems to me one of the most important issues we face. There are processes of radical transformation and radical accumulation that are creating differentiations. How do we think about this and how do we bring it into the discussion? Perhaps it is interesting to think of a category that is not limited exclusively to numbers or volume of sales, but that incorporates the combination of elements we saw here today.

It is important to try to understand what the alliances are between Chinese popular traders and Brazilian popular traders — between shop workers and those who employ them, and the sense of exploitation that a favela resident may feel in relation to an immigrant seller. These are details we have to take seriously. The category I find interesting to work with — and that is why I would also call all of this popular trade — is the category of hegemonic groups. What defines hegemonic groups is their ability to define the rules, and here we return to the question of the state. The great dispute of corporate hegemonic groups today is to define the rules and how they are made. The great advantage of the popular economy is that it has to play with the rules, but only in order to circumvent them — it does not define them. Who defines the rules? Today this has become one of the key questions.

One last point to share. In comparison with informality, marginality and tradition — the three categories that, to some extent, guided the analysis of popular economies even before we started calling them that — all of them had an opposite. The traditional and the modern, the marginal and the incorporated, the informal and the formal are categories of transition; they assume a specific temporality that

leads us to transcend them. The category of the popular is not a temporal category — it is a structural, topographic category. And I think that is also interesting to think about. The opposite of popular has to do with structural questions.

Sibelle Diniz | I completely agree with Fernando's point, because it touches on the difficulty we have in working with the category itself. It is very hard to look at a given experience and immediately say whether it is popular or not. I am currently supervising a dissertation on twenty traders who sell cotton candy, coconut water, pastel, popcorn and corn. The original title of the work was *Comércio Popular no Parque Sagarana em Montes Claros* (Popular Commerce in Sagarana Park in Montes Claros). Colleagues in the postgraduate programme questioned it: why are you saying a priori that this is a popular economy? Did you go there and talk to them to find out whether it really is a popular economy? My supervisee and I, seeing the technologies they use and knowing that these are family enterprises, had already assumed they were popular experiences. But I realised we would need to go back a step. Now we are developing a methodology to think about what name we should actually use. Can we really call the activities of all these traders popular commerce? Why? I think we sometimes fall into automatic assumptions.

Fernando Rabossi | What we used to call “popular” was often what we referred to as the worker, the working class or the poor. Bringing discussions from other fields — not just economics — to think about the popular can be very interesting. In culture, for example, what do we call popular? We usually refer to the traditional, produced by those who lack resources, but also to the mass-produced. We have popular music and mass music. There's something interesting to think about here. Something about the kind of economy we visited today also has to do with mass consumption. It is popular in the sense of being mass-produced, because we now have access to a wide range of things that we didn't have fifty years ago. Access to mass consumption is a condition that also changes where we position ourselves.

Gisela Zapata | Thinking about these connections, I think the key point is this: you often speak about bottom-up economies. The idea of the popular also refers to locality — to being embedded in a particular context, not necessarily connected to the world at large. But as we have already discussed, the particular popular economy you are studying is multiscale: it connects the local with the state, regional, national and international levels. And this international dimension is definitely not a bottom-up economy — it is connected to large transnational commercial and financial circuits. So there is a bottom-up connection, but also a top-down one. How does this back-and-forth shape what you are studying? And how does it materialise in the context of Belo Horizonte?

Mara Nogueira | In the work I write about street vendors, I use the term urban informality because the street vendor is informal in two ways. They are informal in the way they occupy urban space, since they don't have a licence, and they are also participating in an economy that is understood as informal. When we approach the street vendor's relationship with space through the lens of informality, it brings the state into the conversation more directly than the idea of the popular does. The popular brings other dimensions — it opens up the discussion about breaking binaries. When you describe an economy as informal, you are saying that it exists in a relationship of irregularity with the state. The popular economy we visited today in the Hypercentre is entirely shaped by state action. First of all, the popular shopping centres were created through a municipal intervention in the city of Belo Horizonte in 2004, designed to accommodate the street vendors who were being removed from the streets. The question that was raised about when to inspect, when not to inspect, when to criminalise and when not to criminalise is directly connected to the discussion about the boundaries of popular economies. And when we think about boundaries, we can think about them in various senses — both geographical and conceptual.

At some point, popular economies reach a point of tension — something shifts and they cease to be popular in the same way. I liked what Fernando said about the hegemonic question, because I think that's the key. This is an economy that has certain qualitative characteristics. It is not necessarily about scale or appearance, but about the purpose of a given unit and how it functions in a structural, qualitative way — which is often difficult to see. Here in Belo Horizonte, we are already seeing some larger shops emerging. It becomes difficult to classify them as popular economies in the sense we have been using, but they do not cease to be popular commerce because they still cater to a low-income public and in large numbers.

We are using the idea of transnational popular economies. As João mentioned, this term is a way of putting pressure on the concept of popular economy. When we begin to tease apart the Latin American descriptions of popular economies, for example, they tend to speak about solidarity and family in a very specific way. When we look at Chinese families, however, they are geographically dispersed and care is organised transnationally. Solidarity and conflict — both among the Chinese and between them and Brazilians — are also organised around categories that are not always well understood within the usual concept of popular economy, which tends to be more focused on the local sphere. We are attempting to stretch and expand the concept, because we do not believe it stops being popular simply by becoming transnational. We are also working with Jennifer Tucker's concept of outlaw capital — capital that operates outside the

law. We understand that, in the popular and informal economy, the tensioning of the law is connected to the reproduction of life. There comes a point, however, when this tensioning becomes connected to accumulation rather than to the reproduction of family life — when there is enough power to tension the law in order to make more money. These are the two keys we are using to put pressure on the concept of popular economy: expanding it to understand how these transnational networks are transforming it, and how the growing hierarchisation we see over time is generating concentrations of wealth and power that allow for the institutional use of the law — something that already differs from what we observe in the everyday economies we are dealing with here.

Gisela Zapata | I would also say that the idea of what counts as “cultural” is very situated. In Europe, for instance, Chinese commerce would rarely be seen as part of the cultural economy — quite the contrary, it would almost certainly be viewed as part of an illegal one. But also because, at least in Italy, there is something very strong: competition. Italy is itself a country of traders, and the Chinese are clearly viewed negatively because they compete. So everything is highly situated. And this makes things very difficult. What counts as popular here is not necessarily popular elsewhere. What is legal here is not necessarily legal elsewhere.

João Tonucci | How society sees this is a fundamental point, and it was actually one of the initial motivations for the research. It had to do with a certain stigmatisation of this community and with the tendency to associate it only with the negative side and to what is “illegal”. In part, the exhibition was intended to show the other sides of a much more complex economy that involves the lives of migrants. Another point we have discussed extensively is how popular economies are mutating into what we might describe as an entrepreneurial, capitalist form, in which the logic of capital accumulation is becoming increasingly dominant. In the field, in that specific space, we see changes over time: certain actors grow and gain economic — and eventually political — power, bringing back the question of the state and some degree of power in defining the rules, or at least having a voice in the dispute over power. Obviously, this generates hierarchies and inequalities, even within communities or between Chinese and Brazilians, with differences in economic power and access.

The Chinese productive system is also extremely complex. We had an important dialogue with Rosana Pinheiro Machado’s work. She mobilises the idea of the global commodity chain, discussing the life of the commodity — how it leaves a Chinese factory and arrives here, and how along the way it moves between legality and illegality. These are metamorphoses that take place over the life of the commodity, and also in terms of labour regimes. It is not a classification by sector,

or even by space — which is another problem with the notion of “informal”, or the idea of informal space versus formal space. There is formality and informality in all spaces. We use the idea of popular economy much more as a space to think through these questions.

Building on something Sibelle said, in some contexts the idea of the popular — with all the meanings that have been discussed — also functions as a form of identity. Today there are workers and specific sectors that identify with the popular economy. But not all the groups we work with identify with it. Some groups in the solidarity economy reject the idea of popular economy. There is also a strong Latin American genealogy to this identification. When we move to other contexts, it becomes more difficult to understand what the popular economy is.

Sibelle Diniz | We need to start incorporating into our research an understanding of what “popular” means to those we call workers in the popular economy. I wanted to share a story connected to a project I coordinate, the *Feira de Economia Popular e Solidária da FACE* (Popular and Solidarity Economy Fair at FACE). Every year we open a public call for groups to register, and we have certain selection criteria. We have five or six groups of producers who co-manage the fair together with a group of students and professors from the university. Some of these groups have started to behave differently at the fairs: they began demanding higher quality from each other’s products, monitoring each other’s prices, and trying to take each other’s clients. Some producers came to me saying that those groups were no longer part of the popular and solidarity economy — that they had “turned into a company”, that they had “become entrepreneurs”. This is the kind of dynamic we need to start understanding. The way people understand what is popular and what is solidarity is complex. In the end, ethnography should really be the method — a way of understanding how this vocabulary is actually used by the people themselves.

Renata Marquez | We would like to invite everyone here to join us now on the astronomical terrace next door for a gathering, where we can continue this great conversation in a more informal setting. We also invite you to check the programme for the session about the Chinese sky, currently showing at the planetarium of Espaço do Conhecimento UFMG. Thank you all very much for being here and for listening!

Mara Nogueira | 下午好，非常感谢大家前来，尤其是我们的嘉宾：来自UFRJ（里约联邦大学）的Fernando Rabossi，以及UFMG（米纳斯吉拉斯联邦大学）的Sibelle Diniz和Gisela Zapata同事。今天早些时候，我们和他们一起去了激发此次展览灵感的实地考察点。我们去见了帮助我们制作此次展览的研究伙伴。我想先说几句关于此次展览背后研究项目的話。这项研究的目的是探索贝洛奥里藏特的大众商业，特别是超级中心（Hipercentro），通过中国移民的存在，他们将当地的大众贸易与全球化的经济回路连接起来，特别是与作为巴西大众贸易商品来源地的中国之间的联系。许多人生活在贝洛奥里藏特，却不知道超级中心有这样一群中国移民的集中地。通过这项研究，我们希望能更好地了解这个群体，并理解他们如何体验贝洛奥里藏特这座城市。他们与我们共同居住的城市空间是什么关系？他们在经济中扮演什么角色？当地大众商业与中国之间的联系是什么？这个社区如何塑造超级中心这一特定空间？

Renata Marquez | 下午好。我也想感谢在座的同事，以及来到博物馆的学生、研究人员和研究参与者，以及研究团队的其他成员。我想先谈谈这项研究的跨学科性质，这有助于说明我们为什么会在展览空间中进行讨论。这个项目始于伦敦大学伯克贝克学院社会科学学院，延续了Mara之前在贝洛奥里藏特与街头小贩合作的研究。它被构想为地理学、经济学、建筑学、设计、艺术与人类学之间的对话。我们受邀加入，既是因为我们此前的民族志经验，也因为项目从一开始就计划将展览和出版物（包括本次圆桌讨论）作为成果之一。我们此前曾在其他研究项目中制作过展览和书籍，但从未以跨国大众经济为主题做过展览。这无疑是一个挑战。随着民族志工作的推进，展览逐渐成为我们在田野对话的核心。它变成了我们可以与商贩共同推进的项目：一场关于超级中心中国社区相遇与错位的展览。我们希望更多地了解他们的经历，而展览正是这一汇聚的空间。同时，制作展览也是研究向非学术受众传播的一种方式——某种意义上，是努力寻找一种更易于理解的认知语言。

当我们最初与商贩讨论展览时，许多人表示：“我不会参加，因为我不是艺术家！”事实上，我们发现其中一些人本身就是艺术家。今天在场的Ji Junqun是中国知名诗人，作品曾在多家刊物发表。他的诗歌帮助塑造了此次展览的策展思路和叙事组织。我们是集体构建了这个展览。我们原本计划了一系列工作坊，但很快意识到需要调整方式。没有人有多余的时间——每个人从周日到周日都在工作。在合适的场地、以合适的时间举办正式工作坊的想法并不现实。我们不得不让工作坊变得便携且灵活，以便嵌入商贩的日常节奏。在第一阶段，我们在现场开展了工作坊。我们走进商店，把地图和照片铺在柜台上，与大家讨论我们带来的材料。

Priscila Musa | 我们试图通过图像引发对话。我们带来了照片和地图集。第一张是超级中心的地图，显示我们站立的位置——今天Shopping Oiapoque 和Shopping Xavantes 所在的地方。我们叠加了城市的不同地图：规划前的Curral Del Rey（库拉尔-德尔雷），早期规划的城市，以及最终建成的城市。我们使用地图作为对话工具，因为第一波移民的许多中国商贩来自中国农村地区，特别是浙江省青田县，这是一个水资源丰富、支持茶叶和水稻种植的地区。我们想展示贝洛奥里藏特也曾经由水和农业塑造，在两种空间体验之间建立联系。我们还带来了城市的历史照片，以展示商贩现在占用的区域一直是一个跨国空间。随着时间的推移，它曾是叙利亚、黎巴嫩、意大利、葡萄牙和非洲商贩的家园，今天欢迎中国人。它也一直是大众商业的场所，自贝洛奥里藏特建城以来就是城市最受欢迎的区域之一。在两次工作坊中，我们的目标是探索这种巴西-中国联系。我们称它们为“连接记忆”。

除了贝洛奥里藏特的历史照片，我们还带来了其他图像集：中国不同类型住房的照片；来自Thomas Sauvin档案的图像，这位研究人员在北京收集了数千张被丢弃的底片，展示了1980年代至2000年代中国日常生活；Zhang Yu拍摄的中国学校的照片；Claudia Andujar 拍摄的亚诺马米（Yanomami）照片；以及艺术家Betty Yu的照片蒙太奇，还有Flávio Dornas的AI生成蒙太奇。那个空间的使用也存在重叠。我们参观的许多中国商店在楼上经营性工作者，特别是Rua Guaicurus（Guaicurus街）周围。Flávio Dornas的家族拥有当地被称为“酒店”的建筑之一，这些建筑容纳性工作者。他创作了他所描述的对中国人抵达该地区的致敬——一个AI蒙太奇，将传统中国牌楼沿街放置。我们还使用摄影作为交流形式：我会拍照，然后展示给商贩看。

工作坊起到了交叉空间的作用。我们展示图像时，人们通常只是快速浏览，直到出于完全意想不到的原因停在某一张照片前，开始讲述与我们此前并不知晓的相关故事。例如，Dayuwang告诉我们，他、父亲和祖父都曾参与建造中国牌楼和宝塔的工作。在另一次工作坊中，我们向他展示了我在亚马逊与亚诺马米人合作项目的照片。他看着其中一张说：“哇，他看起来很像我们！他是中国人吗？”那是Davi Kopenawa。巴西原住民与亚洲之间存在历史联系——有研究表明他们的祖先来自亚洲。通过展示不同组别的照片，我们逐渐与他们建立了对话。

渐渐地，我们意识到这些图像可以作为引发相遇的媒介。它们在看似遥远的时间、地点与经历之间建立了联系。最重要的并非照片本身，而是它所唤起的東西：童年记忆、工作方式、原籍地的景象、情感以及意想不到的认同。例如，当Dayu将亚诺马米人与自己的家庭联系起来时，我们并不是想要确认某种共同起源或构建线性的历史叙事。我们感兴趣的是图像如何为他打开空间，让他建立起自己的连接，从而改变巴西与中国之间的边界感知。

Renata Marquez | 我们还带来了中国学校的照片，因为教育对他们来说是一个重要话题。我们注意到，第二代——即在巴西出生的人——被送回中国学习后再返回的情况相当常见。我们意识到，教育贯穿了他们的空间体验和多元文化生活，尤其对第二代而言。我们希望了解他们在这里的学校生活是怎样的，他们如何度过童年以及与其他孩子交往。那是我们在现场与第一代开展工作坊时的重点内容。后来，我们设法在几个星期六把第二代带到建筑学院参与展览的工作。我们会在那里见面，一起翻看他们的相册，分享个人物品、学校故事、家庭故事以及休闲时的记忆。这就是我们开始构建展览中所呈现的故事的方式——关于家、童年与奋斗的故事——尤其是与第二代相关的部分。

Vitória、Andi和Mila制作了一个大型拼贴，将两个家庭的记忆结合在一起。那是Vitória和Andi之间的相遇，她们年龄相仿，小时候经常在一起，虽然现在见面较少。一起翻看相册时，她们开始回忆往事：“哦，你穿过这条裙子，后来借给我了！”“我也有穿这条裙子的照片，我去找找。”最终我们找到了她们小时候穿着同一件裙子的照片，就这样我们将她们的记忆缝合在一起。这正是我们所说的协作制作展览的含义——它确实是由许多人共同完成的。我们试图唤起记忆、倾听、记录，并鼓励她们想象可能的未来和其他计划。这大致就是当时工作的精神。

Aline Franceschini | 与人交谈和讨论相关话题相当具有挑战性。文化差异很大，而商贩又总是很匆忙。图像于是成为我们建立对话的一种方式。它们帮助我们解释我们在做什么以及展览将要呈现的内容。例如，我们带来了之前做过的其他展览的图像，以便说明我们的工作方式。我觉得有趣的是，在文化和语言构成真正障碍的对话中，图像反而成为了对话得以进行的关键。

Renata Marquez | 另一个值得注意的方面是我们在工作坊中使用的物品，因为它们同样帮助塑造了我们与商贩的关系。您在这些蒙太奇中看到的物品图像并非随意选取的。以糖果包装为例。有一天，Priscila去Ashui的小杂货店为工作坊的零食采购一些中国物品时，遇到了书法家的女儿Juli。当她提到是为工作坊购买食物时，Juli挑选了一些让她联想到自己在中国童年和青少年时期的物品。您在这里看到的每一件物品，都在参与构建这个共享的叙事。

Mara Nogueira | 我也记得在工作坊期间有一个时刻，你们曾要求大家拍摄日常生活中的照片——就像Ji Junqun的儿子们在那个游戏化蒙太奇里所做的那样……

Renata Marquez | 是的，我们提出了一个摄影练习。从一周到下一周，我们要求他们拍摄日常生活中的事物和场所——那些属于他们日常并希望记录的内容。我们将照片打印出来，每个人都在照片上进行创作，制作蒙太奇并加入自己的干预。Ji、Kauã和Vitor为照片添加了说明，用中文撰写了文本，并引入了虚构人物，几乎像漫画条一样。

我只想再补充一点。这个展览包含许多声音。我们将它们汇集在这个由故事和记忆构成的拼贴中，不是作为个体经历，而是作为更大集体的一部分。我们倾听了个人故事，但试图以一种也能被理解为共享的方式来呈现它们。展览试图建立这种连接——在个人经历与可被共享的经历之间进行缝合。

Mara Nogueira | 我们邀请Fernando、Gisela和Sibelle今天早些时候和我们一起参观了超级中心，并观看展览，根据他们各自的研究做出回应。Fernando和Sibelle都从事大众商业研究，而Gisela则研究移民与跨国汇款。Fernando和Gisela本人也是移民……

Fernando Rabossi | 非常感谢邀请。很高兴来到这里。正如Mara所说，我本人不是巴西人。我出生在阿根廷，但已在此生活了26年。我的博士研究聚焦于巴拉圭边境的埃斯特城，主题是大众经济。此后，我在巴西东北部、圣保罗以及后来的里约热内卢等地，与街头小贩和非正式商贩合作过。今天在城市和展览中的经历非常精彩。恭喜这项工作。对我而言，除了美学层面之外，最突出的是你们成功地将对话者带入这个空间，而且并非以传统方式。我认为这是这个项目真正的优势之一。在座诗人的诗歌非常动人，你们跨世代的工作方式也令人印象深刻。我想提出的第一个要点是：这里汇集了许多来自不同世代、不同地域的声音。以一种非常浓缩的形式，您可以在展览中感受到这一切，而这并不容易做到。我们通常倾向于以较为同质化的方式看待经济行为者和移民，但我认为你们很好地捕捉到了这种复杂性。你们还引入了移民的其他维度。

我的孩子们是巴西人——他们的母亲是乌拉圭人，我是阿根廷人。他们能流利地说西班牙语，但在这里长大，因此这里是他们的家。同时，他们与阿根廷和乌拉圭保持着紧密的联系。他们属于这里，但也觉得自己属于那里。我认为你们成功地将这种张力呈现于展览之中——父亲带有口音，而孩子们说一口流利的葡萄牙语，他们对两种身份有着复杂的情感交织。这些移民故事与商业和劳动交织在一起时，不仅反映了个人的转变，也反映了世界乃至中国的转变。

我于1999年开始在埃斯特城开展研究。二十七年后今天，中国在当地形象发生了根本性的变化。它曾被视为一个与不信任和低质量商品相关联的地方，如今则被看作是一个能够生产几乎所有消费品、涵盖各种质量层级并具备令人印象深刻技术能力的国家。这种变化也体现在父母与子女的关系中，以及他们看待和与那个世界建立联系的方式上。您提到有些人觉得中国已经不再是他们离开时的那个国家了。它变成了别的东西。有人甚至说：“我不知道是否还有我的位置在那里。”我认为你们很好地捕捉到了这种转变。使用图像并赋予人们声音和相机是非常有价值的。您可以在这里直接感受到这种方法的效果。我们不仅仅是“发现”他们的人——他们在这里主动展示自己。看到这种复杂性通过肖像、服饰、游戏和商店等细节显现出来，令人着迷。通常难以察觉的深度，在这里变得清晰可见。

Gisela Zapata | 下午好。我也是UFMG的研究员和教授。我本人是移民——哥伦比亚人——已在巴西生活了13年。感谢邀请。很荣幸来到这里。我想赞扬你们将展览不仅作为最终成果，而且作为研究过程的核心部分这一想法——这几乎已成为项目的核心。

我之所以这样说，是因为我有幸阅读了最初的研究提案《跨国大众经济：巴西-中国路线上的迁徙、贸易与城市生活方式》。在与你们上午在超级中心一起度过并现在看到展览之后，我能够看到你们如何从更侧重经济维度的跨国主义——研究当地大众商业的跨国回路——转向更侧重社会维度的形式。展览在两个乍看之下似乎并无关联的事物之间建立了有力的联系。你们从看似纯粹的经济话题出发，最终却呈现出婚礼照片。

在我的博士研究中，我曾致力于跨国联系，专注于经济跨国主义，特别是它如何通过汇款、人们寄回家的资金以及投资等形式实现。然而，经济跨国主义远不止于此，这次展览清晰地展示了这一点。这些流动不仅是金融或物质的，它们也是象征性的流动——归属感的流动。展览将历史上并非这类移民传统目的地的贝洛奥里藏特与中国连接起来，从而重新定义了移民链的两端。

展览以敏感且直观的方式，将我们通常在文献中称为“社会汇款”的内容具体化了——即通过这些跨国网络流通的一切，除了更容易量化的金钱。它捕捉了旅程、情感以及日常姿态，而这些正是维持这些经济和移民链中社会生活的根本。你们出色地将展览同时作为过程与产品，使其成为项目本身的核心。它通过展览中呈现的众多生活故事，将最初作为研究重点的经济跨国主义与社会跨国主义连接起来。我很想听听更多关于这些长距离联系是如何维持的——包括与留在原籍的家庭成员以及仍在中国生活的亲属之间的联系。

Sibelle Diniz | 感谢邀请。我是UFMG经济学系教授，我与João和Mara在本科时一起学习。这些年来，我们三人都以不同方式跟随大众经济的研究。当这个项目刚开始时，João联系了我。当时我是这个博物馆的主任。从一开始，我就认为这个想法很棒，博物馆团队热情地接受了它。但我必须承认，我不知道展览实际上会是什么样子。所以看到它被组装起来是一个巨大的惊喜。尽管我不知道它会是什么，但我确信它会很棒，因为我已经知道Renata作为策展人的工作以及她将有时相当密集和学术的想法转变为美丽、情感、诗意和敏感事物的能力。即使如此，我仍然感到惊讶。

我在这里陪伴了二十多个展览，我认为这是我见过的最简单的之一——结构和材料简单。它组装得非常快，对于一个展览来说存在感相对轻。但它充满复杂性、多层意义和深度。在这个意义上，它与我们理解大众经济的方式非常一致。随着我们深入讨论大众经济，它们的异质性和复杂性变得越来越明显。我总是用复数说话——异质性、复杂性——因为二元逻辑根本无法解释大众经济中发生的事情。我完全同意Gisela和

Fernando的说法，即展览成功传达了研究的目标：理解大众经济。所以我想从与
我们在这里看到的当代大众经济讨论中带来一些元素。

首先，我喜欢指出，大众经济在拉丁美洲、巴西或米纳斯吉拉斯经济的形成中
从来不是新事物。然而，在新自由主义背景下，它们具有新的意义。展览和项目本身都
捕捉到了这种新自由主义形势的一个重要维度：中国在不同国家迅速且持续地获得空间
——包括物理空间——的作用，包括中国人口。

将大众经济理解为异质网络也很重要。在这个意义上，展览的方法论，通过使用拼贴，
非常适合表达这些异质网络。展览充当了一种大众经济地图，由收集的故事构建而成。
写下Gisela提到的内容会很有趣——展览在项目中的中心地位，以及它如何在揭示
真实大众经济方面发挥根本作用，具有其异质网络和记忆与历史的层次。展览显示了
大众经济的重叠时间性和领土性，这正是它们如此难以研究的原因。通常，一张图像可以
比二十页学术文本更好地解释大众经济。例如，Ji、Kauã和Vitor制作的拼贴在传达
大众经济的复杂性方面可能比书面文本或一组概念更有力。

Fernando在谈论移民状况时使用了“矛盾”一词。文献也将大众经济描述为某种
不确定性的空间，重要的是不要仅将其视为弱点，也视为潜力的来源。将大众经济理解为
这种中间的、异质的和矛盾的空间——本地形式与全球形式相遇的空间——是关键。
正因为它是未定义的，它才成为一个潜力空间。

我发现另一个非常有趣的点是将移民视为有欲望的存在。所以我想向大家提出
一个问题：这个社区如何在城市中将自已定位为一个有欲望的社区——例如，
在他们正在占用的空间中渴望权利？那么缺失呢——权利的缺失和欲望空间的缺失？

最后，我想接上Gisela也提出的：大众经济作为情感经济的想法。对我来说，
思考大众经济也意味着思考主体性的不断生产。展览带来了经济学中相当不寻常的
一层——主体性、情感和关系的生产。这是一种美丽的方式，邀请公众以所有
复杂性思考这些经济，远离我们作为经济学家经常与之斗争的二元逻辑：
正式经济对非正式经济；贫困线以下对以上；城市中心内对中心外。
我们需要超越这些二分法。展览是一个美丽的邀请来做恰恰这一点。

Mara Nogueira | 讨论中出现的一个核心二元是对立的生产与再生产。
大众经济的经典定义是再生产优先于积累的经济。换言之，它是一种经济，
在其中家庭（以广义理解）组织商业单位，其目的不一定在于积累，而在于再生产家庭生活。
当我们谈论家庭生活的再生产时，我们指的不仅仅是经济层面。我们指的是孩子们在

商店里玩耍（这是我们经常看到的景象），以及人们在那个空间中生活——不仅移民如此，大众商业的工人通常也是如此，他们在超级中心从周日工作到周日。生活就发生在那里。他们打牌、交谈、欢笑、照顾孩子、互相照顾、做饭并一起吃午饭。这是经济与生活同时发生的空间。这种分离并不存在于主流经济学所呈现的那种二元化方式中。这次展览所呈现的，是存在于日常生活中的经济——一种真实的经济，而非教科书中由图表和数字构成的经济。这正是图像比文字更能传达生活与生存方式重叠的原因，它超越了文化与空间的重叠。

“非正式”这一术语仍常被用于描述这种经济，但它是一个完全不足以理解这一现实的概念，因为这一现实逃脱了所有二元对立，包括正式与非正式。商品、过程和关系都存在于一个不断游移于正式与非正式、合法与非法之间灰色地带的空间。当我们试图描述这种经济时，这些二元对立根本无法成立。

João Tonucci | 大家下午好。我很高兴看到这个时刻在展览这里。

当我们撰写项目时，展览从来不是仅仅作为最终代表。它一直是项目方法的一部分，并最终成为一种装置，触发了Renata、Priscila和Aline一直在谈论的许多联想。展览本身也成为接近那个空间和那个社区的方法——这是我们的其他方法无法让我们做的。

对于我们来自经济学的人来说，传统方法往往与现实产生很大距离。例如，定量方法几乎捕捉不到实际发生的事情。我们在开始时做的少量数据收集只持续了两个月。任何从事大众经济工作的人都知道，从那种方法论方法开始是不可能的。大众经济需要民族志的、基于田野的方法。我们在这个项目中所做的是与在田野中有很强存在感的人共享民族志，特别是Priscila。我还想提到Jiawei，一位来自中国的博士后研究员，她在贝洛奥里藏特与我们一起待了一段时间。她不会说葡萄牙语，也不了解巴西，所以她的视角在开辟新联系并与当地华人社区建立不同类型的关系方面也非常有价值。该方法有许多有趣的学习层次。我从中学到了很多——从共享民族志、展览的艺术方法以及我们现在试图制作的书籍的创作过程。它超出了我们通常在学术生产和科学文章中习惯的。

我还想评论二元的问题以及它们如何不足。我们的类别确实需要被撼动，以便理解这种现实的一些东西。这是我们一直在做的理论努力：使大众经济的想法紧张。其中一个主要维度与跨国性有关。Sibelle和我与巴西团体在大众和团结经济空间中工作大众经济的传统。这是一个挑战，必须与另一种现实——移民现实——以及产品、商品、人、过程、图像、情感和社会汇款的跨国维度接触。Gisela早前使用了一个非常有趣的术语，因为所有这些都在流通。对我来说，思考超越本地和城市——或至少超越我们更习惯思考的那种城市空间——的大众经济是一个挑战。

这是展览的另一个重要维度：展示这种经济在城市中的具体形态、归属的空间是什么，甚至在超级中心这一特定空间中存在的冲突。这个区域有着悠久的历史，可以追溯到城市的起源，但今天它连接着多个尺度。这里存在着多尺度性：从中国农村地区 and 工业区延伸，经过圣保罗——一个关键节点，许多移民轨迹和尤其是商品通过它抵达——然后从这里继续流动。因此，有跟随商品、跟随人的想法，并思考他们的轨迹。我认为展览在一定程度上反映了这一点：一场关于生活经济的展览，呈现了这些家庭的日常生活及其跨国轨迹。最终，能够通过展览来反思大众经济领域，是一次很好的学习经历。

Fernando Rabossi | 我想在这里进一步发展大众经济的想法。但在此之前，我认为最好将发言权交还给你们，更多地谈论展览本身——特别是以这种方式做展览的想法。

Renata Marquez | 我们确实应该早一点谈论展览的设计！展览本质上是印在42.5米织物上的作品。它被构想为可以折叠、存放并用手提箱运输，从而使其本身也具有流动性。一个能够轻松安装在新场地的展览。织物条并未触及地面，而是从天花板悬挂，轻盈、不连续且具有流动感。我们也希望将展览带到伦敦大学和中国。伦敦的展览终于将在未来几个月实现。我们将用中文和英文重新印刷，折叠织物，放入手提箱并带到伦敦。展览设计的核心理念是让它本身也处于流动之中。

我之前提到了诗人Ji Junqun，但我们还在商贩中发现了另一位艺术家。Yongbao Liu是一位书法家，参与了您在这里看到的粉色横幅上的书法。提到这些横幅很重要，因为它们构成了超越展览本身的重大延伸。它们是连接博物馆空间与城市中超级中心的一种邀请。这些相同的横幅也悬挂在各家商店中。Liu为每个商店所选择的词语进行了书写。有七个词语将七个中国店主家庭与书法家兼店主Liu联系起来。我们制作了横幅，并同时在博物馆和各自的商店中安装。为了加强这种流动的邀请，我们还为参观者制作了明信片，鼓励他们从博物馆前往城市进行连接。这种运动同样具有流动性——它暗示着每个人在那里可以获得的体验。其中一张明信片印有中国餐馆和市场的地图。每个人都很喜欢这张明信片！那里正是我们购买展览中所呈现的各类产品的地点。明信片当然也与流动、旅行、记忆和连接有关。以这种方式，形式与内容在这里完全交织。没有空洞的形式；一切都具有明确的意图。

Priscila Musa | 一些商贩表示，展览让他们想起了中国龙。另一些人则觉得这些织物与中国丝绸有很大关联。这让人联想到中国贸易的悠久历史，其源头可以追溯到丝绸！他们还问我们是如何在织物上完成印刷的。那是一个重要的问题，因为当我们与印刷公司沟通时，他们对印刷42.5米织物表现出很大的顾虑。他们从未处理过类似的工作，也不确定是否可行——他们的计算机无法应对。制作展览最终成为一次实验性的尝试，一种进入未知领域的跳跃。

Aline Franceschini | 使用中文也是一个重大挑战。我们以前从未排版过中文，所以我们开始以通常处理文本的方式进行——直到翻译告诉我们一切都错了，因为词语的含义可以根据字符的位置而改变。甚至字体也成为问题，因为我们通常使用的字体不支持中文。我们不得不选择合适的字体，我们合作的一位翻译Germano帮助我们正确排版。我们边学边做，到最后我们犯的错误少多了。

Mara Nogueira | 我们有两个口译员与我们合作。Etel是第一个——他目前在中国攻读硕士——以及Germano，今天早上陪同我们在田野中。但现在我们想向观众开放提问。有人有问题吗？

Gisela Zapata | 我们所有移民都面临着个人层面的困境。这些小故事背后究竟隐藏着什么？因为每一段移民故事都是不同的，通常带有冲突的色彩，这取决于一个人抵达的国家。有一件事我想问——因为这也是我经常自问的问题——商业对中国意味着什么？对他们而言，通过贸易谋生又意味着什么？我认为它对不同民族可能具有不同的含义，甚至在不同地区之间也有差异，因为中国本身就是一个广阔的大陆。我想知道，通过这种非常合适的方法，我们是否能够更多地理解商业对他们来说代表着什么。这里有一个例子：有人在中国曾是一名医生，在这里却成为了一名街头小贩。商业在社会中承载着怎样的地位？因为在我们的社会里，不同类型的工作具有非常不同的社会地位。

Mara Nogueira | 事实上，这并不是我们在研究中直接探讨的问题。许多关于移民的文献主导讨论的是由南向北的流动以及人们移民成为受薪工人的情况，这自然引出了汇款的问题——人们工作、领取薪水并寄回一部分给家里。在这里，首先需要指出的是，我们谈论的是南南移民——以及由此产生的所有差异——以及与商业紧密相连的移民。大多数来到这里的中国人并非为了从事受薪工作。作为移民商人，这一身份使他们与原籍国保持着持续的联系。他们中的许多人往返于中国，既是为了探望家乡，也是为了工作，特别是前往义乌——一个向全球南方出口低成本商品的主要工业城市。因此，他们与中国始终保持着联系。这并不是一种仅通过汇款或偶尔探访来维系与原籍国关系的移民形式——他们不断在两个地方之间建立桥梁，并与发生在中国的事情保持联系。但这对当事人实际意味着什么，是一个很好的问题——我们或许需要直接向他们询问。

移民到巴西的人往往难以从事受薪工作，部分是因为他们不会说当地语言，部分是因为他们可能缺乏进入正式劳动力市场所需的正式资格。他们来到这里作为商人，以尊严的方式工作和生活。我们常说这是一个进入门槛较低的领域，这使得许多人能够参与其中。这并非巧合：这一群体在超级中心工作，正如Priscila已经指出的，这里在历史上就是一个

跨国空间，以合法与非法、正式与非正式的共存为特征。它也是他们能够相对成功运作的领域，因为他们拥有获取中国商品的特权渠道。

João Tonucci | 我也没有现成的答案，但这是一个非常有趣的点，它与Sibelle早前提出的关于欲望和抱负的内容有关。我想在讨论中补充另一层视角，特别是关于中国侨民与商业的问题。这也与中国国家政策相关。许多维持下来的联系，与来自中国不同地区、省或县的移民机构所提供的支持有关——这些支持有时是正式的，有时是非正式的。这属于一项更广泛的政策的一部分，该政策促进了在其他国家销售产品、将这一移民社区作为更广泛华人社区的一部分加以维持，甚至为居住在国外的人保留中国公民身份等。我们在整个过程中逐渐发现不同层面和类型的机构，它们在支持当地社区方面发挥着重要作用。即使相隔遥远，人们也通过这种移民机构框架与国家和国家保持着联系。

Gisela Zapata | 让我印象深刻的一件事是，您所讲述的故事中的那些生活，是如何被国家的行动或不作为所塑造的。我们并不在真空中行动或生活。在移民研究领域，我教给学生的第一件事是，移民并非某一天突然决定抛下他们所熟悉的一切，跨越世界去寻找一个他们甚至可能并不完全清楚的目标。我们知道国家并不是一个缺席的角色。它积极选择何时进行检查、何时进行刑事化，正如您提到的2004年城市政策以及对市中心街头贩卖的刑事化。它也选择何时视而不见，因为这些大众经济逃脱了正式与非正式、合法与半合法之间的二元对立。我想问的是：项目如何分析巴西和中国国家在产生这些脆弱性和机会方面所扮演的不同角色？我也在思考这个问题，尤其是在中巴关系日益重要的背景下——现在我们通过金砖国家成为同一集团的一部分，尽管一个国家被视为发展中国家，另一个不是。

Fernando Rabossi | 我会用João今天在我们走在街上时告诉我的一个故事来回答。这也是我在埃斯特城被问到的问题：你为什么做现在这份工作？经过这么长时间的学习，为什么不转行做商业？这个问题实际上意味着什么？商业就是通过卖东西赚钱，而工作就是销售。当然，如果我们从移民的角度思考，商业是主要的入口之一。我们有主要致力于此的商业侨民，我们也看到原本不被视为商业侨民的行动者正在逐渐成为这样——叙利亚人和黎巴嫩人、亚美尼亚人、中国人、印度人、巴西人。在美国，许多巴西人也被视为商人。在巴西，玻利维亚人（除了服装生产）是商人，就像今天在里约热内卢的厄瓜多尔人基本上从事贸易一样。它基本上是一种赚钱的方式。正如您正确指出的，赚钱不仅仅是赚钱——它也涉及生活、空间以及随之而来的种种谈判。允许一个人建立起来从而能够销售和赚钱的结构是什么？这就是长期的社区连接、组织形式和信贷形式的历史进入的地方——这些有时是基于邻里和亲属关系建立的。通常，聚会活动在连接和强化这种社区归属感方面发挥着核心作用。

我们倾向于将市场与资本主义和西方联系起来，但这在历史上或考古学上站不住脚。中国长期以来在商业方面是一个中心地方。Skinner 在1964年发表的经典作品显示了中国市场的惊人结构——换句话说，有一个锚定在社会逻辑和关节中的市场传统，告诉我们很多关于长期政治组织的信息。中国生产和商业的激增不仅仅是巧合；它是长期历史的一部分。

我还想谈谈二元论。我以前不使用大众经济一词，但我开始使用它，因为它允许我们超越可能不再有意义的类别。什么会是大众的对立面？不大众？谁不大众——精英？垄断？企业经济？所以我们需要问的问题是：大众何时不再大众？这是对我们所有人来说的关键问题。有激进转变和激进积累的过程正在创造差异化。我们如何思考这个问题并将其带入讨论？或许有趣的是思考一个不限于销售数量或规模的类别，而是结合我们今天在这里看到的元素。

重要的是试图理解中国大众商贩与巴西大众商贩之间的联盟——包括商店工人与雇佣他们的人之间，以及贫民窟居民可能对移民卖家产生的剥削感。这些都是我们必须认真对待的细节。我认为有趣的分析类别——因此我也将所有这些称为大众贸易——是霸权群体的类别。定义霸权群体的，是他们定义规则的能力，而这里我们又回到了国家的问题。今天，企业霸权群体的重大争端在于定义规则以及规则是如何制定的。大众经济的巨大优势在于它必须与规则博弈，但只是为了规避它们——它并不定义规则。谁来定义规则？今天这已成为关键问题之一。

最后分享一点。与非正式性、边缘性和传统——这三个在某种程度上指导了大众经济分析的类别，即使在我们开始如此称呼它之前——相比，它们都有一个对立面。传统与现代、边缘与融入、非正式与正式是过渡性类别；它们预设了一种特定的时间性，引导我们超越它们。而“大众”这一类别并非时间性类别——它是一种结构性的、地形性的类别。我认为这一点也值得思考。大众的对立面与结构问题相关。

Sibelle Diniz | 我完全同意Fernando的观点，因为它触及了我们在
使用这个类别本身时遇到的困难。很难看着一个给定的经历并立即说它是大众的
还是不是。我目前正在监督一篇关于二十个卖棉花糖、椰子水、帕斯泰尔、爆米花和
玉米的商贩的论文。该作品的原标题是Comércio Popular no
Parque Sagarana em Montes Claros（蒙蒂斯克拉鲁斯市萨加拉纳公园大众集市）。
项目中的同事质疑它：你为什么先验地说这是一个大众经济？你去那里和他们谈过吗，
以找出它是否真的是大众经济？我的被监督者和我，看到他们使用的技术和
知道这些是家庭企业，已经假设它们是大众经历。但我意识到我们需要退一步。
现在我们正在开发一种方法来思考我们实际上应该使用什么名称。我们真的能称所有
这些商贩的活动为大众商业吗？为什么？我认为我们有时会陷入自动假设。

Fernando Rabossi | 我们过去所称的“大众”，往往指我们过去所说的工人、工人阶级或穷人。从其他领域——而不仅仅是经济学——引入讨论来思考“大众”这一概念，可能非常有意义。例如，在文化领域，我们如何定义“大众”？我们通常指的是由缺乏资源的人所生产的传统形式，但也包括大众的形式。我们有流行音乐，也有大众音乐。这里有一些值得思考的地方。我们今天在经济中所看到的，也与大众消费有关。它之所以“大众”，在很大程度上是因为我们现在能够获得五十年前无法获得的大量物品。获得大众消费的条件，也改变了我们所处的位置。

Gisela Zapata | 思考这些联系，我认为关键在于：你们经常谈论自下而上的经济。大众经济的概念也与地方性相关——即嵌入于特定语境，而非必然与更广阔的世界相连。但正如我们已经讨论过的，你们正在研究的这一特定大众经济具有多尺度性：它将地方与州、区域、国家以及国际层面连接起来。而这种国际维度绝对不是自下而上的经济——它与大型跨国商业和金融回路相连。因此，这里既有自下而上的联系，也有自上而下的联系。这种双向互动如何塑造你们正在研究的对象？它在贝洛奥里藏特的语境中又是如何具体体现的？

Mara Nogueira | 在我关于街头小贩的研究中，我使用“城市非正式性”这一概念，因为街头小贩在两个层面上是非正式的。他们在空间占用方面是非正式的，因为没有许可证，同时他们也参与一种被视为非正式的经济。当我们通过非正式性的视角来看待街头小贩与空间的关系时，这一视角比“大众”这一概念更直接地将国家带入讨论。“大众”带来了其他维度——它开启了关于打破二元对立的讨论。当我们一种经济描述为非正式时，我们指的是它与国家之间存在一种不规则的关系。我们今天在超级中心所观察到的大众经济，完全是由国家行动所塑造的。首先，大众购物中心是贝洛奥里藏特市政府于2004年进行的一项干预，旨在容纳被从街道上驱赶的街头小贩。关于何时检查、何时不检查、何时刑事化、何时不刑事化的问题，直接与大众经济边界的讨论相关。当我们思考边界时，可以从不同角度——包括地理和概念的角度——来理解。

在某个时刻，大众经济达到一个张力点——有些东西转变，它们不再以同样的方式大众。我喜欢Fernando所说的关于霸权问题，因为我认为那是关键。这是一种具有某些定性特征的经济。它不一定是关于规模或外观，而是关于给定单位的目的以及它如何在结构性的、定性的方式中运作——这往往难以看到。在贝洛奥里藏特这里，我们已经看到一些更大的商店出现。将它们归类为我们一直在使用意义上的大众经济变得困难，但它们并没有停止成为大众商业，因为它们仍然服务于低收入公众且数量众多。

我们正在使用“跨国大众经济”这一概念。正如João所指出的，这一术语是对“大众经济”概念施加张力的一种方式。当我们开始对拉丁美洲关于大众经济的描述施加张力时，

例如，它们倾向于以非常具体的方式谈论团结和家庭。然而，当我们观察中国家庭时，他们在地理上是分散的，而照顾是跨国组织的。团结与冲突——无论是中国人内部还是他们与巴西人之间——也围绕一些在通常的大众经济概念中并不总是被很好理解的类别组织起来，而通常的大众经济概念往往更侧重于地方层面。我们正在尝试对这一概念施加张力并扩展它，因为我们不认为它仅仅因为具有跨国性就不再是大众的。我们还借鉴了Jennifer Tucker的“法外资本”概念——即在法律之外运作的资本。

我们认为，在大众和非正式经济中，对法律的张力与生活的再生产相关。然而，在某个点，这种张力开始与积累而非家庭生活的再生产相关——即当有足够的力量去张紧法律以赚取更多利润时。这是我们用来对大众经济概念施加张力的两个关键：扩展它以理解这些跨国网络如何正在改变它，以及我们随着时间看到的日益层级化如何产生允许制度性使用法律的财富和权力集中——这已经不同于我们在这里所处理的日常经济中所观察到的情形。

Gisela Zapata | 我还要补充一点，“文化”这一概念是非常情境化的。例如，在欧洲，没有人会将中国商业视为文化经济的一部分——恰恰相反，它几乎肯定会被视为非法经济的一部分。但这也与至少在意大利存在的一种强烈因素有关：竞争。意大利本身就是一个商人国家，而中国人之所以被负面看待，正是因为他们构成了竞争。因此，一切都是高度情境化的。这使得问题变得非常复杂。在这里被视为大众的事物，在其他地方未必如此。在这里被视为合法的事物，在其他地方也未必如此。

João Tonucci | 社会如何看待这一问题基本点之一，实际上也是研究最初的动机之一。它与对这个社区的某种污名化以及倾向于仅将其与“非法”的负面方面联系起来的做法有关。展览的一部分旨在展示这一更为复杂的经济的其他面向，而这些面向涉及移民的生活。我们一直在大量讨论的另一点是大众经济如何逐渐变异为我们或许可以称之为创业型、资本主义形态的经济，在其中资本积累的逻辑实际上开始占据主导地位。

在田野中，在那个特定空间里，我们看到随着时间的推移，某些行动者逐渐成长并获得经济——最终是政治——权力，从而再次将国家的问题带回讨论，并在定义规则方面或至少在权力争端中拥有一定的话语权。显然，这产生了等级制度和的不平等，即使在社区内部或在中国人与巴西人之间，也存在经济权力和获取方面的差异

中国的生产系统也极其复杂。我们与Rosana Pinheiro Machado的工作进行了重要的对话。她引入了全球商品链的概念，讨论商品的生命周期——它如何离开中国工厂并抵达这里，以及它如何在合法与非法之间流动。这些是商品在其生命周期中的变形，也体现在劳动体制方面。这不是按部门或甚至按空间进行的分类——这也是“非正式”概念的另一个问题，或者非正式空间与正式空间的区分。所有空间中都同时存在正式与非正式。我们更多地应将大众经济作为思考这些问题的空间。

接续Sibelle所提到的，在某些情况下，“大众”这一概念——带有我们所讨论的所有含义——也经常构成一种身份形式。今天，有工人和特定部门认同大众经济。但并非我们合作的所有群体都认同它。团结经济中的一些群体拒绝“大众经济”这一概念。这也有着强烈的拉丁美洲谱系。当我们转向其他语境时，就更难理解什么是大众经济。

Sibelle Diniz | 我们需要开始将对“大众”对我们称之为大众经济工人的意义理解纳入我们的研究。我想分享一个与我协调的项目相连的故事，Feira de Economia Popular e Solidária da FACE（FACE的大众团结经济集市）。每年我们都会开放生产团体注册的公开征集，并设有一定的筛选标准。我们有五六个生产者团体与大学的学生和教授小组共同管理这个集市。其中一些团体在集市上的行为开始发生变化：他们开始要求彼此的产品达到更高的质量标准，互相监督价格，并试图抢夺对方的客户。一些生产者来找我说，那些团体已经不再属于大众与团结经济——他们“变成了公司”，他们“成为了企业家”。这是我们需要开始理解的那种动态。人们对“大众”和“团结”的理解方式是复杂的。最终，民族志确实应该成为方法——一种理解这些词汇实际上如何被人们自己使用的方式。

Renata Marquez | 我们想邀请在座的各位现在与我们一起前往隔壁的天文露台参加聚会，在那里我们可以以更非正式的方式继续这场精彩的对话。我们还邀请您查看正在Espaço do Conhecimento UFMG（UFMG知识空间）天文馆上映的关于中国天空的专题放映。非常感谢大家的到来和聆听！

O céu chinês

The Chinese Sky

中华天空

Eve Reis

Como o planetário do museu poderia criar um diálogo mais direto com a exposição *Diários Transnacionais*? A partir desta pergunta, propusemos realizar uma série de atividades que englobasse a astronomia chinesa antiga. O calendário lunisolar chinês, que dá origem a comemorações como o Ano Novo Chinês e o Festival de Primavera, estava presente na exposição. Foi exatamente a partir dele que nasceu a ideia da sessão 星官: *A Lua e o Reino Celeste chinês*. Realizar uma sessão no planetário que tivesse como foco o pensamento astronômico chinês, entretanto, não seria possível sem uma pesquisa profunda acerca da origem e do funcionamento de tal pensamento.

Durante os quatro meses anteriores à primeira exibição da sessão, o processo de pesquisa possibilitou uma nova dimensão de conhecimento sobre a cultura e os saberes chineses, sobre suas origens e crenças e, principalmente, sobre sua cosmovisão. Em meio a um mundo onde as constelações greco-romanas são consideradas a norma geral, entender a cosmovisão chinesa demanda uma mente aberta para tentar entender tamanha complexidade e esforço de uma cultura em sistematizar e honrar o céu e seus elementos, além de um modo de pensar que é baseado em uma configuração social dinástica.

Estudar sobre a cosmovisão da cultura chinesa que, inicialmente, parece ser tão distinta da brasileira, é entender o que essa cultura valoriza e aprender a ver, por exemplo, objetos e instrumentos da China Antiga sendo eternizados em diferentes constelações. A aproximação à cultura chinesa através do céu proporcionou um contexto histórico e cultural que se conectou com a exposição *Diários Transnacionais*, tornando a sua experiência mais profunda e marcante.

Um dos principais desafios encontrados no processo de pesquisa e na realização da sessão e da oficina *Viagem estelar pelas constelações chinesas*, foi encontrar um caminho de pensamento que fosse acessível aos visitantes do museu, considerando que ambas as atividades abordam uma visão do céu completamente diferente do que a maioria das pessoas estão acostumadas.

Acompanhar a Lua durante seu ciclo, observar seu caminho pelo céu e pensar sua relação com a Terra é uma atividade intrínseca à vida humana. Independente da época e da localização, a Lua é protagonista de diversas histórias, tomando o papel de múltiplos personagens, assim como diferentes objetos. Seja como um coelho, como um rosto manchado ou como um deus, a Lua sempre esteve presente.

Na China Antiga, a Lua era multimorfe, sendo um dos elementos essenciais para a construção do calendário tradicional chinês, baseado nos movimentos do Sol e da Lua, marcando as diferentes estações do ano e, consequentemente, marcando as épocas de plantio, colheita e seca.

Uma outra forma da Lua era sua atuação como carruagem do Imperador. O céu era visto com um reflexo celeste da Terra, logo elementos presentes na vida cotidiana da época estavam presentes também no reino celeste. Por diversas documentações de astrônomos da China Imperial, especialmente da dinastia Tang, sabemos que o ciclo lunar era interpretado como o Imperador inspecionando seu reino.

Por 28 dias, o Imperador em sua carruagem – a Lua –, visita 28 constelações no céu, chamadas de mansões, localizadas em quatro das cinco direções no céu: Norte, Sul, Leste, Oeste e Centro. Crescendo em seu caminho de ida e minguando em sua volta ao palácio, a Lua segue por uma faixa próxima ao equador celeste e à eclíptica, formando a cada sete mansões um símbolo.

Da fase nova à quarto-crescente, o Imperador visita as mansões Pernas, Laço, Estômago, Cabeça Cabeluda, Rede, Bico de Tartaruga e Três Estrelas, que juntas formam o símbolo do Tigre Branco, que simboliza o Oeste e o Outono. Do quarto-crescente à cheia, a Lua visita Poço, Fantasma, Salgueiro, Estrela, Rede Estendida, Asas e Carruagem, formando o Pássaro Vermelho, relacionado ao Sul celeste e ao verão. Da sua fase cheia até à quarto-minguante, o Imperador passa pelas mansões Chifre, Pescoço, Raiz, Sala, Coração, Cauda e Cesta de Joeirar – estas formam o Dragão Azul, simbolizando o Leste e a Primavera. E, finalmente, da fase quarto-minguante à nova, a Lua passa por Concha, Boi, Moça, Vazio, Telhado, Acampamento e Muro, formando a Tartaruga Negra, que simboliza o Norte e o Inverno.

A sessão do planetário do museu intitulada *星官: A Lua e o Reino Celeste chinês* e a oficina *Viagem estelar pelas constelações chinesas* foram resultados de uma colaboração com a equipe da pesquisa “Globalização por baixo: meios de vida, comércio e transnacionalismo na economia informal brasileira”. Compõem a tentativa de estimular a relação e o diálogo China-Brasil proposto pela exposição e ampliar as experiências transnacionais que acontecem diariamente e atravessam tantas vidas.





OF HEAVEN

FLYING CORRIDOR

MAUSOLEUM

GUEST HOUSE

Five Chariots II

PILLAR

EIGHT KINDS
OF CROPS

NET MA
FIVE C

AY
PURPLE SIX JIA
RBIDDEN
HT WALL

FIVE
H



Sun
Mercury

Uranus

NET

BANNER OF
THREE STARS

IMPERIAL
MILITARY

Three Stars VII

FEUDAL KINGS
HARLOTS

Venus

THREE STARS

Three Stars IV

WELL

FEUDAL
KINGS

South River III

How could the museum planetarium create a more direct dialogue with the Transnational Diaries exhibition? Starting from this question, we proposed a series of activities encompassing ancient Chinese astronomy. The traditional Chinese lunisolar calendar, which gives rise to celebrations such as the Chinese New Year and the Spring Festival, was already present in the exhibition. It was precisely from this calendar that the idea for the session *Star Officials: The Moon and the Chinese Celestial Realm* was born. Holding a planetarium session focused on Chinese astronomical thought would not have been possible without in-depth research into the origins and functioning of that system of thought.

During the four months preceding the first presentation of the session, the research process opened a new dimension of understanding regarding Chinese culture and knowledge — its origins, beliefs, and, above all, its cosmovision. In a world where Greco-Roman constellations are regarded as the general norm, understanding the Chinese cosmovision requires an open mind in order to grasp the complexity and the effort of a culture that systematised and honoured the sky and its elements, within a mode of thinking based on a dynastic social structure.

Studying the cosmovision of Chinese culture — which at first appears so distinct from Brazilian culture — means understanding what that culture values and learning to see, for example, objects and instruments from ancient China being immortalised in different asterisms. Approaching Chinese culture through the sky provided a historical and cultural context that connected with the Transnational Diaries exhibition, making the experience deeper and more memorable.

One of the main challenges encountered during the research process and in the delivery of the session and the workshop *A Stellar Journey Through the Chinese Mansions* was to find a way of thinking that would be accessible to museum visitors, given that both activities present a vision of the sky entirely different from what most people are accustomed to.

Regardless of era or location, observing the Moon through its cycle, following its path across the sky and contemplating its relationship with the Earth is an activity intrinsic to human life. In every age and place, the Moon has been the protagonist of numerous stories, assuming multiple roles and appearing as different figures — whether as a rabbit, a mottled face or a deity.

In ancient China, the Moon was multifaceted and constituted one of the essential elements in the construction of the traditional lunisolar calendar. Based on the movements of the Sun and the Moon, this calendar marked the different seasons of the year and, consequently, the periods of planting, harvesting and drought.

Another manifestation of the Moon was its role as the Emperor's chariot. The sky was regarded as a celestial reflection of the Earth; therefore, elements present in the daily life of the time also appeared in the celestial realm. Through numerous records by astronomers of imperial China, particularly those of the

Tang dynasty, we know that the lunar cycle was interpreted as the Emperor inspecting his realm.

Over the course of twenty-eight days, the Emperor, in his chariot — the Moon -, visits the twenty-eight mansions in the sky. These mansions are located in four of the five directions: North, South, East and West (with the Centre forming a separate system). Waxing on its outward journey and waning on its return to the palace, the Moon travels along a band close to the celestial equator and the ecliptic, forming a symbolic group with every seven mansions.

From new moon to first quarter, the Emperor visits the mansions of Legs, Bond, Stomach, Hairy Head, Net, Turtle Beak and Three Stars, which together form the image of the White Tiger, symbolising the West and Autumn. From first quarter to full moon, the Moon passes through the mansions of Well, Ghosts, Willow, Star, Extended Net, Wings and Chariot, forming the Vermilion Bird, associated with the southern celestial region and Summer. From full moon to last quarter, the Emperor travels through the mansions of Horn, Neck, Root, Room, Heart, Tail and Winnowing Basket — these form the Azure Dragon, symbolising the East and Spring. Finally, from last quarter to new moon, the Moon passes through the mansions of Dipper, Ox, Girl, Emptiness, Rooftop, Encampment and Wall, forming the Black Tortoise, which symbolises the North and Winter.

The planetarium session *Star Officials: The Moon and the Chinese Celestial Realm* and the workshop *A Stellar Journey Through the Chinese Mansions* both resulted from a collaboration with the research team behind “Globalisation from below: livelihoods, trade and transnationalism in Brazil’s informal economy”. These initiatives form part of the effort to foster the China-Brazil relationship and dialogue proposed by the exhibition, while expanding the transnational experiences that occur daily and touch so many lives.

博物馆的天文馆如何能够与“跨国日记”展览建立更直接的对话？从这个问题出发，我们提出了一系列涵盖中国古代天文学的活动。中国传统的阴阳合历催生了春节和春季节日等庆祝活动，这些内容已在展览中呈现。正是从这一历法出发，诞生了“星官：月亮与中华天空”这场活动。在天文馆举办一场以中国天文思想为重点的活动，若不深入研究这一思想的起源与运作机制，是无法实现的。

在首场活动展出前的四个月里，研究过程为我们打开了认识中国文化与知识体系的新维度——包括其起源、信仰，以及最重要的，其宇宙观。在一个以希腊罗马星座为普遍规范的世界里，理解中国的宇宙观需要开放的心态，去尝试理解这样一个文化体系的复杂性与努力：它系统化并尊崇天空及其元素，并形成了一种基于王朝社会结构的思维方式。

研究中国文化的宇宙观——初看似乎与巴西文化截然不同——就是理解这个文化所珍视的价值，并学会看到例如中国古代的器物与仪器如何被永恒地铭刻在不同的星宿之中。通过天空亲近中国文化，为我们提供了一个历史与文化语境，使其与“跨国日记”展览产生了更深刻的联结，令参观体验更加丰富而难忘。

在研究过程以及“星官：月亮与中华天空”活动和“穿越中国星宿的星际之旅”工作坊的实施中，遇到的主要挑战之一是找到一种思维路径，使博物馆参观者能够理解这些活动所呈现的完全不同于大多数人所熟悉的天空景象。

无论时代与地域如何，人类生活始终与观察月亮的运行周期、追踪其在天穹中的轨迹以及思考其与地球的关系密不可分。月亮在不同文化中扮演着多种角色，化身为兔子、斑驳的面孔或神祇，始终存在于人类叙事之中。

在中国古代，月亮具有多重形态，是构建中国传统阴阳合历的核心元素之一。该历法以太阳与月亮的运行为基础，划分四季，进而标记播种、收获与干旱的时节。

月亮的另一种形态是作为皇帝的御辇。古人视天空为大地的天界镜像，因此人间日常生活的元素也相应出现在天国之中。根据中国历代天文学家，尤其是唐代天文学家的诸多文献记载，月亮周期被解读为皇帝巡查其天国的过程。

二十八天中，皇帝乘坐其御辇——月亮——巡游天穹中的二十八宿。这些星宿分布在天穹的四个主要方位：北、南、东、西（另有中央）。月亮在前往的途中渐盈，归程中渐亏，沿着靠近天赤道与黄道的狭长区域运行，每七宿形成一个象征。

从新月到上弦月，皇帝巡游奎宿、娄宿、胃宿、昂宿、毕宿、觜宿与参宿，这七宿共同构成白虎之象，象征西方与秋季。从上弦月到满月，月亮经过井宿、鬼宿、柳宿、星宿、张宿、翼宿与轸宿，形成朱雀之象，对应南方天界与夏季。从满月到下弦月，皇帝途经角宿、亢宿、氐宿、房宿、心宿、尾宿与箕宿——这些星宿构成青龙之象，象征东方与春季。最后，从下弦月到新月，月亮经过斗宿、牛宿、女宿、虚宿、危宿、室宿与壁宿，形成玄武之象，象征北方与冬季。

博物馆天文馆题为“星官：月亮与中华天空，以及“穿越中国星宿的星际之旅”工作坊，是与“自下而上的全球化：巴西非正规经济中的生计、贸易与跨国主义”研究团队合作的成果。它们构成了展览所倡导的促进中巴关系与对话的努力，同时也旨在扩展那些日常发生并触及无数人生命的跨国体验。

Participantes Participants 参与者

Retratos de alguns dos
participantes da pesquisa /

Photographs of some of the
research participants /

部分研究参与者照片



1. Wujuan Wen (Ashui) e Fernando Wang
3. Bixia Lu
5. Celina Wen e Suzana Wen

2. Sassa Li e seu irmão
4. Dayuwang
6. Lizong Guan



7. Vitória Ye Miao
9. Ji Junqun e Yongbao Liu
11. Chiara Chen

8. Andi Lin, Jussara Gomes Lin e Mila Lin
10. Wen En Lin
12. Ji Xinyi, Kauã Haotian e Vitor Tianyang

Ficha técnica

Credits

技术信息

LIVRO / BOOK / 书籍

Publicado sob licença Creative Commons (CC BY-NC-SA): permite compartilhar e distribuir totalmente ou partes, desde que não tenha fins comerciais e sejam citados autores e fonte.

Organizadores / Editors / 编辑

Mara Nogueira, João Tonucci, Renata Marquez, Priscila Musa

Coordenação editorial / Editorial Coordination / 编辑协调

Renata Marquez e Priscila Musa

Edição e preparação / Editing and Preparation / 编辑与准备

Renata Marquez e Priscila Musa

Tradução / Translation / 翻译

Germano Pereira Matias

Fotografia / Photography / 摄影

Priscila Musa (capa; p.118-124; 314; 315); Renata Marquez (p.126; 128; 129; 132-135; 314); Aline Franceschini (p.127; 314; 315); Mara Nogueira (p.128; 315); Layla Seabra (p. 315); Arquivo Nacional (p.192-193)

Projeto gráfico e diagramação / Graphic Design and Layout / 平面设计与排版

Eme de Paula

Impressão / Printing / 印刷

Formato

Agradecimentos / Acknowledgements / 致谢

Espaço do Conhecimento UFMG

Fernando Rabossi, Gisela Zapata, Sibelle Diniz

Fabiane Souza, Eve Reis, Camila Mantovani, Gabriela Pires

Globalização por baixo: meios de vida, comércio e transnacionalismo na economia informal brasileira / Globalisation from below: livelihoods, trade and transnationalism in Brazil's informal economy /

自下而上的全球化：巴西非正规经济中的生计、贸易与跨国主义

Universidade Federal de Minas Gerais e Birkbeck University of London /

Federal University of Minas Gerais and Birkbeck University of London /

米纳斯吉拉斯联邦大学与伦敦大学伯克贝克学院

Coordenação / Coordination / 协调

Mara Nogueira - School of Social Sciences, Birkbeck, University of London /

伦敦大学伯克贝克学院

João Bosco Moura Tonucci Filho - Faculdade de Ciências Econômicas UFMG /

School of Economics at UFMG / 米纳斯吉拉斯联邦大学经济科学学院

Renata Marquez - Escola de Arquitetura UFMG / School of Architecture at UFMG /

米纳斯吉拉斯联邦大学建筑学院

Pesquisadoras Pós-doc / Postdoctoral Researchers / 博士后研究员

Priscila Musa - Faculdade de Ciências Econômicas UFMG / School of Economics at UFMG / 米纳斯吉拉斯联邦大学经济科学学院

Jiawei Zhao - School of Social Sciences, Birkbeck University of London /

伦敦大学伯克贝克学院

Equipe de pesquisa / Research Team / 研究团队

Aline Franceschini

Isadora Marques

Matheus Cassiano Teixeira

Filippo Zanazzo

Etel Vinícius Bitencourt de Souza

Germano Pereira Matias

Alysson Neves

Participantes da pesquisa / Research Participants / 研究参与者

Empresários(as), comerciantes e funcionários(as) do comércio transnacional Brasil-China no centro de Belo Horizonte. / Entrepreneurs, merchants, and employees involved in Brazil-China transnational trade in the centre of Belo Horizonte. / 贝洛奥里藏特市中心巴西-中国跨国贸易的 企业家、商人和员工。

EXPOSIÇÃO / EXHIBITION / 展览

Diários transnacionais / Transnational Diaries / 跨国日记

Curadoria e expografia / Curatorship and Exhibition Design / 策展与展览设计

Renata Marquez

Priscila Musa

Aline Franceschini

Isadora Marques

Participantes / Participants / 参与者

Andi Lin

Bixia Lu

Celina Wen e Suzana Wen

Chiara Chen

Caifei Liu (Judy)

Cui Guangying

Dayuwang

Deng

Fernando Wang

Flávio Dornas

Je Xiaofang

Ji Junqun

Ji Xinyi

Jussara Anadir Gomes Lin

Kauã Haotian Ji

Larissa Araujo da Silveira

Lizong Guan

Marcos Vinícius dos Santos

Mila Lin

Sassa Li

Vitor Tianyang Ji

Vitória Ye Miao

Wen En Lin

Wujuan Wen (Ashuí)

Yi

Yongbao Liu

Poemas / Poems / 诗歌

Ji Junqun

Caligrafia / Calligraphy / 书法

Yongbao Liu

Pintura / Painting / 绘画

Cui Guangying

Imagens / Images / 图像

Arquivos pessoais / Personal Archive / 个人文献:

Andi Lin, Vitória Ye Miao, Kauã Haotian, Ji Xinyi, Vítor Tianyang, Flávio Dornas, CURA - Circuito Urbano de Arte e acervo documental da pesquisa Globalização por baixo: meios de vida, comércio e transnacionalismo na economia informal brasileira / Globalisation from below: livelihoods, trade and transnationalism in Brazil's informal economy / 自下而上的全球化：巴西非正规经济中的生计、贸易与跨国主义

Design gráfico / Graphic Design / 平面设计

Jhessica Trindade

Eme de Paula

Julia Cremadez

Montagem / Installation / 展览安装

Gran Produções

Produção / Production / 制作

JA.CA – Centro de Arte & Tecnologia

Apoio e execução financeira / Financial Support and Execution / 财务支持与执行

British Academy

IPEAD – Instituto de Pesquisas Econômicas/ IPEAD

Agradecimentos / Acknowledgements / 致谢

Espaço do Conhecimento UFMG, Instituto Confúcio

Sibelle Diniz, Liu Yi, Miriam Piedade Mansur Andrade

Cui Guangying, Igreja Batista do Barro Preto

Shopping Oiapoque, Francisca Caporali

Jia Li, Hu Rong Qi, Jon Olier, CURA - Circuito Urbano de Arte

Financiamento / Funding / 资助

Este trabalho foi apoiado pela British Academy por meio do Programa ODA: Projetos de Pesquisa Interdisciplinares Internacionais (Auxílio N° OIIRP230115). / This work was supported by the British Academy through the ODA: International Interdisciplinary Research Projects Programme (Grant No. OIIRP230115). / 本项目由英国国家学院 (British Academy) 通过 ODA: International Interdisciplinary Research Projects Programme 提供资助 (资助号：OIIRP230115)。

Selo Cosmópolis
Escola de Arquitetura
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Belo Horizonte, MG, Brasil
cosmopolisufmg.net

JA.CA
Centro de Arte e Tecnologia
Nova Lima / Belo Horizonte, MG, Brasil
jaca.center

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Diários transnacionais = Transnational Diaries =
跨国日记 / organização Mara Nogueira ...
[et al.]. -- Belo Horizonte, MG : Cosmópolis :
JA.CA, 2026.

Vários colaboradores.
Outros organizadores: João Tonucci, Renata Marquez,
Priscila Musa.
Edição trilingue : português/inglês/chinês

ISBN 978-65-83562-04-3

1. Belo Horizonte (MG) - Descrição 2. China -
Comércio - Brasil 3. Chineses - História - Brasil
4. Diversidade cultural 5. Economia - Brasil
6. Etnografia - Brasil 7. Histórias de vida
8. Migração 9. Narrativas pessoais I. Nogueira, Mara.
II. Tonucci, João. III. Marquez, Renata. IV. Musa, Priscila.

26-377044.3

CDD-304.89812

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Migrantes : História social 304.89812
Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/O



Espaço do
Conhecimento
UFMG

PROCULT
PRÓ-REITORIA
DE CULTURA

UFMG

COSMO
POLIS



COSMO^o
POLIS



ISBN: 978-65-83562-04-3

